

Vencedoras do prêmio Pulitzer

JODI KANTOR & MEGAN TWOHEY

"Um clássico instantâneo do jornalismo investigativo." The Washington Post

ELA DISSE

**Os bastidores da reportagem
que impulsionou o #MeToo**

*"Uma versão feminista de Todos os homens do presidente."
The New York Times Book Review*

COMPANHIA DAS LETRAS



JODI KANTOR E MEGAN TWOHEY

Ela disse

*Os bastidores da reportagem
que impulsionou o #MeToo*

Tradução

Débora Landsberg

Denise Bottmann

Isa Mara Lando

Julia Romeu



COMPANHIA DAS LETRAS

Sumário

Capa

Folha de rosto

Sumário

Dedicatória

Prefácio

1. O primeiro telefonema

2. Segredos de Hollywood

3. Como silenciar uma vítima

4. “Controle positivo de reputação”

5. A cumplicidade da empresa

6. “Quem mais foi a público?”

7. “Vai haver um movimento”

8. O dilema na praia

9. “Não tenho como garantir que vou a Washington”

Epílogo: A reunião

Agradecimentos

Notas

Sobre as autoras

Créditos

Para nossas filhas: Mira, Talia e Violet

Prefácio

Em 2017, quando começamos nossa investigação sobre Harvey Weinstein para o *New York Times*, as mulheres tinham mais poder do que nunca. O número de empregos ocupados quase que exclusivamente por homens — policial, soldado, piloto de avião — tinha diminuído tanto que por pouco não se extinguiu. Mulheres governavam países como a Alemanha e o Reino Unido e lideravam empresas como a General Motors e a PepsiCo. Em um ano de trabalho, era possível para uma mulher de trinta e poucos anos ganhar mais dinheiro do que todas as suas ancestrais tinham ganhado em suas vidas inteiras somadas.

Mas as mulheres continuavam a sofrer assédio sexual sem que ninguém fosse punido. Cientistas, garçonetes, animadoras de torcida, executivas e operárias tinham de sorrir diante de apalpadelas, olhares maliciosos e investidas indesejadas para receber a próxima gorjeta, o próximo salário ou o próximo aumento. O assédio sexual, mesmo que coibido pela lei, era rotina em alguns empregos. As mulheres que o denunciavam eram frequentemente ignoradas ou menosprezadas. As vítimas muitas vezes eram escondidas e afastadas umas das outras. Algumas pessoas achavam que a melhor opção era aceitar dinheiro como retratação, em troca de seu silêncio.

Enquanto isso, assediadores contumazes atingiam níveis cada vez mais altos de sucesso e louvor. Eles eram aceitos e até exaltados como meninos travessos. Era raro haver consequências sérias. Megan escreveu alguns dos primeiros artigos nos quais mulheres alegavam que Donald J. Trump as havia atacado — e então cobriu o triunfo dele na eleição de 2016.

Após revelarmos os assédios e abusos sexuais supostamente cometidos por Harvey Weinstein numa matéria de 5 de outubro de 2017, vimos, perplexas, o muro de uma represa se romper. Milhões de mulheres no mundo todo contaram suas próprias histórias de assédio. Muitos homens de repente tiveram de arcar com as consequências de seu comportamento predatório, em um momento de prestação de contas sem precedentes. O jornalismo havia ajudado a inspirar uma mudança de paradigma. Nosso trabalho foi apenas um dos catalisadores dessa mudança, que vinha sendo construída havia anos graças aos esforços pioneiros de feministas e acadêmicas, como Anita Hill, Tarana Burke (a ativista que fundou o movimento #MeToo) e muitas outras, incluindo colegas jornalistas.

Mas ver que as descobertas que tínhamos feito após uma investigação exaustiva ajudavam a realinhar posturas nos levou a perguntar: “Por que escrever essa matéria?”. Como disse um dos nossos editores, Harvey Weinstein nem era tão famoso assim. Num mundo onde tanta coisa parece estagnada, como uma mudança social sísmica dessas acontece?

Decidimos escrever este livro para responder a essas perguntas. Nada em relação a tal mudança foi inevitável ou previsível. Nestas páginas, descrevemos as motivações e as decisões dolorosas e arriscadas das primeiras fontes corajosas a quebrar o silêncio que rodeava Weinstein. Laura Madden, uma ex-assistente dele que então se dedicava ao trabalho de mãe em tempo integral e morava no País de Gales, fez sua denúncia justamente enquanto se recuperava de um divórcio e estava prestes a fazer uma cirurgia mamária pós-câncer. Ashley Judd colocou sua carreira em risco, impelida por um período pouco conhecido de sua vida em que se afastou de Hollywood para mergulhar em reflexões abrangentes sobre a igualdade de gênero. Zelda Perkins, uma produtora de Londres cujas acusações contra Weinstein tinham de ser confidenciais devido a um acordo que ela assinara duas décadas antes, falou conosco apesar da possibilidade de sofrer punições legais e financeiras. Cada vez mais perturbado com o que sabia, um homem que trabalhava para Weinstein havia muito tempo teve um papel essencial e nunca antes revelado em nos ajudar a enfim desmascarar o chefe. O título *Ela disse* é intencionalmente complicado: escrevemos sobre aquelas que disseram algo, sobre as que decidiram não o fazer e sobre as nuances de quando, como e por quê.

Esta história também é sobre jornalismo investigativo e começa nos

primeiros dias de incerteza da nossa apuração, quando ainda sabíamos muito pouco e quase ninguém queria falar conosco. Contamos como convencemos as pessoas a nos revelar segredos, como definimos informações e como corremos atrás da verdade sobre um homem poderoso, enquanto ele usava táticas desonestas para sabotar nosso trabalho. Além disso, pela primeira vez, reconstituímos nosso enfrentamento final do produtor — seu último ato de resistência — na redação do *New York Times*, logo antes da publicação da matéria, quando ele se deu conta de que estava sem saída.

Nossa investigação sobre Weinstein ocorreu durante um período de denúncias de fake news, quando a própria noção de um consenso nacional sobre o que é a verdade parecia estar se fragmentando. Mas o impacto das revelações sobre ele em parte foi bastante grande porque nós e outros jornalistas conseguimos estabelecer um claro e gigantesco conjunto de provas das infrações. Nestas páginas vamos explicar como provamos a existência de um padrão de comportamento com base em relatos pessoais, documentos financeiros e legais, memorandos de empresa e outros materiais reveladores. Após a divulgação do nosso trabalho, houve pouco debate público sobre o que Weinstein tinha feito com aquelas mulheres; a discussão foi sobre o que devia ser feito em resposta. Mas ele continua a negar todas as queixas de sexo não consensual e afirmou repetidas vezes que nossa apuração foi incorreta. “O que vocês têm aqui são alegações e acusações, não fatos absolutos”, disse um porta-voz quando exigimos uma resposta às revelações apresentadas neste livro.

Ela disse alterna entre o que descobrimos ao longo do nosso trabalho original sobre Weinstein em 2017 e a quantidade considerável de informações que reunimos desde então. Grande parte das novas apurações que vamos apresentar aqui ajuda a ilustrar como o sistema jurídico e a cultura corporativa serviram para silenciar vítimas e ainda inibem a mudança. As empresas são cooptadas a proteger abusadores. Algumas das pessoas que defendem mulheres lucram com um sistema de indenizações financeiras que encobre infrações. Muitas pessoas que vislumbram o problema — como Bob Weinstein, irmão e sócio de Harvey, que deu longas entrevistas para este livro — fazem pouco para tentar impedir que ele continue ocorrendo.

Enquanto escrevemos estas linhas, em maio de 2019, Weinstein aguarda um julgamento criminal por acusações de estupro e outros abusos sexuais, e pode sofrer uma saraivada de processos civis nos quais atrizes, ex-

funcionárias e outras mulheres buscam reparação financeira por suas ações. Independentemente do resultado desses casos, esperamos que este livro sirva como uma denúncia duradoura do legado de Weinstein: a exploração do ambiente de trabalho para manipular, pressionar e aterrorizar mulheres.

Nos meses que se seguiram às revelações que fizemos sobre Weinstein, conforme o movimento #MeToo explodia, também explodiram novas discussões que iam desde estupro conjugal até abuso sexual infantil, discriminação por gênero e ainda situações constrangedoras em festas. Isso fez o debate público parecer rico e profundo mas também confuso: os objetivos eram eliminar o assédio sexual, mudar o sistema de Justiça criminal, acabar com o patriarcado ou flertar sem ofender? Será que o acerto de contas tinha ido longe demais, com homens inocentes tendo sua reputação manchada sem que houvesse provas convincentes? Ou não tinha ido longe o suficiente, dada a frustrante falta de uma mudança sistêmica?

Quase exatamente um ano depois que nossa matéria sobre Weinstein foi publicada, a dra. Christine Blasey Ford, uma professora de psicologia da Califórnia, prestou depoimento diante de uma comissão do Senado dos Estados Unidos e acusou o juiz Brett Kavanaugh, então candidato a uma vaga na Suprema Corte, de ter cometido uma agressão sexual contra ela na época do ensino médio, quando estava bêbado. Ele negou veementemente a alegação. Algumas pessoas viram Ford como uma grande heroína do movimento #MeToo. Outras a viram como um símbolo do exagero — uma justificativa viva para a crescente retaliação.

Nós a vimos como a protagonista de uma das mais complexas e reveladoras histórias em que a palavra de uma mulher foi colocada contra a de um homem, em especial quando começamos a descobrir quanto da sua caminhada até aquele depoimento no Senado não tinha sido compreendida pelo público. Jodi viu Ford na sala de audiências, observou parte de sua equipe de advogados trabalhando e se encontrou com ela na manhã seguinte. Em dezembro, Megan fez a primeira entrevista pós-audiência com Ford, durante um café da manhã em Palo Alto. Nos meses seguintes, conduziu dúzias de horas de entrevistas extras com Ford sobre a forma como ela decidiu falar e quais foram as consequências daquilo. Também conversamos com outras pessoas que moldaram e testemunharam a experiência dela.

Vamos contar aqui a história da jornada de Ford até Washington e como um número avassalador de pontos de vista, instituições, forças políticas e medos a afetaram.

Muitas pessoas se perguntam como Ford tem passado desde seu depoimento. O capítulo final deste livro traz uma entrevista em grupo única, na qual reunimos algumas das mulheres sobre as quais escrevemos nessas diversas matérias, inclusive Ford. Mas algo maior também foi posto em risco na odisseia de Christine Blasey Ford: a pergunta sobre o que impele e impede o progresso. O movimento #MeToo é um exemplo da mudança social no nosso tempo, mas funciona também como um teste: nesse ambiente fragmentado, conseguiremos criar uma série de regras e proteções que serão justas para todos?

Ela disse traz o relato de dois anos espantosos na vida das mulheres dos Estados Unidos e de outras partes do mundo. Essa história pertence a todas nós que a vivemos: ao contrário de algumas investigações jornalísticas que lidam com segredos governamentais ou corporativos, aqui falamos de experiências que muitas de nós reconhecemos de nossa própria vida, do ambiente de trabalho, da família e da escola. Mas escrevemos este livro de modo a nos aproximar tanto quanto possível do ponto de partida.

Para relatar esses acontecimentos da maneira mais direta e autêntica possível, incorporamos transcrições de entrevistas, e-mails e outras fontes primárias. Usamos anotações que fizemos durante as primeiras conversas que tivemos com estrelas de cinema sobre Weinstein, uma carta que Bob Weinstein escreveu questionando o irmão, trechos de mensagens de texto enviadas por Ford e muitos outros materiais em primeira mão. Parte do que compartilhamos neste livro foi obtida originalmente de pessoas que não queriam ter sua história publicada, mas através de apurações adicionais, em que voltamos a fazer contato com as partes envolvidas, pudemos incluir esses relatos aqui. Através de registros e entrevistas, conseguimos mostrar conversas e eventos que não testemunhamos pessoalmente. No total, este livro se baseia em três anos de apurações e centenas de entrevistas feitas em locais que vão de Londres a Palo Alto — as notas detalham quais informações obtivemos através de cada fonte ou documento.

Por último, este livro é uma crônica da parceria que desenvolvemos enquanto tentávamos compreender os acontecimentos. Para evitar confusão, escrevemos sobre nós mesmas na terceira pessoa (num relato em primeira

pessoa da nossa apuração, que foi colaborativa, mas muitas vezes envolvia cada uma seguindo um caminho diferente, “eu” poderia fazer referência tanto a Jodi quanto a Megan). Então, antes de começarmos a contar a história, gostaríamos de dizer, com nossa própria voz: obrigada por fazer parte da nossa parceria ao longo destas páginas, por tentar desemaranhar acontecimentos e pistas como nós tentamos, por testemunhar o que testemunhamos e por ouvir o que ouvimos.

1. O primeiro telefonema

A investigação do *New York Times* sobre Harvey Weinstein começou sem que a fonte mais promissora aceitasse falar conosco, nem mesmo por telefone.

“O problema é que já fui muito maltratada pelo seu jornal em algumas ocasiões, e acho que a causa foi machismo”,¹ escreveu a atriz Rose McGowan no dia 11 de maio de 2017, respondendo a um e-mail em que Jodi pedia para conversar com ela. McGowan fez uma lista das suas críticas: um discurso que ela tinha feito num evento político saiu na seção de moda, e não nas páginas de notícias. Uma conversa que tivera com outro repórter do jornal sobre Weinstein fora constrangedora.

“O *NYT* precisa prestar atenção ao próprio machismo”, respondeu ela. “Não tenho intenção de ajudar.”

Meses antes, McGowan havia acusado um produtor anônimo — que parecia ser Weinstein — de tê-la estuprado. “Porque é um segredo de polichinelo em Hollywood e na mídia, e me fizeram passar vergonha enquanto adulavam meu estuprador”,² ela tinha escrito no Twitter, acrescentando a hashtag #WhyWomenDontReport [por que as mulheres não denunciam]. Depois, passara a dizer que estava escrevendo um livro de memórias cuja intenção era expor a maneira como a indústria do entretenimento tratava mal as mulheres.³

Ao contrário de praticamente todas as outras pessoas de Hollywood, McGowan tinha um histórico de arriscar a própria carreira para denunciar o machismo: certa vez tuitou sobre os trajes ofensivos que tinham sido exigidos num teste de elenco para um filme com Adam Sandler: “regata com decote (é

encorajado o uso de sutiã push-up)”.⁴ Em geral, seu tom nas redes sociais era duro, combativo. “Tudo bem sentir raiva. Não tenha medo disso”, escrevera ela no Twitter um mês antes, acrescentando depois: “desmonte o sistema.”⁵ Se nem McGowan, que era ativista além de atriz, queria ter uma conversa que depois pudesse ser citada na matéria, quem ia querer?

Harvey Weinstein não era o homem do momento. Nos últimos anos, sua magia de produtor de cinema vinha falhando. Mas seu nome era sinônimo de poder, especificamente do poder de lançar e alavancar carreiras. Weinstein tinha inventado a si próprio, passando de uma infância modesta no Queens, em Nova York, para a promoção de shows e a distribuição e produção de filmes; e parecia saber como fazer tudo ao seu redor ficar grande — filmes, festas e, principalmente, pessoas. Weinstein havia levado jovens atores ao estrelato, como Gwyneth Paltrow, Matt Damon, Michelle Williams e Jennifer Lawrence. Era capaz de transformar filmes independentes desconhecidos, como *Sexo, mentiras e videotape* e *Traídos pelo desejo*, em fenômenos. Foi pioneiro na corrida moderna pelo Oscar, já tendo recebido cinco estatuetas de melhor filme para si próprio e inúmeras outras para terceiros. Vinha arrecadando dinheiro para Hillary Clinton e aparecia ao lado dela com esse propósito em eventos havia quase duas décadas. Quando Malia Obama quis fazer um estágio na indústria de cinema, trabalhou para o “Harvey” — identificado apenas pelo primeiro nome até por muitos desconhecidos. Apesar de os filmes de Weinstein não serem mais tão bem-sucedidos, sua reputação continuava gigantesca em 2017.

Boatos sobre a maneira como Weinstein tratava as mulheres circulavam havia bastante tempo. Faziam piada com isso em público: “Parabéns a essas cinco mulheres que não precisam mais fingir que acham Harvey Weinstein bonito”, disse o comediante Seth MacFarlane no evento em que os indicados ao Oscar de 2013 foram anunciados. Mas muitas pessoas acreditavam que ele era só mulherengo, e nada tinha sido documentado publicamente. Outros jornalistas haviam tentado e fracassado antes. Em 2015, o Departamento de Polícia da Cidade de Nova York (NYPD) investigou uma denúncia de assédio contra Weinstein, mas o caso foi encerrado sem queixas criminais. “Em algum momento, todas as mulheres que têm medo de denunciar Harvey Weinstein vão ter que dar as mãos”,⁶ tuitou na época a jornalista Jennifer Senior. Dois anos tinham se passado desde então. Nada havia acontecido. Jodi ouvira falar que dois outros repórteres, um redator da *New York*

Magazine e Ronan Farrow, da rede NBC, tinham investigado o assunto, mas nenhuma matéria fora publicada.

Será que os rumores sobre as interações de Weinstein com mulheres estavam errados? Será que o tuíte de McGowan se referia a outra pessoa? Em público, Weinstein se gabava de dar apoio à causa feminista. Ele tinha acabado de fazer uma doação vultosa para ajudar a criar uma cátedra universitária no nome de Gloria Steinem. Sua empresa havia feito a distribuição de *The Hunting Ground*, um documentário-denúncia sobre o assédio sexual nas universidades. Weinstein tinha até participado das históricas Marchas das Mulheres em janeiro de 2017, juntando-se à multidão que saiu de gorro cor-de-rosa em Park City, Utah, durante o Festival Sundance de Cinema.⁷

A razão de ser do departamento de investigações do *New York Times*, que fica escondido e longe do burburinho do resto da redação, é procurar aquilo que nunca foi noticiado, denunciando pessoas e instituições cujas transgressões foram deliberadamente ocultadas. O primeiro passo muitas vezes é uma abordagem cautelosa. Então como responder a McGowan de modo a motivá-la a atender o telefone?

Seu e-mail dava algumas aberturas. Em primeiro lugar, ela havia respondido. Muita gente nem sequer respondera. McGowan tinha pensado no que escrever e se importado o suficiente para criticar o jornal. Talvez estivesse testando Jodi, atacando o *New York Times* para ver se a repórter ia defendê-lo.

Mas Jodi não estava interessada em ter uma discussão sobre o lugar onde trabalhava havia catorze anos. Bajular McGowan (“admiro muito as coisas corajosas que você escreve no Twitter...”) tampouco era o caminho. Ia acabar com a pouca autoridade que Jodi possuía naquela interação. E não havia nada a dizer sobre a investigação com a qual McGowan contribuiria: se ela perguntasse com quantas outras mulheres Jodi já tinha falado, a resposta seria nenhuma.

O e-mail teria de ser escrito de um modo bastante específico, sem mencionar o nome de Weinstein: McGowan tinha um histórico de postar mensagens privadas no Twitter, como aquela do teste de elenco para o filme com Adam Sandler. Ela queria escancarar as coisas, mas esse impulso seria um tiro pela culatra naquela situação (“ei, pessoal, deem uma olhada neste e-mail de uma repórter do *New York Times*”). O assunto tornava a resposta

ainda mais complicada. McGowan tinha afirmado ser vítima de violência sexual. Pressioná-la seria errado.

Em 2013, Jodi tinha começado a investigar as experiências de mulheres em empresas e outras instituições. O debate sobre gênero nos Estados Unidos já parecia estar saturado de emoções, com uma profusão de colunas de opinião, livros de memórias e manifestações de indignação ou sororidade nas redes sociais. O que faltava era mais exposição de fatos ocultos, em especial acerca do ambiente de trabalho. Os funcionários, desde os de alto escalão até os que ocupavam os cargos mais baixos, muitas vezes tinham medo de questionar seus empregadores. Os repórteres, não. Ao escrever aquelas matérias, Jodi descobrira que gênero não era apenas uma pauta, mas uma espécie de porta de entrada investigativa. Como as mulheres ainda estavam à margem em muitas companhias, documentar o que elas vivenciavam mostrava como o poder funcionava.

Jodi respondeu ao e-mail de Rose McGowan lembrando aquelas experiências:

Aí vai meu histórico com essas questões: a Amazon, a Starbucks e a Harvard Business School mudaram sua política em resposta a problemas relacionados a gênero que eu denunciei. Quando escrevi sobre como a diferença de classe influencia a amamentação — mulheres em cargos mais altos podem tirar leite no trabalho, enquanto aquelas que ganham menos não podem —, os leitores reagiram criando os primeiros espaços de amamentação móveis do mundo, que agora já estão disponíveis em mais de duzentos locais em todo o país.

Entendo se não quiser conversar e desejo toda a sorte do mundo com a publicação do seu livro.

Obrigada,
Jodi

McGowan respondeu poucas horas depois. Ela estava disponível em qualquer horário antes de quarta-feira.

Tudo indicava que o telefonema ia ser complicado: McGowan parecia durona, com aquele cabelo raspado e seus posts agressivos no Twitter. Mas a voz no telefone era de uma pessoa apaixonada e resoluta, que tinha uma

história e estava procurando o jeito certo de contá-la. Seus tuítes sobre ter sido estuprada tinham sido apenas insinuações, com poucos detalhes. Pela regra geral das entrevistas, o que era dito podia ser publicado — a não ser que se fizesse outra combinação. Mas qualquer mulher com uma denúncia de agressão contra Weinstein provavelmente relutaria até mesmo em ter uma conversa inicial. Então Jodi concordou que a conversa seria privada até que elas decidissem o contrário, e McGowan começou a falar.

Em 1997, ela era jovem, tinha acabado de aparecer e fez uma viagem inebriante ao Festival Sundance de Cinema, onde circulava em estreias e festas, com uma equipe de televisão seguindo-a por todos os lados. McGowan havia feito apenas quatro ou cinco filmes, como o terror adolescente *Pânico*, mas estava se tornando uma das queridinhas do momento, com múltiplos lançamentos só no festival. “Eu era a rainha de Sundance”, ela disse. Filmes independentes estavam em alta, o festival era o lugar certo para se estar e Harvey Weinstein era seu soberano: ali o produtor e distribuidor havia comprado filmes de baixo orçamento como *O balconista* e *Cães de aluguel* e transformado em marcos culturais. Em seu relato, McGowan não se lembrava do ano; muitas atrizes recordavam o passado não de acordo com a data, mas com qual filme seu estava sendo rodado ou lançado na época. Mas ela se lembrava do filme em cuja pré-estreia se sentara bem ao lado de Weinstein: “*Indo até o fim*”, ela disse com uma risada incrédula.

Depois, Weinstein marcou uma reunião com ela, o que fazia sentido: o principal produtor do momento queria conversar com uma estrela em ascensão. McGowan foi ao hotel Stein Eriksen Lodge Deer Valley, em Park City, e os dois se encontraram no quarto dele. Ela disse que não houve nada além das conversas de sempre sobre filmes e papéis.

Mas, quando McGowan estava saindo, Weinstein a puxou para dentro de um quarto com uma jacuzzi, despiu-a na borda e enfiou à força o rosto entre as pernas dela, de acordo com a atriz. McGowan disse que se lembrava de sentir como se estivesse deixando seu corpo, flutuando até o teto e observando a cena do alto. “Eu estava no mais profundo choque, tomada por um instinto de sobrevivência”, ela disse. McGowan também disse que, para poder ir embora, fingiu um orgasmo. Depois foi pensando em cada passo que precisava dar. “Gire a maçaneta.” “Saia desta reunião.”

Ela disse que, depois de alguns dias, Weinstein deixou um recado na

secretária eletrônica de sua casa em Los Angeles com uma proposta indecorosa: outras grandes estrelas mulheres eram suas “amigas especiais”, e ela podia fazer parte do clube também. Chocada e nervosa, McGowan reclamou com seus agentes, contratou um advogado e acabou aceitando uma indenização de 100 mil dólares de Weinstein — que, basicamente, pagou para fazer a história desaparecer sem admitir ter feito nada de errado. Ela disse que doou o dinheiro para um centro de assistência a vítimas de estupro.

McGowan tinha os documentos que provavam que recebera a indenização? “Eles nunca me deram uma cópia.”

O problema era mais grave do que Weinstein, disse McGowan. Hollywood era um sistema organizado para abusar das mulheres. O lugar as atraía prometendo fama, transformava-as em produtos altamente lucrativos, tratava seus corpos como se fossem objetos, exigia que tivessem a aparência perfeita e então as descartava. No telefonema, as acusações dela surgiram depressa, uma depois da outra:

“Weinstein — não é só ele, é toda uma máquina, uma rede de abastecimento.”

“Onde não há fiscalização, não há medo.”

“Todos os estúdios culpam as vítimas e pagam indenizações.”

“Quase todo mundo tem um acordo de confidencialidade.”

“Se homens brancos tivessem um parque de diversões, seria esse.”

“As mulheres aqui são tão culpadas quanto os homens.”

“Não saia da linha; você é substituível.”

As palavras de McGowan eram impressionantes. Não era novidade dizer que Hollywood se aproveitava das mulheres, forçava-as a ser submissas e as jogava fora quando envelheciam ou se rebelavam. Mas ouvir um relato de abuso em primeira mão de uma pessoa conhecida, com todos os detalhes perturbadores e envolvendo um dos produtores mais renomados de Hollywood como o assediador era bem diferente: mais agudo, mais específico, repugnante.

Terminamos o telefonema combinando de conversar mais em breve. A atriz tinha uma personalidade incomum, mas as coisas extravagantes que dizia ou fazia ou as pessoas que havia namorado não eram importantes naquele caso. A questão era como seu relato seria afetado pelos rigores do processo jornalístico e, se chegasse a ser publicado, pela inevitável refutação de Weinstein e, depois, pelo escrutínio do público. Antes que o *New York*

Times sequer considerasse publicar as alegações de McGowan, elas teriam de ser embasadas e, ao final, mostradas para Weinstein. Ele precisaria ter uma oportunidade de reagir a elas.

O dever do jornal era ser justo, principalmente dada a gravidade das acusações. Em 2014, a revista *Rolling Stone* descreveu o que disse ser uma horrível agressão sexual coletiva na Universidade da Virgínia sem nem chegar perto de apresentar provas suficientes.⁸ A controvérsia subsequente fez surgir uma série de processos,⁹ quase destruiu a reputação da revista, deu munição a quem afirma que as mulheres inventam histórias de estupro e prejudicou a luta contra agressões sexuais nas universidades. O *Washington Post* disse que a polícia chamou a matéria de “mentira total”,¹⁰ a *Columbia Journalism Review* disse que ela tinha sido “uma bagunça”, e o artigo ganhou o prêmio de “Erro do Ano”.

À primeira vista, o relato de McGowan parecia vulnerável a uma refutação da parte de Weinstein. Ele poderia facilmente dizer que se lembrava das coisas de um jeito diferente e que ela parecia estar se divertindo. Teria a prova perfeita: o orgasmo que McGowan fingira ter. A fita da secretária eletrônica tinha potencial, pois mostraria Weinstein usando seu poder de produtor para obter favores sexuais. Mas, a não ser que McGowan a tivesse guardado por duas décadas, tratava-se apenas da lembrança de um recado muito antigo, fácil de desacreditar.

Por si só, a história de McGowan muito provavelmente ia se transformar na briga clássica da palavra dela contra a dele. McGowan contaria uma história terrível. Weinstein desmentiria tudo. Sem testemunhas, as pessoas iam escolher um lado, e seria a torcida de Rose contra a de Harvey.

Mas McGowan disse que havia recebido uma indenização. Encontrar qualquer documento que a provasse seria difícil, mas aquilo envolvera advogados, um acordo assinado, dinheiro passando de uma mão a outra e uma doação ao centro de assistência a vítimas de estupro. O acordo tinha de estar registrado em algum lugar. Não provaria o que tinha acontecido naquele quarto de hotel, mas poderia servir para embasar o relato, mostrando que Weinstein, para resolver a questão, pagara uma quantia significativa para McGowan na época.

Jodi contou tudo o que tinha descoberto para sua editora de longa data no *New York Times*, Rebecca Corbett, que era especialista em investigações complexas. Elas discutiram se o relato poderia ou não ser provado e se

fizeram a importante pergunta: será que outras mulheres tinham histórias parecidas sobre Weinstein?

Descobrir aquilo exigiria um esforço imenso. Weinstein tinha produzido ou distribuído centenas de filmes ao longo dos anos. Junto com seu irmão Bob, havia fundado e tocado duas empresas: Miramax e The Weinstein Company (TWC), sua empreitada daquele momento. Isso significava que havia muitas fontes potenciais, uma situação melhor do que aquelas nas quais as informações críticas só são conhecidas por poucas pessoas. Mas havia uma quantidade absurda de gente a contatar: atrizes e ex-funcionárias espalhadas por diversos continentes, muitas das quais provavelmente relutariam em conversar.

No meio de junho, Corbett sugeriu que Jodi entrasse em contato com uma colega, Megan Twohey, que era relativamente nova no jornal. Megan estava de licença-maternidade, mas era muito boa para aquele tipo de trabalho, disse a editora. Jodi não sabia quanto ela ia poder ajudar, mas mandou um e-mail de qualquer maneira.

Quando Megan recebeu a mensagem de Jodi, estava cuidando de sua filha recém-nascida e se recuperando da reportagem mais dolorosa de sua carreira. Ela havia chegado ao *New York Times* em fevereiro de 2016 para cobrir política, investigando os candidatos presidenciais. Megan aceitara o emprego com alguma hesitação: ela não tinha nem experiência nem interesse em política.

Mas, poucas semanas após sua chegada, Dean Baquet, editor executivo do jornal, tinha escolhido Megan para seguir uma linha de investigação que faria uso de sua especialidade como repórter: será que a maneira como Donald J. Trump se comportava com as mulheres já ultrapassara limites legais ou éticos? Megan tinha passado mais de uma década denunciando delitos e crimes sexuais. Em Chicago, revelara como a polícia e os promotores locais estavam deixando de mandar examinar o material coletado em exames pós-estupro, roubando das vítimas a possibilidade de obter qualquer justiça,¹¹ e como médicos que haviam cometido abusos sexuais continuavam a praticar a medicina. Mais tarde, expusera um mercado negro de adoção de crianças que entregara algumas delas a predadores sexuais.

Trump havia muito construído uma imagem de playboy, ou, pelo menos, da caricatura de um. Ele estava no terceiro casamento e tinha entrado na corrida presidencial com uma série de entrevistas concedidas a Howard Stern nas quais se gabava de suas proezas sexuais e fazia comentários chulos sobre mulheres, incluindo Ivanka, a própria filha.

Baquet viu alguns sinais alarmantes por trás das bravatas. Se Donald Trump tivesse apenas sido promíscuo, aquilo não era notícia — o jornal não se metia na vida sexual das pessoas, nem mesmo dos candidatos à presidência, sem ter um motivo. Mas alguns dos comentários de Trump tinham sido feitos em ambientes de trabalho, o que era um possível indício de assédio sexual. Em *The Celebrity Apprentice*, um programa que ele tinha estrelado e ajudado a produzir, Trump dissera a uma das concorrentes: “Deve ser uma imagem bonita, você de joelhos”.¹² Décadas antes, a primeira esposa de Trump, Ivana, o acusara de estupro marital, mas depois minimizara a alegação. Baquet já tinha alistado outro repórter, Michael Barbaro, para investigar a maneira como Trump tratava as mulheres, e queria que ele e Megan descobrissem se o candidato era apenas grosseiro com elas ou se o problema era maior.

No início, a apuração foi lenta: a maioria dos ex-funcionários de Trump tinha assinado acordos de confidencialidade —¹³ seu histórico de ser vingativo com aqueles que o contrariavam era atemorizante —, e ele tinha sido processado por tantas pessoas ao longo dos anos que era difícil saber quais ações examinar.

Mas, em maio de 2016, Megan e Barbaro estavam preparados para escrever uma matéria baseada em centenas de documentos e mais de cinquenta entrevistas com pessoas que tinham trabalhado com ou para Trump, estado em um relacionamento amoroso ou apenas socializado com ele. Trump era um homem poderoso que havia se comportado de maneira contraditória com as mulheres. Ele podia ser elegante e motivador com aquelas com quem trabalhava e tinha promovido diversas delas para cargos importantes em sua empresa. Mas também tinha o hábito de fazer comentários incessantes sobre o corpo de mulheres e apresentava uma conduta perturbadora no ambiente de trabalho.

O mais significativo era que Megan havia reunido múltiplas queixas de agressão sexual que iam além daquela feita por Ivana.¹⁴ Uma ex-Miss Utah tinha explicado em detalhes como, em 1997, Trump a beijara na boca à força

duas vezes, num evento de gala após o concurso de Miss Estados Unidos e, depois, numa reunião no escritório dele para discutir uma possível carreira de modelo. Em dois processos antigos, uma ex-sócia de Trump em concursos de beleza alegava que ele a apalpara debaixo da mesa durante um jantar de trabalho no hotel Plaza e que a levava para dentro de uma sala em outra reunião de trabalho e, em suas palavras, a “beijara, acariciara e segurara”¹⁵ à força, impedindo-a de ir embora.

Era essencial ter cautela. Se uma única difamação carecesse de fundamento, a matéria inteira poderia ser enfraquecida. Uma mulher que tinha participado de um concurso de beleza disse a Megan que Trump a apalpara na mansão dele em Palm Beach, levando-a a fugir para o quarto e telefonar em pânico para o pai, e um colega da jornalista conseguiu encontrá-lo em outro país. “Consegui falar com o pai”, contou num e-mail. “Em resumo: ele não tem nenhuma lembrança de isso ter acontecido.” Aquilo não significava que a mulher tinha mentido. Mas significava que não iam poder usar sua acusação na matéria.

O artigo — no qual os relatos de muitas mulheres eram feitos com as palavras delas próprias — foi publicado na madrugada de sábado, dia 14 de maio de 2016, e logo explodiu, acabando por se tornar o texto de política mais lido do *New York Times* naquele ano até então. O fato de Trump, conhecido por atacar violentamente matérias que o criticavam, não ter dito nada sobre o assunto durante todo o fim de semana foi visto como um sinal da força do artigo. Antes da publicação, Megan e Barbaro tinham feito uma extensa entrevista com o candidato e inserido as respostas dele na matéria, inclusive suas afirmações de que jamais agira errado e sua insistência de que sempre tratara as mulheres com respeito.¹⁶

Na manhã de segunda-feira, eles estavam nos bastidores do programa de notícias da rede CBS *This Morning*, preparando-se para ser entrevistados sobre o artigo, quando Gayle King entrou e apontou para a televisão: “Vocês viram? Rowanne Brewer Lane está no *Fox and Friends* contestando a matéria”.¹⁷

Rowanne Brewer Lane era a primeira pessoa citada no artigo. A ex-modelo, que tinha conhecido Trump numa festa à beira da piscina no resort de Mar-a-Lago em 1990, descrevera numa entrevista como Trump a olhara fixamente, levava-a para um quarto, encorajara-a a vestir um biquíni e depois a exibira para os convidados. Brewer Lane não negava sua descrição da

interação. Mas discordava da maneira como estava sendo caracterizada: como “um encontro humilhante entre Trump e uma jovem que ele mal conhecia”.

O relato ocupava apenas alguns parágrafos dentro de uma matéria que tinha cinco mil palavras e que contava que mais tarde Brewer Lane se tornara namorada de Trump. Mas as críticas públicas deram a Trump uma base para atacar o artigo inteiro. Ele imediatamente se aproveitou dos comentários e começou a revidar numa série de tuítes:

O @nytimes é tão desonesto. A matéria de capa sobre mim que fez tanto sucesso ontem acabou de ser desmontada por Rowanne Brewer, que disse que é mentira!¹⁸

Com o depoimento de hoje da mulher que é o centro da matéria do @nytimes que me ataca, mostramos que o artigo é uma fraude!

Os apoiadores de Trump logo mostraram os dentes também, fazendo ataques diretos a Megan e Barbaro nas redes sociais, em e-mails e em telefonemas furiosos. O artigo havia documentado cuidadosamente as sérias denúncias de conduta sexual imprópria contra Trump. Mas, devido às críticas sobre uma história bem menos séria, Megan e Barbaro tiveram de ficar na defensiva.

A equipe de Bill O'Reilly, o bombástico rei dos noticiários de direita, ligava sem parar para Megan, perguntando “Você é feminista?”, como se aquilo lhe tirasse a legitimidade. Desconfiando de suas motivações, ela recusou os pedidos de entrevista e depois viu o apresentador ir ao ar e dizer a milhões de espectadores que não deviam confiar no trabalho dela. “A questão é que Megan Twohey é feminista, ao que parece”, disse ele. Seu argumento era absurdo — como o *Washington Post* perguntou: teria sido melhor um chauvinista escrever a matéria? —,¹⁸ mas O'Reilly usou toda a força de sua influência para diminuir o impacto das descobertas e tentar desmerecê-la.

Aqueles ataques públicos foram diferentes de qualquer coisa que Megan já tinha vivenciado. Ela ficou feliz quando o mês de junho de 2016 chegou e um compromisso marcado previamente — seu casamento — a tirou da redação.

Será que outras mulheres teriam relatos de beijos forçados, apalpadinhas ou coisa pior? Quando Megan voltou da lua de mel, continuou a investigar Trump.

Diversos meses depois, numa sexta-feira, dia 7 de outubro, Megan estava ao telefone com uma fonte quando seus colegas começaram a levantar da cadeira e a se reunir em torno dos televisores espalhados pela redação. O *Washington Post* tinha obtido um trecho de um áudio gravado pelo programa de fofocas *Access Hollywood* em 2005,¹⁹ no qual Trump se gabava de sua agressividade com as mulheres.

Sou automaticamente atraído pela beleza — começo a beijar e pronto, [...] nem espero. E, quando você é uma estrela, elas te deixam fazer isso. Você pode fazer qualquer coisa [...]. Agarrar pela boceta. Pode fazer qualquer coisa.

As palavras dele não pareciam com nada que já tinha sido ouvido publicamente da parte de um candidato à presidência. Podia ser a confirmação do comportamento que Megan tinha passado meses montando como se fosse um quebra-cabeça.

Trump pediu desculpas pelo que dissera²⁰ e então voltou às negações com força redobrada. Os comentários da gravação de áudio do *Access Hollywood* eram apenas conversa de homem, insistiu ele. Dois dias depois, durante o debate presidencial de 9 de outubro, Trump negou já ter beijado mulheres sem sua permissão ou agarrado partes íntimas de seu corpo. Sim, ele tinha se gabado daquilo. Mas tinha feito aquelas coisas? “Não, não fiz”,²¹ disse o candidato.

Uma semana mais tarde, Megan e Barbaro estavam com outro artigo quase pronto, em que duas outras mulheres relatavam que as palavras de Trump na gravação de áudio coincidiam com o que elas haviam vivenciado.²² Tanto Jessica Leeds, uma ex-corretora de ações e bisavó de 74 anos que morava num apartamento de um quarto minúsculo e muito bem-arrumado no Upper East Side de Manhattan, quanto Rachel Crooks, uma doutoranda de 33 anos de Green Springs, Ohio, que estudava administração, haviam escrito e-mails para o *New York Times* explicando por alto o que lhes tinha acontecido.

Leeds estava fazendo uma viagem como representante de vendas de um fabricante de papel-jornal no início dos anos 1980 quando teve a sorte de receber um upgrade para um assento de primeira classe num voo de Dallas para Nova York. No assento ao lado por acaso estava Donald Trump, alto, louro e falador. Quarenta e cinco minutos após a decolagem, ele se debruçou

sobre ela, agarrou seus seios e tentou enfiar a mão dentro de sua saia, afirmou Leeds.

“Ele pegou em tudo, suas mãos estavam em toda parte”, escreveu ela no e-mail, explicando que fugira para um assento na classe econômica.

Crooks era filha de uma enfermeira e de um mecânico e não gostava de falar de política, mas se identificava como republicana. No ensino médio, tinha sido considerada uma das melhores atletas de seu estado em basquete, vôlei e corrida, sendo eleita a “mais provável a ser bem-sucedida”. Em 2005, ela quis ver em primeira mão como era a vida em Nova York. Crooks e o namorado alugaram um apartamento barato nos arredores do Brooklyn e dormiram em colchões infláveis até ter dinheiro para comprar um futon. Para conseguir pagar o aluguel, ela aceitou um emprego de secretária numa imobiliária que ficava no 24º andar da Trump Tower e que fazia negócios com as Organizações Trump. *The Apprentice* tinha entrado no ar um ano antes e era o programa estreante mais popular da temporada.²³

Um dia, naquele inverno, ao ver Donald Trump esperando um elevador em frente à sua sala, Crooks se levantou da escrivaninha para se apresentar, estendendo a mão de maneira profissional. Ele não largou a mão dela, Crooks disse, beijou suas bochechas, aproximou a boca de seus lábios e os apertou com força. A coisa toda durou apenas um ou dois minutos. Crooks tinha 22 anos. Antes disso, o único homem que a beijara tinha sido o namorado com quem ela morava.²⁴

“Fiquei com raiva por ele me ver como alguém tão insignificante que pudesse ser tratada daquela maneira”, escreveu ela.

Crooks descreveu um beijo forçado quase idêntico àqueles que Trump dera na ex-Miss Utah. Leeds relatou apalpadelas parecidas com aquelas suportadas pela ex-sócia nos concursos de beleza. E tudo aquilo coincidia com o comportamento do qual Trump se gabava na gravação. Por telefone, tanto Leeds quanto Crooks tinham dito a Megan que concordavam em ser citadas numa matéria. Nenhuma das duas queria chamar atenção, mas ambas gostariam de que o mundo soubesse que Trump estava mentindo.

Cientes do que estava em jogo, Megan e Barbaro confirmaram as histórias mais de uma vez com amigos e familiares que as tinham ouvido de Leeds e Crooks. Verificaram minuciosamente o passado de ambas, para ter certeza de que não tinham nenhuma ligação com a campanha de Hillary Clinton. Megan até pediu a Crooks que lhe mandasse uma foto antiga dela em sua mesa na

Trump Tower, para comprovar que havia trabalhado lá. A verificação poderia ter soado ofensiva para aquelas mulheres. Mas o intuito era proteger as duas e o *New York Times*.

O último passo era apresentar as alegações para a equipe de Trump. O sol se punha e Megan continuava sentada à mesa de jantar, grudada em seu e-mail, esperando uma refutação de rotina de um porta-voz de Trump. Então seu celular tocou.

Trump estava na linha.

Megan mal havia começado a fazer suas perguntas quando ele partiu para o ataque. Jessica Leeds e Rachel Crooks estavam mentindo. Trump não fazia ideia de quem elas eram. Se ele tinha feito aquelas coisas, por que as duas não haviam procurado a polícia?

Megan explicou que as mulheres não alegavam conhecê-lo, apenas tê-lo encontrado. Ela lembrou as acusações da ex-Miss Utah e da ex-sócia nos concursos de beleza.

Espumando de raiva, Trump trocou de alvo. O *New York Times* tinha inventado os relatos das mulheres. Se publicasse aquela matéria, ele iria processar o jornal.

Megan seguiu em frente, decidida a fazê-lo continuar falando. E o áudio do *Access Hollywood*, que tinha sido vazado recentemente? Ela perguntou de novo se Trump já tinha feito as coisas das quais se gabara.

“Não faço isso”, insistiu ele, erguendo a voz. “Não faço isso. Foi conversa de homem.”

Trump explodiu com Megan. “Você é nojenta!”, gritou ele.²⁵ “É uma pessoa nojenta.”

Quando a linha ficou muda, Megan relaxou. Por mais brutal que tivesse sido a conversa, dera a Trump bastante oportunidade de reagir às denúncias. Eles podiam ir adiante e publicar o artigo, com os comentários dele e tudo.

Minutos depois, Trump subiu num palco na Flórida durante um comício e passou a direcionar contra jornalistas a energia e a raiva tumultuosas da multidão que fora vê-lo.²⁶

“A mídia corrupta se juntou contra vocês, o povo americano”, disse ele. “E vou dizer uma coisa, é calúnia, é difamação, é horrível e é muito injusto. Mas vamos vencer o sistema.”

Faltavam menos de quatro semanas para o dia da eleição. O líder do Partido Republicano na Câmara disse que o áudio do *Access Hollywood* o enojava. O senador John McCain retirou seu apoio ao candidato. O governador Mike Pence, candidato a vice-presidente, disse que estava rezando pela família Trump. Alguns republicanos defendiam que ele desistisse da candidatura.²⁷

Surgiram outras acusações de mulheres contra Trump. Uma estava com amigos numa boate. Outra tinha participado de *The Apprentice*. Uma terceira era uma repórter que havia sido enviada para escrever uma matéria água com açúcar sobre o primeiro aniversário de casamento de Trump com Melania, sua terceira esposa. Algumas das histórias eram idênticas às aquelas que Megan descobrira. Trump supostamente havia agarrado, apalpado ou acariciado as mulheres, empurrado-as contra a parede e esfregado o quadril ou o órgão genital nelas. Quem poderia ignorar ou minimizar aquele padrão de comportamento predatório agora?

Mas os jornalistas não conseguiram confirmar todas as denúncias. Um processo civil explosivo alegava que Trump havia estuprado uma menina de treze anos duas décadas antes,²⁸ numa festa dada por um conhecido financista chamado Jeffrey Epstein que mais tarde foi investigado por tráfico sexual de menores para homens poderosos e condenado por solicitação de prostituição. Mas a suposta vítima de Trump, cujo nome jamais foi citado, nunca foi identificada ou teve seu contato disponibilizado para repórteres, mesmo para conversas confidenciais. Sem uma mulher cuja existência pudesse ser confirmada e cuja história pudesse ser verificada, Megan se recusara a cobrir o caso e desencorajara seus colegas a escrever a respeito.

Outras acusações chamaram atenção, mas não pareciam render uma notícia. Megan viu uma mulher relatar,²⁹ numa coletiva de imprensa que passou na televisão, um incidente no qual Trump aparentemente encostara sem querer em seu seio e vaiara enquanto ela esperava por uma carona.

Enquanto as queixas cuidadosamente investigadas de Crooks e Leeds entravam no mesmo turbilhão que as outras, Trump passou de negações firmes a ataques ferozes. As mulheres que o acusavam eram mentirosas. Estavam atrás de fama. Trabalhavam para Hillary Clinton. Eram feias e desagradáveis demais para atrair sua atenção. Ele ia processá-las.

Os apoiadores de Trump viram o caminho que ele estava tomando e mais uma vez entraram em ação. Lou Dobbs, âncora do canal Fox Business,

compartilhou com quase 1 milhão de pessoas que o seguiam no Twitter o link de um post de um site de notícias conservador que revelava o telefone e o endereço de Jessica Leeds e dava a informação falsa de que ela trabalhava para a Fundação Clinton.³⁰

Leeds não se assustou com facilidade; Rachel Crooks, por outro lado, ficou profundamente abalada. Ela não podia sair de casa por causa da multidão de repórteres acampada em seu gramado em Ohio. Tampouco podia entrar na internet por causa dos trolls de Trump e sua enxurrada de mensagens: *Você é tão feia. Está recebendo dinheiro de alguém. Deviam colocar uma arma na sua cabeça e fazer um favor para este país.* Uma desconhecida postou uma mensagem no Facebook se identificando como uma amiga da família e afirmando ter certeza de que o que Crooks dissera sobre Trump era mentira. O post se tornou um dos primeiros resultados a aparecer para quem fazia uma busca pelo nome de Crooks. Outro homem do qual ela nunca tinha ouvido falar acusou-a de roubar dinheiro de uma empresa para a qual Crooks nunca tinha trabalhado.

A cada ataque, Megan se sentia pior. Ela havia encorajado as duas mulheres a se identificar como fontes, dizendo a elas que era um ato de cidadania compartilhar informações vitais sobre um candidato a presidente. Fora ela quem pintara detalhes íntimos de suas vidas num muro gigante, grande o suficiente para o país inteiro ver. Agora, as duas estavam no fogo cruzado. Crooks, com a voz trêmula ao telefone, perguntou o que o *New York Times* faria se Trump cumprisse a ameaça de processá-la. A resposta era: muito pouco. Milhares de pessoas eram citadas no *NYT* toda semana. Assim como outras publicações, o jornal não podia assumir responsabilidade legal por elas.

Megan também estava sendo atacada. Ameaças de apoiadores de Trump chegavam tanto pelo telefone quanto pelo computador. Ela avisou aos seguranças do *New York Times* das diversas mensagens anônimas que recebera de um homem que dizia que ia estuprá-la, matá-la e jogar seu corpo no rio Hudson. Megan estava grávida e ficava mais em evidência a cada dia, então temia que estranhos comesçassem a tuitar ameaças ao bebê ou até fazer coisas piores.

O próprio Trump ameaçava entrar com processo. Seu advogado havia mandado uma carta para Baquet, que a equipe de Trump depois divulgou, ordenando que o jornal se retratasse pelos relatos de Leeds e Crooks. “Se isso

não ocorrer, meu cliente não terá alternativa além de tomar as devidas providências e buscar todas as reparações disponíveis”,³¹ escrevera ele.

David McCraw, vice-presidente e advogado-geral assistente do *New York Times*, adorado na redação por sua impassibilidade e por proteger os jornalistas, respondeu no mesmo tom.

“Teria sido um desserviço não apenas aos nossos leitores, mas à própria democracia, silenciar as vozes delas”,³² escreveu.

O advogado quase chegou a desafiar Trump a processar o *New York Times*. “Se ele acredita que os cidadãos americanos não tinham direito de ouvir o que essas mulheres tinham a dizer e que a lei deste país força a nós e a quem mais ousar criticá-lo a ficar em silêncio ou ser punido, aceitaremos de bom grado a oportunidade de ver a Justiça dar uma lição nele.”

Foi uma defesa inspiradora não apenas do jornalismo, mas do direito de as mulheres denunciarem homens poderosos. Quando o *New York Times* publicou a carta em seu site, ela viralizou de imediato.

Mas, dentro da redação, Megan temia que Trump cumprisse a ameaça de um processo contra ela, Barbaro e o jornal, como McCraw suspeitava que ele faria se não fosse eleito. Trump acabaria sofrendo uma derrota na Justiça, mas seria um processo longo e árduo. Megan começou a guardar e-mails, anotações e mensagens de texto para o caso de serem solicitados por advogados no futuro.

No dia 7 de novembro, três semanas e meia depois, ela pegou um avião para Illinois, para observar o que muita gente acreditava que seria a eleição da primeira mulher presidente dos Estados Unidos. Pelo simbolismo, os editores de Megan tinham pedido que ela ajudasse a registrar o momento nos locais de votação de Park Ridge, o subúrbio de Chicago onde Hillary Clinton nasceu.

Megan não fazia campanha para Hillary Clinton nem para qualquer outro candidato. Não era esse o papel dos repórteres. Algumas semanas antes, num artigo que despertou a ira dos apoiadores da candidata democrata, Megan enfatizara o papel que Hillary Clinton tivera na luta para abafar a voz de mulheres que alegavam que Bill Clinton tivera conduta inapropriada ou coisa pior. Os aliados de Hillary insistiam que seu papel fora mínimo, mas Megan encontrara indícios de que ela aceitara a contratação de um detetive particular para descobrir coisas que pudessem ser usadas para manchar a reputação daquelas mulheres.

Enquanto conversava com os eleitores, Megan sabia que eles iam tomar suas decisões com base em muitos fatores, não apenas nas queixas de conduta sexual imprópria feitas contra Trump. Mas ela esperava encontrar pessoas preocupadas com aquela questão. Usando hashtags como #WhyWomenDontReport nas semanas anteriores à eleição, um coro de mulheres começara a escrever na internet sobre outros homens que haviam feito coisas parecidas com elas. Rose McGowan era uma delas, com seus tuítes sobre o chefe de estúdio que a estuprara.

Mas, após diversas entrevistas no local de votação, ficou claro que pouquíssimas das mulheres brancas de classe média se importavam com as supostas transgressões de Trump ou com as palavras dele no áudio do *Access Hollywood*. Naquela noite, Megan nem precisou olhar para a televisão: ela já sabia que Trump tinha sido eleito.

No mês de abril seguinte à eleição, Megan e Jodi observaram, atônitas, uma série de acontecimentos que levaria diretamente à investigação sobre Harvey Weinstein. Bill O'Reilly, o âncora de direita que estava no auge da sua influência, perdeu seu emprego na Fox depois que o *New York Times* expôs como ele e o canal haviam encoberto diversas acusações de assédio sexual.³³ O artigo, escrito por Emily Steel e Michael Schmidt, havia levado oito meses para ser apurado e provava que O'Reilly tinha pagado indenizações a pelo menos cinco mulheres que o acusavam de agressão verbal, comentários chulos e investidas indesejadas. O'Reilly e a Fox News desembolsaram o que então parecia ser um total de 13 milhões de dólares para silenciar as mulheres: uma enorme soma secreta paga por um dos principais críticos do feminismo nos Estados Unidos.

Naquela matéria, só uma mulher tinha aceitado ser identificada como fonte de acusações: Wendy Walsh, que já tinha participado do programa e perdera uma oferta lucrativa para trabalhar para O'Reilly após recusar um convite para ir à suíte de hotel dele. A maioria das mulheres mencionadas na matéria estava proibida de falar porque tinha feito um acordo com O'Reilly ou com o canal. Elas haviam aceitado grandes quantias de dinheiro e, em troca, concordado em jamais discutir o que tinha acontecido.

Mas Steel e Schmidt tinham se dado conta de algo importante: transações tão complexas assim não podiam ser de fato secretas. Os acordos envolviam

advogados, negociações e dinheiro, e outras pessoas inevitavelmente ficavam sabendo da existência deles — colegas, agentes, familiares e amigos. Juntos, os pagamentos formavam um rastro legal e financeiro que contava a história das acusações contra O'Reilly. As indenizações não impediam que a matéria fosse escrita: elas *eram* a matéria, as ocultações revelavam as denúncias. Era uma nova forma de escrever sobre assédio sexual.

Dentro de poucos dias, anunciantes como a Mercedes-Benz e a Allstate haviam debandado do programa de O'Reilly.³⁴ E o mais importante foi que outras mulheres que trabalhavam na Fox começaram a fazer reclamações sobre o comportamento do apresentador.³⁵ No dia 19 de abril, menos de três semanas após a publicação da matéria do *New York Times*, ele foi demitido. Tanto O'Reilly quanto Roger Ailes, figura importante no Partido Republicano que havia sido o alto executivo na rede de televisão,³⁶ foram afastados de seus cargos, não por causa das alegações de conduta imprópria contra mulheres — a Fox já sabia de muitas delas —, mas por causa da divulgação delas. O fato de aquilo ter acontecido duas vezes tornava a matéria ainda mais impressionante: era como uma inversão momentânea da física do poder.

Os editores do *New York Times* rapidamente avaliaram o momento. As mulheres pareciam estar cada vez mais exaustas. Assim como ocorrera após os comentários de Trump sobre “agarrar pela boceta”, elas expressaram sua frustração diante das revelações sobre O'Reilly. Convencê-las a aceitar ser citadas em questões do tipo nunca era tarefa simples, mas aquela podia ser uma rara oportunidade para a franqueza.

A matéria sobre O'Reilly era como uma cartilha. Quase nenhuma vítima se expunha se estivesse completamente sozinha. Mas se padrões de comportamento pudessem ser revelados, talvez houvesse uma maneira de contar mais histórias daquele tipo. Os editores montaram uma equipe de repórteres para averiguar diversas indústrias, como o Vale do Silício e a indústria de tecnologia, uma área utópica, supostamente livre das antigas regras, mas que ainda assim excluía as mulheres. A academia também parecia ser um lugar onde uma investigação era necessária em razão do poder que os professores tinham sobre universitárias que desejavam seguir carreira na mesma área que eles. Os jornalistas também planejavam focar em trabalhadoras de baixa renda que tinham pouca visibilidade, sofriam imensa

pressão econômica e possuíam menos recursos do que mulheres em posições econômicas mais altas.

Alguns dias depois de O'Reilly ter sido demitido, Rebecca Corbett pediu que Jodi buscasse respostas para duas perguntas. A primeira era: havia homens poderosos nos Estados Unidos encobrindo agressões contra mulheres? Jodi discretamente dera alguns telefonemas em busca de ajuda, e Shaunna Thomas, uma ativista feminista,³⁷ sugerira que ela procurasse saber mais sobre Hollywood, sobre o livro que Rose McGowan ia lançar e sobre Harvey Weinstein. Mas Corbett também deu a Jodi uma segunda tarefa: ir além dos infratores individuais e definir os elementos e o sistema que faziam com que o assédio sexual continuasse a ser tão generalizado e difícil de abordar. Quão comuns eram as indenizações que apareciam em todas as histórias e de que maneira haviam mascarado o problema?

Quando Jodi telefonou pedindo conselhos, Megan ainda não sabia quais matérias ia investigar quando voltasse da licença-maternidade. Mas elas discutiram o que havia motivado mulheres como Jessica Leeds e Rachel Crooks a fazer suas denúncias e como o artigo sobre O'Reilly se tornara uma prova de que o *New York Times* sabia executar um projeto tão delicado quanto aquele sem cometer nenhum erro. Elas analisaram o que dizer durante os primeiros segundos de um telefonema com uma desconhecida que poderia ser uma vítima, e Megan sugeriu algumas abordagens novas, incluindo uma que usara para convencer vítimas de estupro de Chicago a compartilhar suas experiências: “Não posso mudar o que aconteceu com você no passado, mas juntas talvez possamos usar sua experiência para ajudar a proteger outras pessoas”.

Aquela frase fez mais sentido do que qualquer outra. Não prometia demais e não bajulava. Sugeria motivos poderosos para alguém se arriscar a falar sobre um assunto doloroso e complicado. Era o que Jodi tinha tentado dizer para McGowan em seu primeiro e-mail: estamos falando sério.

O argumento era ajudar outras pessoas. Aquele sempre era o melhor motivo, o mais verdadeiro, para conversar com um jornalista, e uma das únicas respostas eficazes a “Não quero chamar atenção” ou “Não preciso desse tipo de estresse”.

Depois daquele telefonema, Jodi tinha uma pergunta para Corbett: quando Megan ia voltar da licença-maternidade?

2. Segredos de Hollywood

O conselho de Megan tinha sido valioso, mas, conforme a investigação sobre Weinstein continuava, em junho de 2017, a pergunta alarmante era como conseguir falar com atrizes famosas. A profissão daquelas mulheres exigia que mantivessem as aparências, e elas faziam de tudo para limitar o escrutínio público sobre os aspectos desagradáveis de sua vida. O procedimento típico para entrar em contato com essas estrelas era ligar para sua assessoria de imprensa. Mas aquilo estava fora de questão, assim como falar com agentes e empresários. Aquelas pessoas eram pagas para construir e manter barreiras, e com frequência eram leais a homens poderosos como Weinstein. Além disso, aquelas perguntas eram íntimas, constrangedoras demais para serem compartilhadas com intermediários pagos. A única esperança de Jodi era conseguir falar diretamente com as atrizes. Mas não tinha certeza se conhecia nem mesmo uma: era um mundo no qual ela não tinha quase nenhuma fonte ou contato.

Jodi procurou fotos do tapete vermelho do Festival de Cinema de Cannes, na França, que tinha acabado de acontecer.¹ Como de costume, havia poucas imagens de homens. Nicole Kidman, Jessica Chastain, Salma Hayek, Charlize Theron e Marion Cotillard posavam para as câmeras; Uma Thurman exibia uma saia dourada cintilante num evento beneficente divulgado todo ano por Weinstein, um leilão de gala em prol da Fundação Americana para a Pesquisa da Aids (amfAR). Seria possível que alguma delas houvesse sido vítima de Weinstein? O que elas sabiam sobre as experiências de outras? Aquelas mulheres pareciam perfeitas, serenas e intocáveis.

Jodi começou a procurar endereços de e-mail e números de telefone privados de mulheres que já haviam feito filmes de Weinstein — em especial Ashley Judd, que dera uma entrevista para a *Variety* em 2015 na qual contara ter sofrido assédio sexual de um produtor.² Algumas daquelas buscas por informações de contato praticamente viraram investigações completas por si só: telefonemas para parentes cujos números constavam de listas telefônicas públicas; procuras por conhecidos de ambas as partes que pudessem apresentá-las.

Nas poucas vezes em que Jodi conseguiu falar com atrizes por telefone, as conversas, em sua maioria, foram curtas e improdutivas. Então surgiu uma dica de uma amiga que conhecia muita gente: ligar para a atriz Judith Godrèche. Ela é muito famosa na França e já disse em conversas privadas ter sido uma vítima de Weinstein. Além do mais, é extrovertida por natureza. Jodi mandou um e-mail para Godrèche. Nenhuma resposta. Ela tentou de novo e recebeu um e-mail curto. “Desculpe, meu advogado não quer que eu me envolva”,³ escreveu Godrèche. Era uma resposta frustrante, mas também uma pista: se envolva *no quê?*

O contato com ex-funcionários de Weinstein foi um pouco mais frutífero. Eles certamente eram mais fáceis de achar, no LinkedIn, no trabalho ou através do telefone residencial. Suas respostas eram contraditórias. Muitos não pareciam surpresos por ser abordados por uma repórter, mas mesmo assim se recusavam a falar. Outros se mostravam dispostos a dar um ou outro detalhe: velhas suspeitas que nunca tinham sido dissipadas ao longo dos anos; ajuda sobre quais estrelas de Hollywood tentar contatar.

Alguns dos ex-funcionários davam broncas: a vida sexual de Harvey Weinstein era uma questão pessoal. O “teste do sofá”, ou a prática de atrizes se submeterem a produtores e diretores em troca de papéis, era tão antigo quanto a própria Hollywood, uma parte desagradável porém permanente do negócio, disseram eles. (Como que para sublinhar o argumento, havia uma escultura de um sofá em Los Angeles, perto dos famosos teatros chineses antigos onde aconteciam as estreias mundiais de diversos filmes.) Muitos usaram a mesma frase para descrever como Weinstein tratava as atrizes: “Ah, ele pode ter corrido em volta do sofá atrás dela”, diziam desta ou daquela mulher, como se estivessem descrevendo uma pantomima. Os ex-funcionários trataram Jodi como se ela fosse uma idealista ingênua. A maneira como Weinstein tratava as mulheres era um segredo de polichinelo

havia anos, disseram. Ela nunca ia conseguir escrever aquela matéria e, mesmo se conseguisse, ninguém ia ligar.

Na sexta-feira, 30 de junho, Jodi entrou num minúsculo restaurante em West Hollywood para se encontrar com a atriz Marisa Tomei. Um ex-funcionário da Miramax dissera que Weinstein a havia assediado, deixando-a tão perturbada que ela chorara no trabalho. Jodi tinha conseguido o contato de Tomei através de um dramaturgo, e então lá estava ela, sentada do outro lado da mesa do restaurante.

A informação estava errada. Tomei não tinha sido vítima de Weinstein.⁴ Mas se sentia incomodada fazia décadas com a maneira como as mulheres eram tratadas na indústria. Ela havia estrelado filmes e programas de televisão como *A Different World* (1987), *Meu primo Vinny* (1992) e *Empire* (2015). Precisara lidar com uma desigualdade salarial aparentemente sem solução, e diversas vezes se vira reduzida a um acessório em cenas que giravam em torno de personagens masculinos. Com frequência, atuar na verdade era apenas reagir ao que os homens estivessem fazendo, ela disse.

Tomei compartilhou uma teoria: as atrizes e o público estavam presos num ciclo de percepção errada mútua. Desde muito jovens, as meninas aprendiam a admirar e a imitar as mulheres fantasiosas que viam nas telas. Aquilo fazia com que muitas delas quisessem se tornar atrizes. As sortudas que conseguiam não podiam descrever o assédio e os padrões físicos punitivos, porque seria autossabotagem. Então o ciclo continuava, e a próxima geração de meninas crescia sonhando com Hollywood sem entender que a indústria podia tratá-las mal também.

Tomei ficou atordoada ao pensar numa matéria comprometedora. Ela quase nunca havia discutido sua teoria, nem sequer com outras atrizes. Revelar suas impressões sobre uma indústria que girava em torno das aparências ia torná-la vulnerável demais, ela disse. Por solidariedade, Tomei tinha guardado um recorte de um perfil de Claire Danes que saíra na *Vogue* em 2013, no qual ela contava o que havia aprendido com Meryl Streep e Jodie Foster. “Você tem de pedir dinheiro, porque sempre tem mais dinheiro, mas eles não dão a você porque é menina!”⁵ dissera Danes.

“Dá para me imaginar encontrando esse trequinho de um parágrafo num artigo que eu tive de recortar para me sentir próxima de alguém?”, Tomei perguntou a Jodi depois. “Para sentir que não sou só eu?”

Aos poucos, Jodi começou a falar com outras atrizes conhecidas, através

de um amigo mútuo aqui, um empresário extraordinariamente prestativo ali. Alguns dos endereços de e-mail dessas atrizes eram pseudônimos, muitas vezes cômicos, e quando elas atendiam as ligações faziam Jodi prometer sigilo. Mas eram diretas. Hollywood era assolada por abusos sexuais irrestritos, disse a maioria. Daryl Hannah, com sua voz familiar de anos de filmes bem-sucedidos, mas carregada de ansiedade, disse que tinha sido vítima de Weinstein, mas estava amedrontada demais para entrar em detalhes. Outra atriz, ganhadora do Oscar, disse que queria que alguém o parasse fazia muitos anos, mas não soubera como ajudar, pois as colegas que tinham revelado incidentes para ela queriam proteger sua privacidade. Essa mulher havia acompanhado uma tentativa de apuração fracassada feita anos antes pela *New Yorker* e o artigo paralisado da *New York Magazine*, e se perguntava por que todas as matérias que começavam a ser escritas pareciam desaparecer.

As conversas com as atrizes não iam ser divulgadas, mas eram reveladoras, contradizendo os sermões de que não havia nada a escrever sobre Weinstein. Tomei e as outras tinham sucesso global, papéis importantes, prêmios. Faziam parte da indústria, mas, naquela questão, sentiam que não tinham o poder de iniciar uma mudança e queriam que a investigação do *New York Times* fosse bem-sucedida.

Quando Jodi entrou em contato com mais algumas mulheres que elas sugeriram, não conseguiu nada: todas disseram não. Em pouco tempo, até algumas das atrizes que tinham sido prestativas pararam de responder aos e-mails e às mensagens de texto dela.

Na mesma semana em que se encontrou com Tomei, Jodi recebeu um e-mail promissor. Lisa Bloom, advogada feminista que representava celebridades, filha da famosa defensora dos direitos das mulheres Gloria Allred, queria conversar. Bloom tinha representado as mulheres em alguns dos casos mais importantes e conhecidos de conduta imprópria masculina, inclusive aqueles contra Bill O'Reilly e Bill Cosby. Jodi imaginou que Bloom, por ter clientes que haviam acusado Weinstein, tinha ficado sabendo do projeto do *New York Times* e estava entrando em contato para ajudar.

Jodi repassou o e-mail para sua colega Emily Steel, uma das repórteres que tinha dado o furo sobre as indenizações pagas por Bill O'Reilly. Steel, mais

ou menos uma década mais nova do que Jodi, era mignon e tinha uma voz fininha. Jodi logo aprendera a prestar atenção em tudo o que ela dizia. Assim que recebeu o e-mail, Steel ligou para dar um alerta: Bloom tinha negócios com Weinstein. A informação era pública. Bloom havia postado um tuíte alguns meses antes: “ANÚNCIO IMPORTANTE: Meu livro SUSPICION NATION vai virar uma minissérie produzida por Harvey Weinstein e Jay Z!”.⁶

Jodi se deu conta de que a pessoa por trás do e-mail não era Bloom. Harvey Weinstein sabia no que o *New York Times* estava trabalhando e tinha partido para a ofensiva.

Ela não tinha nenhuma obrigação de avisar a Weinstein sobre a investigação em curso — não se sabia ao certo nem se haveria matéria —, e o dever de lhe pedir para conceder uma entrevista ou dar uma resposta viria mais tarde. Agora que ele sabia de tudo, a apuração seria ainda mais difícil. Qualquer investigação sobre infrações sérias era uma competição com a pessoa em questão para controlar informações e chegar às fontes — uma corrida para divulgar, da parte do repórter, e para ocultar, da outra parte.

Jodi lamentou não ter uma vantagem maior, mas não havia nada a fazer além de continuar apurando. Marcou um telefonema com Bloom e tomou o cuidado de que fosse curto, dizendo pouca coisa.

Nicholas Kristof, o colunista do *New York Times*, facilitou o contato com Ashley Judd.⁷ Ele tinha escrito o prefácio da autobiografia dela. Dias depois de Kristof ter apresentado ambas, Jodi estava no FaceTime com Judd, que já tinha adivinhado o motivo da ligação. E, ao contrário de Tomei, ela tinha uma história pessoal sobre Weinstein para contar.⁸

Em 1996, aos vinte e tantos anos e depois de já ter se tornado uma estrela graças a filmes como *Fogo contra fogo* e *Tempo de matar*, Judd conheceu Weinstein num evento em Los Angeles. O produtor quis marcar uma reunião com ela, e Judd presumiu que falariam de negócios. Os dois combinaram de se encontrar no hotel Beverly Hills — no restaurante Polo Lounge, imaginou Judd. Ela não desconfiava de nada. Seu pai a acompanhava na viagem, e ela o apresentou a Weinstein no evento. “Nem meu pai achou que isso fosse acontecer”, contou Judd.

Quando ela chegou ao hotel, foi mandada para a suíte de Weinstein, onde uma garrafa de champanhe já fora colocada no gelo. Judd tomou só alguns

goles. Eles conversaram sobre amenidades e, lembrou Judd, “eu saí de lá o mais rápido possível”, um pouco desconfiada das intenções de Weinstein.

Dias depois, o produtor fez outro convite, daquela vez para um café da manhã no hotel Peninsula, em Beverly Hills. Uma conversa tão cedo certamente seria segura, raciocinou Judd.

Ela chegou ao hotel exausta. Tinha passado a noite em claro filmando seu primeiro grande thriller, *Beijos que matam*, com Morgan Freeman, e fora para lá direto do set. Quando o funcionário da recepção lhe disse que a reunião com o produtor seria na suíte dele, e não no restaurante, Judd ficou irritada: ela precisava dormir e a comida provavelmente levaria uma eternidade para chegar ao quarto. Judd decidiu que ia pedir apenas cereal para ser mais rápido.

Quando chegou ao quarto, Weinstein estava de roupão, o que era inesperado. Ele quis fazer uma massagem em Judd, que recusou. Weinstein então sugeriu massagear só seu ombro, o que ela também rejeitou. O produtor a conduziu na direção de um armário, pedindo que o ajudasse a escolher a roupa que ele ia usar naquele dia. Depois, levou-a na direção do banheiro. Duas décadas depois, ela ainda se lembrava da planta do quarto, disse Judd.

Os pedidos de Weinstein ficaram mais abertamente sexuais, disse Judd. Ela recusou cada um deles, mas o produtor não parou. “Eu disse ‘não’ de muitas maneiras, muitas vezes, mas ele sempre vinha com um pedido asqueroso”, ela disse. Os movimentos de Weinstein eram quase como ordens militares, Judd contou a Jodi, e passavam uma sensação de pressa: primeiro você entra aqui, depois ali. Por fim, Weinstein sugeriu a possibilidade de Judd ficar assistindo enquanto ele tomava um banho, como se fosse uma espécie de meio-termo.

Judd se lembrava de sentir que estava presa naquele quarto e de ter medo de prejudicar sua carreira no cinema. “Tinha muita coisa em jogo, o prestígio que vinha com a Miramax”, ela disse.

Precisava de uma estratégia de fuga, uma maneira de escapar de Weinstein. “Faz o seguinte, Harvey”, Judd se lembrava de ter dito. “Quando eu ganhar um Oscar com um filme da Miramax, pago um boquete pra você”, ela disse, antes de sair.

Segundo Judd, não havia como sair bem daquela situação. Rejeitar o produtor era arriscar sofrer consequências na sua carreira. Então, ela pensou

depressa numa piada que não fosse ofendê-lo e que, ao mesmo tempo, permitisse que saísse dali a salvo.

Na época, Judd considerou aquilo um incidente bizarro. Logo depois, descreveu o que tinha acontecido para sua mãe, a cantora Naomi Judd, seu pai e seu agente; mais tarde, para outras pessoas de confiança também. Judd parecia serena durante o telefonema. Talvez pelo fato de ela não ter reprimido aquela história, de modo que em seu relato havia pouco da crueza de uma confissão.

Alguns anos mais tarde, Judd aceitou um papel da Miramax, no filme *Frida*, a pedido de Salma Hayek, a estrela escolhida para interpretar a artista mexicana Frida Kahlo (Judd sentiu receio por causa de Weinstein, mas queria ajudar Hayek). Durante a filmagem no México, elas passaram um dia de folga num resort, relaxando com outra estrela do filme, Valeria Golino. As três estavam sentadas juntas numa mesa ao ar livre quando Weinstein passou. Ele cumprimentou as outras duas calorosamente e mal falou com Judd.

Depois que Weinstein foi embora, ela contou para as outras duas mulheres o que tinha acontecido naquele quarto de hotel em Los Angeles. Ele é assim, disseram as outras. Vivia pedindo aquele tipo de coisa. Tinha feito coisas parecidas com elas também.

Judd lhes perguntou por que as mulheres não se uniam para enfrentar Weinstein. “Eu não entendia por que todas nós sentíamos tanto medo dele”, disse. Mas *Frida* era o projeto da vida de Hayek e estava sendo produzido por Weinstein, que tinha o poder de encerrar a produção a qualquer momento.

Durante a hora passada ao telefone com Judd, a investigação mudou um pouco de rumo. Ela descrevera um grupo de atrizes que, anos antes, tinha identificado o comportamento perturbador de Weinstein. Ele era um chefe poderoso que usava o pretexto de reuniões de trabalho para tentar pressionar mulheres a ter interações sexuais, ela dissera, e ninguém fazia nada a respeito.

A infância de Ashley Judd tinha sido definida pela solidão. A atriz, cujo nome verdadeiro é Ashley Ciminella, nasceu em 1968, e seus pais se separaram quando ela ainda era bem pequena. Na época, sua mãe era uma cantora amadora que fazia exercícios de harmonia vocal em casa, mas depois trabalhou como garçonne e secretária para pagar as contas. Ashley estudou

em treze escolas de quatro estados diferentes antes de se formar no ensino médio, perdendo amigos a cada mudança. Ela desejava tanto ter com quem brincar que inventou um elenco de fadas para lhe fazer companhia.⁹ No terceiro ano, “eu preparava minhas próprias refeições, tipo pizza congelada, fazia meus próprios cookies caseiros e ia sozinha até o ponto do ônibus escolar, mesmo no primeiro dia de aula, sem saber direito aonde tinha de ir”, contou ela em seu livro de memórias *All That Is Bitter and Sweet*. O refrão de sua infância, escreveu Judd, era “Cadê todo mundo?”.

Segundo o livro, Judd sofreu diversos abusos sexuais na infância e na adolescência. Quando estava na escola primária, um velho disse que lhe daria uma moeda para a máquina de pinball se ela se sentasse no seu colo. “Eu fiquei chocada quando ele de repente me envolveu com os braços, me apertando e sufocando minha boca com a dele, enfiando a língua no fundo da minha garganta”, escreveu ela. Judd contou aos adultos que deveriam ser responsáveis por ela, mas eles não acreditaram. Durante as férias de verão do ensino médio, quando estava trabalhando como modelo no Japão, ela sofreu uma agressão sexual do chefe e foi estuprada por um conhecido, contou também.

Mas, na Universidade de Kentucky, Judd encontrou o companheirismo feminino entre as colegas e em disciplinas de estudos de gênero. Os caminhos iluminados e os telefones de emergência do campus lhe pareciam um sinal de injustiça, ela disse mais tarde. Por que as mulheres tinham de se confinar para permanecer seguras? Impelida por uma sensação de que as coisas podiam ser melhores, ela descobriu um gosto pelo ativismo, organizando um protesto de estudantes que abandonaram as salas de aula por causa de um membro da diretoria que tinha usado uma palavra racista. Judd pensou em se tornar uma missionária cristã, então se inscreveu e foi aceita no Corpo da Paz, onde pretendia entrar depois de se formar.

Mas, em vez disso, ela virou atriz — queria tentar enquanto ainda era jovem e podia correr riscos — e, depois, uma estrela. Mesmo assim, no seu tempo livre, aproveitava o fato de ser uma celebridade para defender certas causas, visitando aldeias pobres, favelas e clínicas do mundo todo para chamar a atenção para a aids, a violência contra mulheres, a defesa da saúde materna e a importância do planejamento familiar. Em 2016, Judd e Salma Hayek visitaram clínicas de tratamento de HIV e bordéis na Guatemala, onde se encontraram com prostitutas que explicaram que precisavam de dinheiro e

conseguiam ganhar dois dólares por cliente, dez ou doze vezes por dia. Apesar dos problemas que Judd tinha visto em Hollywood, ela manteve suas duas vidas — a do entretenimento e a das causas ligadas à saúde pública — separadas.

Em 2009, aos 41 anos de idade, Judd se matriculou no mestrado na Harvard Kennedy School (o secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon, tinha cursado o mesmo programa — assim como Bill O'Reilly). Ela estava pensando em entrar para a política, mas não revelou aquilo publicamente. Na época, o estado do Tennessee nunca tivera uma governadora ou senadora mulher.

Em Harvard, Judd se sentiu mais em casa do que na indústria do entretenimento e ficou sem saber se um dia voltaria a atuar. “Encontrei minha galera”, ela disse. Sua disciplina preferida, “Violência de gênero, direito e justiça social”, era ministrada por uma professora de direito chamada Diane Rosenfeld.¹⁰ Judd ficou amiga dos estudantes de segundo e terceiro anos de direito; sugeriu formar um grupo de estudos, fazia biscoitos para eles e falava com naturalidade na aula, mas raramente sobre Hollywood.

Nas aulas, Rosenfeld argumentou que o sistema legal havia sido construído para proteger mais os homens do que as mulheres. Para apresentar um contraste, ela mostrou aos alunos uma pesquisa sobre o comportamento igualitário dos bonobos, que ao longo do processo evolutivo haviam eliminado a coerção sexual masculina em suas comunidades. Quando um macho é agressivo com uma fêmea bonobo, ela solta um grito especial, explicou Rosenfeld. As outras fêmeas vão ajudá-la, descendo das árvores e defendendo-a do agressor.

Para Judd, a disciplina foi uma revelação e, em certo sentido, um retorno. Rosenfeld usava coisas que ela soubera e vira a vida toda — durante sua infância, em Hollywood, nas idas a bordéis e clínicas de outros países — e lhe dava o arcabouço intelectual e a teoria para que fossem compreendidas de novas formas. “Ela metabolizou tudo na minha aula com todo o seu ser”, disse Rosenfeld. Judd participava de tudo, percebeu a professora: de palestras com convidados a recepções, além da apresentação de uma pesquisa sobre monitoramento com GPS de criminosos de alto risco que haviam sido condenados por violência doméstica.

Judd canalizou o que estava pensando num trabalho final que pedia que as mulheres reconhecessem suas experiências em comum e enfrentassem a

coerção sexual. “Proponho um modelo baseado em alianças entre mulheres”,¹¹ escreveu ela na primeira página. Judd queria que as mulheres seguissem o exemplo das fêmeas bonobos, tornando-se menos desunidas e cheias de segredos, juntando-se para espantar homens excessivamente agressivos.

Seria difícil convencer as mulheres de que as coisas podiam mudar, escreveu ela em seu trabalho de pesquisa, que recebeu um prêmio dado pela reitoria. “O preconceito faz parte da estrutura das nossas instituições formais, da nossa economia e do nosso cotidiano”, disse. Mas “há algo esperando do outro lado”.

Era necessário, escreveu Judd, um “gesto de confiança ousado para quebrar o isolamento”.

Mesmo assim, em junho de 2017, Judd não tinha certeza se queria acusar Weinstein publicamente. Ela já tinha tentado denunciar o comportamento dele uma vez. Em 2015, relatara algo à revista *Variety*, sem mencionar Weinstein, Hayek ou Golino, esperando que aquele fosse o gatilho de alguma coisa, talvez uma onda de mulheres se unindo a ela.

Não aconteceu muita coisa. A explosão de atenção subsequente, breve e sensacionalista, foi direcionada a Judd, não a Weinstein. Judd teve de trabalhar menos na divulgação de um filme, *A eterna namorada*, para evitar que lhe fizessem perguntas demais sobre o incidente. Outra denúncia poderia repetir a experiência.

Aquele era um alerta. O relato de Judd à *Variety* fora corajoso, mas era um relato solitário sem o nome do acusado ou alguma informação que o embasasse. O impacto do jornalismo vinha da especificidade — nomes, datas, provas e padrões. Jodi não queria que Judd se recusasse a participar do que poderia ser uma matéria muito mais forte porque uma mais fraca não tinha dado em nada.

Judd também estava receosa porque, apenas alguns meses antes, pagara o preço por se manifestar. Ela tinha um contrato lucrativo havia anos como garota-propaganda da Copper Fit, uma marca de meias, suportes de compressão e imobilizadores. Nos comerciais, ela dizia alegremente frases como: “Amo meu piso de madeira, mas ele às vezes machuca meu pé. Por

isso amo minhas meias antiderrapantes da Copper Fit”. Seu relacionamento com a empresa era amistoso, e ela às vezes socializava com o CEO.

Nas semanas anteriores à Marcha das Mulheres de janeiro de 2017, Judd mandara para ele um poema de protesto sobre a raiva feminina, escrito por uma moça de dezenove anos chamada Nina Donovan, da cidade de Franklin, Tennessee, que ela descobrira e planejara ler no palco principal da marcha. “Sou uma mulher nojenta”, dizia a primeira frase. “Não sou tão nojenta quanto um homem que parece alguém que toma banho em pó de Cheetos.”¹² O poema não era vulgar, mas tinha um tom combativo. “Estamos aqui para ser nojentas que nem lençóis manchados de sangue”, escreveu Donovan, argumentando que a menstruação fazia parte da vida. A Copper Fit não fez objeções. Mas, algumas semanas depois da marcha, Judd foi demitida.¹³ A empresa disse que alguns clientes estavam reclamando do poema.

Por isso, Judd tinha motivos para ser cautelosa. Mas, no telefonema, Jodi tinha usado uma palavra que a atriz vinha esperando ouvir: “padrão”. Judd disse que um fator importante para ela era quantas outras histórias os repórteres iam conseguir encontrar e se outras atrizes aceitariam ser identificadas. Fiel ao trabalho que escrevera em Harvard, Judd queria ser uma entre muitas mulheres enfrentando Weinstein ao mesmo tempo.

O telefonema terminou com um plano: Judd ia entrar em contato com Salma Hayek.¹⁴ Em busca de mais conselhos, Jodi conversou com Jill Kargman, que pouco tempo antes se tornara a roteirista, produtora e estrela da série de TV *Odd Mom Out* e que já a ajudara a achar um rumo em terrenos desconhecidos antes. Kargman insistiu que Jodi conversasse com Jenni Konner,¹⁵ coprodutora de Lena Dunham no seriado *Girls*. Konner, por sua vez, quis que Jodi falasse com Dunham. Jodi hesitou. De fora, Dunham parecia ser o oposto de alguém que sabia guardar segredo. Ela tuitava constantemente e transformava até partes íntimas de sua vida em material de trabalho.

Os telefonemas valeram a pena. Konner e Dunham já haviam ouvido histórias sobre o suposto comportamento predatório de Weinstein e tinham querido denunciá-lo em “Lenny Letter”, sua newsletter, mas não possuíam os recursos investigativos ou legais para isso. Dunham, que tinha feito campanha para Hillary Clinton durante as eleições de 2016, contou a Jodi que disse à equipe da candidata para parar de usar Weinstein para angariar fundos, mas seus alertas não deram em nada (mais tarde, Tina Brown, a

editora que fora sócia de Weinstein durante um breve período no final da década de 1990 na revista *Talk*, disse a Jodi que fizera um alerta semelhante durante a campanha de Clinton em 2008.¹⁶ Depois que as revelações se tornaram públicas, Clinton e sua equipe disseram estar chocados e negaram que o alerta de Dunham tivesse chegado àquele ponto).

A dupla Konner e Dunham virou uma central telefônica de celebridades, enviando para Jodi com rapidez e discrição alguns dos contatos diretos dos quais precisava. Outra executiva da indústria do entretenimento com inclinação feminista fez o mesmo.

A taxa de respostas das atrizes continuou baixa. Mas, no fim de junho, Konner tinha uma novidade: Gwyneth Paltrow queria conversar.

Paltrow quase não havia sido incluída na lista de Jodi de pessoas com quem entrar em contato. Ela fora a menina de ouro de Weinstein, uma de suas principais estrelas, e, vinte anos depois, as lembranças de sua carreira de atriz ainda eram associadas a ele. Os dois tinham sido fotografados juntos muitas vezes, uma dupla sorridente em um relacionamento de pai e filha. Em 1999, quando Paltrow ganhou o Oscar de melhor atriz por seu papel em *Shakespeare apaixonado*, Weinstein estava postado ao lado dela, transbordando de orgulho: ele tinha feito o filme e moldado sua estrela. Na época, o apelido de Paltrow era “primeira-dama da Miramax”. Não parecia provável que ela ajudasse o *New York Times*. Paltrow não era exatamente uma rebelde como McGowan ou uma ativista como Judd. Tinha se tornado uma empreendedora do ramo de saúde e beleza e uma figura que algumas pessoas amavam odiar.

Mas depois que marcaram um telefonema para o último fim de semana de junho de 2017 a maneira como Jodi via Paltrow mudou: ela era uma fonte que estivera no centro de tudo e que talvez soubesse mais do que qualquer outra pessoa. Por telefone, a atriz foi educada e pareceu um pouco inquieta. Após as garantias de sempre — sim, aquela conversa era confidencial; sim, Jodi entendia a delicadeza da situação —, Paltrow revelou o lado desconhecido da história de seu relacionamento com Weinstein.¹⁷

Eles tinham se conhecido na frente de um elevador no Festival de Cinema de Toronto em 1994 ou 1995, quando ela tinha mais ou menos 22 anos, lembrou Paltrow. Àquela altura, mal tinha uma carreira. Seus pais, a atriz

Blythe Danner e o diretor e produtor Bruce Paltrow, eram bem-sucedidos, e ela tinha recebido críticas estimulantes por um filme chamado *A força de um passado*, mas ainda estava fazendo testes para conseguir mais papéis.

Ali mesmo no elevador, Weinstein deu a Paltrow um voto de confiança. Vi você naquele filme; precisa vir trabalhar para a gente, ela se lembrou de tê-lo ouvido dizer. Você é muito talentosa. “Eu me lembro de me sentir reconhecida graças à opinião dele”, ela disse.

Em pouco tempo, Weinstein ofereceu dois papéis a Paltrow. Se ela fizesse uma comédia chamada *O primeiro amor de um homem*, disse ele, também ia poder ficar com o papel principal em sua futura adaptação de *Emma*, de Jane Austen — um trabalho dos sonhos, um papel que podia transformar alguém numa estrela.

Paltrow se uniu ao clube Miramax, que, na época, pareceu-lhe acolhedor e criativo. “Eu me senti em casa”, ela disse. Paltrow namorava Brad Pitt, que era bem mais famoso do que ela na época, e vivia voando entre Nova York e Los Angeles. Durante uma daquelas viagens, antes do começo das filmagens de *Emma*, ela recebeu um fax de um de seus representantes da agência Creative Artists lhe dizendo para ir encontrar Weinstein no hotel Peninsula, em Beverly Hills.

Era o mesmo hotel da história de Judd. O que Paltrow contou a seguir também soou familiar. Parecia ser uma reunião normal, feita numa suíte para que eles tivessem privacidade. “Eu fui aos pulos lá para cima, parecia um golden retriever, toda feliz de ver Harvey”, ela disse. Eles falaram de negócios. Mas, no final, Weinstein colocou as mãos em Paltrow e perguntou se eles podiam entrar no quarto e trocar massagens. Ela disse que mal conseguiu processar o que estava acontecendo. Para ela, Weinstein era como um tio. A ideia de estar interessado nela sexualmente a deixou chocada e enojada. Ele pediu de novo que fossem para o quarto, disse Paltrow.

Ela deu uma desculpa e disse que precisava ir embora, mas “não de modo a fazê-lo pensar que tinha feito alguma coisa errada”, disse. Assim que Paltrow foi embora, ela contou o que tinha acontecido a Brad Pitt, depois a alguns amigos, familiares e a seu agente.

A próxima parte da história de Paltrow divergia do relato de Judd e fazia com que tivesse potencial de ser mais significativa. Quando Paltrow e Pitt encontraram Weinstein na estreia de uma peça, Pitt confrontou o produtor e

mandou-o não encostar mais nela. Na época, Paltrow se sentiu aliviada: seu namorado era seu protetor.

Mas, depois que ela voltou para Nova York, Weinstein telefonou e a ameaçou, brigando com ela por ter contado o que tinha acontecido a Pitt. “Ele disse alguma coisa tipo ‘vou arruinar sua carreira’”, contou. Ela se lembrava de estar em seu antigo apartamento na Prince Street, no SoHo, com medo de perder os dois papéis, especialmente o principal em *Emma*. “Eu não era ninguém, era uma menina, tinha assinado um contrato. Fiquei paralisada, achei que ele ia me demitir”, ela disse.

Paltrow tentou fazer com que o relacionamento voltasse para o terreno profissional, explicando para Weinstein que contar para o namorado tinha sido natural, mas que ela queria deixar aquele episódio para trás e seguir em frente. “Eu sempre quis paz, nunca quis nenhum problema”, ela disse. Durante um tempo, o relacionamento deles foi restabelecido. “De um jeito engraçado, eu pensei: bom, isso ficou para trás”, ela disse. Quanto mais bem-sucedida se tornava sua parceria com Weinstein, menos Paltrow sentia que podia falar sobre o episódio desagradável que tinha ocorrido no início da colaboração deles. “Eu tinha essa carreira incrível lá, então, de certa maneira, não podia reexaminar o que havia acontecido.” “Era esperado que eu guardasse segredo.”

Segundo Paltrow, a cultura de Hollywood era engolir as reclamações e suportar aquele tipo de comportamento. Ela não pensou no ocorrido como parte de algo maior ou mais sistêmico. Durante seus anos na Miramax, Paltrow de vez em quando ouvia algum boato perturbador sobre Weinstein, mas nunca com detalhes. Ele era abusivo de outras formas que faziam o momento no quarto parecer brando. Atirava coisas. Suas diatribes ficavam além de qualquer coisa que Paltrow e os outros jamais tinham visto vindo de um homem adulto. Os funcionários da Miramax que ela conhecia viviam com medo da instabilidade dele. “É a bomba H, a bomba H está chegando”, alertavam eles quando Weinstein se aproximava.

Depois que dois filmes da Miramax estrelando Paltrow — *Mais que o acaso*, de 2000, e *Voando alto*, de 2003 — fracassaram, ela disse que a maneira como Weinstein a tratava mudou. “Eu não era a menina de ouro, com o toque de Midas”, ela disse. “Meu valor tinha diminuído aos olhos dele.” Quando Paltrow ficou grávida pela primeira vez, ela discretamente se afastou do produtor.

As coisas ficaram assim até 2016, quando Miriam Weinstein, mãe do produtor e figura adorada na Miramax, faleceu,¹⁸ e Paltrow decidiu escrever para ele um e-mail curto de condolências. Para choque dela, Weinstein leu o e-mail em voz alta no funeral e ligou para Paltrow pouco depois — para agradecer, imaginava ela.

Mas, depois das gentilezas, Weinstein voltou a pressioná-la. A *New York Magazine* estava trabalhando numa matéria que ia denunciar a maneira como ele tratava as mulheres. Não tinham nenhuma prova, afirmou Weinstein para Paltrow. Ele queria que ela promettesse que não ia falar sobre o incidente no Península tantos anos antes. “Eu só quero proteger as pessoas que fizeram o contrário e aceitaram”, disse Weinstein, referindo-se às mulheres que haviam sucumbido às suas sugestões. Paltrow recusou o pedido de entrevista feito pela revista, mas evitou afirmar se algum dia diria alguma coisa.

As pessoas precisavam saber daquela história, disse Paltrow a Jodi. Durante muito tempo, ela havia presumido que jamais revelaria o que tinha acontecido. Mas, vinte anos depois, tudo parecia diferente, e era por isso que ela estava ao telefone agora.

Paltrow deixou claro que estava muito longe de aceitar ser citada na matéria. Ela não estava em um bom momento em termos de relações públicas, para dizer o mínimo. Na época, sua empresa, Goop, uma marca de estilo de vida saudável com e-commerce, vendia um ovo de jade de 66 dólares que a compradora devia inserir na vagina para “ajudar a cultivar a energia sexual, abrir os caminhos do *chi* no corpo, intensificar a feminilidade e revigorar nossa força vital”, de acordo com o site.¹⁹ Os ovos tinham gerado meses de escárnio e acusações de que Paltrow estava sendo irresponsável ao vender produtos cujos benefícios para a saúde eram duvidosos. “Em breve no Goop, por 77 dólares, fitas de teste orgânicas e sustentáveis para medir o pH da urina, imagino”,²⁰ escreveu a dra. Jen Gunter, uma obstetra que fez críticas mordazes ao produto e a outras práticas que o Goop tinha defendido.

No Instagram, Paltrow demonstrava a tranquilidade de sempre. Mas, na intimidade, estava arrasada e sem saber se conseguiria aguentar mais controvérsia. Tinha certeza de que qualquer matéria sobre ela, Harvey Weinstein e sexo viraria uma notícia sensacionalista, o escândalo protagonizado por celebridades daquela semana. “Eu não sabia se ia ser arrastada na lama”, ela disse. “É o que em geral acontece com as mulheres, se você for ver o histórico.” Mais de cem pessoas estavam trabalhando para

Paltrow, pagando financiamentos e criando filhos, e se meter em mais uma controvérsia poderia ser prejudicial para elas também. “Não posso destruir a empresa”, explicou ela.

Paltrow decidiu que ia usar sua rede de contatos de Hollywood para ajudar Jodi a identificar mais vítimas de Weinstein e convencê-las a cooperar, de modo que as mulheres pudessem carregar juntas o fardo da denúncia (Jodi não podia mencionar Judd para ela ou vice-versa). Paltrow quis saber um pouco mais sobre os protocolos do jornalismo investigativo, mencionando meia dúzia de famosas para quem queria ligar. Jodi sugeriu outras. Paltrow estava de férias com os filhos na Europa e suas redes sociais mostravam taças de vinho, piqueniques e lagos na Itália. Privadamente, ela também enviava mensagens de texto para atrizes com quem tinha trabalhado ou que conhecia, pedindo o contato de fulana e perguntando se outras mulheres topavam dizer o que sabiam.

No dia 5 de julho, Megan voltou para o *New York Times* sem ter decidido no que ia trabalhar. Naquele primeiro dia, Rebecca Corbett explicou quais eram as suas opções. A primeira era voltar a cobrir Donald Trump. Durante os meses finais de sua gravidez, Megan tinha começado a investigar a empresa dele e suas ligações com a Rússia, descobrindo seu projeto de construir uma Trump Tower em Moscou durante a corrida presidencial e outros negócios questionáveis. A segunda era fazer parte da investigação sobre Harvey Weinstein. Jodi ainda queria muito que Megan a ajudasse. Ela estaria interessada?

Megan tirou o dia para pensar e pediu conselhos a alguns colegas em quem confiava. Aqueles que cobriam Trump não titubearam: era o furo de uma vida. Muito mais importante do que um produtor de Hollywood grosseirão que estava sendo acusado de atacar jovens atrizes. Abrir mão da chance de investigar o presidente seria um erro enorme. Mas Megan não tinha tanta certeza; ela vira uma pilha de artigos duros sobre Trump ser publicados sem causar muito impacto.

No entanto, a investigação sobre Weinstein era uma grande dúvida. A acusação feita por McGowan era grave, mas parte do material que Jodi havia reunido não parecia tão terrível comparada aos crimes sexuais que Megan cobrira em Chicago. Quanto dano real havia sido causado por aquelas

histórias envolvendo mensagens? Megan tinha dificuldade em pensar em atrizes famosas como vítimas. Uma das principais missões do jornalismo era dar voz a quem não podia falar, àqueles que muitas vezes eram ignorados. Estrelas de cinema, com sua fama e fortuna, estavam longe daquilo.

O teste do sofá se encaixava na definição legal de assédio sexual? Aquelas mulheres tecnicamente não eram funcionárias de Weinstein e, para algumas delas, não havia nenhum papel específico em jogo. Quanto a investigação realmente conseguiria provar?

Jodi insistia que, se aqueles relatos fossem verdade, Weinstein personificava a maneira como homens poderosos abusavam de seu status para dominar mulheres. Quando ele convidou aquelas atrizes para reuniões, elas aceitaram porque queriam trabalhar, porque tinham ambição, criatividade, esperanças e sonhos. Em troca, Weinstein as colocou numa posição sem nenhum lado bom: ou se submetiam a suas exigências sexuais ou se arriscavam a sofrer as repercussões. Aquilo era assédio sexual, encaixando-se na definição legal ou não.

Naquela que talvez tenha sido a acusação de assédio mais famosa de todos os tempos, Anita Hill acusara Clarence Thomas de convidá-la para sair e de fazer comentários pornográficos no trabalho. Embora o status de um juiz da Suprema Corte e de um produtor de Hollywood fossem diferentes, as alegações contra Weinstein também pareciam indicar um comportamento predatório. E o fato de suas acusadoras serem mulheres famosas era parte da questão: aquilo provava que se tratava de um problema universal.

Megan levou uma cadeira para o cubículo de Jodi e começou a trabalhar.

Agora, as duas repórteres estavam tentando entrar em contato com algumas das mulheres mais conhecidas do mundo. Angelina Jolie tinha uma história sobre Weinstein, elas ouviram de um ex-funcionário da Miramax. Jodi implorou que a executiva de Hollywood que a estava ajudando lhe desse o e-mail dela, então enviou uma mensagem escrita com muito cuidado, conversou com um assistente e esperou para ver se Jolie toparia conversar. Elas também escreveram para Uma Thurman, que não respondeu —²¹ as repórteres descobriram mais tarde — porque alguém havia lhe dito que elas não eram confiáveis. Mesmo após ter recebido diversas mensagens, Salma Hayek tampouco respondeu.

Ambra Battilana Gutierrez, uma modelo italiana que alegava ter sido apalpada por Weinstein durante uma reunião no escritório dele em 2015 — o incidente investigado pela polícia de Nova York —, parecia ter sido a única mulher a denunciar o produtor à polícia. No final, a Procuradoria-Geral do Estado decidira não abrir um processo contra Weinstein, mas, trabalhando com policiais disfarçados, Battilana aparentemente gravara o produtor discutindo o ocorrido.

Megan não conseguia falar com a modelo, e a polícia de Nova York se recusava a lhe fornecer uma cópia do boletim de ocorrência devido a uma regra antiga que proibia a divulgação daquele tipo de documento. Ela ligou para advogados e outras pessoas que poderiam ter conhecimento do caso. Enquanto apurava a questão dos exames de DNA em Chicago,²² Megan tinha entrevistado Linda Fairstein, promotora renomada por sua atuação em processos envolvendo crimes sexuais. Megan procurou Fairstein mais uma vez, esperando que ela pudesse ter informações valiosas sobre a divisão de crimes sexuais onde trabalhara, aquela que havia decidido não denunciar Weinstein. Mas, assim que Fairstein soube o motivo do telefonema, seu tom se tornou frio. As alegações de Ambra Battilana Gutierrez eram infundadas, insistiu a promotora. Nenhum crime tinha sido cometido. E não havia nada de irregular na maneira como o caso fora conduzido. “Acho que não tem nenhum caminho para você seguir”, ela disse para Megan.

No meio de julho, as repórteres se encontraram em pessoa com Rose McGowan pela primeira vez — durante um jantar no apartamento de Jodi, para que elas pudessem ter privacidade. McGowan estava tudo menos relaxada. Ela olhava depressa de um lado para outro. Não estava interessada em falar de amenidades. Resolutamente, respondeu pergunta após pergunta, em especial sobre o que tinha acontecido após sua reunião com Weinstein no quarto de hotel e sobre quem mais poderia se lembrar do fato ou fornecer provas. Jodi e Megan pediram a McGowan que tentasse obter uma cópia do acordo de indenização, explicando que um dos escritórios de advocacia deveria ter guardado uma.

Após a entrevista com McGowan, as repórteres fizeram uma pergunta que ela estava deixando particularmente confusas para Matt Purdy, um dos principais editores do jornal, que havia supervisionado a matéria sobre Bill

O'Reilly, montado a equipe que apurava questões mais gerais relacionadas a assédio sexual e observado de perto a investigação. Além de McGowan, algumas fontes secundárias tinham alegado que Weinstein cometera crimes repetidas vezes: agressão, estupro. As repórteres deviam se concentrar em descobrir se essas denúncias eram verdade, priorizando as violações potenciais mais sérias? Não necessariamente, disse Purdy. Concentrem-se primeiro naquilo que vocês podem provar, mesmo que sejam crimes menos graves. Arrumem fontes identificadas para falar sobre as acusações de assédio sexual, documentos e, principalmente, as indenizações pagas às vítimas. Ninguém nunca tinha conseguido provar nada sobre Weinstein, então a coisa mais importante era não dar margem para erro. Purdy não estava ignorando a possibilidade de transgressões mais sérias; estava dizendo que, se as repórteres conseguissem publicar uma matéria com provas, todo o resto provavelmente apareceria.

No sábado, 15 de julho, Jodi pegou o celular e viu um monte de mensagens de texto apavoradas e ligações não atendidas de Paltrow. Harvey Weinstein estava na sala de estar da casa dela nos Hamptons. Paltrow estava escondida dele no banheiro do segundo andar.

A surpresa era o timing, não a presença dele. Paltrow tivera notícias de Weinstein uma ou duas semanas antes. Ele tinha ficado sabendo de uma festa que ela ia dar para possíveis investidores de um musical que ia financiar e pedir para ser convidado. Paltrow sentiu que Weinstein claramente estava mandando uma mensagem — eu estou de olho em você. Ela perguntou a Jodi o que devia fazer.

A repórter não queria se meter, mas as duas consideraram as opções. Paltrow podia pedir que Weinstein não fosse à festa, mas aquilo poderia indicar que estava conversando com jornalistas. Talvez fosse melhor incluí-lo. Por outro lado, e se ele a confrontasse e exigisse saber se ela estava em contato com o *New York Times*?

Paltrow decidiu que era melhor convidar Weinstein e esperar que se perdesse na multidão. Mas ele tinha aparecido mais cedo, provavelmente na tentativa de conversar com ela a sós, o que a deixara confusa. Jodi também estava ansiosa, o que só piorou ao ver a quantidade de mensagens que Paltrow tinha lhe mandado.

A quilômetros de distância, Jodi torceu para que Paltrow mantivesse a calma. Depois da festa, Paltrow ligou: não havia ocorrido nenhum incidente. Ela tinha passado o tempo todo do lado de seu assistente. Paltrow parecia bem resolvida — talvez até um pouco fascinada — com o que estava acontecendo.

Na primeira sexta-feira de agosto, Jodi e Megan encontraram Paltrow pela primeira vez na casa dela nos Hamptons. Esperavam encorajá-la a concordar em ser citada na matéria. Num deque nos fundos da casa, rodeadas por balanços de madeira e sebes verdejantes, a entrevista começou. Pessoalmente, Paltrow era simples e engraçada. Demonstrando empatia, ela fez perguntas a Megan sobre sua nova condição de mãe antes de contar mais uma vez sua história sobre Weinstein; e assentiu, resoluta, quando Megan insistiu com cautela em saber mais detalhes e lhe disse que elas iam tentar entrar em contato com Brad Pitt para confirmar seu relato. Era o procedimento-padrão, Megan explicou à estrela: para corroborar os relatos das supostas vítimas, tinham que procurar as pessoas para quem haviam contado as histórias na época, verificando se elas se lembravam da mesma coisa.

Pedir que Paltrow permitisse que a identificassem como fonte era delicado. Ela ainda estava lidando com o furor por causa do ovo de jade. Jodi e Megan entendiam as críticas, mas não queriam que impedissem Paltrow de participar do que poderia ser uma matéria bastante significativa. Além disso, apesar de seus esforços, Paltrow não tinha conseguido convencer outras atrizes a falar sobre seus problemas com Weinstein. Uma recusou porque era amiga da mulher do produtor. Outras não retornaram.

No meio da entrevista, Paltrow atendeu a um telefonema de uma amiga famosa, foi para o gramado perguntar se ela já tinha sido vítima de Weinstein e então voltou explicando que a mulher afirmara que nada tinha acontecido com ela. Paltrow resumiu o que estava pensando: queria ser citada, mas não que a matéria fosse sobre ela. Quanto mais mulheres falassem no artigo, melhor. “Preciso ter certeza de que não vou, de jeito nenhum, ser o foco.”

Jodi e Megan estavam animadas no carro, voltando dos Hamptons. Paltrow não tinha dito que sim, mas elas haviam criado um elo pessoalmente. Então as repórteres se deram conta de que talvez conseguissem falar com uma pessoa que não havia retornado seus contatos: uma ex-executiva da Miramax

que morava ali perto. Fizeram um desvio e estacionaram na frente da casa de veraneio da mulher. Ela atendeu a porta e as cumprimentou com um sorriso. Mas, assim que entendeu por que estavam ali, bateu a porta na cara das duas, deixando-as sozinhas na varanda da frente.

Rebecca Corbett quis saber imediatamente todos os detalhes sobre a ida até os Hamptons. Como editora, ela mergulhava por completo nas matérias, fazendo-as avançar e vendo através dos olhos de seus repórteres ao mesmo tempo que mantinha uma visão crítica. Weinstein, que gostava de se gabar de sua intimidade com os poderosos da mídia,²³ provavelmente nunca tinha ouvido falar de Corbett. Ela tinha sessenta e poucos anos de idade, era cética, escrupulosa e alérgica a ostentação ou exagero; era uma das chefes do departamento de investigações do *New York Times*, mas tão discreta que mal aparecia em pesquisas do Google. Sua ambição era jornalística, não pessoal.

Mas Corbett era reverenciada entre os jornalistas por causa de uma característica que tinha em comum com Weinstein: ela havia exercido uma extraordinária influência apoiando o trabalho de outras pessoas. No *Baltimore Sun*, fora mentora de um repórter de 22 anos chamado David Simon, insistira com ele para parar de escrever matérias curtas sobre incêndios em moradias populares e assassinatos para investigar matérias mais complexas sobre a sociologia do crime e de classe, e foi sua editora até ele deixar o jornal para criar programas de televisão como *The Wire* (na última temporada, o personagem do editor de um jornal, um dos poucos heróis do programa, foi em parte baseado em Corbett,²⁴ apesar de ser homem). Alguns anos após o Onze de Setembro de 2001, quando dois repórteres do *New York Times* descobriram que a Agência Nacional de Segurança estava secretamente espionando cidadãos americanos sem mandados,²⁵ Corbett mantivera a investigação viva apesar das discussões internas e da pressão por parte da Casa Branca para que a matéria não fosse publicada, produzindo um dos maiores furos da era Bush.

Assim como Jodi e Megan, Corbett tinha ganhado sua experiência profissional em redações onde os homens eram maioria, criando uma filha em meio a maratonas de trabalho. Quando ela foi promovida, em 2013, o alto escalão do *New York Times* se tornou 50% feminino pela primeira vez, marco que passou praticamente despercebido. Mais tarde, as pessoas diziam que duas mulheres haviam feito a reportagem sobre Harvey Weinstein, mas, na verdade, foram três.

Quando Corbett começou a acompanhar o número crescente de histórias passadas em quartos de hotel, teve uma preocupação principal. “Qual é sua estratégia para convencer essas mulheres a ser citadas na matéria?”, perguntava a cada dois ou três dias. Jodi e Megan tinham uma resposta mais ou menos definida: se encontrarmos um número suficiente delas, podemos pedir que todas venham a público ao mesmo tempo, pois assim vão se sentir mais seguras.

Aquela abordagem era arriscada demais para Corbett. As fontes estavam bastante relutantes, por motivos compreensíveis. Havia uma injustiça inerente naquele tipo de apuração: por que era responsabilidade delas vir a público para revelar essas histórias constrangedoras se nunca tinham feito nada de errado? Corbett temia que Jodi e Megan fossem acabar com uma montanha chocante de histórias relatadas confidencialmente, mas sem poder escrever o artigo. Mesmo se as repórteres conseguissem persuadir uma ou duas mulheres, aquilo podia levar à velha questão “palavra dele contra a dela”.

As jornalistas estavam se dando conta de que a matéria sobre Weinstein teria de apresentar provas: idealmente, com relatos com fontes identificadas, mas também com a força acachapante de documentos legais e financeiros.

3. Como silenciar uma vítima

No meio de julho, com Jodi focada em Hollywood, Megan se voltou para uma pergunta investigativa básica: existiria algum registro público do comportamento abusivo de Weinstein?

Afinal, havia leis para proteger vítimas de assédio sexual e, ao menos em teoria, agências governamentais para impô-las. Se Weinstein fosse um assediador em série, algumas de suas vítimas talvez tivessem registrado queixa na Comissão para Oportunidades Iguais de Emprego (EEOC, em inglês), na esfera federal, ou nas agências estaduais correspondentes em Nova York e Los Angeles,¹ cidades onde Weinstein tivera empresas.

Não havia nada na agência federal nem na de Nova York. Mas Grace Ashford, uma jovem e sagaz pesquisadora que só estava no *New York Times* havia um mês, conseguiu um relatório do Departamento para Moradias e Empregos Justos da Califórnia que continha diversas queixas relacionadas ao ambiente de trabalho da Miramax.² As informações estavam cobertas pelo manto da linguagem ultraobscura da burocracia de Estado: endereços, datas e códigos numéricos denotando a natureza da alegação e como foi resolvida, mas nada sobre quem eram as pessoas ou o que havia acontecido com elas.

No dia 12 de setembro de 2001, a agência tinha recebido uma queixa de assédio sexual contra a Miramax. Estranhamente, o inquérito fora encerrado no mesmo dia.

O relatório dizia “queixosa escolheu ir à Justiça”, o que normalmente significava que a agência tinha aceitado os méritos da queixa e indicado que ela devia ser levada ao sistema de direito civil. Mas não havia nada além daquilo e não havia nada no registro de processos da Califórnia. Como era

possível que uma queixa registrada no governo desaparecesse em questão de horas?

Megan ligou diversas vezes para a agência para perguntar, mas era como ligar para uma casa vazia. Quando ela finalmente conseguiu uma resposta por e-mail, o funcionário disse que a queixa contra a Miramax e quaisquer outros registros relacionados a ela tinham sido destruídos devido a uma regra da agência que proibia a retenção de documentos após três anos. Outra regra proibia que o funcionário fornecesse o nome da pessoa que tinha registrado a queixa.

Era enlouquecedor. Depois de insistir mais um pouco, Megan obteve o nome da investigadora pública que tinha ficado a cargo do caso na época em que ele fora aberto. A mulher estava aposentada. Ninguém na agência sabia onde ela morava. Através das redes sociais e de sites de busca de endereços, Megan descobriu que a investigadora morava a leste de Los Angeles e finalmente conseguiu falar com ela por telefone.

A entrevista foi curta. A investigadora aposentada tinha cuidado de centenas de queixas durante seu período na agência da Califórnia e não se lembrava daquela.

“O que é Miramax?”, perguntou ela.

Na tarde do dia 14 de julho,³ a equipe do *New York Times* que tinha sido formada para trabalhar em matérias sobre assédio depois do furo sobre Bill O'Reilly — incluindo Rebecca Corbett, Matt Purdy, Emily Steel e outros — entrou em fila na sala de conferências Page One para fazer um relatório de metas. A sala não tinha nenhum enfeite, fotos de presidentes nem de acontecimentos históricos. Mas, duas vezes por dia, os principais editores se reuniam ali para discutir que matérias ganhariam destaque nas edições impressa e digital do jornal. Repórteres quase nunca participavam daquelas reuniões, então o fato de Megan e Jodi estarem lá fazia com que parecesse muito importante.

As novas matérias sobre assédio eram promissoras. Duas semanas antes, Katie Benner, que cobria o Vale do Silício, tinha publicado uma denúncia detalhada de assédio na indústria da tecnologia,⁴ sobre empreendedoras que tentaram obter investimentos de capitalistas de risco e foram sujeitadas a mensagens de texto inapropriadas, apalpadelas e cantadas (“Fiquei confuso,

sem entender se devia te contratar ou dar em cima de você”). Durante muito tempo, a maioria das mulheres daquela indústria dominada por homens tinha ficado em silêncio sobre o problema, acreditando que essa discussão era arriscada ou mesmo tabu.

Agora, cada vez mais elas faziam denúncias juntas. No começo do ano, a Uber tinha sido virada de cabeça para baixo quando Susan Fowler, uma engenheira que trabalhava para a empresa, escreveu um post num blog descrevendo o assédio e a retaliação que havia vivenciado lá.⁵ No artigo de Benner, mais de duas dúzias de mulheres tinham feito denúncias. Muitas haviam concordado em ser citadas ou mencionado investidores específicos. Nas fotos que tinham sido publicadas com a matéria, as mulheres pareciam tranquilas e fortes — eram pessoas inovadoras que fundavam empresas e esperavam um tratamento justo.

A matéria teve impacto. Um dos homens e uma das empresas pediram desculpas.⁶ As mulheres foram elogiadas por colegas e leitores por compartilharem suas experiências. A caixa de entrada de Benner ficou transbordando de novos relatos e sugestões.

Aquilo significava que o sucesso da matéria sobre Bill O'Reilly não era mais algo único. Megan e Jodi tinham enviado o artigo de Benner e as reações de apoio por mensagem a suas fontes do caso Weinstein, como que para dizer: sim, é complicado, mas nossa equipe sabe como fazer isso.

A reunião começou com atualizações rápidas: Jodi e Megan estavam fazendo um progresso lento porém real no caso Weinstein. Emily Steel estava ouvindo relatos alarmantes de abusos na revista *Vice*.⁷ Catrin Einhorn estava imersa em conversas com funcionárias de restaurantes, lojas, hotéis e construtoras.⁸ Susan Chira estava focada em ambientes de trabalho manual que costumavam ser exclusivamente masculinos, como estaleiros e minas de carvão.⁹

Em cada indústria, o assédio tinha sua sociologia particular. Nos restaurantes, o álcool era onipresente no ambiente de trabalho, acabando com o bom senso e com as inibições, e os gerentes em geral detestavam confrontar clientes que tinham saído da linha. O Vale do Silício era repleto de homens jovens que tinham ficado ricos da noite para o dia e sentiam que não precisavam prestar contas a ninguém. Em estaleiros, canteiros de obras e outros ambientes de trabalho tradicionalmente ocupados por homens, eles às vezes tentavam expulsar as mulheres expondo-as a perigos físicos. Chira

tinha ouvido falar de uma mulher que havia sido largada no fundo de uma mina sem nenhum aparelho de comunicação e de outra que tinha sido abandonada no topo de uma turbina eólica.

As jornalistas haviam começado aquele projeto com um conhecimento básico sobre assédio sexual. Desde a década de 1960, diversas leis tinham sido criadas para proteger pessoas de investidas indesejadas no ambiente de trabalho. Assédio sexual não era crime, a não ser que envolvesse estupro ou agressão, mas era uma violação das leis federais de direitos civis. Todos na sala sabiam das histórias sobre Clarence Thomas e Bill Clinton. Mas naquela ocasião, quando as repórteres juntaram tudo o que estavam descobrindo em diversas indústrias, compreenderam algo mais profundo: algumas das armas pensadas para lutar contra o assédio sexual permitiam que ele continuasse acontecendo.

Emily Steel percebeu o primeiro sinal daquilo durante seu trabalho sobre a Fox e Bill O'Reilly. Sabia-se que muitos casos de assédio sexual eram resolvidos com acordos extrajudiciais, e Steel e Michael S. Schmidt já tinham revelado que os acordos feitos por O'Reilly e pela Fox incluíam indenizações, mas impunham cláusulas de confidencialidade — basicamente pagando pelo silêncio das vítimas. Mas os termos específicos dos acordos exigiam mais investigação.

Pelo que Steel estava descobrindo, os termos dos acordos faziam com que eles não parecessem transações legais legítimas, mas maneiras de encobrir a verdade. Eles incluíam diversas cláusulas restritivas. As mulheres tinham sido obrigadas a entregar todas as evidências que possuíam — gravações de áudio, diários, e-mails, backups, qualquer vestígio de prova — para O'Reilly e seus advogados. Elas e em um dos casos seus advogados tinham sido proibidos de ajudar qualquer outra mulher que pudesse ter queixas similares contra o apresentador. Se fossem convocadas a depor, as mulheres precisavam avisar O'Reilly e sua equipe, que poderiam contestar a citação.¹⁰

O advogado de uma das mulheres concordou em trocar de lado, para “prestar auxílio jurídico a O'Reilly sobre questões envolvendo assédio sexual”, de acordo com a cláusula do acordo. Outra das supostas vítimas prometeu nunca fazer afirmações desrespeitosas sobre O'Reilly ou a Fox News, “por escrito ou orais, diretas ou indiretas”, e nunca responder a jornalistas que entrassem em contato com ela querendo falar do assunto. Como parte do acordo, ela confirmou que não tinha registrado queixa em

nenhuma das agências governamentais responsáveis por combater o assédio sexual, incluindo a EEOC.

Em troca, uma suposta vítima recebeu 9 milhões de dólares e outra, 3,25 milhões. Se violassem qualquer uma daquelas cláusulas, poderiam perder o dinheiro. O que quer que O'Reilly tivesse ou não feito com as mulheres era, assim, jogado num poço fundo, para jamais ser recuperado. Dinheiro por silêncio — esse era o combinado.

Naquele verão, conforme Steel continuava a investigar O'Reilly, ela passou a se fazer perguntas mais amplas: seriam as cláusulas legais? Poderia haver mulheres no país inteiro assinando documentos como aqueles todos os dias, muitas vezes sem que ninguém soubesse? Estariam os advogados especialistas em assédio sexual realmente enfrentando o problema ou apenas fazendo uma pilha de acordos só para ganhar dinheiro?

Steel sugerira aos editores que o jornal investigasse aquelas questões, então Corbett passara a tarefa para Jodi. Quando não estava tentando entrar em contato com estrelas de cinema, a repórter ligava para advogados e juristas do país todo, desde advogados trabalhistas com escritórios em cidades pequenas até acadêmicos renomados. Desse modo ela contou o que tinha descoberto.

Cláusulas como aquelas que Steel havia descrito não eram aberrações, disseram os advogados. Tratava-se de uma prática-padrão para lidar com o assédio sexual. Muitas vezes, era a única maneira usada para lidar com o assunto.

As mulheres tinham bons motivos para assinar os acordos, enfatizaram os advogados. Elas precisavam do dinheiro, queriam privacidade, não viam nenhuma opção melhor ou apenas queriam deixar aquilo para trás. Podiam evitar o estigma de dedo-duro, mentirosa, mulher fácil ou pessoa que vivia processando todo mundo. Aquela era uma forma de receber uma indenização e tocar a vida. A alternativa — levar aquele tipo de processo para um tribunal — era dolorosa. As leis federais de combate ao assédio sexual eram fracas, deixando de fora muitas pessoas — freelancers e quem trabalhava em empresas com menos de quinze funcionários, por exemplo. A prescrição do prazo para registrar queixa na esfera federal podia ser de apenas 180 dias, e a indenização garantida era de no máximo 300 mil dólares — não necessariamente suficiente para cobrir o que se deixara de ganhar ou contratar um bom advogado. Não era de espantar que muitas vítimas vissem os acordos extrajudiciais como mais seguros.

Aqueles acordos funcionavam para os advogados também, principalmente no aspecto financeiro. Eles em geral recebiam sobre o valor da causa, apenas se o cliente recebesse, e ficavam com pelo menos um terço como honorários. Perder no tribunal significaria não ganhar nada. Assim, as indenizações por assédio sexual haviam se transformado numa pequena indústria. Alguns advogados combatiam as exigências mais punitivas, mas outros as endossavam ou capitulavam para ganhar recompensas maiores.

A própria EEOC, a agência do governo que deveria fazer valer as leis contra assédio sexual, muitas vezes fazia acordos confidenciais.¹¹ A instituição detinha muitos poderes e seu decreto de fundação exigia que fizesse acordos extrajudiciais sempre que possível, em geral revelando pouco deles. “Internamente, sabemos quais são as empresas com mais queixas”, disse Chai Feldblum, que na época era presidente da EEOC, para Jodi. Mas a agência era proibida de divulgar aquela informação. Antes de aceitar um emprego, uma mulher não podia verificar na EEOC qual era o histórico de assédio de seu futuro empregador. Não era à toa que Megan não tinha conseguido encontrar nada sobre as queixas antigas contra a Miramax registradas na agência da Califórnia. Aqueles órgãos obtinham informações cruciais com dinheiro público e quase sempre precisavam trancá-las num lugar ao qual pouca gente tinha acesso.

Jodi foi direto ao ponto: os Estados Unidos tinham um sistema para silenciar queixas de assédio sexual que muitas vezes ajudava os assediadores a continuar com suas práticas em vez de impedi-los. Era comum que as mulheres assinassem um documento que tirava delas o direito de falar sobre suas próprias experiências. Os assediadores com frequência seguiam em frente, encontrando novos terrenos onde cometer os mesmos atos. As indenizações e os acordos de confidencialidade quase nunca eram examinados nas salas de aula das faculdades de direito ou no tribunal. Era por esse motivo que o público nunca entendia realmente o que estava acontecendo. Mesmo as pessoas naquela sala com um longo histórico de cobrar questões de gênero jamais haviam registrado por completo a situação.

Ao sair da reunião, Jodi e Megan se deram conta do quanto precisava ser investigado. Estaria o público interessado naqueles instrumentos jurídicos obscuros e em suas ramificações? Havia motivos para otimismo: depois que sua matéria tinha sido publicada, Benner fora procurada por ativistas e

legisladores da Califórnia querendo mudar as regras do estado quanto à legalidade de indenizações secretas por assédio sexual.

Mas se Harvey Weinstein tivesse feito outros acordos além daquele com Rose McGowan, e se aquelas alegações tivessem sido mantidas em segredo por advogados, seria possível encontrar aquelas mulheres?

Em 2005, os irmãos Weinstein venderam a Miramax, sua primeira produtora de cinema.¹² Mas muitos de seus ex-funcionários mantiveram contato, sentindo-se próximos por terem compartilhado momentos terríveis e maravilhosos, às vezes quase simultaneamente. Para grande parte deles, trabalhar na produtora tinha sido uma escola, uma provação, um privilégio e um trauma. Eles podiam influenciar o gosto cinematográfico do mundo inteiro, negociar um acordo num iate em Cannes e perder cada resquício da sua dignidade diante da fúria do chefe, tudo no mesmo dia. Quando ex-funcionários da Miramax faziam reuniões informais em Nova York e Los Angeles, referiam-se de brincadeira aos encontros como “Miranon”, como se estivessem em recuperação permanente juntos.

Todos os dias naquele mês de julho, Megan e Jodi falaram com o circuito Miranon, com um membro passando o contato de outro. Os ex-funcionários que supostamente sabiam de mais coisas não retornavam as ligações; muitas das pessoas que, pelo que se dizia, haviam ajudado nos abusos de Weinstein não tinham nenhum interesse em ter sua cumplicidade com as infrações exposta. As repórteres pediram informações a outros ex-funcionários: ao longo dos anos, alguém tinha ouvido falar alguma coisa sobre mulheres aceitando indenizações?

No último fim de semana de julho, duas semanas após a reunião com a equipe inteira na sala de conferências Page One, Megan pegou o carro, saiu de Nova York rumo ao norte e rodou pelas ruas tortuosas de um subúrbio arborizado. Estava indo investigar o mistério de uma assistente que tinha trabalhado na Miramax logo após a fundação da produtora e pedido demissão abruptamente.

Megan sabia seu nome. Ao começar na Miramax, ela havia impressionado outras pessoas com sua inteligência e seriedade e fora promovida depressa. Mas então, em 1990, ela desaparecera, deixando para trás apenas um par de tênis de corrida embaixo da sua mesa. Em entrevistas por telefone, diversos

ex-funcionários da Miramax tinham se lembrado de ouvir que Weinstein fizera algo com ela. Mas ninguém sabia os detalhes.

A pista mais importante foi dada por Kathy DeClesis, que era assistente de Bob Weinstein na época. Ela disse que um advogado do pai da mulher mandara uma carta para o escritório pouco depois que ela desapareceu. DeClesis não se recordava das palavras exatas, mas tinha a impressão de que a carta era uma ameaça de processo. A lembrança era mais do que Megan e Jodi haviam obtido de qualquer outra pessoa. Do que aquela jovem se queixara, como a questão havia sido resolvida e o que acontecera com ela?

A ex-assistente não tinha deixado muitos rastros na internet indicando quem era ou onde vinha morando nos últimos 27 anos. Ela não estava no LinkedIn. Não estava no Facebook. Mas Ashford, a pesquisadora do *New York Times*, acabou encontrando-a num cantinho escondido da internet, numa lista de funcionários públicos de outra cidade. A foto não mostrava uma pessoa que parecia associada a Hollywood ou a celebridades. Só uma mulher normal de quarenta e tantos anos com o cabelo cortado na altura dos ombros e rosto sem maquiagem.

Entrar em contato com a ex-assistente foi ainda mais difícil do que identificá-la. Megan deixou diversos recados na recepção do trabalho da mulher, explicando que era uma repórter do *New York Times* que queria falar com ela, mas não teve nenhum retorno. Falar com os recepcionistas era difícil, pois Megan queria evitar que os colegas de trabalho da mulher soubessem que suas perguntas eram sigilosas. A repórter chegou a considerar pegar um avião até a cidade onde a mulher morava, mas não quis assustá-la.

Ela também tinha obtido um endereço próximo — o da mãe dela, naquele subúrbio de Nova York. Megan decidiu ir de carro até lá explicar em pessoa por que queria conversar sobre a experiência da ex-assistente. Se a mãe não estivesse em casa, Megan ia deixar uma carta escrita à mão com a explicação na porta. Ela chegou ao endereço e encontrou uma casa moderna e imponente.

Havia mais de uma década, Megan vinha batendo em portas sem ter sido convidada como parte de seu trabalho de apuração, mas aquilo nunca tinha ficado mais fácil, embora muitas vezes fosse necessário para convencer fontes relutantes a falar. Ao longo dos anos, diversas pessoas haviam concordado em receber Megan, persuadidas pela iniciativa que demonstrara em descobrir seu paradeiro. Mas ela também encontrara pessoas que tinham

se sentido violadas por sua mera presença. Ao bater na porta de madeira larga, Megan não pôde deixar de sentir que estava se intrometendo na vida particular de alguém.

A pessoa que apareceu na entrada não foi a mãe, mas a mulher da foto no site. Megan estava cara a cara com a ex-assistente.

Havia uma menina de pé ao lado da mulher, espiando pela fresta da porta. Megan se apresentou como repórter do *New York Times*, e um lampejo de compreensão — ou talvez medo — surgiu no rosto da mulher. “Não acredito que você me encontrou”, disse a ex-assistente. Ela e as filhas estavam em Nova York passando as férias de verão, explicou. Megan tinha chegado no meio de uma visita de amigos da família. Sem querer falar demais na frente das outras pessoas que estavam na casa, Megan perguntou se a mulher estaria disposta a conversar na escada da frente durante alguns minutos. Ela concordou.

As duas se sentaram uma ao lado da outra, e Megan explicou que ela e Jodi estavam trabalhando duro numa investigação sobre Harvey Weinstein. Durante a apuração, tinham descoberto o que parecia ser um padrão de comportamento predatório. Havia motivo para acreditar que Weinstein poderia ter feito mal a ela na época em que trabalharam juntos na Miramax. Megan não teria feito um esforço tão grande para encontrá-la se não fosse importante.

Enquanto a repórter falava, os cantos da boca da mulher se ergueram só um pouquinho. Não era um sorriso, mas um vestígio de compreensão. “Estou esperando alguém como você bater na minha porta há 27 anos”, ela disse. “Tudo o que eu posso dizer é que tive um desentendimento profissional com a Miramax, ele foi resolvido de forma amigável e concordamos em não discuti-lo.”

Megan parou de falar, refletindo sobre aquelas frases. Tecnicamente, a mulher não estava dizendo nada. Mas havia significado no que ela não explicava, como se dissesse algo nas entrelinhas. A mulher parecia estar falando: *Algo de ruim de fato aconteceu comigo anos atrás, mas preciso usar esse discurso cuidadosamente elaborado com você.*

Era exatamente daquele jeito que uma mulher que tinha assinado um acordo ia responder. Existem momentos no jornalismo nos quais a coisa certa a fazer é dar as costas e ir embora, deixando a fonte em paz. Mas aquele não era um deles. Megan estava decidida a fazer a mulher continuar a falar,

mesmo que fosse sobre coisas não relacionadas. Quantos anos tinham as filhas dela? A própria Megan tinha uma filha de quatro meses apenas. A mulher tinha mais ou menos a mesma idade que Megan, e havia muitas semelhanças entre as duas. A conversa foi fácil.

Depois de meia hora de bate-papo, Megan jogou sua ideia. Ela pediu que a ex-assistente considerasse contribuir com a investigação do *New York Times*. Megan entendia quão arriscado era violar um acordo extrajudicial, mas ela disse que havia maneiras de divulgar os termos do acordo sem deixar de proteger as fontes. Seus colegas tinham feito aquilo com as indenizações pagas por Bill O'Reilly. A mulher assentiu. Não disse que não. Não disse que sim. Em vez disso, concordou em dar a Megan algo que os jornalistas sempre querem: seu número de celular.

Quando estava voltando de carro para o Brooklyn, Megan recebeu um telefonema que fez seu otimismo murchar. A mulher disse que tinha acabado de falar com seu advogado. Ele a instruíra a não conversar com o *New York Times*. Megan manteve um tom positivo, apesar do desânimo. Disse à mulher que o conselho de seu advogado era previsível, mas que ela não precisava tomar uma decisão definitiva naquele momento. Megan só pedia que elas mantivessem contato e continuassem a discutir opções. Com relutância, a mulher concordou.

Conforme Megan dirigia, suas suspeitas foram crescendo. Os boatos sobre o produtor envolviam atrizes, mas, agora, ela e Jodi estavam vislumbrando uma categoria inteiramente nova de possíveis vítimas: funcionárias da empresa de Weinstein. A mulher com quem Megan conversara — talvez o primeiro elo da investigação sobre Weinstein — não era nada famosa. E ela era jovem e vulnerável quando trabalhara na Miramax. Poderia o produtor ter abusado de mulheres de maneira mais sistêmica do que Megan ou Jodi haviam imaginado? Quantas outras tinham se tornado suas vítimas desde então, e poderiam as coisas ter sido diferentes se tivessem permitido que a ex-assistente falasse livremente?

Naquele último fim de semana de julho, Megan ainda não sabia exatamente o que tinha acontecido com a mulher 27 anos antes, mas estava desesperada para continuar a conversar com ela. Por isso, dois dias depois de tê-la encontrado, mandou uma mensagem de texto para ela:

Sei que devo ter pegado você de surpresa enquanto visitava a sua mãe. Mas, por favor, saiba que foi só porque essa matéria é muito importante. É uma oportunidade real de fazer a diferença. Espero que a gente possa manter contato e que eu possa deixar você informada das novidades. Imagino que deva ter conversado mais sobre esse assunto, com sua família e talvez com outras pessoas. Parece que a conversa mais importante é aquela que se tem consigo mesma.

Megan também enviou um link para o artigo do *New York Times* sobre o histórico de indenizações pagas por Bill O'Reilly. Enquanto digitava, ela desconfiava de que nunca mais teria notícias daquela mulher.

Algumas noites depois, Megan pegou o carro de novo, mas para ir à casa de John Schmidt,¹³ um ex-executivo da Miramax que fora chefe do setor financeiro da empresa em 1990, o ano em que a jovem assistente havia desaparecido. Megan imaginou que Schmidt, que ainda trabalhava na indústria cinematográfica, saberia de qualquer acordo que a mulher tivesse assinado, mas ele vinha se recusando a atender seus telefonemas. Por isso, ela foi espionar sua casa em Riverdale, um bairro verdejante do Bronx, e teve de ficar se abaixando toda vez que uma patrulha da segurança privada passava, esperando que as luzes da sala de estar fossem acesas e indicassem que tinha alguém lá dentro. Logo, estava cara a cara com Schmidt, pedindo desculpas por aparecer sem avisar na hora do jantar e sentindo-se constrangida porque a esposa dele estava presente, ouvindo tudo.

Aqueles acordos eram insidiosos, faziam com que as vítimas sentissem que não podiam falar, podiam causar prejuízos financeiros consideráveis a elas caso se manifestassem, Megan explicou a Schmidt. Outras pessoas que soubessem das indenizações estariam numa posição única de poder prestar uma ajuda crucial. Megan não estava pedindo que Schmidt concordasse em ser uma fonte identificada na matéria. Só queria saber qual era sua perspectiva sobre o que talvez tivesse acontecido tantos anos antes.

Mas Schmidt não estava preparado para conversar com Megan, pelo menos não naquele momento. Ele disse que precisava pensar no assunto e a levou até a porta. A repórter entendia que as pessoas podiam precisar de tempo para decidir, mas aquilo era frustrante. Alguns dos ex-funcionários de Weinstein pareciam conscientes do problema, mas se recusavam a falar.

Numa noite de sexta-feira daquele mesmo mês de julho,¹⁴ Jodi falou por telefone com um executivo de Hollywood chamado Matt Brodlie, que tinha trabalhado na Miramax muitos anos antes. Ele a ouviu com extraordinária atenção, e ela teve a impressão de que estava sendo avaliada. Pouco tempo depois, Brodlie retornou a ligação de Jodi para lhe passar um nome e um número de telefone. Disse que tinha uma amiga próxima da Miramax que vinha guardando um segredo havia anos. A mulher estava ao mesmo tempo receosa e louca para falar. Seu nome era Amy Israel, e ela era uma executiva respeitada da indústria do entretenimento.

“Quero ter uma carreira longa, não quero ficar marcada por isso”, disse Israel assim que atendeu o telefone. “Não quero ser citada e ponto-final, acabou.” Mas uma lembrança a perturbava havia quase vinte anos, e ela queria compartilhá-la.

No outono de 1998, Israel fora ao Festival de Cinema de Veneza com Weinstein, à procura de novos filmes para comprar. Durante uma reunião na suíte de hotel do produtor, ela viu que algo parecia visivelmente errado com duas assistentes, Zelda Perkins, que trabalhava havia tempos no escritório da produtora em Londres, e Rowena Chiu, que fora contratada mais recentemente.

“As duas estavam sentadas ali, tremendo”, lembrou Israel. “Literalmente tremendo de medo.” Weinstein parecia normal, falava de filmes, como sempre. Algo que envolvia aquelas duas mulheres tinha acabado de acontecer, intuiu Israel. Weinstein se mantinha impassível.

Israel sabia das transgressões de Weinstein por experiência própria. Segundo ela, ele a elogiara, dera-lhe responsabilidades significativas quando ainda era jovem e depois a assediara. Em determinado ano, no Festival de Cinema de Toronto, quando Israel chegara ao hotel de Weinstein para buscá-lo para uma estreia de gala, um assistente pediu que ela subisse até o quarto do produtor. Israel concordara, achando que o homem estaria no quarto também. Mas ela encontrou Weinstein seminua, usando uma toalha mínima e pedindo por uma massagem. Israel, sem pensar direito, falou que precisava ligar para a mãe e fingiu fazê-lo ali mesmo, segundo ela.

Um ou dois anos depois, quando já era chefe de seu departamento, ela estava passando um filme para Weinstein em Nova York quando ele, do nada, perguntou: “Por que você não tira a blusa e dá umas cambalhotas?”.

“Vai se foder, seu gordo escroto”, retrucou Israel, e ele voltou a seu jogo

da velha. (Weinstein negou isso.)

Mas, tantos anos depois, ela temia que o que quer que tenha acontecido em Veneza fosse pior. Só sabia de parte das consequências. Zelda Perkins tinha deixado a empresa e assinado uma espécie de contrato que a impedia de falar sobre o ocorrido — um acordo com indenização, pensou Jodi. Israel também recomendou que ela telefonasse para outra ex-funcionária do escritório de Londres, uma mulher chamada Laura Madden. Ela também podia ter algo a dizer.

Israel também levantava uma pergunta mais abrangente: o que todos eles, toda a turma que costumava trabalhar na Miramax, tinham tolerado? Era aquilo que ela realmente queria saber, por isso estava falando ao telefone com uma repórter. Na época, Israel tinha tomado algumas providências para proteger suas colegas, como proibir que subordinadas ficassem a sós com Weinstein. Parecera-lhe impossível fazer mais — ela só desconfiava do que tinha acontecido em Veneza, e havia poucas opções realistas para quem queria fazer uma queixa. Quando Israel relatara sua própria história com Weinstein num quarto de hotel a um de seus supervisores, ele lhe dissera que outra colega tinha sido vítima daquele tipo de coisa, mas nada fora feito.

Ela e os colegas se concentraram no trabalho. “Ele contou com minha vergonha para me manter em silêncio”, disse Israel. Desde que as notícias sobre os crimes de Bill Cosby tinham sido divulgadas, ela vinha esperando que alguém mencionasse Weinstein, torcendo para que aquela história aparecesse também.

“Por que não estamos denunciando?”, disse Israel no telefone. “Por que as pessoas ainda não estão dizendo nada vinte anos depois?”

Três semanas depois, na quarta-feira, dia 2 de agosto, Jodi estava em Londres, sentada diante de Zelda Perkins numa mesa de um restaurante em South Kensington, ouvindo seu relato do que tinha acontecido em 1998.¹⁵

Perkins tinha o jeito descomplicado de uma boa produtora. Produzia sobretudo para os palcos e trabalhava fazia tempo para um dos principais produtores de teatro e televisão da cidade em peças de prestígio e, ocasionalmente, séries de TV como *The Crown*. Perkins passava parte de seu tempo numa casa de campo, onde cuidava de um rebanho de ovelhas, e ia a Londres com frequência trabalhar. Como era legalmente proibida de falar

sobre o assunto, apenas um número pequeno de pessoas conhecia a história completa de sua carreira.

Aquela reunião era o maior passo que Perkins já dera com qualquer um dos jornalistas que a haviam procurado ao longo dos anos para falar sobre os boatos envolvendo Weinstein (todos os outros tinham sido homens, ela disse, num tom significativo). Em voz baixa, Perkins mergulhou na história que tinha começado a contar pelo telefone quando Jodi entrara em contato com ela.

Em 1995, Perkins começou a trabalhar para Weinstein quando ele estava próximo do auge do seu poder. Ela só tinha 22 anos e conseguira o emprego após conhecê-lo por acaso. “Eu não sabia quem ele era e não tinha grandes ambições de trabalhar na indústria do cinema”, ela disse. “Não era sofisticada o bastante para entender que tinha um cargo incrivelmente exclusivo.”

Weinstein assediou Perkins desde o primeiro dia, ela disse. “Ele era patologicamente viciado em conquistar mulheres”, Perkins comentou. “Era o que o fazia levantar da cama de manhã.” Ela não falava no sentido figurado. Todas as manhãs, Perkins ou qualquer outra assistente do escritório de Londres que estivesse trabalhando no primeiro turno tinha de tirar Weinstein parcial ou totalmente nu de sua cama de hotel e ligar o chuveiro, como se ele não conseguisse girar a torneira sozinho. Às vezes, Weinstein tentava puxá-la para a cama, Perkins lembrou. Não havia ninguém com quem reclamar sobre aquele comportamento, nenhum departamento de recursos humanos no minúsculo escritório de Londres, nenhuma política ou regra, mesmo em teoria.

Perkins nunca sucumbiu às investidas de Weinstein. Ela era baixinha, mas durona, e tinha chegado ao emprego preparada. Outra colega a instruíra a sentar em poltronas, não sofás, quando estivesse na presença de Weinstein, para que ele não pudesse se aproximar com facilidade, e a usar uma parca para se proteger mesmo que estivesse com calor. “Sempre consegui dizer não”, ela disse.

Se os riscos de trabalhar para Weinstein estavam além de qualquer coisa que Perkins já tinha visto, o mesmo acontecia com as vantagens. Nas viagens para Paris e Roma, “ele saía distribuindo dinheiro, dinheiro sujo”, ela disse. “Você voltava das viagens com uma ressaca estranha de culpa e alívio por ter sobrevivido.” Segundo Perkins, cada viagem era como pular de bungee jump — excitante, mas próximo do abismo. Às vezes, Weinstein terminava as

viagens com um gesto benevolente, dizendo para Perkins: use o jato da empresa, fique com a suíte no Ritz pelo resto do fim de semana, convide seu namorado para vir para cá, divirta-se. “Todos aceitávamos os presentes”, ela disse.

Em 1998, Perkins contratou outra assistente, Rowena Chiu, uma aspirante a produtora tão criativa e cheia de iniciativa que, quando era presidente da Sociedade de Teatro da Universidade de Oxford, montara uma peça de Brecht na arena e outra de Eurípides no original grego. Perkins avisou a Chiu para tomar cuidado quando estivesse perto do produtor. Naquele mês de setembro, as duas mulheres pegaram um voo para a Itália para ir ao Festival de Cinema de Veneza e seguir a rotina-padrão de Weinstein nos festivais: pré-estreias, estadia em hotel de luxo e reuniões com colegas de Nova York, incluindo Amy Israel.

Mas, antes da reunião da qual Israel se lembrava, Chiu foi pedir ajuda a Perkins. Quando ela revelou os detalhes perturbadores do que Weinstein fizera na noite anterior, Perkins ficou com os olhos cheios de lágrimas, disse que aquilo era inadmissível e saiu atrás dele.

Mas não era possível compartilhar os detalhes do que Chiu lhe contara, disse Perkins no almoço. Era Chiu quem devia decidir se queria descrevê-los ou mantê-los em segredo.

Muito mais tarde, a própria Chiu contou a Jodi aquela parte da história.¹⁶ Na viagem de Veneza, ela estava encarregada de auxiliar Weinstein no último turno, o que a fazia ficar sozinha num quarto de hotel com ele durante longas horas à noite. Ela disse que ele fez investidas desde o começo, mas, na segunda ou terceira noite do festival, seu comportamento piorou. Os dois supostamente iam ler uma pilha de roteiros. Conforme passavam as páginas, Weinstein a elogiou, dizendo-lhe que ela era muito criteriosa e tinha jeito para o negócio.

Naquela noite, Chiu tinha colocado dois pares de meia-calça para se proteger. Mas enquanto ela tentava trabalhar ele a interrompeu com uma série de pedidos sexuais cada vez mais explícitos, incluindo massagens e um banho. Chiu tentou apaziguar a situação tirando um dos pares de meia e deixando que ele a massageasse, segundo ela. Quando as mãos de Weinstein começaram a explorar seu corpo, ela protestou, dizendo que queria voltar a

ler os roteiros e que tinha namorado. A resposta de Weinstein foi fazer promessas grandiosas para a carreira dele também.

“Eu não falei ‘não’ diretamente, não quis confrontá-lo”, ela disse. “Ele era muito maior do que eu, e enquanto estivesse sendo agradável eu queria ser também.”

Segundo Chiu, a situação continuou durante quatro horas: ela insistia em voltar ao trabalho e depois ele tornava a pressioná-la e a tocá-la, dizendo que podiam fazer sexo oral e que ele nunca tinha transado com uma chinesa antes. Weinstein tirou o segundo par de meia-calça dela. Mas quando ele pediu que ela tirasse a calcinha, Chiu se recusou.

“É exaustivo, ele tenta desgastar você aos pouquinhos”, disse ela. “Eu estava em alerta máximo. Estava com medo de ser estuprada.” Weinstein conseguiu levá-la para a cama — segurando-a, ela disse, mas não com força, como se fosse de brincadeira. Ele abriu as pernas dela e disse que bastava uma metida só e acabou. Antes que acontecesse mais alguma coisa, Chiu rolou o corpo, desvencilhrou-se e obedientemente cumpriu seu horário, saindo do quarto às duas da manhã, quando o trabalho afinal estava feito.

Mais tarde, Weinstein negou a história toda. “Não há nenhuma verdade nisso”, disse ele através de um porta-voz, “e qualquer reportagem que recontre essa narrativa vai simplesmente perpetuar uma mentira.”

Em Londres, Perkins continuou sua história: ela encontrou Weinstein num almoço de negócio no terraço do hotel. Na frente de todas as outras pessoas da mesa, exigiu que ele fosse falar com ela. Weinstein foi quase dócil, lembrou Perkins, seguindo-a corredor abaixo como se ela fosse a chefe e ele, o assistente. Quando Perkins o confrontou, Weinstein jurou pela vida da mulher e dos filhos que não tinha feito nada de errado, lembrou ela.

Perkins estava com 24 anos na época e era mais velha que a outra mulher, além de também ser funcionária dele há mais tempo. Chiu, sua assistente, fez seu relato do incidente, e Perkins sabia do histórico de infrações do chefe. As duas se uniram e pediram demissão. “Eu precisava protegê-la”, disse Perkins. “Ela não podia fazer nada sozinha; teria sido a palavra dela contra a dele. Fui o escudo dela.”

Perkins se consultou com uma pessoa mais experiente, Donna Gigliotti,¹⁷ uma produtora que mais tarde ganharia prêmios por *Shakespeare apaixonado*

e, muitos anos depois, *Estrelas além do tempo*. Ela era muito mais conhecida na indústria do que Perkins, a rara produtora com influência e experiência necessárias para fazer filmes de orçamento alto. Gigliotti insistiu que Perkins contratasse um advogado. Recomendou um de Nova York, participou da ligação telefônica que ela fez com ele e ofereceu outras maneiras de apoio discreto. Na época, Perkins ficou grata; durante nossa conversa, anos depois, questionou se Gigliotti poderia ter feito mais. Mais tarde, Gigliotti enfatizou que tentou ajudar Perkins a encontrar um advogado que a guiasse.)¹⁸

Perkins e Chiu, que cursava direito na época, contrataram um escritório de advocacia em Londres, Simons Muirhead & Burton, e presumiram que o próximo passo seria um processo criminal.

Os advogados disseram para as mulheres que não era bem assim. Elas não tinham nenhuma prova material. Não tinham chamado a polícia em Veneza. Eram duas mulheres de vinte e poucos anos enfrentando Weinstein e potencialmente a Disney, que assumira o controle da Miramax. Elas ouviram que a melhor coisa a fazer era um acordo extrajudicial — talvez com uma indenização de um ano de salário, cerca de vinte mil libras. Era o que em geral se fazia naqueles casos, disseram. Perkins e Chiu protestaram, afirmando que não queriam dinheiro: a indenização seria doada para a caridade, o que, com sorte, chamaria a atenção das pessoas. Não era daquele modo que as coisas funcionavam, disseram a elas. Os advogados de Weinstein provavelmente nem dariam início a uma negociação sem uma exigência financeira.

Indignada, Perkins pediu uma soma ainda maior e tentou redigir um acordo que de alguma maneira ajudasse a impedir aquele comportamento de Weinstein. Ela exigiu que o produtor se consultasse com um terapeuta e que ela estivesse presente na primeira sessão. A Miramax finalmente teria uma política de combate ao assédio sexual, com treinamentos e um grupo de três pessoas para avaliar queixas, uma das quais precisaria ser um advogado. Se qualquer pessoa fizesse uma acusação parecida nos dois anos seguintes, com uma indenização de pelo menos 35 mil libras ou seis meses de salário, a questão seria denunciada para a Disney ou Weinstein seria demitido.

Os advogados de Weinstein partiram para a briga. O escritório de advocacia Allen & Overy, de Londres, o representou, e um advogado da Miramax chamado Steve Hutensky, que em geral cuidava de acordos e contratos com atores, diretores e roteiristas, desapareceu do escritório de

Nova York e surgiu em Londres para trabalhar com eles. (Hutensky depois disse que aquela era a única queixa de assédio sexual contra Weinstein da qual sabia. Também afirmou que o produtor insistira que o que acontecera tinha sido consensual e que só estava fazendo o acordo para proteger seu casamento.) A sessão de negociação durou até as cinco da manhã. No final, cada uma delas receberia 125 mil libras, mas ambas tiveram de concordar com restrições extraordinárias.

Enquanto almoçava e conversava com Jodi em Londres, Perkins tinha na bolsa a prova por escrito daquelas restrições. Embora Jodi e Megan soubessem do acordo feito com Rose McGowan e suspeitassem de que a ex-assistente que Megan conhecera também tivesse assinado um, as repórteres nunca tinham de fato visto nenhum daqueles registros com as indenizações pagas por Weinstein. No jornalismo investigativo, saber da existência de documentos incriminadores é bom; ver esses documentos é excelente; ter cópias deles é ainda melhor. Nos dias anteriores à viagem de Jodi, Megan tivera conversas animadoras com ela e lhe mandara emojis para encorajá-la: Você vai ver os documentos. Tenho certeza de que vai.

Naquela ocasião, Perkins hesitou antes de tirar da bolsa as folhas antigas com o conhecido logo da Miramax. Ela passou a ler em voz alta. Não tinha permissão para conversar com ninguém sobre a época em que trabalhara na Miramax. Qualquer “profissional da medicina” que ela consultasse a respeito do que tinha acontecido teria de assinar um acordo de confidencialidade. Não era permitido dizer qual era a verdadeira origem do dinheiro que tinha recebido nem para seu próprio contador. No acordo, teve de listar todas as pessoas para quem já tinha contado o episódio em Veneza — mas sem dar os nomes, por insistência dela. Assim, havia uma lista estranha e anônima das partes que sabiam: ela dissera a três funcionários e a seu namorado que tinha saído da Miramax “por causa de um ato” e por razões morais; dissera para as suas duas melhores amigas qual era a natureza específica daquele ato; e assim por diante.

O rol de restrições continuava. Ela não podia falar com “nenhum veículo de imprensa existente ou que venha a existir”. (“Deus abençoe Perkins”, pensou Jodi, sentada ali com uma repórter, quase vinte anos mais tarde.) “Se por acaso alguma das partes divulgar o ocorrido”, continuou Perkins, ela era

obrigada a prestar “qualquer assistência razoável que fosse necessária para tomar as providências prudentes para lidar com aquilo que tinha sido divulgado de modo a impedir qualquer revelação maior ou, se for o caso, para mitigar seu efeito.” Em outras palavras, Perkins era obrigada a ajudar a esconder a verdade mesmo se ela, de alguma maneira, fosse descoberta.

Aquelas restrições eram insultos ao bom senso. Embora o acordo houvesse influenciado enormemente a vida de Perkins, ela não teve permissão nem para guardar uma cópia dele. Em vez disso, podia fazer visitas regulamentadas — se quisesse vê-lo, podia examinar uma cópia guardada no escritório de advocacia. O que Perkins tinha levado para o almoço eram trechos que ela tinha conseguido reunir com dificuldade. Quando ela perguntara à sua advogada como poderia obedecer a um acordo que não podia consultar, a mulher lhe dera aqueles trechos. O pior de tudo era que, após uma intensa pressão por parte dos advogados de Weinstein, Perkins e Chiu, que tinham assinado acordos iguais, concordaram com cláusulas de confidencialidade que davam a entender que jamais poderiam voltar a discutir a questão uma com a outra.

A data dos documentos era 23 de outubro de 1998. A lambança de Veneza tinha sido apagada em apenas duas semanas. Para agradecer, Chiu mandou uma agenda Filofax de presente para Perkins e desapareceu da vida dela.

Depois, Perkins se sentiu “despedaçada e desiludida”. Sua busca por um novo emprego foi constrangedora, pois ela não podia explicar a seus possíveis empregadores por que tinha saído de uma empresa importante de maneira tão abrupta. Ela percebeu que sua carreira na indústria cinematográfica tinha acabado. Perkins foi para a Guatemala treinar cavalos. Durante a negociação do acordo, havia brigado muito pelo direito de estar presente nas sessões de terapia de Weinstein e havia escolhido um profissional para ele, mas teve dificuldades em fazer as sessões acontecerem e desistiu.

A cerimônia do Oscar de 1999, que ocorreu cinco meses depois da assinatura dos documentos, foi dominada por *Shakespeare apaixonado*. O filme ganhou sete Oscars, mais do que qualquer outro naquele ano. Gwyneth Paltrow ganhou como melhor atriz. Weinstein e Donna Gigliotti levaram para casa o Oscar de melhor filme (mais tarde, Gigliotti voltaria a trabalhar com Weinstein durante um breve período; em 2010, foi sua presidente de produção). O nome de Perkins estava incluído nos créditos do filme.

Ao longo das duas décadas seguintes, o olhar de Perkins havia se expandido. Ela disse que não era mais movida pelo desejo de se vingar de Harvey Weinstein: queria questionar publicamente se todo o sistema de acordos e indenizações era justo e impedir que outras mulheres sofressem pressão para assinar algo que lhes roubava os direitos.

“Para mim, o maior trauma foi o que aconteceu com os advogados”, disse Perkins mais tarde. “Eu queria que Harvey fosse desmascarado, mas o que partiu meu coração foi o que aconteceu quando procurei advogados.”

Perkins estava tentada a desafiar seu sufocante acordo de confidencialidade e fazer uma denúncia, e Jodi ficou impressionada com a coragem dela. Tantas outras mulheres mal concordavam em atender um telefonema — e ali estava Perkins, pensando em se expor a sérios riscos legais e financeiros. Antes de viajar para Londres, Jodi tinha ligado para um advogado trabalhista que ela conhecia para ter uma ideia de quanto uma mulher que assinara um acordo arriscaria se violasse sua confidencialidade. O advogado foi taxativo: “Eles vão processá-la e pedir o dinheiro de volta”. Ao longo de toda a sua carreira, nenhum cliente seu jamais tinha violado um acordo de confidencialidade. “Eles pagam pelo silêncio”, finalizou ele. Perkins, assim como todas as outras, decidiu que queria companhia: se Jodi e Megan conseguissem convencer outras mulheres a violar os termos de seus acordos, ela faria o mesmo.

Uma maneira mais segura, ainda que menos satisfatória, de seguir em frente era documentar os fatos básicos do acordo dela falando com outras pessoas. Amy Israel sabia de parte do que tinha acontecido, e não era a única. Mas restava outro problema. Chiu, a suposta vítima, não estava respondendo a e-mails ou recados deixados em sua caixa postal. Ela não queria ser encontrada.

Uma semana antes da viagem para Londres, Jodi tinha pegado um avião para Bay Area, em San Francisco, alugado um carro e dirigido até a casa de Chiu no Vale do Silício.¹⁹ Assim como Megan algumas semanas antes, ela estava munida de um bilhete escrito num papel bonito e de um roteiro mental.

Havia um homem na entrada da garagem, mexendo num carro. Jodi se apresentou e perguntou se Rowena Chiu estava em casa.

Não, ela estava fora do país, disse o homem. Mas ele tinha certeza de que sua esposa não queria falar com jornalistas. Será que ela poderia ir embora, por favor?

Jodi assentiu. Antes de ir, perguntou ao homem se eles poderiam conversar por um instante, confidencialmente, ali mesmo na frente da casa. Ela queria explicar por que tinha saído de Nova York só para ir até ali.

O homem não disse seu nome, mas Jodi sabia: Andrew Cheung. Ela tentou decifrar sua expressão. Devia ser estranho estar lavando o carro na frente da casa e, de repente, encontrar uma repórter.

Cheung assentiu, hesitante. Assim que Jodi explicou a situação em linhas gerais, ele começou a fazer perguntas. Você não é a única jornalista que vem tentando entrar em contato com minha esposa, disse. Por que todos esses repórteres estão querendo falar com ela?

Certamente Cheung sabia a resposta, pensou Jodi. Parecia impossível que diversos repórteres estivessem abordando sua esposa e ele não fizesse ideia do motivo. Devia estar testando Jodi para ver o quanto ela sabia, usando as mesmas respostas que Megan ouvira da ex-assistente no subúrbio de Nova York, sem admitir que alguma coisa havia acontecido.

Como responder? Ela não podia mentir. Tinha aparecido na frente da casa daquele homem pedindo para conversar. Como queria que o casal fosse franco com ela, precisava ser transparente também. Mas, àquela altura, Jodi não sabia detalhes das acusações, e se Cheung de fato não sabia o que tinha acontecido em Veneza, não podia ser Jodi a pessoa a informá-lo.

Delicadamente, ela contou que achava que a esposa dele poderia ter sido vítima de Harvey Weinstein, deixando claro que talvez estivesse errada. Quando mencionou uma indenização, Cheung riu e apontou para a casa comum ali atrás. “Eu pareço marido de alguém que recebeu uma indenização?”, perguntou ele.

Ele realmente não sabia, percebeu Jodi, apavorada. Ela nunca contou para o marido. Tantos anos depois, as cláusulas de confidencialidade tinham deixado todas as três em posições bizarras: uma mulher impedida de compartilhar suas próprias experiências com o companheiro. Um marido incrédulo diante de sua própria casa, descobrindo o segredo da mulher por uma desconhecida. Ele prometeu dar o recado a Chiu, mas disse ter certeza de que ela queria ser deixada em paz. Se Weinstein havia feito tantas vítimas,

perguntou Cheung, por que você não pode escrever seu artigo e deixá-la de fora?

Antes de pegar o carro para ir embora, torcendo para não ter piorado as coisas, Jodi respondeu à pergunta dele: “Se todo mundo pensar assim, essa matéria nunca vai ser escrita”.

Depois que Jodi foi embora, Cheung perguntou à esposa, que estava passando uma temporada com os pais em seu país natal, o Reino Unido, o que ela sabia sobre o que a repórter dissera. Chiu se esquivou, e ele não quis insistir. Cheung sabia que ela havia trabalhado na Miramax, mas, como não tinha ideia da suposta agressão ou da indenização, também ignorava um dos detalhes mais reveladores daquele emprego: nove meses depois do Festival de Cinema de Veneza, ela tinha voltado a trabalhar na produtora.

Não era o que Chiu queria fazer. Mas, assim como Perkins, ela descobriu que, sob aquelas circunstâncias inexplicáveis, as entrevistas para outros empregos na indústria do cinema em Londres nunca dariam em nada. Como parte do acordo, a Miramax já lhe dera uma carta de referência. Chiu pediu que Hutensky, o advogado da empresa, a ajudasse a conseguir uma vaga em outra empresa.

A resposta foi: *Harvey te valoriza muito e quer que você volte.*

Chiu cedeu e voltou para a Miramax no verão de 1999, para trabalhar em Hong Kong, procurando filmes asiáticos que pudessem ser refilmados em Hollywood. Ela não teve nenhum contato com Weinstein, com exceção de uma audioconferência com Hutensky na linha, supervisionando tudo, e se perguntou o que os outros funcionários sabiam — mas, obviamente, não podia contar nada para eles.

“Fiz o melhor que pude para começar do zero. Estava em outro país”, ela disse. “Tentei ver tudo desta maneira: ‘estou construindo meu próprio império, longe de Nova York e dos abusos da sede da Miramax’.” No começo, ela se dedicou de corpo e alma a tentar encontrar filmes asiáticos, mas descobriu que a Miramax não levava o material a sério. Aos poucos, começou a desconfiar que aquele emprego tinha sido inventado para mantê-la sob controle de Weinstein.

“Foi um acordo com o demônio”, ela disse. Chiu caiu em depressão e tentou cometer suicídio duas vezes antes de finalmente sair da Miramax para sempre e voltar para Londres, onde fez um MBA e deu início a uma nova vida.

Quando Jodi apareceu na casa de Chiu, ela já tinha um currículo repleto de

realizações e aventuras no mundo das finanças e da economia, além de quatro filhos, um ainda bebê. Chiu disse ao marido para ignorar a visita. Jornalistas apareciam de tempos em tempos, assegurou, mas nunca escreviam nada — e ela achava que nunca escreveriam.

Vinte e quatro horas após o almoço em Londres com Zelda Perkins, na quinta-feira, dia 3 de agosto, Jodi estava numa mesa de madeira diante da outra mulher que Amy Israel tinha recomendado: Laura Madden.²⁰

Quando Jodi perguntara se poderia vê-la, Madden tinha hesitado, mas dito que sim. Ela morava no País de Gales, mas, naquela semana, estava passando férias na Cornualha, região no sudoeste da Inglaterra, e só tinha uma ou duas horas livres. Jodi foi de qualquer maneira. Os voos de Londres para lá estavam lotados, então ela fez uma viagem de trem de cinco horas. Na última hora, o trem teve problemas e ela precisou pegar um ônibus. Jodi precisava ver Madden de qualquer jeito, pois sua história, que ela já tinha começado a contar com relutância pelo telefone, fazia com que muita coisa que as repórteres já haviam ouvido se encaixasse.

Em 1992, Madden tinha apenas 21 ou 22 anos e era uma menina do interior da Irlanda com pouca experiência de vida, que crescera se sentindo isolada numa propriedade que pertencia à sua família havia gerações. Não restara nenhuma grande fortuna — os pais dela tinham transformado o lugar num hotel —, mas sua família era considerada esnobe e inglesa demais pela população local. Na infância, os prazeres de Madden eram ler livros e sair para explorar a propriedade, que continha hortas e jardins. Ela não fez faculdade e, com exceção de alguns meses na Espanha para estudar o idioma local, nunca tinha passado um período mais longo longe de casa.

Quando um filme começou a ser rodado ali perto, Madden arrumou um trabalho organizando os figurantes e ficou viciada em cinema. A equipe disse a ela para procurar trabalho em *No limite da inocência*, um filme estrelando Gabriel Byrne e Ellen Barkin. Madden foi contratada, e pouco depois foi enviada ao quarto de hotel de Weinstein em Dublin, animada com a chance de atender telefonemas e realizar pequenas tarefas para o produtor, que ela não conhecia pessoalmente. Quando Madden chegou, havia champanhe e sanduíches esperando por ela. Weinstein a elogiou, dizendo que todo mundo na produção tinha notado seu talento e seu esforço.

“Ele me disse que eu já tinha um emprego permanente garantido no escritório da Miramax em Londres e que podia começar de imediato”, escreveu Madden num e-mail para Jodi mais tarde. “Fiquei encantada, pois era literalmente o emprego dos meus sonhos.”

Weinstein, que usava um roupão, disse a Madden que estava exausto da viagem e que queria que ela lhe fizesse uma massagem. Madden recusou. O produtor insistiu, dizendo que todo mundo fazia aquilo, que não era uma coisa romântica, que ele só precisava relaxar, lembrou Madden. “Eu me senti presa numa situação que meu instinto me dizia que era errada, mas não tive certeza se o problema era comigo ou se aquilo era completamente normal”, escreveu Madden.

Quando Weinstein tirou o roupão e Madden colocou as mãos em seu corpo, ela congelou. Ele sugeriu massageá-la primeiro, para relaxá-la. Madden tirou a blusa, como Weinstein tinha mandado, depois o sutiã, e ele passou as mãos por seu corpo todo, Madden relatou. Sentiu-se enojada, mas tinha medo de perder o emprego no escritório de Londres.

Apenas meses mais tarde, já depois da publicação da reportagem, Madden revelou os piores detalhes de seu relato. Weinstein abaixou a calça dela também. Ficou de pé à sua frente, nu e se masturbando. “Eu estava deitada na cama e fiquei aterrorizada, me sentindo exposta, sem saber o que fazer”, escreveu Madden. Ela pediu que ele a deixasse em paz. Weinstein continuou a fazer pedidos de natureza sexual, do mesmo tipo que Judd tinha descrito — podemos fazer isso, podemos fazer aquilo. Ele sugeriu uma ducha, e Madden estava tão estarrecida que cedeu. Conforme a água caía ao redor deles, ele continuou a se masturbar. Madden chorava tanto que o produtor pareceu irritado e se afastou, ela disse. A assistente se trancou no banheiro, ainda aos soluços, e teve a impressão de ainda ouvi-lo se masturbando do outro lado da porta.

Omitindo esses detalhes em seu relato inicial, Madden descreveu que voltou às pressas ao quarto para pegar suas roupas e pertences e saiu correndo. (Mais tarde, Weinstein negou por completo sua história.)

A parte mais dolorosa era que ela estava muito entusiasmada no começo do trabalho, vibrando ao pensar naquela oportunidade e em sua sorte. “Os sentimentos mais fortes dos quais me lembro eram vergonha e decepção por algo tão promissor ter sido reduzido àquilo”, ela disse. “Todo o otimismo que

senti em relação ao meu futuro foi roubado por ele. Qualquer crença de terem me oferecido um emprego pelos meus próprios méritos desapareceu.”

Depois, uma colega a quem Madden tinha pedido apoio ligou para Weinstein para confrontá-lo em relação ao seu comportamento. Ele pediu desculpas prontamente. “Disse que eu devia aceitar o emprego sem que houvesse qualquer compromisso”, Madden disse. O produtor jurou que aquilo nunca mais ia acontecer.

Madden contou que aceitou o emprego em Londres e passou seis anos trabalhando para o homem que havia abusado dela. Pareceu-lhe seguro fazer isso, em parte porque Weinstein ficava nos Estados Unidos. Afinal de contas, ela queria o emprego. O pai dela, a princípio indignado com o que havia se passado, acabou apoiando sua decisão.

Mas Madden nunca foi feliz na Miramax. Quando o produtor ia a Londres, ela nunca sabia que versão dele veria: a charmosa ou a perigosa. Madden passou por muitos outros momentos constrangedores em quartos de hotel com Weinstein, apesar de nenhum ter sido tão ruim quanto o primeiro, ela disse. Enquanto ficou no emprego, Madden se sentiu “comprometida” — a palavra é dela — pelo que tinha acontecido no começo. “Carreguei o peso de me sentir responsável pela agressão, por não ter recusado de cara as investidas e o emprego”, Madden escreveu mais tarde.

A história de Madden era uma espécie de destilação, combinando os elementos daquilo que Jodi e Megan estavam começando a chamar de O Padrão: os atos típicos de Weinstein, tão parecidos em todos os relatos. Cada uma daquelas histórias era perturbadora por si só, e o mais revelador, mais aterrorizante, era a maneira assombrosa como elas se repetiam. Atrizes e ex-funcionárias da produtora, mulheres que não se conheciam, que moravam em países diferentes, contavam para as repórteres variações da mesma história, usando quase as mesmas palavras, descrevendo cenas muito similares. Jovens entusiasmadas, recém-recrutadas pela Miramax, querendo criar um elo com o produtor. Suítes de hotel. Garrafas de champanhe à espera. Weinstein de roupão. Elas eram tão jovens, tão mais fracas que ele. Todas queriam o mesmo que a jovem Laura Madden: seu equivalente àquele emprego no escritório de Londres, a chance de trabalhar, participar daquilo e ter sucesso.

Quando conversou com Madden, Jodi não mencionou o almoço com Perkins no dia anterior, assim como não mencionara Madden para Perkins. Não podia fazê-lo, porque as conversas eram confidenciais. Embora as duas mulheres houvessem trabalhado lado a lado no escritório de Londres, uma nunca tinha revelado sua história dolorosa para a outra. Ambas estavam isoladas, sem compreender a situação toda. Era tentador sonhar em reunir, de alguma maneira, todas aquelas que alegavam ter sido vítimas de Weinstein, mostrar a elas que cada uma tinha sido parte de algo maior. Mas isso seria perigoso, mesmo com a permissão delas, tanto para as repórteres quanto para as mulheres. Uma fonte não podia saber quem eram as outras. As repórteres sabiam que a ansiedade era contagiosa. Uma das mulheres poderia convencer as outras a não participar. Um vazamento poderia comprometer tudo.

Antes, por telefone, Madden dissera que jamais seria capaz de vir a público para contar sua história. Agora que elas estavam ali na praia, Jodi teve uma impressão mais clara dela. A postura de Madden foi discreta mas firme: ela foi cuidadosa ao mencionar o que lembrava e o que não lembrava e criteriosa em suas descrições, e era boa com nuances e detalhes. Após sair da Miramax, Madden havia sido muito feliz graças à maternidade. Mas, agora, estava num momento de profunda dificuldade. Seu casamento tinha acabado de se desfazer. Ela estava descobrindo como ser uma mãe solo para seus quatro filhos, cujas idades iam de onze a dezesseis anos. Recentemente, tivera câncer de mama e perdera um seio, e nos meses seguintes precisaria fazer uma segunda mastectomia além de uma cirurgia completa de reconstrução mamária. Nunca tivera um emprego em tempo integral desde que saíra da Miramax, só fora dona de uma pequena empresa de bufê durante um breve período. Ela tentava terminar um curso de paisagismo, mas sua autoconfiança estava baixa. Madden não disse isso para Jodi na época, mas, com o fim de seu casamento e as mastectomias, ela tinha a impressão de que sua feminilidade estava em questão e não sabia se um dia ia voltar a se sentir atraente ou desejada. Conforme as duas conversavam na praia, Jodi se deu conta de que até aquelas férias estavam sendo difíceis para Madden. Ela não estava acostumada a passar os verões sozinha.

Além do mais, sua sensação de ter uma parcela da culpa nunca havia passado. (Foi por isso que Madden inicialmente contou a Jodi apenas uma versão abreviada da sua história.) Ela disse à jornalista que nunca conseguiria

fazer uma denúncia pública, pois tinha medo demais de ser julgada por não ter fugido.

Mas Madden tinha aceitado conversar em sigilo com Jodi em razão de um telefonema que recebera antes de qualquer conversa entre elas, de uma ex-assistente de Weinstein chamada Pamela Lubell, com quem não falava havia quase duas décadas. Lubell comentara efusivamente da sorte que tinha sido trabalhar para a Miramax, de como Weinstein fora bondoso com elas. Então perguntara se Madden tinha recebido telefonemas de jornalistas — “esses vermes”, ela dissera. Lubell queria que Madden garantisse que não ia falar com eles. Madden se recusou a prometer qualquer coisa, então Lubell continuou a ligar e a insistir. “Se você algum dia tiver um projeto que queira tirar do papel, pode falar comigo; eu falo com o Harvey”, Madden lembrava de Lubell ter dito. Para ela, Weinstein certamente tinha pedido que sua ex-colega ligasse, então foi direto ao ponto com Lubell. Sim, Weinstein a havia assediado. Não, ela não podia garantir que não falaria nada. Na verdade, aquela tentativa de silenciá-la tinha sido um ultraje. Eis o motivo pelo qual atendera o primeiro telefonema de Jodi.

Na praia, Jodi pediu que Madden apenas imaginasse como seria aceitar ser citada e contar sua história na matéria. Ela delineou a escala crescente de acusações, sem usar nomes; disse a Madden que a história dela significaria muito para outras pessoas; prometeu repassar tudo com ela antes da publicação e fazer o máximo para que a experiência fosse a mais digna possível. Se Weinstein a retaliasse de alguma maneira, seria uma prova contra ele, acrescentou.

Madden, com cautela, disse que ia pensar no assunto. Ela queria que a matéria desse certo. Agora que Jodi tinha entendido o nível de dificuldade pessoal pelo qual Madden estava passando, temia que aquele fosse o momento errado para a ex-assistente. Mas Madden pensava o contrário: “Tudo parecia estar implodindo”, ela disse. “Mais um pouquinho de implosão não parecia tão ruim.” Ela estava ansiosa por uma ação proativa, positiva.

Mentalmente, Madden formulava um argumento ainda mais potente. Ela se deu conta de que era livre. Não trabalhava mais em Hollywood. E ainda mais importante: não tinha nem recebido dinheiro para ficar em silêncio nem assinado um acordo de confidencialidade. Começou a se perguntar se tinha a responsabilidade de falar, já que outras não podiam.

Em Nova York, Megan fazia um último esforço para encontrar a misteriosa queixa contra a Miramax registrada em 2001 no Departamento para Moradias e Empregos Justos da Califórnia. Precisava da ajuda de alguém que conhecesse o terreno, que entendesse por que ela não queria desistir. Mandou um e-mail para Gloria Allred.

Megan conhecera a advogada feminista em outubro de 2016 quando estava apurando a maneira como Trump tratava as mulheres. Após a divulgação do áudio do *Access Hollywood*, Allred havia representado diversas vítimas com acusações contra Trump. Ela havia organizado entrevistas coletivas altamente controladas, confortando suas clientes quando elas começavam a chorar na frente das câmeras. Quando Trump atacou as acusadoras, Allred o retaliou.

Alguns jornalistas e críticos a viam como alguém que se autopromovia exageradamente. Mas, depois de ter lido a autobiografia de Allred,²¹ conversado bastante com ela e entrevistado alguns de seus ex-clientes e funcionários, Megan passou a levá-la muito a sério. Ela sabia que, no passado, Allred, uma jovem mãe solo, fora estuprada aos 25 anos por um homem armado e tivera dificuldades em receber assistência do governo, recorrendo a um aborto ilegal que quase a matara. A vontade de Allred de proteger outras mulheres e dar voz às vítimas parecia ser resultado de seu próprio sofrimento.

Uma coisa fazia com que Megan receasse pedir ajuda a Allred na investigação sobre Weinstein: o estranho contato feito por Lisa Bloom, filha dela. Por isso, quando conversou com a advogada, não mencionou o nome de Weinstein, dizendo apenas que precisava de conselho sobre como obter uma antiga queixa de assédio sexual de uma agência do governo no estado dela. Allred foi lacônica e teve poucos conselhos a dar. Megan não se deu conta, e jamais teria suspeitado, de que o escritório dela possuía outros documentos envolvendo Weinstein, os quais nunca tinham chamado a atenção do governo ou do público.

Enquanto a advogada cultivava a reputação de alguém que dava voz às mulheres vítimas de abuso, parte de seu trabalho e de sua renda vinha de negociações de acordos secretos que as silenciavam e enterravam alegações de assédio e agressão sexual. Em 2011, Allred e um sócio haviam negociado um acordo com Bill O'Reilly —²² um daqueles com restrições tão brutais que haviam alarmado Emily Steel. No final de 2016, quando o público começava a descobrir que ginastas de elite tinham sofrido abuso por parte do médico da

equipe, Larry Nassar, Allred trabalhava num acordo que havia amordaçado a medalhista olímpica McKayla Maroney,²³ um dos principais nomes do esporte.

Megan só descobriu meses depois que em 2004 o escritório de Allred também tinha negociado um acordo com Weinstein.²⁴ A suposta vítima — e cliente do escritório de advocacia de Allred — era Ashley Matthau (cujo nome então era Ashley Anderson), que tinha trabalhado como dançarina de apoio em *Dirty Dancing 2*:

Noites de Havana, um filme produzido naquele ano pela Miramax. Matthau tinha 23 anos na época, mas parecia bem mais jovem. Ela tinha passado a adolescência resguardada pelo mundo da dança, fazendo turnês com a companhia American Ballet Theatre. Depois, caíra num mundo de videocliques, festas na Mansão da Playboy e outros cenários onde esperavam que ela fosse bonita e não falasse muito.

O que aconteceu durante as filmagens fez surgir uma raiva profunda em Matthau, segundo ela. Durante uma visita ao set de *Dirty Dancing* em Porto Rico, Weinstein insistiu que ela fosse ao seu quarto de hotel para uma reunião particular onde discutiriam projetos futuros. Matthau disse que, quando estavam sozinhos, Weinstein a empurrou para a cama, apalpou seus seios e se masturbou em cima dela. “Eu não parava de falar ‘para, eu estou noiva’”, disse Matthau a Megan depois. “Mas ele não parava de dizer ‘é só um carinho. Não é nada demais. A gente não está fazendo sexo’.” No dia seguinte, Weinstein continuou prometendo mais trabalho para ela, como se eles tivessem fechado um acordo de negócios. “Eu não queria que ele se safasse. Queria me defender.”

Incentivada pelo noivo, que tinha visto Gloria Allred na televisão e achou que ela poderia ajudar, Matthau procurou a advogada. Allred recomendou que o caso de Matthau fosse assumido por seu sócio, John West, que a encorajou a fazer um acordo extrajudicial privado. Com medo de enfrentar Weinstein e todo o seu poder em público, Matthau concordou de imediato em aceitar 125 mil dólares em troca de uma promessa juridicamente vinculante de nunca voltar a mencionar as acusações. “Lembro que John não negociou muito, porque achou que eu estava emocionalmente descontrolada e não ia aguentar”, explicou Matthau. “Ele sugeriu que eu apenas pegasse o dinheiro, seguisse em frente e tentasse me recuperar.” Ela disse que o escritório de advocacia ficou com 40% da indenização.

West e Allred se recusaram a comentar o fato de que seu escritório representara Matthau. Mas, em outra entrevista, Allred fez a mesma defesa dos acordos confidenciais que as repórteres já tinham ouvido: eles eram melhores para as clientes, que muitas vezes queriam privacidade e temiam que outros empregadores as rechaçassem; ir ao tribunal era arriscado e podia levar anos. “Ninguém foi forçada a assinar um acordo de confidencialidade”, a advogada disse a Megan. “Ninguém coloca uma arma na cabeça delas.”

Allred reconheceu a dura verdade sobre as cláusulas de confidencialidade: elas também ajudavam quem era culpado de conduta sexual imprópria. “Uma cliente diz: ‘quero ser indenizada, e essa quantia que você conseguiu para mim é significativa, estou muito feliz com o valor, mas por que tenho de guardar segredo?’”, disse Allred. “Porque essa figura poderosa quer paz, quer um ponto-final para seguir em frente do mesmo jeito que você.”

Em 2017, um grupo de advogados especialistas em direito do consumidor que atuava na Califórnia,²⁵ estado onde Allred mora, passou a ver um problema nessa maneira de pensar. Eles acreditavam que as vítimas de assédio sexual mereciam compensação financeira, mas os acordos não deviam ser usados para encobrir — e, assim, perpetuar — o comportamento predatório. “Se alguém que comete atos em série está solto por aí, não se deve guardar esses segredos tantas vezes, pois os atos vão continuar”, Nancy Peverini, que faz lobby para esse grupo de advogados, disse mais tarde para Megan.

Em janeiro daquele ano a deputada estadual Connie Leyva, a pedido desses advogados, considerou apresentar um projeto de lei que mudaria as indenizações pagas por assédio sexual na Califórnia, banindo cláusulas de confidencialidade e garantindo que futuras vítimas pudessem denunciar os assediadores. Aquela era a iniciativa que Katie Benner havia mencionado para seus colegas do *New York Times* na sala de conferências Page One.

Foi então que Allred entrou no jogo. Num telefonema tenso com lobistas e um funcionário do gabinete de Leyva,²⁶ a advogada foi taxativa: quem cometia assédio sexual jamais indenizaria suas vítimas sem receber silêncio em troca. Se aquela legislação fosse apresentada, ela iria até a câmara estadual para fazer oposição.

Nenhum projeto de lei cuja intenção era proteger vítimas poderia sobreviver a um ataque público de Gloria Allred, e o grupo de advogados sabia daquilo. Allred tinha muita influência e fãs que a consideravam sua

principal representante. Não foi surpresa para ninguém quando Connie Leyva desistiu de apresentar o projeto. Com a ameaça de Allred, o esforço para mudar o sistema e proteger as vozes das vítimas morreu antes mesmo de ser discutido.

4. “Controle positivo de reputação”

Em 12 de julho, Dean Baquet, editor executivo do *New York Times*, chamou Jodi, Megan, Corbett e Matt Purdy para uma reunião em seu escritório. Ele queria saber como andava a matéria sobre Weinstein; mas também tinha instruções a dar.

O escritório de Baquet era um lugar à parte na redação — de canto, mais espaçoso e silencioso, com recordações de toda uma vida passada entre jornais e jornalismo. Baquet tinha nascido e sido criado em New Orleans, num apartamento que ficava atrás do restaurante de culinária cajun de seus pais —¹ tão modesto que a primeira caixa registradora fora uma caixa de charutos. Ele foi o primeiro editor negro do *New York Times*, mas raramente se abria com sua equipe sobre sua experiência pessoal com relação a raça. Mas Baquet gostava de falar sobre exigir dos poderosos que assumissem suas responsabilidades e sobre quando era necessário ser agressivo ou contido ao lidar com eles.

Naquele dia, Baquet queria comunicar algo em particular: cuidado. Em 2014, quando uma versão inicial da problemática produção teatral de *Finding Neverland* estreou em Cambridge, Massachusetts, Weinstein tentou fazer com que o jornal não publicasse nada a respeito, sabendo que uma única crítica poderia significar o fim do show. Ele já havia se queixado a Baquet e Arthur Sulzberger, na época publisher do *NYT*, fazendo uma referência não muito sutil ao dinheiro que já havia gasto em publicidade no jornal e citando uma tradição da imprensa nova-iorquina de não publicar críticas de espetáculos que tinham vindo de fora da cidade para tentar a sorte ali. Um dos editores da seção de cultura convenceu Baquet de que a regra estava

desatualizada: *Finding Neverland* era uma produção de grande orçamento, e, na era on-line o show não era nenhum segredo. Quando Weinstein ouviu aquilo, disse a Baquet que esperasse um telefonema de ninguém menos que Meryl Streep.

A famosa atriz nunca ligou; quem telefonou para Baquet foi David Boies,² um dos advogados mais ilustres do país. Boies participara do processo antitruste do governo nos anos 1990 contra a Microsoft, defendera Al Gore na recontagem dos votos na eleição presidencial de 2000 e ajudara a convencer a Suprema Corte a anular a proibição do casamento gay na Califórnia. Era consultor jurídico de Weinstein desde 2001. Em 2014, quando ligou para Baquet para tentar convencê-lo a não publicar críticas de *Finding Neverland*, iniciou a conversa dizendo: “Não estou ligando como advogado de Harvey; estou ligando como amigo dele”.³ Baquet achou que o advogado não estava sendo totalmente honesto quanto ao seu relacionamento com Weinstein, e considerou seu tom de voz muito condescendente, como se dissesse: “Só quero esclarecer as para você”. Ele se recusou a mudar de opinião.

No ano seguinte, *Finding Neverland* estava prestes a estreiar na Broadway e o *New York Times* preparava um artigo sobre a produção. Weinstein ligou e disse, aos berros, a um editor da seção de cultura que o jornal devia omitir qualquer menção a um acontecimento que estourava nas manchetes: ele acabava de ser investigado pela polícia de Nova York devido à queixa prestada por Ambra Battilana Gutierrez. O produtor insistia que a acusação era falsa e que o editor deveria ignorá-la — embora já tivesse recebido ampla cobertura no *New York Times* e em outros jornais.

Baquet instruiu sua equipe a manter a referência e disse a Weinstein para nunca mais falar daquela maneira com seus jornalistas. “Em breve vamos ter uma conversa bem séria sobre a maneira como você fala com meus editores”, escreveu Baquet num e-mail para Weinstein, em março de 2015. “E vai ser muito séria mesmo, pode acreditar.”

Uma investigação sobre o tratamento que o produtor dispensava às mulheres tinha implicações muito mais graves do que qualquer crítica teatral, e Baquet imaginava que Weinstein faria qualquer coisa para tentar impedi-la. Sem adiantar o assunto, Weinstein e Boies já haviam começado a ligar para ele e para o publisher, solicitando conversas em off.

Baquet impôs duas regras a Jodi e Megan à medida que avançavam na

investigação. Primeiro, deveriam estar preparadas, pois Weinstein tomaria atitudes cada vez mais desesperadas: vasculharia o passado delas, mandaria detetives rastrear as duas ou as fontes que vinham entrevistando. Ele encarou as repórteres e disse: “Ajam como se estivessem sendo seguidas. Falem ao telefone como se todas as ligações estivessem sendo gravadas”. Em segundo lugar, Baquet não queria que as repórteres falassem com Weinstein em off. Aquilo exigiria disciplina por parte delas. Que repórter não gostaria de entrevistar diretamente a pessoa-chave de sua reportagem? Mas Jodi e Megan precisavam ser estratégicas, disse Baquet. Deixar que Weinstein se sentisse confiante para se abrir poderia significar que ele mentiria com impunidade. Se ele tinha algo a dizer, deveria ser on-the-record, para publicação e em seu nome.

Na primeira semana de agosto, Jodi recebeu um telefonema inesperado, e Megan começou a questionar as regras de Baquet. Do outro lado da linha estava Lanny Davis, advogado de Washington da época de Bill Clinton, que atuava como consultor de crises. Ele havia defendido — e lucrado muito com isso — vários personagens desagradáveis, inclusive políticos africanos já investigados pelo jornal. Acabava de ser contratado por Weinstein e queria conversar em off. Jodi respondeu que qualquer comunicação teria que ser on-the-record; quando ele resistiu, ela levou o pedido a Megan e Corbett. Enquanto Jodi esperava a resposta, Davis continuava lhe fazendo perguntas. Seria possível encontrá-la? Imediatamente? David Boies poderia ir também? “Ele é amigo íntimo do cliente”, disse Davis num e-mail, repetindo aquilo que tanto havia incomodado Baquet alguns anos antes.

Jodi e Corbett conheciam Lanny Davis. Era um advogado das antigas, aparentemente cordial, mas que já havia gritado com repórteres quando julgava que estavam sendo injustos com seus clientes ou com ele mesmo.

Apesar de tudo o que Baquet havia dito, Megan fez pressão para encontrar Davis. Ela compreendia o argumento do chefe, mas, pela sua experiência, quando se lidava diretamente com pessoas que tinham algo a esconder, muitas vezes elas acabavam se enforcando sozinhas, por acidente. Além disso, estava curiosa. De que modo Weinstein havia conseguido matar as investigações anteriores de outros jornalistas? Se o produtor estava tramando algo, ela queria saber o que era — e quanto antes, melhor.

Megan propôs que ela e Jodi conversassem com Davis em background, ou seja, as repórteres poderiam relatar o que ele dissesse e escrever mais a respeito, desde que não o citassem como fonte. Alguns dias depois, Corbett autorizou Jodi e Megan a fazê-lo. Mas ela e Baquet estipularam que a reunião não poderia substituir uma conversa on-the-record com Weinstein. Boies não seria bem-vindo. E, embora as repórteres tivessem de ser sinceras, não deveriam revelar nada sobre as atrizes e as ex-funcionárias que haviam começado a contar, discretamente, suas histórias perturbadoras.

Assim que Jodi ligou para Davis para acertar os detalhes, o relações-públicas, sempre loquaz, começou a despejar informações sobre seu cliente: “Obviamente, Weinstein está passando por uma fase muito difícil. E ele nem sempre é 100% racional”.

Em 3 de agosto,⁴ Davis puxou uma cadeira e se sentou a uma longa mesa na sala de reuniões do *New York Times*. Falou sobre beisebol, disse que era um dos amigos mais próximos de Hillary Clinton e lembrou seus anos na faculdade de direito em Yale. Corbett também participava da reunião, sinal de sua importância. Megan pegou seu iPhone e, com a permissão de Davis, começou a gravar o áudio da conversa. O início da gravação, como de costume, deu um fim à conversa fiada.

“A razão que me traz aqui não é tentar matar nada, nem distorcer as informações ou colocar vocês em um caminho errado”, disse Davis. Ele tinha vários outros objetivos em mente.

O primeiro era defender. Mencionou a acusação velada de estupro contra Weinstein feita por Rose McGowan, num tuíte do ano anterior. Ela talvez incluísse aquela acusação no livro de memórias que estava escrevendo. Se Jodi e Megan pretendiam publicar a acusação, Davis queria uma chance de defesa.

Simples. Era óbvio que o *New York Times* pediria a Weinstein que respondesse a qualquer acusação.

Seu segundo objetivo era sondar o terreno. “Não estou esperando sair daqui com o nome das suas fontes, especialmente numa matéria como essa. Mas se puderem me dizer, de modo geral, de que se trata, isso vai me ajudar a fazer meu trabalho, que é responder às suas perguntas e garantir a veracidade de tudo”, disse Davis.

Aquilo também era simples. Jodi e Megan responderam que estavam investigando o comportamento abusivo de Weinstein em relação às mulheres, mas pararam ali.

Seu terceiro objetivo era atacar. Davis explicou que, embora Weinstein negasse veementemente qualquer denúncia de estupro ou agressão, estava ciente de um número crescente de queixas sobre sua maneira de tratar as mulheres. Segundo ele, o produtor já começava a ver seu comportamento anterior sob uma luz diferente. Os homens poderosos da geração mais velha estavam mudando sua noção da palavra “consensual”, disse Davis, e se questionavam sobre “por que as mulheres acham que algo não é consensual, mesmo que o homem se convença de que é”.

Aonde Davis queria chegar com tudo aquilo? Não era fácil dizer. Elas perceberam, naquele dia e nas semanas seguintes, que era difícil lidar com aquele comunicador profissional. Ele fazia afirmações sem significado preciso. Soltava pequenas informações úteis sobre seus clientes importantes, mas algumas delas estavam erradas, como se viu depois.

“Acredito que vocês têm aqui uma história a ser contada sobre a evolução dos homens, e em especial a evolução de Harvey Weinstein nesse assunto”, disse Davis.

Suas palavras ficaram ainda mais elípticas: “Então, o grande tema da reportagem pode até ser o que se fala há muito tempo sobre Harvey e sobre muitos homens poderosos de Hollywood, mas quando vocês terminarem a reportagem ela poderá muito bem se relacionar, de maneira geral, à consciência diferente que os homens estão adquirindo em relação a esse problema”.

O que estava Davis tentando oferecer? Estaria Weinstein disposto a dar uma entrevista a Megan e Jodi, falando sobre seu comportamento questionável em relação às mulheres?

Davis começara a conversar com Weinstein sobre aquela possibilidade, disse ele, comentando que seu cliente precisava “lidar com a esposa e os filhos, antes de mais nada”. Mas ele achava que o produtor podia estar disposto a conversar com as repórteres. “Pelo menos fiquei um pouco animado” com a perspectiva, disse ele.

Era apenas a primeira reunião com a equipe de Weinstein, e seu advogado já parecia reconhecer que houvera conduta imprópria. Aquilo indicava que as investigações provavelmente descobririam coisa muito pior. Se Weinstein já

estava disposto a falar sobre os erros que cometera, a entrevista poderia ser monumental, e a investigação, muito mais fácil do que elas haviam previsto. Mas a ideia de que Weinstein ia entrar na redação e se abrir sobre suas transgressões sexuais era implausível. Quase ninguém reconhece essas coisas sem ser confrontado com provas.

As jornalistas disseram a Davis que naturalmente estariam abertas a ouvir qualquer coisa que o produtor tivesse a dizer — desde que on-the-record. E puseram um fim no assunto. Se Davis procurava tentá-las com alguma chantagem, tal como fazê-las suspender a investigação em troca de uma entrevista, não tinha conseguido.

Megan voltou a mencionar Rose McGowan. Davis estava convencido de que aquela acusação de estupro era falsa e de que um dos principais motivos pelos quais a atriz não merecia confiança era a ausência de qualquer “clamor contemporâneo” ao momento do suposto ataque. “Ela contou o fato a alguém de imediato? Deu sinais de angústia?”, perguntou.

McGowan havia dito a Megan e Jodi que ficara muito abalada logo após sua reunião com Weinstein num quarto de hotel em 1997. Contara aquilo ao seu empresário e depois a um advogado que a ajudara a obter o pagamento de 100 mil dólares de Weinstein. McGowan ainda não havia falado oficialmente com as repórteres, e elas continuavam procurando uma confirmação de que ela fizera, de fato, um acordo. Ao pressionar Davis a continuar dando sua versão dos acontecimentos, Megan talvez pudesse encurralá-lo e confirmar que Weinstein pagara mesmo pelo acordo.

Megan insistiu: Davis tinha *certeza* de que McGowan não havia dado nenhum sinal de angústia na época? O tuíte do ano anterior fora de fato a *primeira* vez que Weinstein soubera que a atriz tinha uma questão com ele?

A narrativa de Davis mudou. “Questão?”, disse. “Sim, ele... Ele estava ciente de que havia uma questão, mas não de estar sendo acusado de estupro. Então, vejam, estou traçando uma linha bem clara aqui na palavra ‘estupro’. Qualquer coisa abaixo dessa linha... Ele estava ciente de que havia sentimentos, questões...”

Corbett perguntou: “Questões de que tipo?”.

“E se a questão não era relativa a um estupro”, perguntou Jodi, “então era relativa a quê?”

Davis pretendia contar às jornalistas o que Weinstein *não havia feito* a McGowan. Agora, porém, tinha que explicar o que *havia* feito: “A única

maneira de responder, Jodi, com base no que sei agora, é esse conceito de exploração, de que as mulheres são exploradas devido a essa relação de poder tão desigual. Alguém as explorou, alguém se aproveitou delas. Enfim, há uma grande variedade de verbos que mostram, após o fato, ou mesmo durante um incidente, que as mulheres são levadas a se sentir numa posição de desigualdade”.

“Existe a coerção mental, que não é coerção física”, disse Davis, acrescentando que Lisa Bloom estava trabalhando com Weinstein para ajudá-lo a reconhecer a diferença entre as duas coisas. “Weinstein já me disse que Lisa percebeu tudo isso, já o examinou, examinou sua conduta passada e o ajudou a entender tudo isso.”

Lisa Bloom! A advogada que havia enviado um e-mail a Jodi algumas semanas antes. O que mais havia para saber sobre seu relacionamento com o produtor? Em vez de fazer aquela pergunta, elas precisavam pressionar Davis sobre o que Weinstein sabia sobre McGowan e quando ficara sabendo.

Se Weinstein de fato fora informado sobre as preocupações de McGowan na época do incidente, como ele reagira?

“Creio que ele teve contatos jurídicos com ela”, disse Davis.

“Como você definiria esses contatos jurídicos?”, perguntou Megan. Estavam pertíssimo de confirmar que de fato houvera acordo.

“Creio que ele percebeu que ela não considerava correto tudo aquilo que aconteceu”, disse Davis. “Não estou falando de estupro; estou falando do efeito que Weinstein exerceu sobre Rose McGowan. Ela diz que foi um efeito grave. E que em vez de brigar...”

“Em vez de brigar...?”, perguntou Megan.

“Acho que ele topou fazer um acordo em vez de iniciar um litígio, como poderia ter acontecido”, disse Davis. Na opinião de Weinstein, explicou ele, “é melhor entrar num acordo, mesmo que você não tenha feito nada de errado”.

Sim! Elas estavam interagindo com a defesa de Weinstein fazia apenas alguns minutos e Davis já confirmara que o produtor havia feito um acordo com McGowan. E mais: também estava sugerindo que pagamentos eram um comportamento habitual.

Houve outros casos de “relações íntimas questionáveis com mulheres em que Weinstein fez um acordo?”, perguntou Megan. As repórteres não disseram nada, mas até aquele momento estavam cientes dos casos de

McGowan, Perkins e Chiu, e acreditavam que pudesse haver outro pagamento à assistente que tinha fugido do escritório de Nova York. Megan começava a desconfiar que Ambra Battilana Gutierrez, que fizera a denúncia à polícia em 2015, havia sido paga também. Davis sabia a verdade a respeito?

Ele começou a se contorcer. “Então, eu estava tentando ser prudente, porque não tenho certeza de qual é minha posição legal ao reconhecer que houve acordos e que esses acordos foram relativos a comportamentos sexuais pessoais. Então, digamos que, por enquanto, mesmo falando só em background, preciso descobrir quais são meus limites, legalmente falando, embora esteja confirmando os acordos, em background. Preciso apenas descobrir em que pé estou. Mas a resposta é: sim, houve acordos, só preciso descobrir de que maneira posso definir isso melhor para vocês.”

Antes de terminar a reunião, Megan quis fazer mais uma pergunta. As advertências de Baquet sobre detetives particulares, intimidações e ameaças não saíam de sua cabeça. Além de contratar Davis como advogado, o que mais Weinstein havia feito em resposta às entrevistas que ela e Jodi estavam realizando? Ele havia tentado interferir nas reportagens de alguma maneira?

“Olha só, o cara pode até agir como um idiota às vezes”, disse Davis. “Tudo depende do humor dele e de quanto comeu.”

Mas, não — insistiu ele —, o produtor não tinha nenhuma intenção de atrapalhar a reportagem delas. Contou ainda que havia dito a Weinstein diretamente na primeira conversa dos dois: “Você tem planos de contratar pessoas para atacar alguém que esteja colaborando com o *New York Times*? Eu preciso saber”.

Davis garantiu que a resposta de Weinstein fora inequívoca: “Não, não pretendo fazer isso”.

Ele saiu da sala de reuniões prometendo uma possível entrevista com Weinstein. As jornalistas não acreditavam que aquilo aconteceria, mas se sentiam motivadas. Talvez Weinstein tivesse reconhecido que seria impossível impedir o *New York Times* de investigar. Davis fora gravado dizendo que Weinstein não tentaria fazer aquilo, e isso era igualmente importante.

Mas o produtor estivera bem à frente das investigações desde o início. Seus esforços para ocultar os supostos delitos tinham começado em outubro de 2016, quando McGowan escrevera seu primeiro tuíte, a *New York Magazine* tentara prosseguir com a matéria e Weinstein dissera a Paltrow para não dar

entrevista. Ele já havia gastado centenas de milhares de dólares para identificar pessoas que poderiam falar, para encobrir seus rastros e até para obter certos trechos do livro de McGowan enquanto ela o escrevia. Na época da reunião de Davis no *New York Times*, o produtor já vinha lutando contra as investigações de Jodi e Megan de várias maneiras, que iam muito além de chamá-las de “esses vermes”.

O que espanta é ver quanta gente o ajudou em seus esforços.

Em 10 de julho, dois dias antes da reunião no escritório de Baquet e cerca de um mês antes da conversa com Lanny Davis, David Boies estava se preparando para embarcar num helicóptero particular em East Hampton, depois de comemorar um aniversário em família, quando Weinstein lhe telefonou — outra vez. Aquelas ligações vinham ocorrendo com frequência, segundo os assistentes do produtor. Acobertados pelo sigilo do relacionamento entre advogado e cliente, os dois planejavam uma maneira de combater qualquer matéria do *New York Times*.

Weinstein ligara para falar de uma ideia, lembrou Boies mais tarde. Ele explicou que considerava Arthur Sulzberger Jr., publisher do *New York Times*, um amigo. As empresas de Weinstein tinham sido grandes anunciantes do jornal ao longo dos anos. Os dois já haviam se encontrado para almoços de negócios e frequentavam os mesmos círculos sociais. Ele poderia aproveitar seu relacionamento e contar com Sulzberger Jr. para matar aquela reportagem, sugeriu Weinstein.

O produtor e o advogado, que trabalhavam juntos havia dezesseis anos, tinham estilos bem contrastantes. Weinstein era atrevido mas errático, brutal e às vezes pouco sofisticado; Boies era polido e persuasivo. O advogado reprimia alguns dos piores instintos do produtor, mas permitia que outras pessoas protegessem aquele homem acusado repetidas vezes de comportamentos predatórios.

Nascido em Illinois e filho de professores, Boies crescera com uma dislexia não diagnosticada que prejudicara seu aprendizado. Mesmo assim se formara em direito em Yale e conseguira derrubar grandes corporações. Boies era ousado. Entusiasta de jogos de cartas desde jovem, fora expulso da primeira faculdade de direito em que entrara por ter um caso com a esposa de

um professor (depois ele se casou com ela); além disso, havia ofendido colegas advogados com seus modos rebeldes.

Ele também gostava do show business. Tinha saído de um escritório de advocacia para abrir o seu, a fim de evitar um conflito de interesses que o impedia de assumir um novo cliente, George Steinbrenner, dono do time New York Yankees; logo atraiu outros clientes famosos, como Calvin Klein, Don Imus e Garry Shandling.

Entre os que procuraram seus serviços estavam os editores da Miramax Books, editora lançada por Weinstein e seu irmão, Bob. O ano era 2001, e Boies havia acabado de perder o processo “Bush contra Gore”, uma derrota de consequências imensuráveis que o advogado de alguma forma utilizara para conquistar uma legião de novos fãs. Os irmãos queriam que Boies escrevesse um livro de memórias, mas o famoso advogado não retornava suas ligações. Foi então que, certo dia, o próprio Weinstein telefonou pedindo um almoço, como recordou Boies mais tarde, numa série de entrevistas com Megan.

Não demorou para que o advogado encontrasse os irmãos Weinstein no Tribeca Grill. Ele foi claro: não tinha tempo de escrever um livro e não era do tipo reflexivo. Weinstein não cedeu. Segundo Boies, fez a tarefa parecer fácil: bastava apenas relatar alguns dos seus litígios famosos. No final do almoço, o advogado concordou com a ideia.

O ano seguinte chegou e se foi sem que ele escrevesse uma única palavra. Certo dia, sua esposa levantou os olhos do computador e disse: “Querido, você não me contou que terminou seu livro”. “Que livro?”, respondeu Boies. “Ora, o livro para Harvey. Dei uma olhada e dizem que vai ser publicado agora no outono.” Boies sentiu-se encurralado. Se não seguisse adiante com o livro, daria a impressão de ter fracassado. Passou a escrever todos os dias, até colocar o livro na mesa do editor. Desde o início do relacionamento, Weinstein parecia saber exatamente como fazê-lo agir em seu favor, e Boies nunca dizia não.

Weinstein conseguiu mais que o livro: conseguiu um novo advogado para defendê-lo. Alguns meses depois daquele primeiro almoço em 2001, Boies já estava auxiliando o produtor — em especial a combater a possibilidade de um novo artigo sobre as acusações de agressão sexual de Rowena Chiu.

Em 2002, uma fonte de Ken Auletta, articulista da *New Yorker*,⁵ contara sobre os pagamentos que Weinstein fizera a Zelda Perkins e Chiu — os

mesmos que Jodi e Megan estavam agora descobrindo. Auletta não conseguiu falar com Perkins e Chiu, mas ainda tinha esperanças de escrever sobre os acordos e os incidentes que os haviam motivado.

Auletta conseguiu uma reunião com Weinstein, seu irmão Bob e David Boies para discutir o assunto. Estavam presentes também David Remnick, editor da *New Yorker*, outro editor e o advogado da revista.⁶ No início, Boies parecia estar fazendo o papel de árbitro. Quando Weinstein disse que pediria uma liminar contra a revista, Boies lhe deu tapinhas no braço, lembrando-o do direito à livre expressão garantido pela Primeira Emenda à Constituição dos Estados Unidos, algo que ele não tinha como evitar. Naquele momento, porém, Boies voltou sua atenção para os jornalistas, dizendo que publicar a matéria seria um erro grave.

Mais tarde, Boies disse a Megan que acreditava na versão de Weinstein de que seu encontro com Chiu fora apenas uma aventura extraconjugal, consensual. E que achava plausível que as mulheres mentissem para arrancar dinheiro de Weinstein — ponto que enfatizou na reunião na *New Yorker*. No dia seguinte, numa segunda reunião com os jornalistas da *New Yorker*, Bob Weinstein entregou cópias de cheques pessoais que ele mesmo havia dado às duas mulheres, em nome do irmão. Era a prova, disse ele, de que nenhum dinheiro da empresa fora usado para assuntos pessoais. Sem dispor de uma acusação on-the-record sobre uma agressão nem de qualquer prova de uso indevido dos fundos da empresa, disse Auletta, seria impossível escrever sobre os acordos; tanto ele quanto os editores da revista tinha chegado a tal conclusão.

Àquela altura, Boies havia se tornado advogado dos irmãos Weinstein e parecia cada vez mais emaranhado nas atividades deles. Os produtores estavam brigando com a Disney. Quando ela se recusou a distribuir o filme *Fahrenheit 11 de setembro*, de Michael Moore, Boies ajudou os irmãos a recuperar o controle do filme e a levá-lo para a Lionsgate. Em 2005, quando os Weinstein decidiram abandonar completamente a Disney e fundar a Weinstein Company, Boies ajudou os irmãos a redigir contratos especificando que só poderiam ser demitidos se sofressem uma condenação criminal.

Weinstein e Boies compareciam juntos a estreias de filmes, eventos de caridade e de captação de fundos para políticos. Eram duas celebridades entre celebridades. Boies admirava Harvey: “Ele está sempre vendendo alguma

coisa”. Por meio dele, criou uma ligação valiosa com o mundo do cinema. Sua filha, Mary Regency, era uma aspirante a atriz. O próprio Boies investiu no setor em 2012, fundando uma produtora, a Boies/Schiller Film Group, com o filho de seu sócio no escritório de advocacia. Ao longo dos anos, Boies e seu grupo fizeram negócios com a Weinstein Company, e o produtor concedeu favores inestimáveis ao advogado. Tentou inclusive arranjar um papel para a filha de Boies, que já havia feito uma ponta num filme de 2011, pouco visto e pouco comentado, chamado *Son of Morning*.

Caro David,

Espero que esteja bem. Obrigado por me enviar SON OF MORNING. Vi com minha equipe, e Mary está maravilhosa no filme. O filme é muito difícil — não creio que seja comercial nem adequado para mim —, mas Mary está brilhante.

Se me passar todas as cenas dela e seus trabalhos anteriores, vou pedir à minha equipe para elaborar uma ótima peça promocional e levá-la a alguns agentes de elenco. Também vou colocá-la em contato com meu pessoal, para lhe dar um papel pequeno na minha próxima produção, NÃO SEI COMO ELA CONSEGUIE, com Sarah Jessica Parker. Farei tudo o que puder para ajudar.

Atenciosamente,
Harvey

O papel nunca se concretizou, mas no ano seguinte Mary Regency atuou num filme de Weinstein, *O lado bom da vida*. Em outubro de 2011, Jon Gordon, ex-assistente de Weinstein que ajudava na produção do filme, mandou um e-mail a Weinstein sobre a atriz, pedindo instruções em nome de David O. Russell, o diretor:

David O. leu o roteiro e quer que a filha de David Boies, Mary Regency, faça o papel de secretária do dr. Patel.

DAVID O. AINDA NÃO OFERECEU O PAPEL A ELA PORQUE QUER SABER SE VOCÊ QUER/PRECISA FAZER ALGO COM DAVID BOIES ANTES.

O envolvimento de Boies com os filmes de Weinstein seria o motivo dos seus esforços para ocultar as denúncias de conduta sexual imprópria contra o produtor? “Bem, poderia ser, não é?”, disse Boies. “Se sou advogado de Harvey, vou tentar manter as coisas em sigilo. Meu trabalho é esse, certo?”

Ele disse ainda que, com ou sem complicações, “sou muito dedicado aos meus clientes”.

Nos anos seguintes, o advogado continuou recebendo informações sobre outras acusadoras. Todas as vezes partiu em defesa de Weinstein, ajudando-o a esconder os fatos, distorcer a verdade e silenciar as mulheres. Decidiu acreditar na palavra do produtor: ele era culpado apenas de ser adúltero e mulherengo. “Assim como acontece com muitos homens de Hollywood, que vivem cercados por mulheres atraentes e sedutoras, ele acabou tendo diversos casos extraconjugais”, disse Boies.

Mesmo vários anos depois, quando se revelou toda a extensão dos delitos de Weinstein, Boies não viu nenhum problema em seus esforços para protegê-lo.

“Em retrospecto, não tenho nenhum arrependimento por ter defendido Weinstein da maneira como o fiz”, disse ele.

Naquela noite de verão de 2017, quando Weinstein levantou a possibilidade de confiar em Sulzberger, Boies logo descartou a ideia: seria uma perda de tempo. Aquela pressão poderia dar certo em outro veículo, mas seria inútil com o *New York Times*.

Boies estava focado numa maneira mais furtiva de tentar impedir uma reportagem, que era apenas uma variação do que Weinstein já estava fazendo.

Havia muito tempo o produtor contava com detetives particulares para proteger sua reputação.⁷ As empresas de investigação eram, basicamente, observadoras profissionais: seus agentes vigiavam jornalistas, redigiam relatórios e às vezes até remexiam no lixo deles. Segundo as regras implícitas das interações entre jornalistas e as pessoas que investigam, empregar detetives particulares era uma prática um tanto desleal, mas não surpreendente nem ilegal. Como Baquet já havia dito, era algo que Jodi e Megan deviam esperar.

No entanto, nove meses antes, Weinstein havia iniciado um relacionamento secreto com uma empresa israelense de uma envergadura totalmente diferente: “O grupo black cube de israel entrou em contato comigo através de ehud Barack”, escreveu Weinstein em um e-mail para Boies em 16 de outubro de 2016, obtido mais tarde por Megan. “São especialistas em estratégia e dizem que seu escritório já trabalhou com eles.” O Black Cube fazia muito mais do que observar certas pessoas. Também as manipulava, chegando a empregar atores com identidade falsa para enganar pessoas que

não suspeitavam de nada. Outros agentes tinham trabalhado como especialistas em inteligência militar. Na época do e-mail, dois agentes haviam sido presos na Romênia, acusados de ser hackers. O escritório de advocacia de Boies, chamado Boies, Schiller & Flexner, de fato já havia trabalhado com o Black Cube. Não demorou para que o advogado firmasse um acordo entre Weinstein e a empresa israelense. Segundo os termos de um contrato assinado em outubro,⁸ Weinstein concordava em pagar aos manipuladores profissionais 100 mil dólares por mês para defender seu comportamento da atenção pública.

Em pouco tempo aquele relacionamento já estava a todo vapor.

Seth Freedman, jornalista britânico freelancer,⁹ fornecia ao Black Cube dados que vinha coletando sobre várias mulheres que, segundo Weinstein, poderiam divulgar informações prejudiciais a seu respeito. Freedman dizia às mulheres que era repórter e trabalhava para o *Guardian*; às vezes afirmava que estava escrevendo sobre a vida em Hollywood ou sobre a indústria cinematográfica. A atriz Katherine Kendall e outras mulheres que receberam telefonemas de Freedman disseram que falaram com ele abertamente, sem suspeitar que estivesse fazendo qualquer coisa além do trabalho comum de um jornalista.

O Black Cube passou a focar em Benjamin Wallace,¹⁰ repórter da *New York Magazine* que investigava o comportamento de Weinstein com as mulheres. Freedman fizera contato com ele prometendo informações de seu interesse, sem nunca as entregar. Wallace também havia sido procurado por uma mulher, agente do Black Cube, que se apresentava como possível fonte de informações. Quando se encontraram, Wallace não falou muito com a agente, que dissera se chamar Anna, desconfiado de que trabalhava para Weinstein. Por fim, ele e seus editores decidiram suspender a investigação. Ninguém estava falando nada, explicou Wallace mais tarde; a matéria sobre Weinstein parecia um beco sem saída.

Em maio de 2017,¹¹ a mesma agente começou a rondar McGowan. Daquela vez disse que se chamava Diana Filip e que era chefe de investimentos sustentáveis e responsáveis de uma empresa londrina de gestão de patrimônio, a Reuben Capital Partners. Ela falava com sotaque alemão, usava um celular com número do Reino Unido e ofereceu a McGowan 60 mil dólares para dar uma palestra. Nos meses seguintes as duas se encontraram pelo menos três vezes, em qualquer cidade que fosse conveniente para

McGowan, e conversaram durante horas sobre questões relativas a mulheres. “Diana Filip” revelou sua intenção de investir na produtora de McGowan. Além disso, McGowan leu para ela um trecho de seu livro.

“Ela se apresentava como uma pessoa que realmente se importava com as mulheres”, disse McGowan mais tarde a Megan.

Em julho de 2017, Boies ajudou Weinstein a renegociar seu contrato com o Black Cube, visando resolver dois problemas. O primeiro era a reportagem de Jodi e Megan, e o segundo era uma disputa de faturamento entre Weinstein e o Black Cube. A empresa israelense esperava ganhar um bônus por obter informações sobre o livro de McGowan, mas Weinstein se recusava a pagar, argumentando que aquelas páginas apenas reiteravam o que ela já havia divulgado no Twitter, disse Boies.

Segundo o contrato que o advogado ajudou a reformular,¹² a missão do Black Cube se tornou muito mais explícita: barrar a investigação de Jodi e Megan.

O Black Cube “fornecerá informações de inteligência que ajudarão nos esforços do cliente para impedir a publicação de um novo artigo de teor negativo em um importante jornal de Nova York”. A agência também deveria conseguir mais informações incluídas no livro de McGowan. A agente “Anna”, também conhecida como “Diana Filip”, que já fizera contato com McGowan e Wallace, trabalharia no caso em tempo integral, assim como um jornalista freelancer. O contrato prometia criar “agentes avatares” com identidades falsas, em atividade contínua nas redes sociais; e ainda recorria a linguistas e “especialistas em operações” para se concentrar em “engenharia social”, todos eles aconselhados por ex-chefes dos serviços de Inteligência israelenses. Se o Black Cube conseguisse barrar a publicação do artigo, receberia um bônus de 300 mil dólares. Boies assinou o novo contrato em 11 de julho, semanas antes da reunião de Lanny Davis no *New York Times* com Jodi, Megan e Corbett.

Naquela ocasião, quando tentou seduzir as jornalistas com a perspectiva de uma entrevista, Davis não mencionou que na sua primeira reunião com Weinstein também estivera presente um agente do Black Cube. Ele só contou aquilo a Megan mais tarde, dizendo que não sabia exatamente o que o agente fazia para Weinstein.

Na mesma semana da reunião com Davis, Jodi recebeu uma série de e-mails e mensagens de texto de Diana Filip,¹³ de quem ela nunca tinha ouvido

falar. “Diana” dizia que era de uma empresa de Londres chamada Reuben Capital Partners; estava realizando uma série de eventos dedicados ao avanço das mulheres no mercado de trabalho e gostaria da participação de Jodi. A jornalista havia ignorado seus pedidos, mas em um dos e-mails a mulher foi persistente:

Olá, Jodi,

Obrigado pelo esclarecimento.

Estamos planejando uma série de mesas-redondas sobre desigualdade de gênero e discriminação das mulheres no ambiente de trabalho. Nosso objetivo é reunir tomadores de decisão, executivos de vários setores, jornalistas e outros interessados para discutir essas questões sob diferentes pontos de vista.

Algumas pessoas proeminentes já expressaram sua disposição para participar da iniciativa e estamos finalizando o cronograma e a agenda.

Em algum momento eu gostaria de ter sua contribuição (de qualquer maneira possível, mesmo que não seja como palestrante), em vista do seu trabalho nessa área.

Quero que esses eventos tenham real impacto e valor e sejam muito mais do que conversas vazias; por isso preciso ter certeza de que todas as perguntas relevantes serão feitas. Como você provavelmente percebeu, tenho grande paixão por esse projeto — que é sobretudo uma iniciativa minha.

Compreendo sua dificuldade de atuar no evento de maneira direta, mas mesmo assim adoraria conversar rapidamente com você e ouvir suas ideias.

Muito obrigada pelo seu tempo,
Diana

Algo no e-mail parecia um pouco estranho — Jodi não sabia exatamente o quê. Ela encaminhou a mensagem ao especialista em segurança digital do jornal, que não viu problemas na URL de “Diana”. O site, com a foto de uma mulher sorridente de terninho de executiva, era um apelo para a igualdade de gênero na esfera empresarial. “As mulheres ganham menos, são menos promovidas e são subestimadas no ambiente de trabalho”, afirmava o texto. “Esta iniciativa não vai se concentrar apenas em combater todas as formas de discriminação contra as mulheres no mercado de trabalho, mas também em promover a inclusão das mulheres nos negócios — ativamente e em todos os níveis.” Pelos padrões do feminismo corporativo, a linguagem era mais

radical do que de costume, exigindo “ativismo progressivo” e “total transparência” das empresas.

Em vez de atrair Jodi, aquilo a deixou de sobreaviso. Seu trabalho era reunir informações e descobrir segredos, não ser ativista. E como as regras de ética do *New York Times* proibiam os jornalistas de dar palestras pagas em empresas a fim de evitar tentativas de compra de influência, ela não poderia aceitar palestrar. Tampouco tinha tempo para um encontro qualquer num café.

Alguns dias depois, Diana Filip enviou mais um e-mail. Jodi respondeu secamente, demonstrando sua falta de interesse: “Estou muito ocupada, mas boa sorte no seu projeto”.

Mais tarde, Ronan Farrow acabou descobrindo alguns trabalhos que o Black Cube fez para Weinstein. Boies acreditava que Weinstein deveria reagir a matérias negativas sobre o tratamento que dava às mulheres fornecendo fatos que reforçassem sua defesa, e julgava que o Black Cube conseguiria aquelas informações. Ele afirmou que não tinha conhecimento das táticas desleais que a agência usava contra jornalistas e que lamentava não ter prestado mais atenção àquilo. Um fato surpreendente: o escritório de Boies ajudou a firmar o contrato para sabotar a investigação do *New York Times* ao mesmo tempo que defendia o jornal em outros litígios. Boies insistiu que aquilo não constituía um conflito de interesses, mas o jornal deixou de trabalhar com o escritório, chamando suas ações de “repreensíveis”.

No entanto, no verão de 2017, Jodi nem imaginava que aqueles e-mails que andava recebendo, com mensagens feministas tão entusiasmadas, vinham de uma agente falsa contratada para sabotar suas investigações e os relatos das vítimas. Também não suspeitava de que as mensagens tivessem relação com Boies. Seguindo as instruções de Baquet, ela e Megan já haviam rejeitado os pedidos de reunião feitos pelo advogado. Ele parecia nada mais que um executivo distante, marginalizado, do caso Weinstein.

Justamente quando Megan e Jodi avaliavam a equipe de Weinstein, receberam de Emily Steel um perfil elogioso de Gloria Allred e Lisa Bloom, recém-publicado na revista *W*.¹⁴ “GLORIA ALLRED E LISA BLOOM SÃO AS DEFENSORAS DAS MULHERES EM 2017”, dizia a manchete.

O artigo descrevia Lisa Bloom, filha de Allred, como sua herdeira e sua igual, colocando as duas juntas na vanguarda das questões de direitos civis, especialmente “assédio sexual e agressão a mulheres por parte de homens poderosos”. As duas advogadas posavam com uma praia ao fundo, vista da casa de Allred em Malibu, parecendo mais duas irmãs do que mãe e filha.

O trabalho de Bloom era atrair a atenção do público, tal qual o de sua mãe. Ao longo de sua carreira, ela já havia atuado como analista jurídica em diversas emissoras e até apresentado seu próprio programa no canal televisivo Court TV. Tinha escritório próprio em Los Angeles e parecia replicar o modelo da mãe: cultivava clientes de alto nível e muitas vezes conseguia para eles ótimos acordos particulares.

Suas habilidades como relações-públicas ficavam em evidência no perfil publicado pela revista W. Nele, Bloom se gabava de um acordo confidencial que acabara de fazer. “Mulheres que foram assediadas sexualmente ficaram milionárias”, dizia ela. Na foto, Bloom usava uma camiseta com os dizeres NOTORIOUS R.B.G., como se tivesse um vínculo com Ruth Bader Ginsburg, a mais importante advogada feminista dos Estados Unidos, juíza da Suprema Corte.

Sendo assim, por que Bloom concordara em trabalhar para um predador sexual? Seria devido ao contrato para um filme, sobre o qual ela escrevera um tuíte triunfante alguns meses antes? O que a motivava e de que maneira agia?

Megan disse a Jodi e Steel que já havia suspeitado de Bloom em 2016, quando a advogada se envolvera num processo contra Donald J. Trump, decorrente da acusação de que ele havia estuprado uma garota de treze anos numa festa organizada por Jeffrey Epstein nos anos 1990. Megan se recusara a cobrir o processo porque era impossível examinar as acusações da vítima, que permanecia anônima. Uma semana antes das eleições presidenciais de 2016, em meio a um debate acirrado sobre o áudio do *Access Hollywood* e as crescentes queixas contra Trump, Bloom havia anunciado que estava defendendo “Jane Doe”, a vítima anônima. Megan nunca tinha falado com Bloom, mas logo lhe enviou um e-mail:¹⁵

Há muito tempo considero esse caso suspeito e duvido da existência de uma verdadeira queixosa/vítima.

Você se encontrou com a verdadeira autora da queixa e concluiu que é legítima?
Gostaria muito de ter seu ponto de vista.

Megan nunca obteve resposta. Ela viu Bloom na TV, na coletiva de imprensa em seu escritório em Los Angeles,¹⁶ onde “Jane Doe” faria sua primeira aparição pública.

Mas a única pessoa que ficou na frente das câmeras naquele dia foi Bloom. Ela anunciou que a vítima, que disse estar ali, em seu escritório, havia recebido ameaças de morte e estava com muito medo de vir a público. Talvez fosse verdade; talvez a cliente de Bloom houvesse, de fato, sido estuprada por Trump e tivesse medo de falar a respeito. Mas para Megan tudo aquilo parecia um esforço elaborado para chamar a atenção da mídia para denúncias infundadas contra o candidato à presidência.

Mais tarde, Bloom reconheceu que havia solicitado dinheiro de uma organização política pró-Hillary Clinton.¹⁷ Disse que precisava de fundos para investigar as acusações de “Jane Doe” e que, depois que o processo foi descontinuado, ela aceitou 700 mil dólares de doadores pró-Clinton para segurança, mudança de endereço e a possível criação de um abrigo para outras mulheres que podiam acusar Trump. Como as mulheres decidiram não se manifestar, Bloom, segundo consta, teria devolvido 500 mil dólares das doações, mas guardado os outros 200 mil dólares, dizendo mais tarde ao *New York Times* que precisava de “fundos para pagar suas despesas diretas”. Mais tarde, quando os acordos financeiros foram revelados, os republicanos acusaram Bloom de oferecer dinheiro às mulheres para inventar mentiras sobre Trump. Outros consideraram que a advogada manipulava acusações duvidosas contra ele para seu próprio ganho financeiro.

Bloom afirmou mais tarde que passara meses examinando as afirmações de “Jane Doe”,¹⁸ mas, no final, como a garota tinha muito medo de vir a público, instruíra sua equipe a abandonar o caso e não o discutir mais. Afirmou também que não tinha recebido honorários de espécie alguma das acusadoras de Trump.

Mais ou menos naquela época, alguns clientes de Bloom passaram a criticá-la. Em 2016, Steel começou a entrevistar Tamara Holder,¹⁹ advogada politicamente progressista e ex-colaboradora da TV Fox que fizera uma denúncia contra a emissora, alegando que havia sofrido agressão sexual. Segundo documentos legais examinados por Steel, Holder afirmava que, em fevereiro de 2015, quando trabalhava como apresentadora de um programa chamado *Sports Court*, um executivo da Fox chamado Francisco Cortes a prendeu no seu escritório e tentou forçá-la a fazer sexo oral.

Enquanto Steel trabalhava na reportagem, Bloom ajudou Tamara Holder a garantir um acordo no valor de mais de 2,5 milhões de dólares. Holder disse que não havia compreendido bem os termos, que eram especialmente rígidos. Se o *New York Times* ou o *Wall Street Journal* publicassem artigos sobre sua experiência, ela perderia grande parte do dinheiro. Mais tarde ela escreveu a Bloom: “Eu não assinei isso compreendendo que se Steel” — ou algum repórter do *Wall Street Journal* — “escrevesse um artigo eu perderia o segundo pagamento”.

Holder ficou indignada. Na sua opinião, Bloom a pressionara a aceitar um acordo sem revelar até que ponto a colocava em risco financeiro. Pior ainda: temia ter perdido a opção de divulgar sua história, algo mais valioso para ela do que qualquer pagamento, como deixara claro para Bloom. Quando expressou suas preocupações logo após o acordo, Bloom deixou de representá-la, segundo Holder, saindo da história com 1 milhão de dólares.

“Ela não se importava comigo”, disse Holder mais tarde a Megan. “Só se importava com o dinheiro.”

Bloom negou que a tivesse pressionado para aceitar um acordo; disse que sempre repassa o texto dos acordos com seus clientes linha por linha e que é de praxe um advogado encerrar suas relações com o cliente assim que se conclui um acordo. Bloom também observou que a própria Holder é uma advogada experiente, especializada em direitos civis.

Na noite de sábado, 26 de agosto, Megan inesperadamente ouviu uma história sobre Lisa Bloom que começou a esclarecer as atividades da advogada em favor de Weinstein.

Megan ia encontrar alguém que poderia lhe explicar uma transação financeira um tanto estranha envolvendo *Finding Neverland*, a produção teatral de Weinstein que Baquet havia mencionado, e a amfAR, uma instituição de caridade dedicada à aids para a qual ele fizera leilões luxuosos em Cannes. Enquanto a peça lutava para decolar na Broadway, Weinstein havia conseguido fazer com que 600 mil dólares arrecadados num leilão da amfAR em 2015 fossem canalizados para o bolso dos investidores de *Finding Neverland*, sem revelar aquilo à instituição de caridade.²⁰ Alguns líderes da amfAR se sentiram enganados, temendo que houvesse algo ilegal ali.

Megan ia se encontrar com Tom Ajamie,²¹ um advogado que havia sido contratado pelo conselho da amfAR para examinar o assunto. Ele disse a Megan que investigar Weinstein era diferente de tudo o que já havia feito. O produtor barrava sua análise da transação financeira a cada passo. David Boies amordaçava os membros do conselho com acordos de confidencialidade. Enquanto isso, quanto mais Ajamie perguntava sobre Weinstein, mais ouvia falar de assédio e abuso sexual.

Ajamie ficou tão preocupado com as acusações que mencionou o assunto a Lisa Bloom quando a encontrou para tomar um drinque, em outubro de 2016, em Los Angeles. Ele já conhecia Bloom; ficara impressionado com seu envolvimento com questões feministas e esperava criar uma relação profissional com ela. Já que Bloom se dispunha a perseguir homens poderosos como Donald Trump, decerto não teria medo de enfrentar Harvey Weinstein, pensou Ajamie. Talvez ela estivesse trabalhando com algumas de suas vítimas.

Segundo Ajamie, Bloom lhe disse que nunca tinha ouvido queixas sobre o tratamento que Weinstein dispensava às mulheres e pediu que a mantivesse informada. Vários meses depois, as coisas ficaram estranhas. Bloom aceitou a oferta de Ajamie de se hospedar com ele e mais algumas pessoas em um apartamento que o advogado tinha alugado em Park City, Utah, para o Festival Sundance de Cinema em janeiro de 2017. Bloom voltou de uma festa organizada por Weinstein e Jay-Z dizendo que o produtor queria se encontrar com Ajamie. Com relutância, Ajamie permitiu que Bloom o levasse à suíte de Weinstein, no hotel Main and SKY, para o café da manhã. Em alguns momentos Weinstein atacava Ajamie por investigar o seu passado; em outros, pedia, quase implorando, que os dois fizessem um acordo. Bastava que Ajamie assinasse um termo de confidencialidade formulado por Boies concordando em manter em segredo quaisquer informações sobre Weinstein. “Vamos ser amigos”, disse o produtor. “Podemos fazer negócios juntos.”

Ajamie rejeitou qualquer acordo em troca do seu silêncio e saiu dali convencido de que a transação de 600 mil dólares da amfAR era uma parte mínima do que o produtor tinha a esconder.

Mais tarde lembrou que, quando estava de saída, Lisa Bloom virou-se para lhe dizer algo. Durante a reunião, ela se portara como uma observadora neutra, ficando quieta quase o tempo todo. Agora, porém, tinha um conselho para dar:

“Sabe, acho que você deveria reconsiderar sua posição em relação a ele.”

“O que quer dizer com isso?”, perguntou Ajamie.

“Ele pode ajudar sua carreira”, respondeu ela.

Na época da viagem a Park City, Lisa Bloom já trabalhava com Weinstein havia seis semanas, com honorários de 895 dólares por hora.²²

Muito mais tarde, Bloom disse que defender Weinstein em 2017 foi um “erro colossal”, do qual ela “se arrependeu profundamente”. “Fui ingênua ao acreditar que ele só usava palavras impróprias com as mulheres e por achar que poderia chegar à raiz do problema de uma maneira diferente, incentivando-o a pedir desculpas — o que ele de fato fez quando a história estourou”, escreveu ela em um e-mail para Jodi e Megan. “Mas ficou claro que minha tática não deu certo e que eu deveria ter pensado melhor. Será que deveria ter assumido que era tudo muito pior do que as coisas que eu sabia na época? Sim. Assumo essa responsabilidade.”

Mas, ao contrário do que escreveu no e-mail, quando Bloom foi contratada por Weinstein, em dezembro de 2016, parecia saber muito bem onde estava se metendo — e propôs um papel para si mesma muito mais condenável do que incentivá-lo a se desculpar. Ela explicou sua ideia num memorando (obtido depois por Megan) que enviou a Weinstein e a dois detetives particulares chamados Jack Palladino e Sara Ness:

Harvey,

Foi um prazer falar com você hoje, embora é claro que todos preferiríamos estar em circunstâncias melhores. Passei o resto do dia lendo os relatórios de Jack e Sara sobre Rose [McGowan], que parece mesmo ser uma mentirosa patológica mentalmente perturbada, e também sobre sua ex-assistente... que parece menos preocupante. Também li muitos tuítes de Rose, para ter uma ideia melhor de quem ela é, e vi seu curta-metragem, *Dawn*. (Não sou crítica de cinema, mas achei o filme horrível; de toda forma, mostra bem quem é Rose. Garoto conhece garota. Garota confia em garoto. Garoto mata garota. Todos os homens são horrorosos. Fim.)

Sinto-me preparada para ajudar você contra as Rosas deste mundo, porque já tive muitas como clientes. No início parecem imponentes e ousadas, mas quanto mais pressionadas são para apresentar provas, mais mentiras e pontos fracos aparecem. Hoje ela não está fazendo muita coisa além de cultivar sua identidade de guerrilheira feminista em rápida ascensão — um papel que parece basear-se

inteiramente em suas postagens indignadas. Para manter seu exército de seguidoras, o tal “RoseArmy”, ela precisa continuar botando fogo nas suas diatribes.

Está bem claro que ela precisa parar com esses ataques ridículos e difamatórios contra você. Ela é perigosa. Você tem razão em se preocupar.

Eis algumas opções após minha primeira leitura, que posso detalhar no nosso próximo telefonema:

1. Iniciar um contato amigável com ela através de mim ou de outro bom intermediário e, depois de estabelecer um relacionamento, apresentar uma proposta vantajosa para ambas as partes. Pergunta-chave: **o que ela quer?** Dirigir um filme?
2. Operações on-line para revidar os ataques e expor o fato de que é uma mentirosa patológica. Alguns artigos bem colocados na mídia, desde já, vão nos ajudar muito se as coisas estourarem para nós mais tarde. Podemos publicar uma matéria relatando que ela está ficando cada vez mais maluca, de modo que quando alguém pesquisar o nome dela no Google é isso que vai aparecer, e ela ficará desacreditada. Temos todos os fatos baseados em informações disponíveis publicamente. Isso pode começar junto com o item 1.
3. Uma carta minha com um pedido para parar com o que está fazendo sob pena de ação judicial, avisando-a da violação do contrato com você e notificando-a das possíveis causas para processo: invasão de privacidade, difamação etc. Risco: ela pode divulgar a carta on-line, gerando publicidade e reação contrária. (Sara: preciso ver o acordo, por favor.)
4. Você e eu irmos a público preventivamente, dando uma entrevista em que você fala sobre sua evolução em relação às questões das mulheres, motivado pela morte de sua mãe, o áudio “agarrar pela boceta” de Trump e talvez também por boatos ferinos e sem fundamento sobre você. Isso vai gerar manchetes se você expressar arrependimento genuíno por ter prejudicado alguém, mas enfatizando que sempre foram comportamentos consensuais entre dois adultos. Na época você pensou que isso bastava, mas agora percebe que as coisas têm mais nuances, que o desequilíbrio de poder significa alguma coisa etc. Você me procurou para ajudar a entender os novos costumes sociais relativos a condutas sexuais repreensíveis porque você é uma pessoa boa e decente (como se comprova pelo trabalho de toda a sua vida fazendo filmes sobre questões sociais importantes e pela sua filantropia extremamente generosa). Exemplo: Charlie Sheen. Quando várias mulheres o acusaram de não ter revelado sua condição de soropositivo, ele deu uma entrevista no *Today Show* onde assumiu sua situação, recebendo uma onda de elogios depois. Como advogada, já defendi algumas

dessas mulheres, mas suas histórias foram abafadas por essa entrevista e pela reação positiva que gerou. É essencial, do ponto de vista do controle de reputação, ser o primeiro a contar a história. Recomendo veementemente que você faça isso. Se concordar, gostaria de encontrá-lo e examinar a história com mais detalhes, para máxima eficácia. Você deve ser o herói dessa história, não o vilão. E isso é totalmente possível de se fazer.

5. Crie a Fundação Weinstein, focada na igualdade de gênero no cinema etc. Ou estabeleça “padrões Weinstein”, que ditam que um terço dos filmes produzidos têm que ser dirigidos por mulheres, ou escritos por mulheres, ou passar no teste de Bechdel (ou seja, que precisa ter duas personagens femininas com nome, que conversem entre si sobre algum assunto que não seja um homem). Enfim, qualquer coisa do tipo. Anuncie que você vai aumentar imediatamente as exigências de igualdade de gênero, de maneiras bem específicas, em todos os filmes sob seu controle. Anuncie uma parceria com o grupo da Geena Davis, que trabalha pela igualdade de gênero no cinema — por exemplo, determinando que metade dos figurantes nas cenas de multidão deve ser do sexo feminino. Bem, você entendeu. Os detalhes podem ser elaborados, mas o ponto central é que você decidiu ser um líder e vamos elevar os padrões de exigência de uma maneira concreta, capaz de gerar manchetes.
6. Controle positivo de reputação. Pesquisei seu nome no Google e aparecem alguns artigos bem desagradáveis. Eu trabalho com a empresa líder em controle de reputação, que pode criar backlinks para artigos positivos de modo a formar uma “muralla”, impedindo que os artigos negativos sejam bem classificados no Google. Sua primeira página no Google é essencial, pois 95% das pessoas nunca passam dela. Vamos melhorar isso; é fácil de fazer. Isso deve acontecer simultaneamente com uma das outras opções.

Lembrete: pode me colocar em contato com David Boies, por favor, para que eu possa ser contratada formalmente?

Outra coisa: como seus e-mails para a campanha de Hillary Clinton foram hackeados recentemente, recomendo que crie uma nova conta segura para trocar e-mails com essa equipe. Não deveríamos nos corresponder sobre esses assuntos confidenciais pelo e-mail da sua empresa, pois sua equipe de TI e outras pessoas podem ter acesso.

Obrigada, me sinto muito honrada por fazer parte do time.

Vamos conversar amanhã?

Atenciosamente,

Lisa Bloom

Weinstein pagou a ela uma quantia inicial de 50 mil dólares. As faturas seguintes da contabilidade mostram o que Bloom fez para ajudá-lo.

Ela colaborou com “Anna”, a agente do Black Cube também conhecida como Diana Filip. Confabulou com Weinstein e Boies. Ajudou a organizar a coleta de informações sobre Rose McGowan, Ambra Battilana Gutierrez, Ashley Judd e outras mulheres que poderiam acusar Weinstein. Trabalhou lado a lado com Sara Ness, a detetive particular que estava compilando dossiês sobre os jornalistas que investigavam Weinstein, rastreando a presença deles nas redes sociais para descobrir quem seriam suas fontes. Tal como Baquet havia previsto, Weinstein e sua equipe estavam monitorando repórteres, usando cada clique deles nas redes sociais para tentar descobrir com quem andavam conversando.

“Com base nas atividades de redes sociais e nos comentários feitos por HW, até agora os nomes a seguir parecem estar entre as possíveis fontes mais relevantes/importantes para [Jodi] Kantor e [Ronan] Farrow”,²³ dizia Ness no dossiê, que Jodi e Megan só viram meses depois. Ele se estendia por várias páginas, listando quem seguiam no Twitter e desde quando. Várias fontes entre as mais importantes de Jodi e Megan constavam da lista.

Algumas observações se provaram estar equivocadas. “É difícil prever se McGowan concederá uma entrevista a Farrow ou Kantor”, escreveu a detetive, depois que Jodi e Megan já estavam conversando com McGowan havia semanas. “Parece improvável que Ashley Judd queira dar declarações públicas e requestrar o artigo da *Variety* de 2015”, observou ela. E Weinstein “não acredita que Gwyneth Paltrow seja uma ameaça”.

Mas outras observações acertavam bem no alvo, e eram assustadoras. Várias mulheres foram descritas como possíveis “fontes adversas”, incluindo a assistente que havia fugido da Miramax em 1990 e que Megan havia encontrado na casa da mãe.

“Fontes adversas” lembrava bastante outra palavra: “adversárias”. Com a ajuda de uma grande equipe, Weinstein tinha declarado guerra.

5. A cumplicidade da empresa

Durante os meses de agosto e setembro de 2017, Jodi e Megan enfrentaram um grande problema: apesar de tudo o que descobriam sobre o tratamento que Weinstein dispensava às mulheres, pouco havia de concreto que se pudesse divulgar na imprensa.

Certa noite, Rebecca Corbett levou as duas repórteres para um bar tranquilo em Manhattan e pediu para que a atualizassem com as últimas informações. Jodi e Megan fizeram uma lista de tudo o que sabiam até o momento: as estrelas de Hollywood que lhes haviam contado histórias sobre Weinstein, as ex-funcionárias, os acordos.

Corbett sabia exatamente quais materiais elas tinham, mas queria apresentar um argumento importante. Quantas mulheres tinham falado on-the-record? Quantos acordos tinham sido confirmados? Das mulheres com relatos em primeira mão de abuso sexual, apenas Laura Madden concordara em ser citada nominalmente, mas sua resposta não era definitiva. Os pagamentos não estavam provados por completo.

“Vocês não têm em mãos uma reportagem que possamos publicar”, disse Corbett.

Convencer ex-funcionários de Weinstein a falar não era nada fácil, sobretudo quando se tratava do círculo mais íntimo de executivos que trabalhavam com o produtor havia anos. Falar não era do interesse deles. Por que iam querer que o mundo inteiro soubesse que tinham subido na carreira ajudando um homem que parecia ser um predador? A melhor maneira seria convencê-los de que a investigação do *New York Times* era uma maneira de

mitigar erros passados, abordando de forma segura os comportamentos que talvez os incomodassem.

Ao final de uma conversa não muito reveladora com um executivo, Jodi ouviu algo intrigante. O comentário era sobre um dos principais auxiliares de Weinstein, Irwin Reiter, vice-presidente executivo de relatórios contábeis e financeiros da Weinstein Company. Seus ex-colegas o definiam como “patrimônio institucional” da empresa: era ele quem fazia a contabilidade para os dois irmãos desde 1989. Também se dizia que Reiter era leal e um tanto grosseiro, que pouco se preocupava com o comportamento do chefe com as mulheres. Mas o executivo também disse algo que ninguém mais havia mencionado: “Irwin Reiter *odeia* Harvey Weinstein”.

Jodi já tinha o telefone de Reiter, só que não queria ligar enquanto não soubesse mais a seu respeito. Mas o momento havia chegado. Quando ela ligou, ele disse que não queria conversar; mas antes de desligar lhe deu seu e-mail particular. Jodi mandou uma mensagem:

Sexta-feira, 15 de setembro de 2017, 16:46

Para: Irwin Reiter

De: Jodi Kantor

Prezado Irwin,

Obrigada por me passar seu e-mail. Estamos documentando acusações relativas a um comportamento habitual de tratar mal as mulheres ao longo dos anos. Nossos relatos demonstram que houve numerosos acordos. Disseram-me que isso pode ter lhe causado preocupação ao longo do tempo. Ajudar-nos a relatar essa história corretamente pode dar a chance de se fazer algo sobre a situação sem que ninguém mais saiba. Eu apreciaria muito a oportunidade de ter uma conversa confidencial, em que mostraria nossas informações para que você possa dizer se estão corretas.

Minha irmã mora perto de você em Nova Jersey, e eu estava planejando visitá-la em breve. Posso convidar você para um café e lhe dar mais detalhes?

Sexta-feira, 15 de setembro de 2017, 20:27

Para: Jodi Kantor

De: Irwin Reiter

Seu currículo é admirável. Em 2017, do jeito como as coisas estão, tenho um saudável respeito pelos repórteres. Tenha um ótimo fim de semana.

Jodi encaminhou imediatamente a mensagem de Irwin.

Sexta-feira, 15 de setembro de 2017, 20:37

Para: Megan Twohey

De: Jodi Kantor

O que eu devo dizer?

Sexta-feira, 15 de setembro de 2017, 21:11

Para: Irwin Reiter

De: Jodi Kantor

Obrigada, isso significa muito para mim. Documentar cuidadosamente a verdade parece mais importante do que nunca. Posso passar pela sua casa por volta das 11h na segunda-feira para me apresentar. (Segundo a lista telefônica, o endereço é: Hebron Drive, 3, East Windsor.) Diga-me se há um dia ou um horário melhor.

Sexta-feira, 15 de setembro de 2017 às 21:46

Para: Jodi Kantor

De: Irwin Reiter

Você é uma ótima repórter, mas é péssima em relação a endereços. Nunca morei em Nova Jersey. Estou pensando a respeito. Na segunda-feira informo o que decidi.

Para manter vivo o diálogo por e-mail, Jodi continuou conversando com ele sobre amenidades, com Megan em cópia oculta lendo as mensagens e aconselhando-a sobre o que responder.¹

Reiter logo enviou instruções: “Encontre-me às 21h30 no bar atrás do restaurante Little Park, em Tribeca”. E estabeleceu regras para o encontro: ele faria as perguntas, reservando-se o direito de ir embora depois de cinco minutos, e pagaria a conta. Não havia problema, mas Jodi ficou surpresa com a escolha do local. Tribeca era o mundo de Weinstein. Quando ele mudara o escritório da Miramax para lá, décadas antes, a ascensão da empresa ajudara a transformar o bairro, antes popular, em uma área de riqueza, prestígio e poder, com lofts multimilionários, restaurantes chiques e um famoso festival de cinema. O Little Park, caro e elegante, parecia o tipo de restaurante que o produtor poderia frequentar. Seu escritório na Weinstein Company, que ele fundara com o irmão em 2005, ficava a seis quarteirões de distância. Mas Jodi não questionou a escolha. Se Reiter queria se encontrar debaixo do nariz de Weinstein, assim seria.

Na noite de segunda-feira, 18 de setembro,² Jodi entrou no movimentado restaurante, sempre olhando ao redor. Mesmo que Weinstein não estivesse lá, queria ter certeza de que não havia algum conhecido que pudesse interromper. Ela seguiu até um espaço quase escondido na parte de trás, com pouca gente: um bar meio escuro, parecendo uma sala de clube, ideal para conversas particulares, com muito espaço entre os grupos de sofás e poltronas. Onde estava Reiter? Seria um espião, pronto para descobrir o que a repórter sabia?

Mas aquele homem baixinho, de cinquenta e poucos anos, sentado em uma poltrona bem lá atrás, estava muito nervoso para ser um agente secreto, sempre virando para olhar e fazendo piadas macabras sobre a necessidade de fugir dos capangas que Weinstein decerto tinha contratado. Ele tinha um jeito familiar de tio, e pelo ritmo de sua fala se percebia que não era de Manhattan.

Depois de alguns minutos de conversa, Reiter continuava nervoso, mas não fez muitas perguntas e não parecia com pressa de ir embora; assim, Jodi se aventurou a fazer algumas indagações. Queria saber se ele tinha detalhes financeiros sobre acordos. Enquanto ela investigava sobre fatos passados, Reiter pareceu intrigado, ou mesmo desapontado. Por fim, ele perguntou: Por que você quer saber dessas histórias antigas, se Weinstein cometeu tantos delitos mais recentes, inclusive contra suas próprias funcionárias?

Delitos recentes.

Jodi e Megan não sabiam sobre muitos deles. Além da investigação policial de 2015 sobre o comportamento de Weinstein, tinham recebido apenas algumas informações não confirmadas. Quando Jodi pediu a Reiter que explicasse melhor, ele ficou tenso e depois começou a falar sem muita clareza. Mencionou uma jovem executiva que lia roteiros e outra que havia trabalhado na Weinstein Company enquanto estudava administração e negócios. Reiter só mencionava iniciais: EN, LO e muitas outras. Não estava disposto a dizer mais. O que ele realmente queria, disse, era impedir Weinstein de continuar agindo daquela forma com as jovens que trabalhavam na empresa.

Nas duas semanas seguintes, Jodi e Reiter se encontraram diversas vezes, sempre tarde da noite, em geral no bar atrás do Little Park. Jodi e Megan não contaram a ninguém além dos seus editores. Nos e-mails e mensagens de texto, referiam-se a ele apenas como “a fonte” ou “o cara da Jodi”. O contador jurava que cada encontro seria o último. Seu emprego estava em

risco. Falava depressa, nervoso, disposto a revelar algumas coisas e não outras, às vezes se recusando a citar nomes, ziguezagueando entre episódios que pareciam importantes e outros irrelevantes ou difíceis de comprovar. Não afirmava compreender tudo o que havia acontecido na empresa e não contava as histórias na ordem.

Entre uma e outra entrevista, Jodi e Megan procuravam decifrar, rastrear e confirmar o que ele dizia, conversando com outros ex-funcionários, conseguindo relatos e entrando em contato com as mulheres que Reiter mencionava. As repórteres se concentraram nos fatos fundamentais: o que Weinstein havia feito com as jovens e que provas poderiam encontrar?

Mas elas também perceberam que Reiter estava lhes dando amostras de uma matéria que levariam muito mais tempo para produzir. Durante dois anos angustiantes na Weinstein Company, 2014 e 2015, o perigo que o produtor representava para as mulheres se tornou muito mais visível para os altos executivos da empresa, com os problemas surgindo com uma periodicidade perturbadora.

Harvey Weinstein havia recrutado várias pessoas e vários departamentos das suas ilustres empresas — de advogados a assistentes, de contratos a contas a pagar — para promover suas atividades predatórias ou então ocultá-las. Alguns funcionários sabiam pouco ou nada, porque eram responsáveis por cartazes de divulgação ou pelos lançamentos dos filmes. Mas, durante aquele período de dois anos, Reiter, o membro mais ativo do conselho da empresa, e Bob, irmão e sócio de Weinstein, tinham ficado cada vez mais conscientes das alegações de assédio e abuso sexual, e mais preocupados com elas. Um por um, todos falharam em abordar a questão, e o produtor mostrou uma notável capacidade de criar sua própria realidade, fazendo desaparecer uma série de problemas.

Como podia uma empresa se tornar cúmplice de abuso sexual em tamanha profundidade?

Durante muito tempo, Reiter procurou não enxergar o tratamento que seu chefe dava às mulheres. Havia entrado na Miramax em 15 de julho de 1989, aos trinta anos; era contador formado pelo Brooklyn College e se impressionara com os filmes ousados que Weinstein lançava, tão diferentes dos filmes que passavam nos cinemas mais comerciais. No ano seguinte,

notou a saída repentina e misteriosa da assistente do minúsculo escritório de Nova York — a mesma moça que Megan mais tarde encontrou na casa da mãe. Disseram-lhe que Weinstein havia agido de maneira imprópria com ela e a moça havia negociado algum tipo de acordo; era tudo.

Quase dez anos depois, Reiter ouviu dizer que Zelda Perkins tivera um problema no escritório de Londres e que um advogado da empresa fora enviado à Inglaterra para ajudar a resolvê-lo. Tal como muitos colegas, Reiter ouvia boatos sobre “casos” entre o produtor e várias atrizes, mas não sabia quem estava se aproveitando de quem: não era verdade que as atrizes faziam qualquer coisa para ganhar um papel num filme? Além disso, ele era apenas um contador, o homem dos números, sem autoridade para questionar Weinstein. Assim, não procurou saber mais nada.

As coisas se mantiveram de tal maneira até 2014, quando ele ficou mais alarmado. Durante o verão, Reiter ouviu algumas conversas preocupantes no escritório sobre o comportamento de Weinstein com as mulheres. Naquele mês de outubro, mulheres de várias idades e origens acusaram Bill Cosby de agressão sexual. Com a divulgação das notícias, os projetos de TV de Cosby e os convites para turnês evaporaram.³ Quando se apresentava, ele era interrompido e vaiado por manifestantes.

Em vista das notícias sobre Cosby, Reiter achou que tinha de intervir. Ainda não queria saber se ou de que modo todas aquelas mulheres haviam sido prejudicadas. Estava preocupado com a Weinstein Company, que projetava uma imagem de sucesso, com produções de prestígio como *O discurso do rei* e o programa de TV *Project Runway*, mas se encontrava em condições mais precárias do que as pessoas de fora sabiam, com muitos projetos fracassados e prejuízos de centenas de milhões de dólares. Um escândalo de abuso sexual poderia pôr a empresa no caminho da destruição.

Em novembro de 2014, Reiter escreveu um e-mail acusatório para Weinstein, citando algumas mulheres de quem ouvira boatos no escritório. “Pare de fazer merda”, escreveu ele ao chefe, segundo um rascunho do e-mail. Ele não se importava com o que Weinstein fizesse com as mulheres, “a menos e até que isso signifique o fim da empresa. Será o caso?”, perguntou. No dia seguinte, Weinstein confrontou Reiter, mas não admitiu nada. O produtor passou a tratá-lo com frieza e a se referir a ele no escritório como “a polícia do sexo”. (Weinstein negou isso.)

Semanas depois, em dezembro de 2014, quando a empresa estava prestes a

entrar em recesso de fim de ano, Reiter chegou ao trabalho certa manhã e encontrou outros executivos preocupados. Uma jovem de 25 anos chamada Emily Nestor, estudante de pós-graduação, tinha sido contratada como recepcionista temporária do escritório de Los Angeles. No segundo dia de trabalho, Weinstein insistiu para que ela tomasse café da manhã com ele no hotel Peninsula, em Beverly Hills, e oferecera trocar sexo por mentoria, gabando-se de todas as atrizes que supostamente tinham aceitado a oferta e obtido fama e fortuna.⁴ Emily Nestor continuou negando. Ele continuou oferecendo. Quando ela finalmente conseguiu se livrar de Weinstein e voltou ao escritório, contou a outros funcionários o que havia acontecido; eles alertaram os colegas de Nova York.

Reiter ficou preocupado: pelo jeito, a empresa estava enfrentando um episódio de assédio sexual. Como Emily Nestor não queria fazer uma queixa formal para o departamento de recursos humanos, Reiter e vários outros executivos convenceram os funcionários de Los Angeles que tinham ouvido o caso em primeira mão a registrar por escrito todo o acontecido. Um dos relatos incluía quanto tempo Emily Nestor levava para afastar Weinstein: “Ela disse que ele foi muito insistente, que estava muito focado no que queria, embora ela tivesse dito não durante mais de uma hora”.⁵

No início de 2015, Reiter estava sentado em um restaurante no centro da cidade, conversando com sua filha Shari, de 26 anos, mais ou menos a mesma idade de Emily Nestor. Ela era estudante de psicologia e feminista convicta. Reiter lhe contou o que estava acontecendo no trabalho e chegou a mostrar no celular a ela e a uma amiga estudante de direito alguns dos e-mails e documentos. Shari ficou horrorizada. Como ambos recordaram mais tarde, ela insistiu que o pai precisava agir, que tinha que encontrar uma forma de acabar com aquele comportamento de Harvey Weinstein.

Reiter queria fazer aquilo. Não temia mais apenas pela empresa: começava a temer pela segurança das funcionárias e ficava perturbado ao pensar que seu chefe assediava as mulheres que trabalhavam para ele. Mas não via o que podia fazer. O consultor jurídico da empresa havia dito aos executivos que, como Emily Nestor não queria registrar oficialmente uma queixa, não fazia muito sentido levar ao conselho da empresa o relato dela. Insistir no caso parecia inútil. Além disso, como Reiter disse à filha, ambos sabiam o que acontecia naquelas situações: as vítimas acabam sendo consideradas culpadas, como se elas é que tivessem feito algo de errado.

Mas Shari continuou pressionando.⁶ A conversa esquentou a ponto de atrair olhares das outras mesas, como ela lembrou mais tarde. Shari disse ao pai que ele tinha poder. Podia ajudar a criar um ambiente favorável para as mulheres saírem a público; tinha a obrigação de fazer mais.

Naquele inverno, Reiter ouviu as preocupações de outra jovem funcionária, Sandeep Rehal, assistente pessoal de Weinstein.⁷ Tinha 28 anos e aquele era seu primeiro emprego, sem contar uma temporada como balconista de loja, paga por hora. Rehal começou a fazer confidências para ele e para alguns outros executivos acerca de tarefas que considerava constrangedoras. Weinstein lhe dera ordens para alugar um apartamento mobiliado, usando o cartão de crédito corporativo dele, e colocar lá dentro um bom estoque de lingerie feminina e flores, além de dois roupões de banho. Ela tinha que cuidar de toda uma lista de mulheres, que chamava de “amigas de Harvey” — nome que Reiter já ouvira no escritório. Administrar as idas e vindas delas de alguma forma tinha se tornado parte do seu trabalho.

Rehal tinha vergonha e também medo de contar aos executivos da empresa suas piores experiências, ela disse mais tarde. Por exemplo, tinha que comprar e organizar o suprimento pessoal de Weinstein de um medicamento para disfunção erétil chamado Caverject, administrado por injeção no pênis. Tinha que manter um estoque de doses na sua própria mesa e entregar o medicamento a ele em sacos de papel pardo. Às vezes precisava levar Caverject até algum hotel ou outro local, pouco antes dos encontros dele com as mulheres. Certa vez, depois de passar uma semana procurando um novo fornecedor do medicamento e por fim conseguir comprá-lo com o cartão da empresa, Rehal ganhou de Weinstein um bônus de quinhentos dólares, pago pela empresa, segundo um e-mail que ela o viu enviar para o departamento de recursos humanos. Ele havia dito, implicitamente, que haveria consequências se ela contasse a alguém sobre aquelas funções, mencionando seu empréstimo estudantil e a mensalidade da escola de sua irmã mais nova, e dizendo que poderia mandá-la embora. Ficar em silêncio traria recompensas, sugeriu Weinstein. “Você está na Universidade Harvey Weinstein e sou eu quem decido se vai se formar ou não”, disse o produtor. Logo depois, Rehal deixou a empresa e Reiter não teve mais notícias dela.

O contador começou a se queixar para os colegas de outro ponto que Rehal havia levantado: o uso das verbas da empresa. Weinstein fazia gastos enormes com seu cartão corporativo, usando um critério não muito

sistemático para classificar quais despesas pessoais deveria reembolsar depois. Além do seu generoso salário anual — 2,5 milhões de dólares em 2015 —,⁸ ele por vezes exigia que a produtora pagasse contas questionáveis, incluindo uma gorjeta de 24 mil dólares para a equipe do iate (que ele acabou reembolsando) e uma escala de jato particular na Europa para buscar uma modelo. (Weinstein negou qualquer uso impróprio dos fundos da empresa.)

Depois que o produtor solicitou pagamentos para uma nova rodada de mulheres empregadas na produção de filmes sem lhes dar funções nem tarefas claras, Reiter escreveu a Tom Prince, chefe de produção da Weinstein Company:⁹

Terça-feira, 10 de fevereiro de 2015

Para: Tom Prince

De: Irwin Reiter

Quantas??????????

Quantas serão suficientes????

Quantas são demais???

Para: Tom Prince

De: Irwin Reiter

Sem dúvida... uma hora vai acontecer... Quantos anos o Bill Cosby tem? Há quanto tempo ele escondia sua doença sexual? Vai acontecer, só espero que não postumamente...

Para: Irwin Reiter

De: Tom Prince

Realmente não dá para entender.

Enquanto Jodi continuava se encontrando à noite com Reiter, as repórteres se esforçavam para buscar confirmações do que ele dizia. Emily Nestor não queria comentar publicamente o que havia acontecido, mas pouco depois Megan conseguiu contatar por telefone outra jovem assistente, cujas iniciais Reiter havia fornecido, que deixara a Weinstein Company no verão de 2015. A voz dela falhava; aos poucos, começou a explicar que havia deixado a empresa “por razões morais”. Como assinara um contrato de confidencialidade, tinha medo de contar a Megan tudo o que se passara.

Weinstein a atacara, bombardeando-a com solicitações de sexo e de massagens, que ela recusava repetidamente. Como não queria perder a oportunidade de trabalhar para uma empresa tão conceituada, ela buscou um novo cargo que a deixasse distante dele.

Quando Weinstein exigiu que ela voltasse a trabalhar diretamente para ele, a jovem foi se queixar a um alto executivo da empresa das tarefas que era forçada a fazer para Weinstein, esperando que a ajudasse a ficar fora do alcance do chefe, ela disse. Em vez disso, o próprio Weinstein lhe telefonou, pressionando-a a negar o que tinha falado, a mandar uma carta dizendo que tivera uma “experiência positiva” na empresa e depois a pedir demissão.

Ao mesmo tempo, Jodi tinha conversas estranhamente semelhantes com uma ex-assistente chamada Michelle Franklin, que trabalhara no escritório de Londres em 2012.¹⁰ Ela também estava muito ansiosa para falar, mas apenas em off. Weinstein nunca havia pressionado Michelle Franklin a fazer sexo. Mas, tal como a jovem assistente com quem Megan havia conversado, contou que precisava organizar os encontros em quartos de hotel para as “amigas de Harvey” — o mesmo termo que Reiter e outros haviam usado. Assim como Rehal, era encarregada de comprar na farmácia medicamentos injetáveis no pênis e, enquanto arrumava os quartos de hotel, chegou a apanhar seringas descartadas no chão. (Weinstein negou os relatos das duas moças.)

Certo dia, depois de levar uma jovem até o quarto de hotel de Weinstein, Michelle Franklin o confrontou. “Não é parte do meu trabalho. Não quero fazer isso”, lembrou ela. “Sua opinião não conta”, ela disse que ele respondeu. Logo depois foi demitida.

Na tarde de 19 de setembro,¹¹ Megan experimentou em primeira mão a capacidade de Weinstein de exercer pressão, recrutar outras pessoas para seu lado e fingir descaradamente que não existia nenhum problema.

Ela vinha coletando havia duas semanas mais detalhes sobre os 600 mil dólares arrecadados em 2015 num leilão de caridade da amfAR para pesquisas sobre aids. Por meio de uma série de transações complicadas, o dinheiro acabara chegando à conta dos investidores de *Finding Neverland*, produção teatral de Weinstein. Jodi e os editores temiam que ela estivesse se desviando do objetivo principal, ou seja, a maneira como Weinstein tratava as mulheres.

Mas Megan não podia deixar o assunto de lado. Ela confirmou que a Procuradoria-Geral do Estado de Nova York estava investigando o caso. Conseguiu documentos internos mostrando que havia pessoas na amfAR expressando sérias preocupações. O diretor financeiro escrevera num e-mail: “Nada nessa transação me parece certo”. Especialistas jurídicos diziam a Megan que a transação poderia configurar fraude. Mesmo que não tivesse infringido a lei, Weinstein parecia ter desviado mais de meio milhão de dólares destinados à pesquisa sobre aids para reembolsar seus próprios investidores.

Megan julgava que uma reportagem a respeito poderia mostrar como Weinstein era capaz de manipular uma instituição à sua vontade. O produtor tivera vínculos fortes com a amfAR durante anos, ajudando a entidade a organizar um evento para arrecadar fundos em Cannes, na França — um leilão de luxo, cheio de estrelas de cinema brilhando no tapete vermelho, conforme as fotos que Jodi examinara meses antes. David Boies ajudara Weinstein a silenciar o conselho da amfAR quando seus membros tentaram contratar uma investigação externa. Pouco tempo antes Boies fizera Megan rodar em círculos por quase duas horas em uma entrevista, juntamente com Lanny Davis e Charlie Prince, advogado da Weinstein Company, sempre reforçando sua linha de defesa: aqui não há nada para investigar.

Agora, o próprio Weinstein havia chegado ao quarto andar do prédio do *New York Times*, decidido a enfrentar Megan e dar um contragolpe na matéria.

A entrevista no *NYT* fora aprovada por Corbett e Baquet sob duas condições: primeira, seria on-the-record; segunda, o tema seria somente a transação financeira, não as alegações de conduta imprópria com mulheres. Megan estava ansiosa para saber as respostas, mas também para ter uma impressão pessoal do homem que ela e Jodi vinham investigando havia meses. Corbett participaria da reunião para ajudar a manter a conversa nos trilhos.

O produtor chegou, usando roupas amarrotadas e mancando um pouco. “Olá”, grunhiu, sua voz grave e nasal com sotaque nova-iorquino das antigas.

Atrás dele vinha um grupo de gente. Megan não ficou surpresa ao ver Davis e Prince. Outro advogado, Jason Lilien, que aparentemente acabara de ser contratado por Weinstein, apresentou-se como ex-chefe do Escritório de Doações para Caridade da Procuradoria-Geral do Estado de Nova York. “Sei

que vou parecer vaidoso”, disse ele a Megan, “mas literalmente redigi a legislação de Nova York nessa área.”

A presença de outras duas pessoas no grupo era desconcertante. Megan cumprimentou Roberta Kaplan, advogada que havia vencido o litígio “Estados Unidos contra Windsor”, processo histórico da Suprema Corte que abriu o caminho para a aprovação federal do casamento gay. Ela também reconheceu a mulher de meia-idade, alta e imponente, de cabelo preto e um rosto estranhamente familiar. Era Karen Duffy, também conhecida como “Duff”, que na juventude fora VJ da MTV. Por que elas tinham decidido ficar ao lado de Weinstein num assunto sobre o qual com certeza não sabiam nada?

Corbett queria esclarecer as expectativas: a reunião deveria permanecer focada exclusivamente na transação da amfAR.

Mas logo ficou claro que Weinstein tencionava apresentar sua própria narrativa. Ele falou sobre seu despertar para a angústia causada pela aids, suas vultosas doações filantrópicas e sua preocupação com o sofrimento alheio. Os demais visitantes sentados na sala de reuniões eram seu elenco de apoio.

No início o tom de Weinstein era amigável, embora condescendente. Ele começou apresentando um tutorial de como funciona *de fato* o mundo da captação de recursos para caridade. Se as jornalistas se aprofundassem mais, explicou, veriam que transações criativas como aquela da amfAR eram extremamente comuns. Todo mundo faz isso. É preciso administrar as instituições de caridade como uma empresa, se você quiser fazer o bem neste mundo, disse ele, ressaltando que outra quantia que ajudou a angariar no leilão foi de fato doada para a amfAR.

“E esse negócio de ser legal ou ilegal... Sabe como é...”, disse, abrindo um sorriso. “Nossa ideia era ajudar as pessoas.”

Era hora de falar sobre o quanto ele já havia feito para combater a aids. Weinstein disse que vira pela primeira vez os estragos da doença quando Michael Bennett, diretor da Broadway famoso por *A Chorus Line*, tinha ficado doente, décadas atrás.

“Certo dia, recebo um telefonema de um assistente dele dizendo que Michael está com pneumonia. E eu...” Weinstein fez uma pausa, como se precisasse se recompor, e completou: “Tudo bem. Vou entrar nisso”.

Em seguida começou a ler um texto, uma declaração escrita de um ex-vice-

presidente da amfAR que não tinha podido participar da reunião. Usando a terceira pessoa, Weinstein descreveu sua própria compaixão e generosidade:

“Harvey se adiantou e veio nos perguntar: ‘Vocês precisam de ajuda?’. Sim, nós precisávamos, e ele literalmente assumiu o leilão, atormentando as pessoas para que dessem lances.”

Naquele momento ele pareceu engasgar, falando com esforço.

“Não estou fazendo drama”, disse.

Ele começou e parou, como se estivesse dominado pela emoção, então passou o roteiro para Duffy, que leu o restante. Com lágrimas nos olhos, ela falou que Weinstein ajudara a salvar sua vida quando fora diagnosticada com uma doença rara. Agora, disse ela, era importante “representar as pessoas que realmente não podem falar no momento”, as vítimas da aids que se beneficiaram diretamente da generosidade de Weinstein.

Megan os deixou terminar e fez mais perguntas. As pessoas que davam lances num leilão beneficente não deveriam saber para onde ia o dinheiro? Era apropriado que as contribuições de caridade fossem para Weinstein e outros investidores do *Finding Neverland*?

A cada rodada de perguntas, Weinstein ficava visivelmente aborrecido.

Será que Megan e Corbett sabiam, retrucou ele, que seu próprio empregador, o *New York Times*, recebia dinheiro de organizações de caridade para subsidiar o jornalismo investigativo? “Quem fica com as deduções de imposto de renda? Como eles fazem isso?” Mas logo parou de atacar e começou a expressar sua devoção pelo jornal: “Amo o *New York Times*. Tenho uma famosa história de 1977. Em meio a uma tempestade de neve em Buffalo, estado de Nova York, quando eu ainda era estudante, um cara estava para sair de casa, meu amigo Gary. ‘O que você vai comprar na loja?’ E ele disse: ‘Twinkies’. Um outro cara queria leite, e uma garota disse: ‘Quero Cheerios’, coisas assim. Aí vem minha famosa frase. É uma citação antiga, vocês devem encontrar. Eu falei: ‘Para mim, traz só o *New York Times* de hoje’”.

Se havia algo impróprio na transação de 600 mil dólares, insistiu ele, então Megan deveria pressionar os advogados responsáveis. E se os participantes do leilão não sabiam que o dinheiro deles estava servindo aos negócios de Weinstein, bem, aquilo era problema deles. “Ninguém é obrigado a fazer uma doação”, concluiu.

Regina Kaplan disse que já fora membro do conselho de outra instituição

de caridade contra a aids e sugeriu que o *New York Times* poderia prejudicar pacientes em todo o mundo caso publicasse a matéria. Aparentemente, ela não compreendia a transação financeira que havia por baixo daquilo tudo, a qual tinha vindo defender.

Megan perguntou: Weinstein faria novamente um acordo financeiro daquele tipo?

“Não com você por perto”, brincou o produtor.

“Acho que é hora de encerrar a conversa”, disse Corbett.

Mas Weinstein tinha algo mais a dizer: ele não estava apenas lutando pelo bem — estava lutando contra vilões. Os membros do conselho da amfAR que o tinham denunciado à Procuradoria-Geral do Estado queriam, na verdade, assumir o comando da instituição para servir aos seus próprios interesses obscuros.

O advogado da Weinstein Company tentou interromper, mas Weinstein o descartou, dizendo às jornalistas: “Prefiro ficar do lado da verdade. Fui criado assim. Fui criado falando a verdade”.

Megan agradeceu a todos pelo tempo dispendido. E, apesar de todo aquele teatro, continuou decidida a escrever sua matéria sobre a transação de 600 mil dólares. Observando o produtor partir, seguido pelos seus apoiadores, ficou impressionada com a cena — aquele homem abrindo caminho pelo mundo à força, esperando que todos o seguissem.

Quando Jodi viu o grupo saindo, desceu para o saguão. Tinha se apresentado a Weinstein antes da reunião e na saída queria vê-lo mais uma vez, para lembrá-lo da sugestão de Lanny Davis de uma possível entrevista.

O produtor estava parado do lado de fora das catracas, em meio à mistura habitual de funcionários do jornal e turistas tirando fotos da fachada do *New York Times*. Quando Jodi se aproximou, ele se inclinou com tanta intensidade que ela teve que se lembrar de não dar nenhum sinal de intimidação. Disse a ele então que, embora a reunião tivesse sido sobre a amfAR, ela e Megan esperavam poder entrevistá-lo outro dia a respeito do seu comportamento em relação às mulheres.

Weinstein virou-se para seu séquito e começou a zombar da investigação, descrevendo as notícias, embora as repórteres nunca tivessem revelado nada. “Atraía mulheres para quartos de hotel”, ele falou com desdém.

“Vamos sentar e conversar sobre isso *agora mesmo*”, Weinstein propôs de repente. “Vou te contar tudo. Seremos transparentes, e não vai haver

reportagem nenhuma”, afirmou. “Vamos em frente, vamos lá!”

Jodi recusou: ela e Megan entrariam em contato quando estivessem prontas.

Ele chegou mais perto, e ela soltou uma risada nervosa. Por fim, Weinstein disse: “Não fiz todas essas coisas terríveis de que as mulheres me acusam. Não sou tão ruim assim”.

Ele deu um sorriso sardônico e disse: “Sou pior”.¹²

As táticas que Weinstein usou durante a entrevista pessoal sobre as transações da amfAR mostraram bem sua maneira de agir. Mais tarde, ajudaram Megan a decifrar o que havia acontecido na empresa em março de 2015, quando estourou a queixa mais perigosa, da modelo italiana Ambra Battilana Gutierrez. Emily Nestor e Sandeep Rehal já tinham saído de cena, mas aquela acusação causou muito mais tumulto do que as outras, porque pela primeira vez uma mulher fazia uma denúncia totalmente pública contra Weinstein. Depois de ir ao escritório dele para uma reunião de trabalho, Gutierrez procurou o Departamento de Polícia de Nova York e acusou o produtor de agarrá-la e apalpá-la. A notícia foi manchete. E não podia ser pior para o momento da empresa: estava prestes a vender sua divisão de TV para a emissora britânica ITV por mais de 400 milhões de dólares — venda que teria sido uma tábua de salvação naquele momento. Reiter, que disse ter recebido a promessa de ganhar um bônus de 1 milhão de dólares pela venda, ficou horrorizado. Era exatamente o que ele temia: um grande estrago a olhos vistos.

A polícia ajudou Gutierrez a gravar em segredo uma conversa de Weinstein sobre o incidente. Os policiais depois disseram que estavam ansiosos para ver o produtor ser acusado de abuso sexual.¹³

No entanto, o gabinete do promotor público logo anunciou, através de um porta-voz, que não ia processá-lo, declarando apenas que “depois de analisar as provas disponíveis, incluindo várias entrevistas com ambas as partes, concluímos que não há base para uma acusação criminal”. Gutierrez deixou Nova York sem dar entrevistas nem fazer mais nenhum comentário público sobre sua queixa contra Weinstein. Reiter e outros ficaram se perguntando o que teria acontecido nos bastidores.

O que quase ninguém sabia na época era que Weinstein tinha realizado uma elaborada campanha para fazer desaparecer a queixa da modelo.

O advogado criminal Elkan Abramowitz, ex-sócio do promotor Cy Vance, era o porta-voz da equipe jurídica de Weinstein.

Linda Fairstein, famosa promotora de Manhattan especializada em crimes sexuais, também prestou ajuda, de forma reservada. Ela estava em contato com o escritório de Weinstein a respeito do caso e ajudou a fazer contato entre a equipe jurídica dele e o promotor principal. (No verão de 2017, quando Fairstein insistiu para Megan que as acusações da modelo eram infundadas, ela não divulgou seus vínculos com o caso. Fairstein disse mais tarde que a culpa era de Megan por não ter perguntado e que não havia nada de incomum nas suas ações.)

Os investigadores particulares de Weinstein começaram a trabalhar, conseguindo registros de dois processos judiciais na Itália envolvendo Gutierrez. Em 2011, ela foi uma das testemunhas de acusação no julgamento de Silvio Berlusconi, ex-primeiro-ministro italiano acusado de contratar uma prostituta menor de idade. Gutierrez descreveu uma orgia com adolescentes na casa de Berlusconi, na qual, disse ela, tinha se recusado a participar de atos obscenos. No tribunal, a defesa a pressionou sobre uma queixa de agressão sexual que ela havia feito anos antes contra um homem de setenta anos. Quando Gutierrez não quis cooperar, os promotores se recusaram a prosseguir com o caso. Durante o interrogatório ela negou os fatos originais que havia relatado numa declaração sob juramento.

Os registros do tribunal italiano não provavam que Gutierrez estava mentindo sobre Weinstein. Nem provavam que ela mentira sobre aquele homem mais velho. No entanto, os promotores de Nova York disseram depois que temiam pela credibilidade dela num julgamento, em vista de todos os fatos que Weinstein havia posto em destaque.

Boies e Abramowitz mostraram os documentos dos processos na Itália para Ken Auletta, o jornalista da *New Yorker*.¹⁴ Auletta estava pensando em escrever sobre o caso, mas, como explicou mais tarde, os advogados o convenceram de que Gutierrez não era digna de confiança.

Rudolph Giuliani, ex-prefeito de Nova York, recebeu um dos primeiros telefonemas de Weinstein após a denúncia policial e o apresentou a Daniel S. Connolly, sócio de sua empresa.

Depois que os promotores se recusaram a prosseguir com a acusação de

Gutierrez, Weinstein fez um acordo com ela da casa dos sete dígitos, em troca do seu silêncio.¹⁵ O advogado do produtor foi Connolly. Como parte do acordo, ele também obteve a cópia de Gutierrez do áudio das conversas que ela tinha gravado sob orientação da polícia.¹⁶

Para os altos executivos da empresa e outros, Weinstein insistiu que todo o episódio fora um esforço elaborado para chantageá-lo — mas nunca revelou que havia pago a Gutierrez um vultoso acordo financeiro.

“Ela é uma chantagista, uma artista da chantagem. Fez isso com aquele cara mais velho na Itália, ia às festas *bunga bunga* de Berlusconi”, disse Weinstein a Lance Maerov, membro do conselho, como este recordou depois. “E, se não acredita em mim, vou mandar Rudy Giuliani conversar com você.”

Dando o golpe final, Weinstein recorreu ao poder e aos recursos da sua empresa para selar o acordo secreto e fazer sua acusadora se calar.

Na noite de sábado, 18 de abril de 2015, o produtor convocou duas importantes executivas a encontrá-lo no escritório de Giuliani. Gutierrez estava presente, junto com seu advogado. Como lembraram mais tarde algumas pessoas que compareceram à reunião, o produtor instruiu as executivas a explicar à modelo todos os passos que poderia dar para conseguir papéis no cinema e melhorar seu perfil público.

Aquilo fazia parte do acordo que ambos os lados haviam fechado: Weinstein providenciaria, discretamente, uma assessoria para a carreira de Gutierrez. Para a modelo, era um jeito de se reerguer e seguir em frente. Para o produtor, era uma manobra habitual: se ficar quieta, eu e meu pessoal ajudaremos você a ter sucesso.

Naquela noite, Weinstein escreveu às duas executivas um e-mail de agradecimento, que Megan mais tarde obteve.

Agradeço a vocês duas pela participação na reunião no escritório de Giuliani hoje às 18h. Quero garantir que qualquer custo financeiro será pago por mim. Serão totalmente indenizadas e aprecio tudo o que estão fazendo.... Haverá um bônus de 10 mil dólares para cada uma de vocês, além da minha sincera apreciação.

Atenciosamente,
Harvey

Ninguém tinha mais motivos para obrigar Weinstein a assumir a responsabilidade pelo seu comportamento do que Bob Weinstein, seu irmão e parceiro de negócios de longa data.¹⁷

Os dois tinham alcançado o sucesso no mundo do cinema devido à forte ligação que possuíam desde a infância, tendo crescido juntos no mesmo quarto, num apartamento modesto no Queens. Desde os dez ou doze anos, Harvey Weinstein era um leitor voraz, caçador de talentos e especialista em celebridades. Sabia quem ia aparecer nos talk shows, nas colunas de fofocas e nas casas noturnas mais quentes. “Estão sabendo que Frank Sinatra está na cidade?”, perguntava na mesa de jantar, deixando a família incrédula diante de seu conhecimento. Bob tinha mais intimidade com os números; mais tarde recordou como a família teve que economizar e se sacrificar quando o aluguel aumentara de 86 para 92 dólares por mês.

Quando lançaram a Miramax, Weinstein ficou no comando dos filmes de prestígio, enquanto Bob cuidava das finanças e construía uma divisão lucrativa com filmes de terror e outros gêneros do mercado de massa. Naqueles primeiros dias da empresa, os irmãos costumavam conversar ao telefone a noite toda, das nove ou dez até uma ou duas. Algumas pessoas achavam difícil trabalhar com Bob. Era socialmente desajeitado e muito volátil: gentil num momento, logo depois mais agressivo. O irmão mais velho era fonte de inspiração, criatividade, determinação. Numa série de entrevistas com Megan, Bob comparou o relacionamento dos dois com um casamento, “o suprassumo da amizade”, uma longa e ininterrupta conversa.

Mas a Weinstein Company, fundada em 2005, nunca alcançou o nível cultural ou financeiro da Miramax, e os irmãos logo começaram a brigar por causa de dinheiro. A mentalidade mais disciplinada de Bob entrava em choque com o apetite insaciável de Harvey em comprar e aprovar filmes, acumular despesas maciças, depois comprar e fazer mais filmes. Bob via, preocupado, o irmão ficando mais e mais obcecado pela fama pessoal, a ponto de desejar um dia ser conhecido apenas pelo primeiro nome: Harvey.

Bob também percebia a ameaça que o irmão representava para as mulheres. Tinha participado das conversas sobre o acordo confidencial pago à jovem assistente que fugiu da Miramax em 1990 — como duas pessoas a par do acordo contaram mais tarde a Megan —, embora ele negasse ter conhecimento do assunto. Quando Harvey precisou de dinheiro para pagar Zelda Perkins e sua colega, Bob assinou os cheques.¹⁸ (Mais tarde explicou

que o irmão lhe dissera que o dinheiro era para cobrir atividades extraconjugais.)

Mas Bob considerava o comportamento sexual do irmão apenas mais uma forma de excesso, como disse a Megan. Aos seus olhos, seu irmão estava “louco, descontrolado. Descontrolado com dinheiro, descontrolado com aquisições, descontrolado com sua raiva, descontrolado com sua promiscuidade”.

Certo dia, em 2010 ou 2011,¹⁹ os irmãos estavam discutindo sobre finanças numa saleta perto do escritório de Harvey. Quando Bob se levantou para sair, o irmão lhe deu um soco na cara. Vários outros executivos estavam presentes: Reiter, o assessor jurídico geral, o diretor de operações e o gerente financeiro. Todos viram o sangue escorrer pelo rosto de Bob. Ninguém, nem mesmo Bob, tentou repreender Harvey e fazê-lo se responsabilizar pela violência.

Na época, apesar de compartilharem a responsabilidade pela empresa, pelos funcionários e pelas enormes quantias investidas nos negócios, Bob havia decidido que não seria responsável por seu irmão.

A partir de então, ele se distanciou. Tecnicamente, os dois administravam a empresa em conjunto e todos os viam como uma dupla, mas os dois se comunicavam cada vez menos. Já estavam trabalhando em edifícios separados, e a distância se tornou mais significativa.

Periodicamente, Bob pensava em dividir a empresa em duas. Saía disfarçadamente para discutir com vários banqueiros o plano, cujo codinome era “*split-co*” [abreviação de “*split company*”, dividir a empresa), mas os obstáculos financeiros eram esmagadores, disse ele. Sempre que Bob dava aquela sugestão, o irmão respondia: “Claro que podemos dividir a empresa. Eu fico com tudo e você não fica com nada”. No fundo, Bob não estava realmente disposto a sair. “Eu não estava pronto para desistir da empresa”, disse ele. “Não é tão fácil recomeçar tudo do zero.”

Sua atitude também foi influenciada por uma experiência pessoal que ele raramente mencionava no trabalho, mas que acabou definindo sua opinião sobre o irmão.

Quando Bob se divorciou de sua primeira esposa, no início dos anos 1990, começou a beber todas as noites para dormir, disse ele a Megan. Apenas com a ajuda dos Alcoólicos Anônimos e da Al-Anon conseguiu se recuperar; depois disso, passou a ver quase todos os comportamentos humanos através

das suas descobertas durante o combate ao vício. Bob acreditava nos princípios fundamentais dos doze passos: ninguém é capaz de mudar ninguém; a própria pessoa tem que querer mudar.

Bob convenceu-se de que o problema do irmão era vício em sexo, e que ninguém podia fazer o comportamento dele mudar — só o próprio Harvey Weinstein. Foi uma opção moral conveniente, mas talvez desastrosa, que Bob usava como justificativa para não fazer mais nada a respeito. Ele continuou nos negócios com o irmão, mas se eximiu de intervir nas ações dele. Recusou-se a assumir qualquer responsabilidade ou até mesmo a ajudar quem o procurava se queixando da linguagem depreciativa ou das táticas agressivas do irmão.

“As pessoas chegavam no meu escritório dizendo: ‘Seu irmão está gritando comigo’”, disse ele. “E eu dizia: ‘Peça demissão. Você tem talento’.”

Era no que acreditava em matéria de gestão empresarial. “Mande uma mensagem para o RH”, ele dizia às vezes para seus funcionários, embora o departamento fosse fraco e oferecesse poucas opções. “Escreva uma carta.”

Mas, nas semanas após a acusação pública de Gutierrez, Bob finalmente se sentiu obrigado a agir. O acordo para vender a divisão de TV tinha ido para o espaço — o que era um grande golpe para os negócios. Ele temia que, se não houvesse uma intervenção, o irmão faria algo ainda mais destrutivo para a empresa. Graças a uma coincidência de datas, julgou que haveria uma boa oportunidade: os contratos dos Weinstein e de outros altos executivos iam vencer no final de 2015. Bob aproveitaria a chance para fazer com que o irmão começasse um tratamento profissional para seu comportamento sexual.

Naquele verão, Bob enviou a David Boies um e-mail com uma mensagem para o irmão,²⁰ obtido posteriormente por Megan. Nele, explicava que sua esperança era de que Weinstein e Boies lhe respondessem com um “plano de ação responsável”.

Querido Harvey,

Em primeiro lugar, quero dizer como estou satisfeito por ter começado a dar os primeiros passos com o dr. Evans e o dr. Carnes no sentido de resolver os problemas que te atormentam há muitos anos. É um ótimo começo para enfrentar esses problemas com a sinceridade e a seriedade que eles merecem pela primeira vez.

Partindo da minha experiência, quero que você tome conhecimento, por escrito, de como suas ações me afetaram. Falo apenas por mim e por mais ninguém.

Nos últimos quinze a vinte anos estive pessoalmente envolvido nas repercussões do seu comportamento. Digo isso para que perceba desde quando vem acontecendo, e só piorou com o passar do tempo.

Houve momentos em que eu e David Boies tivemos que ajudar você a se safar de situações difíceis. Estou me referindo a uma situação na Inglaterra. Nesse caso e em todas as vezes — e digo *todas* mesmo — você sempre minimizou seu comportamento, ou seu mau comportamento, e sempre rebaixou as outras pessoas envolvidas, de modo a desviar o foco dos seus próprios erros. Isso me deixou triste e com raiva, ver que você não pode ou não quer reconhecer sua participação.

Ao longo dos anos posso listar pelo menos cem vezes se eu quiser — e não estou exagerando, seriam cinco por ano — e mais de vinte funcionários que vieram ao meu escritório se queixar de que foram abusados por você, verbal e emocionalmente. Eles me disseram que você os chamou de burros, incompetentes, idiotas etc. E você não estava falando sobre o trabalho, mas pessoalmente. Você rebaixou essas pessoas enquanto seres humanos.

E eu sempre te defendi para eles, dizendo que você não estava falando sério, ou que logo mais a poeira ia baixar, mas eu sabia, e eles também sabiam, que era assim que você tratava os funcionários, e continuaria tratando. De fato continuou, e só fez piorar. Em muitas ocasiões, eu sugeria às pessoas que criassem coragem para sair da firma. Elas tinham família para sustentar, de modo que não se tratava de uma escolha fácil.

Da minha parte, comecei a me sentir triste e com raiva. Via você como alguém que tinha se perdido completamente e que não valorizava as pessoas como seres humanos e indivíduos. Via que não se importava com o direito básico à dignidade.

Eu sabia, no meu coração, que você era um típico valentão, aquele que desconta suas próprias inseguranças nas pessoas mais fracas.

Também comecei a examinar a mim mesmo e minha relação com você. Enxerguei minhas próprias fraquezas e minha dependência e percebi que eu também não tinha coragem de te enfrentar. Continuei, por vontade própria, a sofrer abusos. Comecei a tratar seriamente desse problema na minha própria recuperação. Não estou mais contando com a sua para conduzir as minhas decisões. É um processo difícil e lento, mas estou melhorando.

Que fique registrado: você me agrediu fisicamente no seu escritório e depois mentiu a respeito e minimizou esse episódio recentemente, há apenas algumas semanas, no consultório do terapeuta. Quando eu falei no assunto você disse que tinha me pedido desculpas!! E falou isso sem nenhuma sinceridade, sem se importar nem um pouco comigo.

“Olha só, eu já disse que sinto muito, então vamos tocar em frente.” Sinto tristeza e ódio por você quando tem esse comportamento.

E por fim: será que você bateria nos seus filhos como bateu em mim, chamaria seus filhos de idiotas, estúpidos, incompetentes etc.? Ou diria isso a uma estrela de cinema, a um chefe ou a alguém que seja equivalente a você em termos financeiros? Duvido muito.

Há outros comportamentos que não vou mencionar e que você sabe que precisam ser tratados.

Recentemente você me disse que seu verdadeiro problema é a raiva, como se quisesse minimizar o outro problema. É o comportamento clássico dos viciados. Criar uma cortina de fumaça para abandonar um comportamento, de modo a continuar apegado ao outro “comportamento errado”.

Você fez mal a muitas pessoas com esse comportamento. Perseguiu algumas e usou seu poder contra elas. Causou vergonha à família e à sua empresa.

Sua reação foi, mais uma vez, culpar as vítimas, ou minimizar seu mau comportamento de várias maneiras. E se acha que não há nada de errado com seu comportamento, então conte tudo para sua esposa e sua família. Você me disse, no escritório de Bart Mandels, que tinha vergonha desse comportamento e não queria que ninguém soubesse dele.

Assim, tenho visto você piorar aos poucos ao longo dos anos, a tal ponto que, a meu ver, não existe mais uma pessoa, meu irmão Harvey, que eu possa reconhecer, mas apenas uma alma vazia, agindo de qualquer maneira para preencher aquele espaço e aquela mágoa que não desaparecem.

A razão pela qual posso dizer tudo isso sem julgar é que eu também já andei por esse caminho, meu irmão. Falo por experiência própria. Sofri, agi mal e acabei completamente perdido e derrotado. Depois de reconhecer minha derrota, percebi que precisava de ajuda.

Pedi ajuda e recebi.

E então me disseram que eu só melhoraria se continuasse trabalhando nisso a vida toda, e que se eu esperava uma solução fácil, ou se achava que poderia parar o tratamento depois de algum tempo, certamente voltaria a cair no comportamento errado. Mas nunca tive que passar por isso.

Então, o que eu quero que aconteça? Em primeiro lugar, quero que você compreenda que esta carta e o pedido a seguir só provêm do amor e do carinho que sinto pelo meu irmão.

O que estou pedindo é que você descreva a natureza exata do tratamento que vai fazer com o dr. Evans e o dr. Carnes etc. Quantas vezes por semana vai se consultar com cada um deles e durante quantos anos você se compromete a se tratar.

Gostaria de saber se vai se comprometer com um plano de terapia em grupo. Quantas vezes por semana ou por mês vai fazer isso, e por quanto tempo.

Gostaria de ter uma conversa ou sessão com cada um desses médicos, para contar minhas experiências com você.

Gostaria de que me desse sua palavra, assim como a David Boies e a Bert Fields, de que vai seguir o plano combinado. Nós três sabemos perfeitamente que não temos o poder de fazer com que mantenha sua palavra. Só queremos que isso fique registrado, para nós e para você mesmo, indicando que um dia de fato deu sua palavra.

O que não vou fazer é mostrar esta carta ou este compromisso a qualquer pessoa da família. Não vou mostrar a ninguém com quem tenho ou tive alguma relação comercial. Isso fica só entre nós três.

Em relação a mim mesmo, estou avisando que se voltar a me bater, insultar ou rebaixar, vou tomar as medidas adequadas para proteger a mim, minha família e meus interesses. Isto não é uma ameaça. Estou apenas afirmando que vou exercer meu direito como ser humano.

Quanto a outros comportamentos inadequados que não afetam nossa empresa, não tenho intenção de policiar nem denunciar você, de qualquer forma que seja. Não é meu trabalho fazer isso.

Por favor, converse sobre o assunto acima com David Boies e me diga, por meio dele, o que decidiu. Você provavelmente não vai perceber isso agora, mas é tudo para seu próprio bem.

Mais do que tudo, estou ansioso pela volta daquela pessoa que era apenas o Harvey. Eu o conheci na época e posso garantir que ele era um cara ótimo, por si só.

Te amo,
Bob

Ao mesmo tempo, e separadamente, outro executivo da empresa se sentiu motivado a agir.

Os irmãos Weinstein haviam colocado nos assentos do conselho muitos de seus aliados. Quase todos eram homens. Apenas uma mulher, a dra. Mathilde Krim, pioneira na pesquisa da aids, já havia sido conselheira, e não era especialista em entretenimento nem em negócios. A maioria dos assentos era ocupada por executivos endinheirados das áreas de finanças e entretenimento, cujo estilo era não interferir diretamente no dia a dia da empresa.

Mas Lance Maerov, que havia sido nomeado para um dos três assentos independentes em 2013, era um caso à parte: devia ser um fiscal financeiro, um “cão de guarda”.²¹ O empregador de Maerov, a gigante da publicidade WPP, assim como o Goldman Sachs e outros grandes investidores, queriam que ele garantisse que os irmãos não estavam ludibriando os acionistas.

“Fazer dois caras agirem com honestidade, só isso”, Maerov disse depois a Megan. “Era essa a minha função.”

No começo ele não dera muita atenção à maneira como Weinstein tratava as mulheres. Já ouvira rumores sobre as “amigas” que o produtor colocava em seus filmes, e Weinstein parecia sempre estar de braço dado com alguma jovem quando ia a estreias de filmes e outros eventos, mas Maerov acreditava que se tratava de casos extraconjugais, apenas isso. Seus interesses eram pesquisar os livros da empresa para descobrir qualquer conduta financeira imprópria e fazer alguma coisa acerca do ambiente tóxico generalizado da empresa. “Quando saíamos de uma reunião do conselho, aquilo parecia o jantar em família mais disfuncional já visto”, disse ele, comentando os bate-bocas que irrompiam entre os irmãos Weinstein.

Mas quando chegou às manchetes a acusação de que Harvey tentara agarrar uma jovem, Maerov, assim como Bob, começou a temer que aquilo fosse um comportamento habitual dele, que podia prejudicar a empresa, e quis usar a renovação do contrato para forçar a resolução do problema. Maerov e Bob não estavam agindo em conjunto, pois Bob via Maerov como uma ameaça ao seu próprio poder na empresa. Maerov, porém, era um dos membros do conselho encarregados de renovar os contratos. Poderia incluir naquele processo uma verificação de rotina na ficha de Weinstein no departamento pessoal — tendo a chance de averiguar se havia algo questionável.

Weinstein se recusou a permitir que Maerov visse sua ficha. David Boies o apoiou, dizendo que ele próprio ia examiná-la e apresentar um relatório ao conselho se visse ali algum possível problema para a empresa.

Maerov achou a proposta ridícula e começou a desconfiar de Boies, que às vezes dizia que trabalhava para a empresa e outras vezes para Weinstein. Haveria um conflito de interesses se houvesse informações prejudiciais que Weinstein pretendia ocultar do conselho.

De qualquer forma, na manhã de 1º de julho de 2015, Maerov conseguiu dar uma espiada em segredo na ficha, graças a alguém que desejava contribuir com seus esforços: Irwin Reiter. O contador e outros dois executivos o convidaram para o café da manhã no hotel Four Seasons, em Beverly Hills, e começaram a falar sobre as queixas contra Weinstein e seus insultos verbais proferidos ao longo dos anos. Reiter então passou para Maerov várias folhas de papel, como este lembrou mais tarde. Era um

memorando descrevendo o que Weinstein havia feito com Emily Nestor. Reiter e os outros executivos, que estavam se arriscando com aquilo tudo, não queriam deixar Maerov, que era membro do conselho, sair com os papéis; assim, ele folheou as páginas na mesa, encontrando, afinal, as informações que procurava — e provas do tipo exato de comportamento que suspeitava existir.

Maerov, Reiter e Bob Weinstein sentiram que a situação era insustentável. No entanto, quatro meses depois, em outubro de 2015, Harvey Weinstein assinou um contrato que garantia seu poder durante muitos anos. Com a ajuda de David Boies, Weinstein conseguira enganar, aplacar e manipular Maerov, Reiter e seu próprio irmão.

Para Maerov, investigar Weinstein era diferente de tudo o que já havia feito em décadas de vida corporativa. O produtor e Boies trabalhavam em conjunto, alternando a pressão bruta do primeiro com a capacidade de persuasão astuta do segundo. Numa estreia cinematográfica naquele verão, na época de negociações contratuais, Weinstein ameaçou dar um soco em Maerov, segundo o último. Quando Maerov reclamou, Boies respondeu numa carta seca e concisa, chamando as denúncias de “exageradas”, “um pouco histéricas” e uma prova de que “alguém que se sente como o senhor em relação a Harvey não deve estar em posição de negociar com ele”. Boies jogou então um “osso” para Maerov, uma informação que parecia tentadora da ficha de Harvey no departamento pessoal: Rodgin Cohen, um dos advogados empresariais mais importantes do país, examinou a ficha e relatou que nada nela “poderia resultar em prejuízo para a empresa”.²² (O que Maerov só soube depois foi que o filho de Cohen era funcionário júnior da Weinstein Company e procurava uma abertura para entrar no mundo do cinema.)

Maerov também descartou informações importantes. Quando Boies reconheceu que Weinstein pagara a várias mulheres por acordos confidenciais ao longo dos anos, enfatizando que não fora usado nenhum dinheiro da empresa, Maerov não pressionou para obter detalhes. Também decidiu ignorar o memorando sobre Emily Nestor que vira, e mais tarde subestimou seu valor, dizendo a Megan que parecia uma cópia de má qualidade ou uma digitalização de outra digitalização, e que viera dos colegas de Emily, e não dela própria.

Por fim, Maerov considerou o assunto resolvido porque nas negociações

sobre o contrato Weinstein havia concordado em fazer uma concessão. A empresa ia implantar um novo código de conduta. Se algum dia, no futuro, tivesse que pagar por algum acordo como resultado da conduta imprópria de Weinstein, ele seria obrigado a cobrir os custos e ainda seria penalizado com uma série de sanções financeiras — 250 mil dólares pelo primeiro acordo, 500 mil pelo segundo e assim por diante, até 1 milhão de dólares —, criando toda uma estrutura para possíveis denúncias futuras. O contrato especificava que Weinstein também poderia ser excluído da empresa por conduta imprópria. Quase parecia que já esperavam que Weinstein continuasse acumulando acusações e que as sanções financeiras resultantes resolvessem o problema.

A principal preocupação de Maerov eram as consequências negativas para a empresa. Ele tentava garantir que, se algo desse errado, a companhia não sofreria prejuízos. Aquilo era diferente de tentar garantir que as mulheres não fossem assediadas ou prejudicadas. Quando Maerov se sentiu seguro de que a empresa contava com proteções legais e com alguns controles financeiros a mais, decidiu que já havia feito o suficiente.

Irwin Reiter não sabia o que mais poderia fazer. Havia conspirado com Bob Weinstein sobre maneiras de tirar o irmão da empresa, mas depois o vira perder a coragem de seguir em frente com o plano. Havia enviado documentos a um membro do conselho, sem resultado. Ele estava trabalhando só três dias por semana; naquele verão, a empresa tentou fazê-lo voltar ao período integral com o dobro do salário, totalizando 650 mil dólares por ano. Reiter recusou. Estava mais preocupado do que nunca. “Não há quase nenhum acordo que eu não assinaria se HW não fosse meu chefe, e não há nenhum acordo que eu assinaria se ele for”, escreveu ele a um membro do conselho no verão de 2015. Mas continuou na empresa, trabalhando basicamente na mesma função que ocupava desde os trinta anos.

Bob Weinstein, que detinha a maior parte da responsabilidade, saiu satisfeito, porque o irmão finalmente lhe dera o que ele queria: a promessa de fazer terapia intensiva para o vício em sexo. Originalmente, Bob queria que a promessa fosse lavrada por escrito, tal como o código de conduta e as multas crescentes. Boies o convenceu a desistir, dizendo que Maerov usaria as informações para tentar ganhar maior controle sobre a empresa. Então Bob aceitara uma promessa feita em particular, impossível de se fazer cumprir.

“Havia muitos e-mails em que ele jurava que ia fazer, ia mesmo fazer, ia

realmente fazer, mas sempre adiava, o que me levava a repetir: viciado, viciado, viciado, viciado”, disse Bob.

“Você começa a ouvir isso e se desgasta, acaba se desgastando. A pessoa te ataca com mentiras, sem parar. Eu cansei. Falei: ‘Eu me rendo’. Entende?”

No final da noite de 28 de setembro de 2017, cinco dias após a publicação do artigo de Megan sobre a transação envolvendo o dinheiro da amfAR, Jodi foi novamente encontrar Reiter no bar atrás do Little Park. Os funcionários da Weinstein Company haviam lido e discutido o artigo, e ele havia mandado uma mensagem de texto para Jodi contando a reação dentro da empresa. Reiter não estava envolvido naquelas transações questionáveis com a instituição de caridade, uma vez que o ramo cinematográfico da empresa funcionava em separado. Mas ele e outros funcionários tinham ficado fascinados com o artigo, disse. Finalmente estavam vendo alguém exigir que o chefe prestasse contas dos seus atos. (Weinstein continuou negando qualquer irregularidade, mas depois as autoridades tomaram medidas: investigadores federais de Manhattan abriram um inquérito criminal sobre a transação, mas não fizeram nenhum comentário público sobre o andamento da investigação. A Procuradoria-Geral do Estado de Nova York escreveu uma carta para a amfAR dizendo que as transações suscitavam várias preocupações, inclusive quanto a “se resultaram em benefícios para interesses privados”, e pediu à instituição para fortalecer sua governança corporativa.²³)

Reiter já havia ajudado muito. Na redação do *New York Times*, os editores pediam a Jodi e Megan para começar a redigir um primeiro artigo sobre Weinstein. Só que as repórteres queriam mais — em particular, mais documentação sobre o que havia acontecido na Weinstein Company durante aqueles tumultuosos dois anos, o que poderia ser publicado sem indicar a fonte. Reiter mencionou um memorando escrito por uma respeitada executiva júnior chamada Lauren O’Connor, que tinha saído da empresa devido ao tratamento que Weinstein dispensava às mulheres.

Sem revelar muito, Jodi queria mostrar a Reiter que a indignação dele, que vinha aumentando desde 2014, era justificada. Minutos depois da conversa, ela tirou da bolsa algumas páginas impressas que havia preparado um pouco antes e passou para Reiter. Embora ele soubesse de muita coisa que acontecia dentro da empresa, sabia muito pouco do que acontecia entre Weinstein e as

atrizes em quartos de hotel. Jodi explicou que era um relato que ouvira de uma atriz conhecida. O texto tinha apenas um parágrafo, sem nenhum nome exceto o de Weinstein, local ou horário. Relatava que a mulher havia chegado, inocentemente, para uma reunião com Weinstein em um hotel e, para sua surpresa, fora instruída a subir. Ele estava à espera no quarto de roupão de banho e lhe pedira uma massagem. Tentara pressioná-la a fazer sexo, dizendo que poderia ajudá-la em sua carreira. Ela fugira.

Como Jodi imaginou, Reiter ficou horrorizado. Jodi falou então que a atriz estava longe de ser a única, e que ela própria e Megan haviam ouvido muitas e muitas variações daquela mesma narrativa, semelhantes aos relatos das funcionárias da empresa que já o estavam perturbando. Ela e Megan não sabiam quantas mulheres tinham passado por aquele tipo de coisa com Weinstein, disse ela, mas com base no que estavam ouvindo podia ser um número muito alto.

Jodi pediu novamente o memorando de Lauren O'Connor. Ela já havia tomado algumas notas quando ele leu trechos em voz alta, mas queria compreender melhor o documento. Será que poderia mostrá-lo novamente no celular? Reiter começou a ler o memorando da tela, mas logo fez uma pausa.

“Vou dar um pulo no banheiro”, disse. Ele jogou o celular para Jodi, aberto no e-mail com o memorando, levantou da mesa e a deixou sozinha.

Depois de toda a indignação que Reiter sentira, das suas tentativas infrutíferas de intervir e de todos os momentos em que se desesperara, finalmente estava fazendo algo irrevogável para frear seu chefe.

A primeira vez que Reiter viu o memorando sentiu uma espécie de déjà-vu. Em novembro de 2015, logo após a assinatura do novo contrato de Weinstein, ao chegar ao trabalho encontrou os colegas amontoados numa sala examinando mais uma queixa contra o produtor. Vinha de uma mulher que eles conheciam e em quem tinham confiança: Lauren O'Connor. Era uma novata em ascensão na empresa, respeitada por seu gosto refinado e sua ética de trabalho. Ao contrário de Emily Nestor, havia prestado queixa — uma queixa longa e detalhada, que ia muito além de um único incidente.²⁴ Weinstein havia lhe dito coisas ofensivas, mas o que ela escreveu foi uma acusação muito mais ampla — um retrato de como ele tratava as mulheres e de como esse comportamento estava corrompendo a empresa.

Reiter e os outros informaram Bob Weinstein, que leu o documento e concordou que o conselho precisava saber das acusações. Em vez de encaminhar o documento, o que seria muito arriscado, Bob ditou um memorando convidando os membros a irem a seu escritório lê-lo pessoalmente, e aguardou meia hora até informar o irmão sobre o que havia feito.

Após meses de frustração, Reiter sentiu uma esperança renovada. No dia seguinte, no escritório, viu com satisfação Maerov sentar-se à mesa para ler o documento. Maerov tirou fotos da primeira e da última página, anotando todas as testemunhas e outros detalhes que O'Connor havia incluído. “Parecia confiável, muito verídico”, disse mais tarde.

Mas depois a queixa de O'Connor evaporou, assim como ocorrera com a acusação de Gutierrez. Reiter não conseguia entender por quê. Imaginou que Bob Weinstein tivesse perdido a coragem novamente. Assumiu que houvera nova intervenção de David Boies para acobertar os delitos do seu cliente. Logo O'Connor estava na rua, com poucas explicações.

Só que as queixas não haviam desaparecido: Reiter lera o memorando, assim como vários outros colegas. Também guardara uma cópia para si. Quase dois anos depois, Jodi estava sentada a alguns quarteirões dos escritórios da Weinstein Company, com o documento no celular em suas mãos enquanto a fonte fora deliberadamente ao banheiro. *Ele está me dizendo, embora não explicitamente, para copiar isso*, pensou Jodi.

Pôs-se a trabalhar depressa, sem parar para ler, desejando que seus dedos não cometessem erros. Depois de alguns cliques, o memorando completo estava em sua posse.

Quando Reiter voltou para a mesa, o celular estava à espera no lugar; Jodi agradeceu, mas com discrição.

Assim que ele foi embora, alguns minutos depois, ela correu para o banheiro para enviar as imagens para Megan e Corbett. Não queria ser a única a ter a posse daquele documento eletrônico por nem um segundo mais do que o necessário. Na linha de assunto do e-mail, escreveu apenas “memorando”.

O'Connor tinha enviado o documento na terça-feira, 3 de novembro de 2015, com uma linha de assunto inócua (“Para seus registros”) e uma introdução também inócua: “Conforme solicitado, levei algum tempo para catalogar e resumir...”. Daí chegava ao cerne da questão.

Há um ambiente tóxico para as mulheres na empresa. Eu não queria nada mais do que trabalhar bem e ter sucesso aqui. A recompensa por minha dedicação e meu trabalho árduo foi sofrer assédio e abusos repetidos do chefe da empresa. Também testemunhei e ouvi falar de outros ataques verbais e físicos que Harvey infligiu a diversas funcionárias. Sou uma mulher de 28 anos tentando ganhar a vida e fazer uma carreira. Harvey Weinstein tem 64 anos, é famoso no mundo todo e dono desta empresa. O equilíbrio de poder é: eu, 0, Harvey Weinstein, 10.

Sou uma profissional e tentei agir assim; contudo, não é como sou tratada. Em vez disso, sou sexualizada e diminuída.

Sou jovem e estou começando minha carreira; tive medo de falar e continuo tendo. Mas permanecer em silêncio e continuar me sujeitando ao comportamento ultrajante dele me causa grande sofrimento.

O restante do memorando era um retrato detalhado do comportamento de Weinstein, incluindo a confissão que uma assistente fizera para O'Connor:

Ela me disse que Harvey a obrigou a fazer uma massagem nele enquanto estava nu. Perguntei o que havia acontecido, e ela relatou que estava no outro quarto da suíte, montando os equipamentos eletrônicos dele; quando entrou no quarto, ele estava deitado na cama nu e pediu que lhe fizesse uma massagem. Ela sugeriu que o hotel chamasse uma massagista, mas ele lhe disse para não ser boba, ela mesma poderia fazer aquilo. Ela respondeu que não queria fazer e disse que não estava se sentindo à vontade. Harvey a importunou e insistiu até que ela concordou. Foi horrível vê-la tão perturbada. Eu quis relatar esses fatos a alguém da empresa, mas ela me pediu para manter sigilo, pois temia as repercussões caso denunciasse.

Durante o escândalo de Gutierrez, escreveu O'Connor, ela teve de aguardar na sala de espera do consultório do terapeuta sexual de Weinstein. Quando uma “convidada pessoal” de Weinstein teve que ficar uma hora num saguão de hotel esperando um quarto, ele explodiu com O'Connor, dizendo que seria melhor ela se casar com um “judeuzão rico” e “fazer um monte de bebês”. Em outra ocasião ele reconheceu que era um “mau menino”, mas tentou silenciá-la com uma lógica confusa: “Não falaremos sobre isso. Posso confiar em você? Eu sou um mau menino, mas o importante é que sou sincero quanto a isso”.

O'Connor escreveu ainda que quando se queixou do abuso verbal de Weinstein para um executivo do departamento de recursos humanos, “a

resposta foi, basicamente: avise-nos se ele bater em você ou passar do limite fisicamente”.

Sua queixa mais fundamental era que seu trabalho fora virado de cabeça para baixo pelo comportamento sexual perturbador de Weinstein. Ela havia entrado na Weinstein Company para transformar livros em filmes fascinantes. Como acabara envolvida nas atividades sexuais questionáveis do chefe?

Em outras ocasiões, fui instruída por Harvey a encontrar aspirantes a atrizes depois de terem um encontro “pessoal” com ele num quarto de hotel. Ele me deu ordens para cumprimentá-las quando descessem ao saguão e facilitar as apresentações para empresários e agentes, além de ajudar a incluí-las em projetos da Weinstein Company. É preciso notar que apenas executivas mulheres são colocadas nessas funções junto a atrizes com quem Harvey tem uma “amizade pessoal”, o que, na minha opinião, significa que ele teve ou deseja ter relações sexuais com elas. As funcionárias de Weinstein são usadas, basicamente, para facilitar suas conquistas sexuais de mulheres vulneráveis que esperam que ele arranje trabalho para elas.

Sou scout literária e executiva de produção. Fui contratada para encontrar livros que a Weinstein Company pudesse transformar em filmes, e meu papel se ampliou de modo a incluir também produção. É bem claro que administrar as conquistas sexuais passadas e presentes de Harvey nunca foi algo que imaginei que faria parte das minhas responsabilidades profissionais.

Tarde da noite, quando Jodi, Megan e Corbett leram o memorando na íntegra, as implicações morais da investigação de repente se transformaram e se ampliaram. O que antes fora uma retificação de histórias passadas de repente se apresentou como uma tarefa muito mais urgente. Ninguém jamais tinha conseguido deter aquele homem. Se as repórteres não publicassem suas descobertas, ele poderia prejudicar outras pessoas.

6. “Quem mais foi a público?”

SEXTA-FEIRA, 29 DE SETEMBRO DE 2017

De manhã, Corbett já tinha passado o memorando para Baquet e Purdy. O documento secreto, de dentro da empresa, confirmando e detalhando o esquema que as repórteres vinham levantando fazia meses, era de valor inestimável. Se eles viam a situação pelo lado de fora, O’Connor tinha visto por dentro. O memorando era a chave que abria a porta.

Corbett, Purdy e Baquet deram a mesma instrução: *Escrevam!*

Mas a equipe ficou discutindo o que ia escrever. Baquet e Purdy, com a matéria de O’Reilly fresca na lembrança, queriam um texto com foco mais estreito, documentando como eram feitos os acordos, e pretendiam fazê-lo o mais rápido possível. A intenção era estabelecer um marco, pois Jodi e Megan haviam começado a ouvir os passos de Ronan Farrow, que andava contatando as fontes delas e, pelo que podiam perceber, levava seus achados para a *New Yorker*. A equipe do *New York Times* não sabia qual era o material dele nem quando ia publicá-lo.

Jodi, Megan e Corbett queriam dar o furo e conheciam o material melhor do que Baquet e Purdy. Achavam que a primeira matéria devia ser mais abrangente e conter todo o impacto do que tinham ouvido e documentado. A repulsiva repetição das histórias em quartos de hotel. O padrão visível de escolher mulheres novas no emprego. A sórdida troca de sexo por trabalho e o longo silêncio de quem sabia o que se passava. Corbett insistia que as repórteres escrevessem o mais depressa possível a matéria que elas três

começavam a enxergar mentalmente, tentando ao mesmo tempo segurar Baquet e Purdy.

A matéria precisava de nomes, datas, dados jurídicos e financeiros, documentos e entrevistas on-the-record. Jodi e Megan deixaram de lado os boatos e depoimentos que estavam pesquisando e ainda precisavam acabar de verificar, e fizeram uma lista do material que tinha solidez suficiente para ser incluído numa primeira matéria, marcando as acusações de assédio e agressão em preto e os acordos em vermelho:

- 1990 — Assistente na Miramax, Nova York. Acordo.
- 1992 — Laura Madden, Irlanda.
- 1994 ou 95 — Gwyneth Paltrow, Los Angeles.
- 1996 — Ashley Judd, Los Angeles.
- 1997 — Rose McGowan, Park City, Utah. Acordo.
- 1998 — Zelda Perkins e Rowena Chiu, Veneza, Itália. Acordo.
- 2014 — Emily Nestor, Los Angeles.
- 2015 — Ambra Battilana Gutierrez, Nova York. Acordo.
- 2015 — Lauren O'Connor, Nova York. Acordo?
- 2015 — Assistente em Nova York sai por “razões morais”.

Alguns dias antes, finalmente Lanny Davis respondera a Megan em background, mencionando a quantidade de pagamentos que Weinstein fizera a mulheres: tinham sido de oito a doze acordos. Megan parou, um tanto surpresa que a equipe de Weinstein revelasse informações tão incriminadoras.

Você acha *normal* que os homens façam tantos acordos?, ela perguntou a Davis. “Acho, sim”, respondeu ele em tom muito prático e prosaico.

Mas ainda precisavam de uma segunda fonte que corroborasse aqueles números. Também precisavam entrar em contato com todas as que se dispusessem a falar on-the-record, inclusive com ex-funcionárias da Miramax e da Weinstein Company em condições de confirmar as descobertas. Todas as pessoas que as jornalistas planejavam mencionar — como Steve Hutensky, o advogado interno da Miramax que ajudou a negociar os acordos com Perkins e Chiu — teriam a oportunidade de falar também. Agora era hora de informarem O'Connor de que tinham uma cópia de seu memorando.

Seria um esboço inicial do trabalho ainda em andamento, com quase todas as frases exigindo negociações, checagem dos fatos, ajustes ou eliminações.

Na sexta à tarde, Corbett, Jodi e Megan estavam numa audioconferência com O'Connor e sua advogada, Nicole Page.

Page foi quem mais falou. O'Connor não disse nada, mas fora evidente que ficara aflita ao saber que o *New York Times* tinha seu memorando e pensava em publicar uma parte. Nunca pretendia levar o assunto a público. Como o trabalho com Weinstein não dera certo, ela tentara seguir em frente e fora para outra empresa.

O'Connor temia que Weinstein fizesse alguma retaliação, e Page pediu aos jornalistas que considerassem a possibilidade de não usar o memorando ou, pelo menos, que omitissem o nome de sua cliente, em vista do estresse que a matéria ia lhe causar. As jornalistas trocaram olhares preocupados. A última coisa que queriam era causar problemas a O'Connor. Ela era jovem, não tinha nem trinta anos. E se erguera em defesa de outras que, a seu ver, tinham sido vítimas, tornando-se uma das raras figuras em toda a saga Weinstein a ousar questionar formalmente a conduta dele.

Mas, na imprensa, documentos importantes raramente são ocultados do público. O'Connor não era uma fonte que fizera revelações às repórteres com a promessa de se manter anônima; era a autora de uma crítica a Weinstein que havia circulado nos escalões mais altos da empresa dele e depois fora encoberta. Muitas publicações omitem o nome de vítimas de agressão sexual a pedido delas, por causa da natureza exclusivamente privada de tal crime, mas a situação de O'Connor era outra. Ainda que ela descrevesse o tratamento verbalmente ofensivo de Weinstein, a força do memorando residia em seu papel de testemunha, documentando a conduta sexual imprópria do produtor com outras mulheres.

Corbett assumiu o controle da sessão, prendendo os cachos de cabelo grisalho atrás da orelha enquanto falava. Ela costumava ouvir as pessoas até o fim, com a maior neutralidade possível, e, como Baquet, geralmente deixava as repórteres lidarem com as fontes. Mas agora falava pela instituição de uma forma que elas não poderiam falar. O jornal tinha de publicar o memorando, disse Corbett gentilmente, mas em tom firme. Não, não por completo. Sim, podiam ressaltar que O'Connor se absteria de comentar, podiam deixar claro que não fora ela quem fornecera o documento e poupá-la de retaliações. Sim, o jornal pretendia nomeá-la como autora do memorando para estabelecer sua credibilidade. Corbett acrescentou que Page e O'Connor podiam se sentir à vontade para falar caso, ainda assim, quisessem deixar o nome dela de fora.

Page não respondeu e sua cliente continuou em silêncio. Mais tarde, a advogada comentou que a decisão do jornal parecia inabalável. A advogada encerrou a conversa declarando que agradecia a iniciativa das jornalistas.

Megan tinha uma suspeita quanto ao motivo do silêncio de O'Connor durante a audioconferência, e depois de mais algumas ligações pôde confirmá-la: O'Connor também havia feito um acordo. Estava juridicamente proibida de falar.

Muito mais tarde, Megan veio a saber os bastidores da história. Logo depois de enviar o memorando, O'Connor recebeu um aviso para não entrar no escritório. Dali a alguns dias, Page estava negociando um acordo com Boies e um advogado da Weinstein Company. Boies disse que ajudou a inventar uma desculpa para a saída de O'Connor. Ela continuaria mais algumas semanas na empresa para concluir alguns projetos, trabalhando em locais onde poderia evitar qualquer contato com Weinstein, mas sua carreira lá estava encerrada. Numa entrevista com Megan depois, O'Connor explicou que a empresa reagiu à sua queixa, perguntando: "Como podemos liquidar isso depressa?".

Seis dias depois do envio do memorando, ficou pronto o acordo de desligamento de O'Connor da empresa, disse Boies. Conforme solicitado, ela escreveu uma carta a Weinstein lhe agradecendo a oportunidade de conhecer a indústria do entretenimento, bem como esta nota subsequente ao departamento de recursos humanos:

Segunda-feira, 9 de novembro de 2015, 15:23

De: O'Connor, Lauren

Assunto: Para seus registros

Como o assunto foi resolvido e não é necessária nenhuma outra providência, retiro minha queixa.

Lauren

Jodi e Megan concordaram que o próximo passo era entrar em contato com Lance Maerov, membro do conselho diretor da Weinstein Company. Naquela primeira matéria, queriam poder provar os elementos, dos quais souberam inicialmente por meio de Reiter, relativos à cumplicidade da empresa.

Maerov atendeu o celular quando estava entrando no edifício na Park Avenue onde ficava seu escritório, com um café na mão. Megan se

apresentou e falou que o *New York Times* estava preparando uma matéria sobre as alegações contra Weinstein, que vinham desde décadas atrás. Ela leu um trecho do memorando de O'Connor e perguntou: "O que sabe sobre isso?". O copo de papel escorregou da mão de Maerov, espirrando café fervente. Mais tarde, ele disse que na hora pensou: *Onde ela conseguiu essa porra?*

Só depois de algumas horas Megan encontrou Maerov no Bryant Park, no centro de Manhattan. Com o cabelo cuidadosamente repartido e uma echarpe luxuosa, ele era a própria encarnação do empresário elegante.

Maerov explicou que tinha ficado preocupado com o tratamento que Weinstein dava às mulheres, principalmente depois da investigação da polícia de Nova York. Disse a Megan que Weinstein qualificara o episódio como tentativa de extorsão e que o conselho diretor aprovou um código de conduta para coibir comportamentos impróprios. Meses depois, ainda naquele ano, o conselho foi informado sobre o memorando de O'Connor, e Maerov quis que houvesse uma investigação por parte de um advogado externo. Mas, dali a um ou dois dias, Boies avisou que o assunto estava resolvido. "Boies me falou que a queixa tinha sido retirada", disse ele a Megan. E assim Maerov deixou o assunto quieto.

Megan assentia com a cabeça enquanto Maerov falava, pressionando para obter mais detalhes. Desconfiava de que ele não estava contando tudo o que sabia, mas o que dizia já era de grande valor, sobretudo se ela conseguisse a autorização dele para publicar. O conselho diretor da Weinstein Company de fato tivera ciência das queixas de conduta sexual imprópria contra Weinstein e, tirando o código de conduta por escrito, limitara-se basicamente a fechar os olhos à questão.

Maerov autorizou ser citado, mas disse a Megan que tinha obrigação de avisar aos outros membros do conselho que a matéria da *New York Times* ia sair e que ele havia conversado com ela. Megan lhe pediu para não dizer nada durante o fim de semana. Quando Weinstein soubesse que estavam para publicar a matéria, ia intensificar as tentativas de detê-la. Ela e Jodi precisavam de mais tempo. Maerov concordou em lhes dar dois dias.

Antes de se despedirem, ele fez uma pergunta. "Você tem certeza de que não são apenas jovens querendo dormir com um produtor de cinema famoso para avançar na carreira?"

Mais tarde, Maerov disse a Megan que sentiu certo alívio ao sair do

parque. Ele passara anos praticamente sem conseguir responsabilizar Weinstein. O produtor sempre dava um jeito de se safar de qualquer coisa que viesse à tona. “Era como assistir a um daqueles filmes de bandido em que alguém tipo Al Capone sempre se safa, sempre um passo à frente da lei”, explicou Maerov. Até que enfim alguém estava chegando perto dele.

Mas Maerov, como de hábito, se sentia no dever de proteger a Weinstein Company. Tão logo chegou à sua mesa, quebrou a promessa que havia feito a Megan. Ligou para Bob Weinstein e David Glasser, o presidente da empresa, e repassou tudo o que ela lhe contara.

SÁBADO, 30 DE SETEMBRO DE 2017

Naquela manhã, os detalhes já tinham chegado a Weinstein, que ligou para Maerov pedindo sua ajuda para resolver o caso. “Lance, sei que tivemos nossas diferenças nesses anos todos, mas não tem como a gente trabalhar junto nisso?” Maerov achou aquilo tão ofensivo que tomou nota de todas as palavras.

Ele disse às repórteres que fincou pé, e então Weinstein passou para as ameaças. Anos antes, Maerov tinha se envolvido com a modelo Stephanie Seymour, quando ela estava separada do marido, um executivo do setor financeiro chamado Peter Brandt. Weinstein disse a Maerov que havia conseguido uma carta que ele escrevera a Seymour e ia usá-la contra ele. A carta a Seymour era “nojenta”, disse Weinstein.

Maerov se negou. Sua tarefa era proteger a empresa, não o produtor. E achava, disse mais tarde, que não havia nada de impróprio na carta.

No dia seguinte, ele enviou a Weinstein um e-mail com uma frase só: “Precisamos discutir um plano para proteger a TWC [The Weinstein Company] caso Megan Twohey publique a matéria”.

Enquanto isso, Jodi e Megan digitavam freneticamente. Jodi escreveu:

Atrizes e ex-assistentes contaram ao *NY Times* variações da mesma história, em alguns casos sem saberem que a mesma coisa havia acontecido com outras.

Como ele costumava trabalhar em seu quarto de hotel [em Londres], raramente indo ao escritório, muitas vezes as mulheres ficavam sozinhas com ele, sem muita escapatória.

Na sequência, ele impunha um rigoroso código de silêncio, ameaçando aquelas que reclamavam, amordaçando as funcionárias com acordos de confidencialidade.

Megan incluiu o que sabiam a respeito dos fatos surpreendentes que haviam se desenrolado em 2015. O relatório policial de Gutierrez nunca veio a público, mas uma fonte o leu palavra por palavra ao telefone para uma colega do *New York Times*. Então Megan se utilizou da linguagem dele para descrever que, numa reunião de trabalho, Weinstein supostamente “agarrou os peitos dela depois de perguntar se eram de verdade e enfiou as mãos por baixo da saia dela”. Nunca fora noticiado que Weinstein “havia feito um pagamento” por baixo do pano para comprar o silêncio de Gutierrez. Quando veio o memorando de O’Connor, “com páginas e mais páginas de acusações pormenorizadas”, Maerov quis investigar, mas então Weinstein também fez um acordo com O’Connor.

No sábado à noite, Jodi e Megan já dispunham de um rascunho para mostrar a Corbett. Ela criou um arquivo secreto no sistema de edição do *New York Times* que só podia ser aberto pelas jornalistas e pelos editores ligados à matéria. Normalmente, as matérias eram nomeadas por tema e com a data em que seriam publicadas; por exemplo, 16DISCURSOTRUMP, 07TERREMOTO, 21BEYONCE. Corbett nomeou aquele texto com o título genérico de 00INVESTIGAÇÃO, de forma que mesmo os colegas que por acaso percorressem os arquivos no sistema de edição não teriam como saber do que se tratava.

Enquanto escreviam, as repórteres iam verificando — e tentando ampliar — com precisão o que podiam dizer sobre tais ou tais delitos alegados, utilizando tais ou tais fontes. Jodi e Megan contavam com apenas uma entrevista on-the-record, com uma suposta vítima de Weinstein, Laura Madden, e seu depoimento sobre o primeiro encontro que teve com ele em Dublin, em 1992. Como Zelda Perkins ainda estava impedida pelo acordo de confidencialidade e Rowena Chiu não tinha dito absolutamente nada, a saga toda se reduzia a quatro parágrafos curtos, mas de importância essencial, para mostrar que havia denúncias sérias e um acordo protegendo as duas mulheres envolvidas.

A assistente de 1990 que Megan encontrara na casa da mãe era fundamental para a matéria.

No final, John Schmidt, o ex-executivo da Miramax que Megan visitara de surpresa naquele mesmo verão, confirmou como fonte anônima que a ex-assistente havia feito um acordo após um episódio perturbador com Weinstein. Ele concordou em falar com Megan, comentando que ficara impressionado com seu artigo sobre a amfAR. Megan ainda tinha esperança de que a assistente concordasse em ter seu nome citado. Mas, quando conseguiu entrar em contato com ela, a resposta foi:

Prezada Megan,

Peço desculpas, mas, por favor, não tente entrar em contato comigo de novo, direta ou indiretamente. Não tenho nada a dizer, nem dou autoridade para que alguém fale em meu nome. Não quero ser nomeada nem citada como fonte anônima em artigo nenhum, e caso isso aconteça tomarei providências judiciais.

Visto que a história dela parecia envolver uma agressão sexual, Jodi e Megan não usariam seu nome sem autorização. Decidiram referir-se a ela simplesmente como uma jovem que saiu abruptamente da empresa depois de um encontro com Weinstein, segundo vários ex-funcionários, e que mais tarde fez um acordo. Citaram sua ex-chefe, Kathy DeClesis, que disse: “Não era segredo no círculo interno”.

Mais tarde, Megan soube que a assistente supostamente sofrera um ataque sexual de Weinstein ao levar um recado à casa dele, e Schmidt contou mais uma coisa a Megan: que Weinstein lhe confessou logo depois do encontro que havia feito “uma coisa terrível”. Schmidt lembrou mais tarde as palavras dele: “Não sei o que deu em mim. Não vai voltar a acontecer”. (Weinstein negou ter dito isso.)

A seguir, Megan ligou para Rose McGowan, que parecia decidida a expor o produtor. Mas McGowan declarou que não tinha condições de vir a público com suas alegações contra ele. Disse a Megan que, pouco tempo antes, Weinstein lhe oferecera 1 milhão de dólares em troca de seu silêncio e que seu advogado estava tentando convencê-la a aceitar. Não pretendia fazê-lo, mas, por causa de uma infinidade de complicações, ia deixar a coisa de lado. Falou que o advogado enviara a Ronan Farrow uma carta com ordem de cessar e desistir, a fim de garantir que ele não utilizasse nada da entrevista que havia feito. “Desculpe. Simplesmente não dá”, respondeu McGowan.

Mas, por insistência de Jodi e Megan, McGowan conseguira uma cópia do acordo que havia feito com Weinstein em 1997. O surpreendente era que o documento de uma só página não trazia cláusula de confidencialidade. McGowan pôde apresentá-lo às jornalistas sem o risco de eventuais consequências jurídicas ou financeiras. Ela não quis comentar o caso, mas a matéria poderia citar o documento e dizer que, depois de um episódio num quarto de hotel durante o Festival Sundance de Cinema, Weinstein pagara 100 mil dólares a McGowan. O pagamento não devia “ser entendido como uma admissão de culpa” de Weinstein, mas se destinava a “evitar litígios e comprar a paz”.

Em sua maioria, os ex-funcionários de Weinstein que as repórteres queriam citar previam retaliações e estavam com medo. Jodi e Megan argumentaram que a matéria incluiria provas contundentes e que, mesmo passados todos aqueles anos, não era tarde demais para se manifestarem. A maioria recusou. (“Tenho minha *vida!*”, protestou um executivo.) Outro autorizou uma citação:

“O assédio sexual era muito comentado e raramente revelado. É uma tristeza, é uma vergonha, mas pouquíssimos de nós tiveram a coragem ou os meios de confrontá-lo.”

Poucas horas depois, a grande empresa para a qual ele trabalhava rejeitou a citação, dizendo que não queria ser nem remotamente associada à matéria.

Um dos poucos que se dispuseram a falar foi Mark Gill, o ex-presidente da Miramax de Los Angeles. “De fora, parecia tudo muito lindo: os Oscars, o sucesso, o enorme impacto cultural. Mas, nos bastidores, era uma tremenda confusão, e essa foi a maior de todas”, disse ele, referindo-se à suposta conduta imprópria do produtor contra as mulheres. Jodi e Megan tomaram sua declaração e algumas outras como vitórias e incluíram no rascunho do artigo.

Na segunda-feira, ao meio-dia, Jodi enviou uma mensagem de texto para Ashley Judd, perguntando se ela podia falar. Baquet e Purdy ainda insistiam que as repórteres não ficassem atrás das atrizes. A tarefa fundamental, diziam, era dar o furo; depois, previam que tudo viria à tona. Aí, sim, seria bom ter Judd e Paltrow falando on-the-record.

Jodi e Megan discordavam. O caso Weinstein tinha dois lados: as visíveis ameaças do produtor a gerações de funcionárias da própria empresa e a atrizes que queriam conseguir um papel. O primeiro lado elas já tinham bem

documentado. Sem o segundo lado — muitas atrizes, algumas grandes estrelas, diziam ter sido molestadas por Weinstein —, a matéria ficaria incompleta.

Judd respondeu à mensagem. Sim, ela estava na sala de espera do dentista e podia falar.

Fazia mais de três meses que Jodi preparava o terreno para aquele momento. Tinha se encontrado pessoalmente com Judd duas semanas antes, quando a atriz estava na cidade para a Assembleia Geral da ONU. No terraço de um andar alto com vista para o East Side de Manhattan, Jodi lhe disse para imaginar como seria ir a público e frisou que estava trabalhando para conseguir depoimentos de outras atrizes também. Judd ouviu com atenção, mas disse que não tinha muita certeza.

Insistir parecia errado. A matéria seria publicada logo antes do novo seriado de Judd, *Berlin Station*, estreiar na TV, situação que era preferível evitar. E Judd queria desde o começo a companhia de outras atrizes. Mas, mesmo depois de dezenas de conversas, aquilo não havia se materializado. Salma Hayek, Uma Thurman e Angelina Jolie nem haviam atendido ao telefone. Jodi ainda estava tentando convencer Gwyneth Paltrow, mas ninguém sabia o que ela faria. Rosanna Arquette, que também descrevera a Jodi um encontro aflitivo num quarto de hotel, não se sentia pronta para vir a público. Outras atrizes, famosas e desconhecidas, tinham contado casos de Weinstein às repórteres sob promessa de sigilo. O padrão que protegera Weinstein durante décadas — nenhuma atriz queria ser a que ia botar a boca no mundo e nomeá-lo — persistia.

No celular com Judd, Jodi não suplicou nem lhe disse o quanto queria que viesse a público. Em vez disso, procurou mostrar a ela que a matéria ia ser muito forte: 25 anos de acusações, um padrão muito claro, nomes e exemplos, registros do departamento de recursos humanos, informações jurídicas e financeiras, citações de funcionárias e funcionários caracterizando o problema.

Enquanto falava, Jodi já se preparava para uma negativa. Judd não revelou nada. Prometeu que ia pensar a sério no pedido e logo ligaria de volta.

Poucas horas depois, apareceu uma mensagem de texto de Laura Madden. Jodi andava preocupada em perdê-la. O prazo curto havia criado um conflito incômodo: fazia tempo que Madden estava apavorada com a nova rodada de cirurgias que teria de realizar — uma segunda mastectomia e uma

reconstrução mamária —, e os procedimentos estavam marcados para o dia 10 de outubro. Jodi não tinha como dar a Madden a data certa da publicação, e podia ser que caísse no mesmo dia da operação dela. Era estresse demais para uma pessoa só — mas, para as jornalistas, seria um desastre não contar com ela.

Madden ficava preocupada em ser a única mulher do escritório de Londres a vir a público. Se fosse o caso, cairia fora. Fez mais algumas perguntas a Jodi sobre a matéria: quantas mulheres, quantas mulheres daqui, deste escritório, neste ano?

Todas queriam companhia, e era compreensível.

SEGUNDA-FEIRA, 2 DE OUTUBRO DE 2017

Logo depois do meio-dia, as repórteres entraram no escritório de Dean Baquet para discutir a última etapa da investigação: quando levar as descobertas a Weinstein e que prazo lhe dar para responder. Depois de proteger as fontes por tanto tempo, era hora de chegar em Weinstein e seus representantes, expor a matéria e apresentar todas as denúncias que pretendiam publicar. Cada episódio, cada data, o nome de cada mulher. (Não mencionariam Judd nem Paltrow, que ainda não eram certas.) Então Jodi e Megan incorporariam as respostas dele à matéria. Se Weinstein negasse as acusações, elas incluiriam aquilo. Caso se desculpasse, publicariam as desculpas nas palavras dele. Caso se recusasse a comentar, escreveriam aquilo. E teriam de eliminar quaisquer acusações que ele conseguisse refutar.

Apresentar as descobertas era uma prática-padrão do jornalismo, a maneira correta de tratar o sujeito de qualquer matéria, por menos fidedigno que ele fosse. Mas o grupo não conseguia definir o prazo de resposta que daria a Weinstein. Uma data final tinha de ser estipulada: é esse o tempo que você tem até a publicação. Mas, quando soubesse o que o *New York Times* pretendia publicar, Weinstein poderia pressionar as mulheres a se retratar, intimidá-las, contradizendo seus relatos, ou tentar desacreditá-las. Ele podia vazar informações para outro veículo para diminuir o impacto da matéria ou se antecipar à publicação fazendo uma declaração de arrependimento às pressas. As jornalistas precisavam proteger as vítimas — e a matéria.

No escritório de Baquet se reuniram seis pessoas, todas com algum tipo de autoridade e alguma responsabilidade final em publicar com segurança a matéria sobre Weinstein no jornal. Baquet era o chefe, o jornalista encarregado de supervisionar todos os dias aquele jornal verdadeiramente enciclopédico. A decisão final era sempre sua. Mas Corbett conduzira o projeto desde o começo, e Baquet confiava nela em parte porque tinha instintos um pouco diferentes. Eles estavam em conversa constante com Matt Purdy, que, entre o tumulto de supervisionar várias matérias na redação, ainda acompanhava de perto a investigação.

Mas Jodi e Megan, como repórteres, tinham sua própria forma de autoridade e responsabilidade. Eram elas que haviam reunido as informações. Eram elas que se relacionavam com as fontes. Eram elas que estavam escrevendo a matéria e que iam assiná-la. Caberia a elas grande parte do mérito ou da culpa por qualquer coisa que acontecesse.

A sexta pessoa na sala era David McCraw, o advogado do *New York Times*. Ele estava ali para garantir que o jornal não se envolvesse em nenhum problema jurídico, de modo que nenhum dos outros presentes pretendia rejeitar seus conselhos.

Corbett achava que precisavam dar 48 horas a Weinstein, tanto por ele quanto pelas jornalistas. Poderiam dizer que tinham feito as coisas do jeito certo e evitariam dar alguma brecha para que Weinstein os acusasse de ter sido parciais.

Baquet achava que era tempo demais. Ninguém ali no grupo confiava em Weinstein, e ele ainda menos. Seus instintos lhe diziam que o produtor ia simplesmente estourar o prazo. Além disso, a equipe imaginava que, por mais tempo que dessem a Weinstein, ele ia querer mais. Era uma negociação, e tinham de começar por baixo.

Mas Baquet também queria que a investigação fosse irrepreensível. No início de sua carreira na imprensa, ele tinha feito a cobertura do caso de Gerald Hatcher, um ator de segunda categoria que fora acusado de se fingir de caça-talentos a fim de estuprar aspirantes a atrizes a partir de catorze anos, atraindo-as para encontros privados em que discutiriam sua futura carreira no cinema.¹ Tantos anos depois, Baquet ainda sofria ao se lembrar de como tinha escrito aquelas matérias. O sujeito era culpado, ele tinha certeza. Mas achava que fora muito apressado em condená-lo na página impressa, escrevendo de uma forma melodramática e sensacionalista demais, sem

apresentar um resumo imparcial e suficiente dos argumentos de defesa. “Provavelmente foi um desrespeito até para com as mulheres”, diria mais tarde. “Sempre fiquei com a impressão de que todo mundo no tribunal perdeu um pouco de respeito por mim, inclusive os promotores.” Baquet queria expor Weinstein, mas da maneira correta.

Todos, inclusive Jodi e Megan, tomaram a palavra abordando cada aspecto, tentando pesar os riscos e ver qual seria o maior: comprometer uma investigação indo rápido demais nos momentos finais ou ter excessiva generosidade para com um comprovado manipulador. Quando as repórteres saíram para voltar a escrever a matéria, os editores continuaram a deliberar.

Chegaram a uma decisão quando já começava a anoitecer na Times Square. Megan ligou para Lanny Davis para avisá-lo: ela e Jodi queriam falar com Weinstein e sua equipe à uma da tarde do dia seguinte, para apresentar as alegações.

De repente faltavam só um ou dois dias para o lançamento. Em torno das jornalistas, colegas davam todos os pequenos passos que transformam um conjunto de palavras numa matéria do *New York Times*. Precisavam da foto certa de Weinstein para pôr no alto da matéria e na primeira página, e Beth Flynn, a editora de fotografia, enviou uma seleção. Ele devia aparecer sério ou sorrindo? Num tapete vermelho? Com uma mulher? *Que* mulher? Haveria problema se a esposa dele, Georgina Chapman, aparecesse numa das fotos? Aliás, será que o artigo devia mencionar que ele tinha uma esposa, de seu segundo casamento, e que a maioria das supostas transgressões ocorrera quando era casado?

Só uma pessoa por vez podia entrar no arquivo da matéria, de modo que Jodi trabalhava no texto, depois Megan, depois Rebecca, depois Rory Tolan, um segundo editor que examinava atentamente a linguagem. Todos tentavam encontrar a formulação mais correta possível e reescreviam a matéria baseando-se nas anotações de McCraw, que dera suas recomendações para torná-la invulnerável do ponto de vista jurídico.

Um pouco depois da meia-noite, Megan e Jodi deixaram o escritório e dividiram um táxi até o Brooklyn. Permitiram-se pela primeira vez especular sobre as possíveis reações dos leitores. Megan imaginava que o conselho diretor da empresa de Weinstein ia se ver obrigado a tomar medidas contra

ele, mas será que o resto do mundo ia se importar? Jodi citou Purdy, que, no mais clássico estilo de editor cético de jornal, comentara numa fase anterior da investigação que Harvey Weinstein não era *tão* famoso assim. Talvez muita gente achasse até normal a conduta sórdida de um produtor de Hollywood.

TERÇA-FEIRA, 3 DE OUTUBRO DE 2017

Enquanto se preparavam para o contato da uma da tarde, Corbett recebeu uma mensagem curiosa de Lanny Davis:

Cara Rebecca,

Esta é uma mensagem muito pessoal.

Acabei de ver o e-mail de Lauren de ontem à noite e o li só agora. Vou me empenhar ao máximo para fazer o que devia ter sido feito muito tempo atrás. Não estou otimista quanto a uma declaração. Estou correndo para a uma da tarde de hoje, pois parece que é o prazo absolutamente final. Corrija-me se eu estiver enganado.

Em todo caso, agradeço sua consideração e cortesia — muito além do que é habitual ou sequer necessário.

Lanny

Para alguém de fora, a mensagem podia parecer rotineira: Desculpe, alguns documentos demoraram para chegar, estou me pondo a par, vou me esforçar ao máximo. Traduzida para a linguagem do jornalismo e das relações públicas, a mensagem ficava assim:

Você acredita que Weinstein me contratou para lidar com seu artigo, mas nunca me mostrou o memorando de Lauren O'Connor? É uma coisa constrangedora e, aliás, que memorando impactante. Conte comigo, vou tentar fazer com que Weinstein lhe dê algum tipo de declaração para publicar na matéria, mas ele é um cliente difícil.

David Boies não estaria disponível para participar da audioconferência, mas ainda tentou intervir em favor de Weinstein. Às 12h19, Baquet recebeu um e-mail do advogado, pressionando para aumentarem o prazo de resposta de Weinstein, a fim “de tornar a matéria imparcial e equilibrada (não no sentido da Fox News, no sentido do *New York Times*)”. Boies, repetindo que

não era o advogado de Weinstein naquele assunto, insinuou que o jornal devia seguir o exemplo de outros veículos da mídia.

“Três grandes veículos de imprensa, entre eles o *New York Times*, pesquisaram essa história nos vários últimos meses e, até onde sei, consideraram as mesmas acusações e provas”, escreveu Boies, referindo à NBC e à *New Yorker*. “Um dos outros dois disse que decidiu não publicar a história; o outro disse que, antes de publicar, vai rever minuciosamente com Harvey as acusações contra ele e lhe dar o tempo adequado para preparar uma resposta. Eu esperaria que o *New York Times* fizesse no mínimo a mesma coisa.”

“Não vou responder”, disse Baquet às repórteres.

Logo antes da uma, as repórteres e Corbett se posicionaram para a ligação. Tinham posto por escrito praticamente tudo o que planejavam dizer. O que estava mentalmente em primeiro plano, na cabeça delas, eram as mulheres cujos nomes iam mencionar. Nas horas precedentes, Jodi e Megan haviam alertado Madden, Perkins e as demais, dizendo: *Logo mais vamos ter a resposta de Harvey e precisamos expor a ele todas as acusações da matéria, inclusive a sua. Sei que parece assustador, mas é para proteger tanto você quanto nós, pois poderemos dizer que se trata de um procedimento imparcial que dá a ele a oportunidade de responder às acusações. Não acreditamos que ele ou seus representantes venham a contatá-la. Mas, só por precaução, anote com um caderno e, se receber qualquer ligação, anote todas as palavras. Qualquer ameaça ou intimidação precisa ir direto para o artigo. A única forma de combater essas táticas é expô-las.*

As mulheres concordaram, num gesto final de confiança.

Quando a audioconferência em si começou, Weinstein estava acompanhado não só por Davis e Bloom, mas por um novo advogado, Charles Harder.²

Harder tinha feito nome atacando publicações que criticavam seus clientes ricos ou famosos.³ Recentemente ajudara a fechar o site de fofocas Gawker,⁴ num processo falimentar sobre uma gravação de sexo em que representou Hulk Hogan. A ação tinha sido secretamente bancada pelo investidor em tecnologia Peter Thiel. Harder achava que as leis referentes à difamação, que determinavam o que se podia dizer sobre alguém na imprensa, eram frouxas demais. O padrão jurídico dominante fora estabelecido em 1964, quando a Suprema Corte decidira em “*New York Times contra Sullivan*” que, para ser

vencedora, uma ação por difamação precisava provar não só que os jornalistas haviam publicado informações falsas, mas que, no caso de figuras públicas, haviam procedido com “malícia real”, definida como “desconsideração negligente pela verdade”. Era um critério exigente que geralmente protegia os jornalistas — exigente demais, segundo Harder.

Ele representara Roger Ailes na tentativa de rebater a cobertura da mídia sobre seu suposto assédio sexual.⁵ Depois de negociar um acordo de 2,9 milhões de dólares pagos pelo *Daily Mail* por sua falsa reportagem de 2016 que dizia que Melania Trump trabalhara no passado como acompanhante,⁶ Harder também fora contratado pelo presidente Trump. A revista *GQ* dissera pouco antes que Harder era “talvez a maior ameaça nos Estados Unidos a jornalistas, à Primeira Emenda e à ideia de uma imprensa livre”.⁷

Na ligação, Harder foi moderado e cortês, ouvindo as jornalistas sem interromper enquanto apresentavam o material, e repetindo variações de “daremos retorno”.

O cliente dele não se conteve da mesma maneira. Desde o primeiro instante da ligação, Weinstein ficou interrompendo as repórteres, decidido a saber com quem tinham falado, quem o traía. Vinda pelo alto-falante, sua voz era ainda mais impositiva do que ao vivo, grave, áspera, insistente. Ele usava a tática de repetir incessantemente a mesma pergunta. Enquanto Megan e Jodi expunham as alegações, Weinstein tentava tomar o controle com uma enxurrada de interrupções:

“Quem mais foi a público?”

“Tem alguém que falou isso on-the-record?”

“Por que não me dizem quem falou isso e me deixam responder?”

“E essa mulher falou on-the-record?”

“E vocês têm alguém que disse isso em on?”

Estava tão ocupado querendo atormentar as repórteres que parecia nem se dar conta de que elas dispunham não só de entrevistas, mas também de registros de acordos e outros documentos, inclusive o memorando de O’Connor.

Megan fez a pergunta fundamental: quantos acordos Weinstein tinha feito ao longo dos anos? Já ouvira a resposta — de oito a doze — de Davis, mas precisava de uma segunda fonte, e seria ideal se conseguisse uma confirmação do próprio Weinstein. Quando ela citou os números dados por Davis, Weinstein foi para cima de seu próprio consultor jurídico. “Isso é você

quem diz, não eu”, disparou contra Davis. “Se Lanny falou, falou por ele mesmo, e não por seu cliente”, disse.

Megan ficou tensa. O círculo dos que sabiam dos acordos era minúsculo. Aquele número importante estava escapando?

Quando as jornalistas acabaram de citar as acusações, Harder perguntou quanto tempo teriam para responder. Corbett disse, conforme os editores tinham concordado: “Nossa expectativa é de que nos retornem no final do dia”.

“Impossível”, rebateu Harder. “Vocês estão nos dando três horas para responder a uma lista corrida de coisas que vêm desde o começo dos anos 1990?” Ele pediu duas semanas, Corbett recusou, então Harder reduziu o pedido para 48 horas. Corbett ficou de lhe dar um retorno.

A voz de Weinstein irrompeu outra vez pelo alto-falante. “Se não gostar do prazo, a gente vai cooperar com outros”, ameaçou, percebendo o receio das jornalistas de que, tão logo desligasse, fosse direto para outro veículo com uma versão distorcida e atenuada da matéria.

“Não sou santo”, disse Weinstein, “mas não sou o pecador que vocês estão pensando.”

Ele se lançou em um sermão sobre o jornalismo.

“Apurem as coisas direito”, disse. “Vamos ajudar vocês com isso. Se eu não fizesse filmes, seria jornalista. Leio todos os livros sobre o *New York Times*, todos os livros sobre jornalismo e todos os jornais e revistas. Os jornalistas que mais admiro são os que se esforçam em ser imparciais.”

Weinstein continuou. “Quando eram crianças, vocês aprenderam a contar a coisa certa, a dizer a verdade.” E prosseguiu: “Não dependia de prazos. Vocês só contavam a verdade. Se estragam isso, se não falam a verdade e escrevem só por escrever, como conseguem se olhar no espelho?”.

Finalmente, depois de uma hora e meia de ligação, a conversa terminou. Corbett e as repórteres se sentaram na sala de conferências.

Corbett queria consolidar melhor algumas denúncias para dar mais força à matéria e achava que o jornal devia aceitar o pedido de mais tempo de Harder. Especialista no tipo de raciocínio de Baquet, depois de anos trabalhando juntos, ela bolava um argumento para lhe apresentar em favor de um novo prazo.

Megan revia mentalmente as reações da equipe de Weinstein, procurando pistas que indicassem que dispunham de informações capazes de refutar ou

enfraquecer as descobertas. Em vez de tratar dos graves assuntos expostos, Weinstein fazia perguntas que não o ajudavam. Estava brigando com Davis. Tinha se esforçado tanto em virar o jogo que não dava para saber até que ponto ele chegara a processar as informações.

Jodi se preparava para o próximo movimento de Weinstein, certa de que ele tinha algum plano para usar as informações que haviam fornecido durante a ligação a fim de detonar o artigo. Tinha certeza do que ele faria — vazaria algo para as páginas de fofocas, dizendo: “O *New York Times* está tentando fazer uma matéria sobre Harvey Weinstein, mas mal conseguiu uma única mulher disposta a ter seu nome publicado como fonte”.

Bastaria um telefonema dele e o artigo ia parecer um fracasso antes mesmo de sair.

Uma hora depois, Judd ligou para Jodi.

A atriz mantinha a compostura de sempre. “Estou preparada para vir a público em sua investigação.” Pensara a fundo sobre sua decisão, saíra para correr no bosque, consultara seus advogados, avaliara suas obrigações como mulher e como cristã e concluía que o correto era aquilo, disse ela.

De pé entre o traçado reto da parede de vidro e do carpete cinza, Jodi desabou, como uma maratonista que cai na linha de chegada. Ela e Megan tinham passado meses num estado de indefinição e responsabilidade. Conseguiriam a matéria ou não? Teriam ou não atrizes citadas como fontes? Chorando, Jodi procurou algo para dizer a Judd que estivesse à altura do momento, mas que mantivesse o profissionalismo. O máximo que conseguiu foi dizer: “Isso significa tudo para mim como jornalista”.

O restante da equipe conversava em roda no corredor. Jodi foi até eles, ainda no celular com Judd, gesticulando para avisar que tinha novidades. Megan adivinhou o que era antes que ela conseguisse dizer.

Comemoraram reescrevendo o rascunho da matéria. O parágrafo introdutório era o antigo relato de Judd na suíte do Peninsula, e a primeira parte do artigo terminava com uma citação dela, que também era um chamado à ação: “Faz tempo que nós mulheres falamos sobre Harvey entre nós mesmas, e já é mais do que hora de ter essa conversa publicamente”. Naquela noite, tinham uma nova versão do artigo, com o nome de Ashley Judd.

Enquanto isso, Corbett prevaleceu: dariam a Weinstein até meio-dia do dia seguinte, quarta-feira, 4 de outubro. Aquela passou a ser a nova data prevista para a publicação da matéria. As repórteres ajustaram suas expectativas e acertaram seus relógios internos.

Às nove da noite daquela terça-feira, as jornalistas continuavam no escritório, comendo delivery e labutando na redação da matéria. Os murmúrios de ansiedade não eram nada em comparação ao que se passava na Weinstein Company, alguns quilômetros ao sul, onde Weinstein estava numa audioconferência de emergência com Boies e o conselho diretor. Maerov insistira na reunião, ofendidíssimo com Weinstein por ter contratado advogados e o escritório de Davis para lidar com um caso que o conselho desconhecia totalmente.

Boies foi quem mais falou. Depois de passar anos minimizando os problemas de Weinstein para o conselho de direção, de repente ficou mais direto. Falou que a matéria do *New York Times* estava para sair e que ia “ser ruim” para a empresa, conforme mais tarde disseram a Megan os participantes da audioconferência.⁸ Boies destacou as conclusões, inclusive os oito a doze acordos, acrescentando que o número podia muito bem ser maior. Achava que Weinstein, na verdade, nem lembrava quantos pagamentos tinha feito às mulheres ao longo dos anos. E argumentou que defender ou acabar com Weinstein não seria sensato nem apropriado. O objetivo era encontrar um meio-termo e se unir numa frente comum. “Se a gente não ficar junto, vai ser tiro de tudo quanto é lado”, disse ele.

Às 23h38, Lisa Bloom recomendou a Weinstein que reconhecesse que, por mais que tentassem, não conseguiriam abafar a matéria do *New York Times*. “Podemos — e devemos — tirar uma coisinha daqui e dali, mas vai sair”, disse num e-mail a Weinstein, Harder, Davis e Boies, enquanto se preparava para pegar um voo de Los Angeles a Nova York, para ficar ao lado de seu cliente.⁹ Sugestão de Bloom: Weinstein deveria admitir que realmente estivera envolvido na questão central do assédio sexual, mostrar remorso e prometer que ia mudar. No e-mail que Megan obteve mais tarde, Bloom dizia, referindo-se ao pedido de desculpas do ex-candidato presidencial por causa de um comentário antissemita: “Muitas vezes penso em Jesse Jackson, flagrado dizendo ‘Hymietown’, pedindo desculpas, dizendo ‘Deus ainda não terminou comigo’”. E prosseguia: “Ele teve meu voto em 84”.

Bloom, comparando as alegações contra Weinstein com um comentário

isolado de Jackson, propôs dar uma declaração ao *New York Times* que enfatizava seu papel pessoal e até seu projeto no cinema:

“Como defensora dos direitos das mulheres, fui muito direta com Harvey e ele me ouviu. Disse-lhe que os tempos mudaram, estamos em 2017, e que ele precisa evoluir para um nível mais alto. Considero que Harvey foi animadoramente franco e receptivo à minha mensagem. Reconheceu os erros cometidos. E, como trabalhamos juntos num projeto para levar meu livro às telas, ele sempre tem sido respeitoso comigo.”

A mensagem de Bloom era: fora ela quem ajudara Weinstein a ver a luz. Depois de trabalhar em caráter privado com ele para impedir as investigações sobre sua conduta, a advogada queria se apresentar publicamente como a pessoa que o obrigara a mudar de comportamento.

Para sua própria proteção, Davis tinha decidido ficar em Washington. Àquela altura, ele sabia que, por mais que Weinstein fizesse, não ia conseguir se livrar das descobertas do artigo. Até Boies insistia no pedido de desculpas.

Mas Weinstein não estava disposto a ceder.

Naquele dia, chamara um funcionário do setor de informática até o computador de um de seus assistentes executivos e, segundo pessoas ali presentes, mandara que ele apagasse um documento chamado “amigas de HW”. (Era basicamente a mesma expressão que as fontes de Megan e Jodi tinham usado: “amigas de Harvey”.) O documento consistia numa lista de nomes e dados de contato de mulheres classificadas por cidades.

Com a ajuda de Bloom, Weinstein também tentou pressionar as funcionárias a assinar declarações por escrito, dizendo que haviam tido uma experiência positiva na empresa.

Na manhã seguinte, Megan recebeu uma mensagem de texto da mulher que tinha saído da empresa “por razões morais”. Dizia na mensagem que Weinstein havia ligado três vezes naquela manhã, desconfiado de que ela era uma das fontes.

“Estou com medo”, escreveu a jovem.

7. “Vai haver um movimento”

QUARTA-FEIRA, 4 DE OUTUBRO DE 2017

As repórteres foram trabalhar sabendo que teriam de avisar a equipe de Weinstein que Judd ia aparecer como fonte, mas temiam que o produtor se aproveitasse de alguma maneira da informação — para postergar ainda mais a resposta ou, pior, lançar nos tabloides algum tipo de campanha preventiva de descrédito público contra Judd. (“A excêntrica ativista Ashley Judd tem ameaçado vir a público com acusações absurdas...”) Mas elas tinham de avisar. Às 8h40, Jodi ligou para Lanny Davis, que recebeu estoicamente a notícia.

A audioconferência com Weinstein e equipe na véspera desferira um possível golpe contra a descoberta fundamental de que o produtor firmara acordos com nada menos que doze mulheres ao longo dos anos. Mas, agora que outros executivos da Weinstein Company sabiam que a matéria do *New York Times* estava para sair, Megan imaginava que estariam provavelmente furiosos com Weinstein, por ter posto a empresa em risco com suas ações. Talvez a raiva se tornasse um incentivo para falarem.

Megan ligou para David Glasser, presidente da Weinstein Company, na Califórnia.¹ Ainda era madrugada em Los Angeles, mas Glasser atendeu à ligação, parecendo insone e exausto. Megan falou que estava ligando porque considerava justo que outros executivos tivessem chance de responder à matéria do *New York Times*.

Glasser, claro, reconheceu que tinha sido uma noite puxada. Houvera uma reunião de emergência do conselho de direção, por audioconferência. Boies

expusera o que o *New York Times* estava preparando para publicação, disse Glasser, que acrescentou que ficara chocado com o que ouvira.

É mesmo?, perguntou Megan. O que foi mais surpreendente? Boies mencionou o número de acordos de Weinstein com mulheres? Mencionou, sim, disse Glasser: de oito a doze. Inacreditável, não? Além disso, Boies havia dito ao conselho que podia se tratar de um número ainda maior.

Megan disse a Glasser que incluiria de bom grado o ponto de vista dele no *New York Times* se e quando ele se dispusesse a fazer uma declaração. Enquanto isso, será que podia usá-lo como fonte sobre a quantidade de acordos sem citar seu nome? Ele concordou. Quando Megan deu a notícia, Corbett saltou da cadeira e lhe deu um abraço.

As jornalistas não desgrudavam os olhos do relógio: o prazo do meio-dia se aproximava. Quando deu a hora, a equipe de Weinstein praticamente se limitou a um telefonema frenético, negando algumas alegações, falando coisas desconexas sobre episódios que nem estavam no artigo e protestando mais uma vez que não havia tido tempo suficiente.

Alguns minutos depois, Baquet observava Megan, que estava do lado de fora de seu escritório atendendo outra ligação de Davis, que não tinha nenhuma resposta. Até então, Baquet se negara a falar com Weinstein ou qualquer representante seu. Daquela vez ele disse a Megan para lhe passar o celular. “Lanny, estou de saco cheio dessa merda”, disse Baquet, num tom mais ríspido do que o usual. “Vocês têm cinco advogados diferentes tratando conosco. Não vamos falar com cinco advogados diferentes. Ligue para seu pessoal e nos retorne com sua resposta.”

Às 13h43 chegou por e-mail a resposta da equipe de Weinstein na forma de uma carta de Charles Harder, marcada como “CONFIDENCIAL/ OFF-THE-RECORD/ NÃO PUBLICAR”.² As jornalistas não consideraram aquilo obrigatório. Para manter o material em caráter confidencial, era preciso que as duas partes concordassem. Mas era uma introdução adequada à carta, um exercício de intimidações ao longo de dezoito páginas que, ao fim, se resumiam a uma mensagem só: se elas seguissem em frente, Weinstein e Harder iam processar o *New York Times*.

O núcleo duro da equipe se reuniu outra vez no escritório de Baquet. David McCraw distribuiu cópias impressas a todos, para verem o que vinha pela frente. O assunto era: “ordem de cessar e desistir e preservar documentos e materiais”. Tinham passado todos aqueles meses — e sobretudo os últimos

dias — esperando para ver a posição que Weinstein tomaria: negar ou se desculpar. Agora viam a resposta impressa na página:

Todas as acusações do *NYT* e de suas alegadas “fontes” de que meu cliente se envolveu em assédio sexual, inclusive de funcionárias e atrizes, são falsas. Meu cliente não se envolveu na conduta delituosa de que o acusam.

Sua falsa matéria provavelmente acarretaria danos acima de 100 milhões de dólares para meu cliente. Se a publicarem, ele não terá alternativa a não ser considerar o *NYT* legalmente responsável por esses danos.

Weinstein e Harder tinham outra exigência, mais tática:

Uma vez que essas acusações terão o efeito, como sabem, de acarretar considerável dano, se não a completa destruição, da carreira e da empresa de grande sucesso que meu cliente construiu nos últimos quarenta anos, e como vocês vêm trabalhando nessa matéria sobre ele há vários meses, e os eventos alegados remontam a mais de 25 anos no passado, seria apropriado que o *NYT* no mínimo concedesse a meu cliente e seu advogado um prazo razoável — solicitamos duas semanas — para pesquisar essas questões e fazer uma apresentação adequada dos fatos e das provas que *refutam* as diversas acusações falsas que o *NYT* se prepara para publicar sobre meu cliente. Um tribunal concede a um réu pelo menos um ano para conduzir suas diligências e apresentar sua defesa em juízo. Estamos pedindo a vocês duas semanas.

Weinstein ia brigar. Pela carta, a verdadeira vítima era ele, perseguido pelo *New York Times*. O texto, borbulhando de desdém pelo jornalismo, invocava uma sombria realidade paralela na qual os jornais que divulgavam informações incriminadoras sobre os poderosos estavam violando — e não justificando — a confiança pública.

A carta tomava como alvo direto Laura Madden, chamando-a de mentirosa. “A acusação é falsa”, escreveu Harder. E mais:

Confiamos que poderemos lhes fornecer documentos e testemunhas que refutarão essa alegação, mas demandará tempo localizar documentos e testemunhas de 25 anos atrás. Vocês estão avisados da verdade. Se publicarem essa acusação falsa antes que meu cliente tenha oportunidade razoável de localizar e lhes apresentar mais provas (testemunhas e documentos) da falsidade dessa alegação, será facilmente demonstrada sua desconsideração negligente pela verdade.

Era com aquela expressão que um queixoso podia vencer uma ação por difamação: provando que os jornalistas tinham sido avisados de que a informação era falsa e, mesmo assim, publicaram-na maliciosamente.

Jodi pensou em Madden, em algum lugar no País de Gales. Se Weinstein de fato dispunha de uma refutação genuína de sua história, ela precisava ser avisada de imediato. Ou ele estaria apenas blefando, por achar que era só uma mulherzinha sem poder nenhum e com poucas provas, e que a melhor jogada era simplesmente negar?

As ex-funcionárias que ajudavam as repórteres estavam “descontentes, têm outros motivos por trás e procuram abastecê-las com declarações falsas e difamatórias”, dizia a carta. “Vocês estão avisados de que suas fontes não são confiáveis; elas não têm informações pessoais; estão procurando usar o *NYT* como veículo para seus esforços ilegais e injuriosos para difamar e prejudicar meu cliente e sua empresa. A publicação pelo *NYT* de qualquer uma dessas acusações falsas sobre meu cliente será com real malícia e constituirá difamação.” Havia a possibilidade de que a equipe de Weinstein tentasse apresentar publicamente as corajosas ex-funcionárias como párias amarguradas e fracassadas.

Na parte final, Weinstein e Harder tomaram como alvo direto Jodi e Megan:

Fiquem cientes de que estão sob a obrigação legal de manter, preservar, proteger e não destruir todos ou quaisquer documentos, comunicações, materiais e dados, em forma digital, eletrônica e física, que possam ter relação com a disputa, incluindo irrestritamente todos os documentos, materiais e dados que se referem ou se relacionam a Harvey Weinstein, à Weinstein Company e/ou a qualquer um de seus executivos, funcionários e/ou contratantes (coletivamente, “TWC”).

E eram todos mesmo: textos, mensagens, correios de voz, registros na agenda. Harvey Weinstein estava dizendo que ia obrigar o *New York Times* a entregar o conteúdo completo da investigação, tudo o que as repórteres haviam prometido proteger.

As jornalistas se sentaram no escritório de Baquet e o grupo chegou a uma decisão unânime: não havia razão para alterar uma única vírgula da matéria. A carta de Harder era essencialmente uma intimidação legalista. As jornalistas continuariam abertas a qualquer prova que Weinstein quisesse apresentar, mas era impensável se curvar diante daquela carta.

McCraw tranquilizou o grupo, assegurando que estavam protegidos por lei. O mundo invocado por Harder parecia assustador, mas não existia de verdade. “Quando os fatos e as leis nos protegem, é difícil contestar nossa posição legal”, disse McCraw mais tarde.

Às 15h33, McCraw encaminhou às jornalistas uma cópia da resposta que acabara de enviar a Harder, contendo apenas três parágrafos.³ A resposta de McCraw às dezoito páginas de reclamações sobre a técnica jornalística foi sucinta: “Qualquer ideia de que tratamos o sr. Weinstein de maneira parcial é simplesmente falsa, e pode ter certeza de que todo artigo que fazemos atende a nossos critérios costumeiros de precisão e imparcialidade”.

Foi no parágrafo final que ele deu seu verdadeiro contragolpe:

Estou ciente das suas exigências de preservação de documentos. À luz disso, peço a gentileza de me fornecer garantias de que tomou providências imediatas para assegurar todos os dados e registros que possam ter relação com este assunto, em posse, custódia e controle do sr. Weinstein ou de uma de suas entidades empresariais. Peço em especial que assegure imediatamente todos os registros de ligações, e-mails e mensagens do sr. Davis, representante de imprensa do sr. Weinstein, bem como os registros de ligações, e-mails e mensagens pessoais e profissionais do sr. Weinstein; todos os registros referentes a qualquer queixa de conduta imprópria no local de trabalho, em posse, custódia e controle do sr. Weinstein ou de uma de suas entidades empresariais; e todos os registros relacionados a acordos com funcionários, em posse, custódia e controle do sr. Weinstein ou de uma de suas entidades empresariais.

Traduzindo do juridiquês, significava: Harvey Weinstein, se você quer levar essa história à Justiça, vá em frente. Se tentar vir atrás de nossas informações, exigiremos ainda mais informações suas, inclusive todo e qualquer documento relacionado ao modo como trata as mulheres.

A única concessão foi dar mais tempo a Weinstein. O prazo de duas semanas estava fora de cogitação. Mas as jornalistas acharam que deviam atender à solicitação anterior de Harder, de 48 horas, mesmo sendo penoso deixar o material com Weinstein por tanto tempo. Menos que aquilo daria credibilidade a seu argumento sobre a imparcialidade. O novo prazo, definitivo, iria até o dia seguinte, quinta-feira, 5 de outubro, à uma da tarde.

Jodi e Megan estavam exaustas, mas a resposta de McCraw fora uma injeção de ânimo. Ele invocara décadas e décadas de tradição jornalística, um

sistema judiciário que ainda protegia a liberdade de imprensa e um país onde, apesar de tudo, a Primeira Emenda era sacrossanta. Elas também perceberam que Baquet saboreava cada momento do confronto com Weinstein. O resto do mundo não tinha como ver a ofensiva de Harder. Mas o fato de resistirem juntos contra ela era emocionante.

Naquela tarde, Jodi achou que deveria tentar uma última vez convencer Paltrow a vir a público. Os leitores de todo o mundo ficariam chocados ao saber da história por sua ex-estrela principal; mesmo muitas das fontes mais argutas das repórteres não imaginavam que Paltrow tinha sido vítima ou alvo de ameaças de Weinstein. Escrever três parágrafos sobre ela seria reescrever a história dos anos na Miramax e dar cobertura a muitas outras mulheres que queriam falar. Jodi reuniu toda a sua capacidade de persuasão, insistindo tanto que ficou com medo de que o tiro saísse pela culatra e a artista lhe dissesse para sumir da sua frente.

Fazia uma semana que as duas estavam num diálogo quase constante, em meio a ligações e mensagens de texto, e Paltrow parecia estar realmente pensando sobre o assunto. Ela havia ajudado no projeto desde o primeiro contato. Mas todas as pessoas próximas a ela lhe diziam para ficar quieta. Achavam, claro, que era uma loucura vir a público: não estavam por dentro da investigação. Jodi sentia que uma parte de Paltrow queria ignorá-los; assim, nas ligações e mensagens, ela continuou a pressioná-la delicadamente.

Mas Paltrow não conseguia suportar a ideia de semanas de manchetes de tabloides sobre ela, Weinstein e sexo. Ainda temia que a notícia virasse um escândalo sensacionalista envolvendo celebridades.

Ela também enfrentava um acerto de contas privado muito diferente daquele de Judd, pois Weinstein tinha desempenhado um papel muito maior em sua vida e sido “o homem mais importante da minha carreira”, como ela disse mais tarde. Queria finalmente questioná-lo. Mas a publicação ia sair antes do que Paltrow esperava, e ela queria um pouco mais de tempo para clarear as ideias.

Como não me sinto preparada para tomar essa decisão sob pressão, vou parar.

Lamento muito por dar para trás. Lamento mesmo. Estou destroçada.

A insatisfação de Paltrow com sua própria decisão significava que, se ela não entrasse naquela matéria, talvez pudesse se sentir preparada na próxima; ela podia ficar nos bastidores observando e participaria depois. Jodi interrompeu as mensagens de texto durante algumas horas, depois as retomou.

Desde o início, Jodi e Megan haviam seguido a regra de Baquet: todas as comunicações com Weinstein tinham de ser registradas e gravadas com o conhecimento dele. Mas, lá pelas três da tarde, Davis avisou Megan que Weinstein estava a caminho para passar algumas informações sensíveis e fundamentais.

As repórteres ficaram confusas. Ele estava a caminho de *onde*? Do escritório? Deviam impedir que entrasse? Precisavam se decidir, e logo: Weinstein estaria ali à porta em questão de minutos, sem dúvida querendo prejudicá-las sem deixar rastros.

Megan resolveu topar o encontro. Queria saber o que Weinstein tinha, e aquele golpe baixo de armar um encontro de surpresa dava eles mais uma oportunidade de se enfrentarem ao vivo.

Weinstein entrou no saguão do *New York Times*, com olheiras e barba por fazer, acompanhado por uma consultoria jurídica de alto nível: não só Bloom, mas também Abramowitz, o ex-promotor que se tornara advogado criminal e havia representado Weinstein no caso Gutierrez. Atrás vinha Linda Fairstein, a ex-promotora de crimes sexuais que dissera a Megan que não havia nada na denúncia de Gutierrez.

Megan levou o grupo a uma das salinhas de reunião com paredes de vidro na redação, ao longo de um corredor muito movimentado, o que deixou Weinstein à vista de todos os colegas do jornal. Quem passava parava momentaneamente ao ver o produtor e seus representantes fechados ali como numa espécie de aquário. Megan disse a Weinstein e companhia que tinham quinze minutos, e nada mais, para falar.

A informação que o grupo queria fornecer era sórdida, dúbia e tênue. Abramowitz e Fairstein descreveram Gutierrez como uma oportunista com um passado sujo. Bloom tirou de uma pasta fotos de McGowan e Judd sorrindo ao lado de Weinstein, como se belas fotos no tapete vermelho fossem prova de que não acontecera nada de impróprio. Weinstein acusou as

duas mulheres de serem mentalmente instáveis. No passado, Judd havia procurado tratamento psicológico para questões que carregava desde a infância, e agora o produtor usava descrições do próprio livro de memórias dela para apresentá-la como louca.

Megan tentou ao máximo se manter impassível. A reunião em off era claramente uma armadilha, mas não prejudicava em nada a investigação. Com a ajuda de um colega na Itália, Jodi e Megan tinham verificado o passado de Gutierrez. Também haviam examinado a história de Judd, pedindo à pesquisadora Grace Ashford que verificasse minuciosamente o livro de memórias da atriz, só para garantir que nenhuma surpresa apareceria e seria usada contra ela ou contra o jornal. O único resultado da reunião foi revelar mais sobre as táticas que Weinstein e seus aliados estavam dispostos a usar.

O dia ficou ainda mais estranho. Naquela tarde, Jodi e Megan leram a respeito de si mesmas na *Variety* e na *Hollywood Reporter*:⁴

Estará o *New York Times* prestes a expor informações prejudiciais sobre Harvey Weinstein?

O magnata do cinema e da televisão da Weinstein Co. recrutou um exército de advogados e administradores de crise nas últimas semanas, que soltou sobre o *New York Times* por causa de uma matéria programada sobre sua conduta pessoal, segundo dizem à *Hollywood Reporter* múltiplas fontes familiarizadas com a batalha nos bastidores.

A matéria trazia poucos detalhes, mas também mencionava os esforços da *New Yorker*. O artigo da *Variety* era parecido, com Weinstein afirmando que nem sequer sabia que o *New York Times* ia publicar uma matéria. “Não estou ciente disso”, disse ele à *Variety*. “Sinceramente, não sei do que você está falando.”

E acrescentou: “É uma história tão boa que quero comprar os direitos para um filme”.

Se as repórteres ainda tinham alguma dúvida sobre a integridade de Weinstein, estava ali a prova definitiva: ele acabava de contar uma mentira deslavada para outro veículo da imprensa.

Com as matérias da *Variety* e da *Hollywood Reporter*, Jodi e Megan estavam expostas ao público. Logo começariam as especulações para adivinhar quem tinha falado com eles. As fontes ficariam nervosas. O projeto estava ali exposto para todo mundo ver, inclusive a concorrência. Bem na hora em que as repórteres precisavam do controle mais cerrado possível, perdiam-no.

“Isso é ruim, pessoal”, escreveu Baquet num e-mail.

Os celulares e as caixas de entrada começaram a se encher de mensagens de pessoas que tinham visto as matérias nas publicações hollywoodianas. Jodi e Megan mal as responderam. Ainda estavam mergulhadas no texto do artigo, reelaborando a introdução, identificando áreas problemáticas e fazendo o ajuste fino, de acordo com as instruções de McCraw.

Quando já era mais de meia-noite, as repórteres viram que estavam esgotadas demais para fazer qualquer coisa. Tinham dormido pouco por noites a fio. As conversas com Rebecca e Tolan giravam em círculos. Jodi e Megan desistiram e dividiram um táxi para ir para casa. Cerca de uma hora depois, Tolan também foi embora. Corbett se negou a deixar o teclado. Tinham mexido tanto em várias partes da matéria que precisava reler o artigo inteiro e avaliar o que ainda podia ser melhorado e reforçado antes da publicação.

Mesmo em circunstâncias mais rotineiras, as repórteres de Corbett ficavam preocupadas, achando que ela não cuidava de si mesma. Parecia que nunca parava de trabalhar — como muitos projetos seus eram secretos, era difícil saber até que ponto ela realmente dava conta —, e às vezes parecia viver só de chá preto e amêndoas cobertas de chocolate. Passava os dias num frenesi, com reuniões a cada dois minutos.

Mas, no silêncio da redação enfim esvaziada, ela podia editar as matérias com grande concentração. (Seu marido chamava aquilo de “foco total”, reconhecendo que ela ficava temporariamente inacessível.) Era frequente que Corbett passasse tanto tempo no trabalho que, às vezes, as luzes se apagavam automaticamente e ela continuava trabalhando no escuro até que por fim se levantava e alongava os braços.

Naquela noite, Corbett sentou e ficou trabalhando direto, aos poucos deixando as frases do texto mais compactas, mais claras e mais fortes. Antes

de amanhecer, dormiu à escrivaninha durante 45 minutos. Então acordou e trabalhou mais um pouco.

Às sete, ela finalmente parou e saiu do prédio. Não podia ir para casa: Corbett morava em Baltimore, e de terça a sexta ficava num hotel na mesma rua do *New York Times*. Tomou banho e trocou de roupa. Logo depois, estava de volta à escrivaninha.

QUINTA-FEIRA, 5 DE OUTUBRO DE 2017

No momento em que Corbett voltava para o hotel, Jodi recebeu um e-mail de Laura Madden, que estava a cinco dias de sua cirurgia. Na noite anterior, em sua cozinha no País de Gales, ela disse às duas filhas mais velhas, Gracie e Nell, que tinha uma coisa para contar. As adolescentes imaginaram que era sobre a operação. Mas o que Madden lhes contou foi o que Weinstein tinha feito a ela todos aqueles anos atrás e que o episódio estava para sair num artigo de jornal.

As filhas olharam chocadas para a mãe, tentando imaginá-la como uma vítima de vinte anos de idade. “Minha mãe é assim”, disse Gracie.⁵ “É uma pessoa muito meiga. A ideia de que as pessoas iam ler o que tinha acontecido com ela...” As filhas contaram a Madden que ultimamente vinham acontecendo coisas parecidas com amigas: rapazes bêbados ficavam em cima delas, que não sabiam o que fazer. Foi a vez de a mãe ficar chocada. Conhecia as amigas das filhas, mas nunca lhe passara pela cabeça o que elas enfrentavam.

No e-mail, Madden escreveu a Jodi:

Sinto-me na obrigação de falar sobre os fatos que aconteceram comigo na Miramax, pois percebo que estou na feliz posição de não trabalhar na indústria do cinema, de modo que meu sustento não será afetado. Também não estou entre as que foram silenciadas, embora pessoas sob o comando de Harvey Weinstein tenham tentado me persuadir a manter o silêncio. E tampouco estou proibida de falar. Considero que estou falando em nome de mulheres que não podem falar, porque isso poderia afetar seu sustento ou seu casamento. Sou mãe de três filhas e não quero que elas tenham de esse tipo de assédio “normal”. Tenho passado por vários problemas de saúde na vida e sei que o tempo é precioso, mas enfrentar os abusadores é importante. Toda a minha família apoia minha decisão.

Irei a público de bom grado.

Tão impressionante quanto aquilo foi que Jodi e Megan começaram a ter notícias de mulheres desconhecidas por elas que queriam compartilhar suas próprias histórias com Weinstein. As repórteres haviam passado meses indo atrás de mulheres, torcendo para que se dispusessem a falar. Agora elas iam até Jodi e Megan, depois de ler os artigos da *Variety* e do *Hollywood Reporter*, como um rio cujo curso de repente se inverte. As jornalistas não dispunham de tempo suficiente para apurar, corroborar e obter uma resposta daqueles relatos de modo a incluí-los na primeira matéria. Teriam de esperar a próxima. Mas tomaram as mensagens como uma réplica silenciosa à carta de Harder.

Às 10h30, Jodi fez a última tentativa com Paltrow. Ela estava na cadeira de maquiagem em Atlanta, rodando uma continuação de *Os Vingadores*. Naquele dia, posaria para uma grande foto conjunta, com todos os personagens dos filmes desde a década anterior. Mas não se sentia bem, e quase não conseguiu fazer as cenas. Chegou a falar em particular com Michelle Pfeiffer, sua colega de elenco, informando-a rapidamente sobre a situação e pedindo um último conselho.

Às 11h22, Paltrow enviou uma mensagem de texto a Jodi.

Estou no set em Atlanta. Sinto enorme pressão por causa do tempo. É inacreditável a resposta dele ao *Hollywood Reporter*, é inacreditável que esteja tomando esse rumo. Minha esperança era de que ele conseguisse enxergar uma possibilidade de arrependimento. Fico com a impressão de que está preparando uma queda ainda maior para si mesmo.

Acho que é melhor esperar e depois conversar com vocês para me manter atualizada.

Com isso, o e-mail de Davis que chegou às 12h04 ficou parecendo especialmente enigmático. Restavam à equipe de Weinstein apenas 56 minutos para o fim do prazo do *New York Times*. Mas, em vez de se concentrar nas várias acusações que saíam na matéria, Weinstein, por meio de Davis, crivava as repórteres de perguntas sobre Paltrow, parecendo convicto de que ela estava na matéria.

Jodi e Megan ficaram perplexas. Não havia o menor traço de Paltrow na matéria. Por que ele se concentrava num assunto sem qualquer relação? Ele nunca tivera a menor intenção de responder às alegações, afinal? Às 13h,

nada aconteceu. A equipe de Weinstein insistia que as declarações estavam quase prontas, mas às 13h33 ainda não haviam mandado nada.

Baquet ficou olhando enquanto Megan recebia outra ligação de Davis, mais uma vez sem nada a oferecer. Baquet instruiu a repórter a enviar uma mensagem. “Diga a Lanny que o prazo acabou!”

De repente, o próprio Weinstein estava na linha, perguntando sobre Paltrow.⁶ “Me dê alguma razão para eu não fazer já, neste instante, uma entrevista com o *Washington Post* e acabar logo com isso, por causa da falta de transparência de vocês”, disse ele. “Vou dar essa entrevista daqui a cinco minutos se não abrirem o jogo. Se não forem abrir o jogo, é melhor avisar logo.”

Megan e Jodi tinham voltado a uma das salas de conferência envidraçadas. Do lado de fora, Corbett e Purdy espiavam por cima do ombro de Tolan, que revisava o artigo.

“Você quer uma lista das pessoas com que falamos para essa matéria?”, perguntou Jodi. “E está nos ameaçando caso não a passemos?”

“Não estou ameaçando vocês”, disse ele. “Se estão usando Gwyneth Paltrow, me digam.” Por mais medo que a atriz tivesse de vir a público, Weinstein parecia ter muito mais.

“Nós *não* estamos usando Gwyneth Paltrow”, disse Megan. Weinstein parecia não entender. Se Paltrow estivesse na matéria, teriam dito a ele e dado tempo para que se posicionasse.

Weinstein perguntou mais duas vezes, então uma terceira. “Se acham que vão mentir para mim, esqueçam, certo? Não mintam. Vocês vão me trucidar de qualquer maneira, eu sei. Já saquei. E sabe de uma coisa? Respeito o jornalismo que vocês estão fazendo. Estão lidando com um assunto importante, e pessoas como eu precisam aprender e crescer. Já saquei. Vou dizer isso na minha declaração. Mas sei quando as pessoas estão escondendo algo de mim, entende? Sou um homem de muitos recursos. Me digam a verdade.”

Weinstein parecia realmente seguro de que Jodi e Megan haviam falado com Paltrow. Mesmo meses depois, elas nunca descobriram como ele soube.

Megan tentou outra vez: “Harvey, nós demos oportunidade de que você falasse sobre qualquer coisa que está na matéria”.

Ele repetiu: “Vocês estão falando com Gwyneth Paltrow?”.

Alguém apareceu perto de Megan. Dean Baquet olhava por cima do ombro

dela. Nos últimos meses, Weinstein quisera inúmeras vezes falar direto com ele, usar sua influência, conversar de Homem Importante para Homem Importante. Agora finalmente Weinstein tinha o ouvinte que queria.

“Oi, Harvey? Aqui é Dean Baquet”, começou ele. “É o seguinte. Você precisa nos dar sua declaração já. Não dá mais para esperar.”

Weinstein interrompeu. “Oi, Dean, você acha que pode me intimidar?” O produtor repetiu a ameaça de dar uma entrevista ao *Washington Post* para minar a matéria do *New York Times*. Baquet era jornalista havia quase quarenta anos, dirigira dois dos maiores jornais do país e se erguera contra a CIA e ditadores estrangeiros. Aquilo ia tirá-lo do sério?

Em vez disso, amansou a voz, retomando a leve cadência de New Orleans. “Ligue para eles, Harvey”, disse Baquet. “Numa boa. Pode ligar para o *Post*.” Era como se estivesse acalmando uma criança. “Harvey, não estou tentando te intimidar, estou tentando ser justo com você.”

“Você *está* me intimidando, Dean”, respondeu Weinstein.

Corbett e Purdy também tinham ido para a sala. “Não, Harvey, é o seguinte”, disse Baquet. “Estamos esperando sua declaração porque queremos ser imparciais. Por favor, dê sua declaração agora, estamos para publicar.”

“Eu *quero* dar”, disse Weinstein.

“Obrigado”, disse Baquet, esperando encerrar o assunto.

“Mas isso é minha carreira, minha vida”, disse Weinstein.

Ele voltou a perguntar sobre Paltrow.

“*Ela não está na matéria*”, disseram Baquet, Megan e Jodi quase em uníssono.

“Harvey, vou encerrar essa parte da conversa”, disse Baquet. “Então, Harvey, é o seguinte. Queremos te dar todo o espaço que você quiser. Então comece a falar. Tenho um jornal para rodar. Dê logo sua declaração a elas. Estou de saída. Fale com as repórteres. Se cuida. Boa sorte.” Dito isso, ele saiu.

Um minuto depois, às 13h41, começaram a chegar diversas declarações da equipe de Weinstein — os últimos elementos de que as jornalistas precisavam para poder publicar a matéria.

No celular, Weinstein continuava com seus discursos (“Mesmo que no final isso acabe comigo, investigações como essa são importantes”), e Bloom reclamava que o jornal tinha “uma desconsideração negligente pela verdade”

e ia publicar “uma matéria sensacionalista” cheia de “acusações falsas”, que logo seriam desmentidas. Corbett e Purdy tinham se esgueirado da sala, mas as repórteres nem notaram.

Megan, que estava examinando as declarações da parte de Weinstein, viu de repente uma coisa importante no texto que tinha diante de si e perguntou, surpresa: “Lisa, você disse que Harvey precisa de um tempo para se concentrar nessa questão?”.

Sim, Weinstein disse. Ele ia tirar uma folga.

“Da... empresa?”, perguntou Megan, querendo se certificar de que era o que estava pensando. Sim, Weinstein disse. Ele queria passar um tempo aprendendo.

“Aprendendo e *me* ouvindo”, interveio Bloom.

Weinstein continuava a falar, dizendo a Jodi e Megan que elas precisavam de um pouco mais de senso de humor e que ele rezava todo santo dia pelo *New York Times*.

Mas as jornalistas se olhavam assombradas. Weinstein ia se afastar da empresa. No jargão do jornalismo, das relações públicas e do mundo dos negócios, aquilo significava uma coisa só: ele estava admitindo o delito. Ninguém tirava uma licença para se ausentar da própria empresa se estivesse planejando lutar com toda a garra. De repente as repórteres entenderam que Weinstein provavelmente não ia processar o jornal nem sequer contestar muito a matéria.

Megan o pressionou para ter mais detalhes sobre seus planos. Ele prometeu que voltaria a ligar mais tarde. “Estamos com o jornal chinês aqui para fazer uma coletiva de imprensa”, brincou Weinstein, fazendo piada com sua ameaça de levar a matéria para um concorrente.

Megan riu alto.

“Ela riu!”, exclamou Weinstein. “Elas riram pela primeira vez”, ele disse a Bloom. Talvez aquele fosse o charme grosseiro que as pessoas tinham tentado explicar. Ou talvez Weinstein quisesse ter um instante de controle em meio à sua derrocada.

Não importava. Megan e Jodi desligaram e tiveram a mesma reação, rindo e chorando de alívio, esperança e sororidade.

As repórteres saíram da sala de conferências envidraçada prontas para ligar os motores. Mas Corbett e os demais editores já estavam muito à frente. Haviam editado a matéria enquanto o telefonema se prolongava, examinando as declarações da equipe de Weinstein, destacando os materiais essenciais para usar e transplantando as passagens para o artigo.

As declarações escritas de Weinstein e seus advogados eram desconcertantes. A declaração de Lisa Bloom negava “muitas das acusações como flagrantemente falsas”, mas não dizia quais. A de Weinstein mostrava um vago arrependimento (“percebi algum tempo atrás que eu precisava melhorar como pessoa... Minha jornada agora será aprender sobre mim mesmo e vencer meus demônios... Respeito muito todas as mulheres e lamento o que aconteceu”). Em parágrafos desconexos, ele falou em trabalhar contra a Associação Nacional de Rifles e fez referências a versos inexistentes de Jay-Z.

“Estou fazendo um filme sobre nosso presidente, talvez a gente possa transformá-lo numa festa de aposentadoria conjunta.” Era a declaração mais incoerente e menos profissional de que as jornalistas conseguiam se lembrar.

“Ele não foi intimidador, na verdade, mas só gritava”, disse Matt Purdy. “Tinha um monte de advogados. Um monte de palavras. Um vozeirão. Mas nós tínhamos todos os fatos.”

Agora as duas repórteres e os três editores se enfileiravam atrás de Tolan, sentado ao teclado, e todos os olhos reviam o artigo na tela do computador. No passado, para publicar suas matérias, o jornal precisava enviá-las para máquinas com gigantescos rolos de papel e tanques de tinta e então carregar os exemplares nos caminhões para entregar nas bancas. Agora bastava apertar um botão.

Baquet, mal se aguentando de ansiedade, julgou que a matéria estava pronta para sair. Purdy sugeriu que os seis jornalistas lessem juntos todo o texto pela última vez.

Começaram pelo alto, com a manchete:

HARVEY WEINSTEIN COMPROU DURANTE
DÉCADAS O SILÊNCIO DAS DENUNCIANTES DE
ASSÉDIO SEXUAL

O artigo começava reunindo três histórias separadas do hotel Peninsula. As repórteres citavam pelo menos oito acordos e uma série de alegações que

havam tido o trabalho de documentar, iniciando com a jovem assistente em Nova York em 1990, depois Madden na Irlanda, e o terrível padrão que prosseguia até 2015. “Dezenas de antigos e atuais funcionários do sr. Weinstein, de assistentes a altos executivos, disseram que sabiam da conduta imprópria quando trabalharam para ele. Apenas alguns disseram que chegaram a confrontá-lo”, dizia o texto. O artigo descrevia como as mulheres que se apresentaram haviam sido caladas ou silenciadas.

A equipe leu cada linha num silêncio coletivo. Ao terminar, ninguém tinha correções ou sugestões a fazer. Às 14h05, meros 24 minutos após o envio das declarações de Weinstein, Tolan apertou o botão.⁷

Weinstein não tinha entendido que a matéria seria publicada logo a seguir. Ele estava em seu escritório com Bloom e os outros advogados, planejando o próximo passo, quando um assistente entreabriu a porta para avisar: “A matéria saiu”. Os funcionários do escritório todo pregaram os olhos na tela do computador, lendo as notícias sobre o chefe.

No *New York Times*, o telefone de Jodi tocou. “Harvey Weinstein está na linha”, disse uma assistente no tom cantarolado habitual.

“Não houve assédio sexual no quarto com Ashley Judd”, berrou Weinstein quando transferiram a ligação. “Não houve nenhum relatório policial. Essa questão está enterrada.”

Jodi e Megan perguntaram se ele faria algum tipo de retaliação em relação às mulheres que eram nomeadas na matéria. Elas queriam a resposta oficial.

“A retaliação vai ser contra a reportagem de vocês”, disse ele. O tom de gracejo de uma hora antes agora estava mais ameaçador, e então mudou outra vez. “Lamento pelas mulheres também”, disse ele. “Não sou nenhum santo, todos sabemos disso.” Nas ligações, tal como nas declarações, ele alternava negativas e remorso. E queria saber: como o *New York Times* podia dizer que suas ações constituíam assédio se as mulheres tinham subido até seu quarto de hotel?

O tom final foi de autopiedade. “Estou arruinado. Estou arruinado. Vou ficar à toa no mundo”, disse ele.

A matéria de 3300 palavras desencadeou imediatamente uma crise na Weinstein Company. Em poucas horas, o conselho diretor da empresa fez uma reunião de emergência por audioconferência para decidir como reagiria,

segundo as anotações transcritas de uma gravação do encontro que depois chegaram a Megan.

Bob Weinstein, que estava furioso, e vários outros membros do conselho insistiram que Harvey prosseguisse afastado, de licença, e fizesse um tratamento de saúde mental enquanto a empresa investigava sua conduta. Mas Weinstein resistiu, dando a entender que sua declaração ao *New York Times* era mais de fachada do que verdadeira. O conselho estava “julgando aquilo depressa demais”. Como retaliação, ele usaria suas relações com os Murdoch para lançar uma matéria negativa sobre Maerov no *Wall Street Journal*. Weinstein não aceitou se submeter a uma investigação que ia, em suas palavras, “me pôr na cadeia”. Preferia vender a empresa a ser afastado. “Não vou aceitar um julgamento sumário”, disse ao conselho.

Mas, depois de tantos anos de concessões e de vista grossa, Bob Weinstein finalmente entendeu o irmão e o que a matéria significava para ele. “Você está acabado, Harvey”, ele disse.

Nos dias seguintes, a maioria dos diretores renunciou sem fazer comentários públicos.⁸ Mas expuseram sua posição numa reunião privada. Richard Koenigsberg, ex-contador dos irmãos Weinstein, propôs que o conselho adotasse uma “linha tênue: não aprovamos a conduta, mas não podemos ser responsabilizados pelo que Harvey Weinstein fez vinte anos atrás”. Tim Sarnoff, da empresa de produção e distribuição, considerava impossível dissociar Weinstein da Technicolor e, devido àquilo, os diretores “precisavam proteger Harvey”. Paul Tudor Jones, um investidor, às vezes parecia verdadeiramente otimista, certo de que aquilo tudo “seria esquecido”.

Mesmo tarde da noite eles pareciam mais preocupados com a situação da empresa do que com a situação das mulheres, que era a grande questão desde o começo. Ao se concentrar tão estreitamente na imputabilidade da empresa, tinham deixado o problema aumentar e, por fim, destruir o que tentavam proteger.

Durante a reunião do conselho, Weinstein já propunha, com a ajuda de Lisa Bloom, uma réplica com outra narrativa. Ganhariam o apoio de organizações femininas, quarenta, cinquenta, sessenta delas.

“Vai haver um movimento”, afirmou Weinstein.

Naquela noite, às 21h07, Bloom escreveu um e-mail categórico ao conselho, sem o tom conciliador que usara na declaração ao *New York Times*.

Este é o pior dia.

Este é o dia em que o *New York Times* publicou uma matéria bastante falsa e difamatória, numa grave violação da ética jornalística, concedendo apenas dois dias para respondermos a dezenas de alegações e depois se negando a incluir informações sobre testemunhas oculares e documentos refutando muitas das acusações.

Amanhã haverá reportagens diferentes, ressaltando as imprecisões, incluindo fotos de várias das denunciadas em poses bem amigáveis com Harvey após sua alegada conduta imprópria.

Bloom tinha razão: viriam mais reportagens, mas não do tipo que previa.

No dia seguinte, sexta-feira, 6 de outubro, Jodi e Megan começaram a ouvir tantas mulheres com histórias sobre Weinstein que Corbett recrutou mais colegas para ajudá-las a retornar as ligações. Tomi-Ann Roberts, professora de psicologia, disse que em 1984, quando tinha vinte anos de idade, Weinstein insistira que ela fizesse um teste para um filme e a convidara para uma reunião; quando Roberts chegara, ele estava nu numa banheira e falou que ela precisava tirar a roupa para rodarem uma das cenas do papel. Hope Exiner d'Amore, de 62 anos, declarou que Weinstein a estuprou num quarto de hotel em Buffalo nos anos 1970. Cynthia Burr, atriz, disse que Weinstein a obrigou a fazer sexo oral nele na mesma época.

Katherine Kendall disse que, em 1993, Weinstein lhe deu alguns roteiros, convidou-a para uma projeção e depois a levou para a casa dele, tirou a roupa e correu atrás dela na sala de estar.⁹ Outra ex-atriz, Dawn Dunning, disse que em 2003 Weinstein declarou que seria seu mentor, marcou uma reunião num quarto de hotel, apresentou contratos para três filmes futuros e falou que ela poderia ficar com os papéis se fizesse sexo a três com ele e uma assistente ali mesmo naquela hora. Judith Godrèche, a atriz francesa que não quisera falar antes, revelou que ele a convidou para subir a um quarto de hotel em Cannes para conversar sobre o Oscar, se encostou nela e levantou sua blusa.

Jodi e Megan se viram diante de um impasse que nunca pensaram que enfrentariam: sobre quantas vítimas de Weinstein poderiam escrever?

Depois de publicado o artigo do *New York Times*, Ronan Farrow concluía sua própria versão detalhada e vigorosa dos delitos de Weinstein.¹⁰ Lauren Sivan, jornalista televisiva, contou a Yashar Ali, do *Huffington Post*, que Weinstein bloqueou sua passagem na entrada de um restaurante, mostrou sua genitália, se masturbou e ejaculou num vaso de planta.¹¹

Os representantes de Angelina Jolie marcaram um horário com Jodi para uma conversa. Rosanna Arquette foi a público. Paltrow também estava pronta para contribuir com o próximo artigo, falando sobre o assédio de Weinstein, sobre como ele escalava atrizes para o elenco em troca de sexo e como a coisa se orquestrava — usando “reuniões”, conversas de negócios, assistentes e promessas de estrelato como meios para as ações predatórias.

“Essa forma de tratar as mulheres termina agora”, disse ela para o novo artigo que Jodi e uma colega estavam começando a escrever naquele momento.

Lisa Bloom penou durante uma incômoda aparição em *Good Morning America*, que ficou ainda mais canhestra quando Megan, mais tarde, revelou no jornal que ela prometera ao conselho de direção da Weinstein Company a publicação de fotos das denunciante junto com Weinstein.¹² Àquela altura, Bloom se retirara da equipe de Weinstein, assim como Lanny Davis. Megan seguia em frente, decidida a apurar até que ponto e desde quando as empresas de Weinstein estavam cientes das denúncias contra ele.

A única pessoa que não esteve muito a par do crescente barulho das reações foi Ashley Judd. Logo antes da publicação, ela foi acampar sozinha no Great Smoky Mountains National Park. Quase sem sinal de celular, prometeu a si mesma que não entraria no Twitter e pediu a seus representantes que se encaregassem de todas as perguntas que chegassem. Mais ou menos uma vez por dia, quando tinha algum sinal, ela enviava a Jodi fotos de paisagens montanhosas serenas e exuberantes. Nas caminhadas entre cornisos e magnólias, fazia apenas uma levíssima e vaga ideia de como suas declarações sobre Weinstein haviam sido recebidas e se a matéria, afinal, tivera algum significado para outras mulheres.

8. O dilema na praia

As reportagens sobre Weinstein foram como um solvente desfazendo o sigilo, levando mulheres de todo o mundo a revelar experiências semelhantes. O nome *Harvey Weinstein* se tornou um argumento para coibir a conduta imprópria, evitando que prosseguisse incontrolável durante décadas, um exemplo mostrando como transgressões menos graves podiam levar a outras mais sérias. Formava-se o consenso de que denunciar o assédio e o abuso sexual era uma atitude admirável, e não vergonhosa nem desleal. Aquela história servia de alerta para como esse tipo de comportamento podia se tornar um grave risco para os empregadores. Acima de tudo, marcou o surgimento de um consenso em torno de condutas como a de Weinstein: eram inequivocamente erradas e não podiam ser toleradas.

Os desdobramentos a partir de outubro de 2017 ultrapassavam qualquer coisa que Jodi e Megan pudessem ter imaginado. Nas semanas que se seguiram à primeira matéria sobre Weinstein, chegou uma enxurrada de pistas ao *New York Times* e a outras organizações jornalísticas — um registro alarmante, heterogêneo e não verificado de relatos de mulheres nos Estados Unidos e em outros países sobre o que haviam sofrido. As investigações se tornaram um projeto envolvendo todo o jornalismo.

A equipe de assédio sexual do *New York Times* se ampliou, pesquisando as histórias de garçonetes, bailarinas, domésticas, operárias, funcionárias do Google, modelos, guardas penitenciárias e muitas outras. Quando Jodi recebeu uma dica sobre o astro da comédia Louis C.K., ela e duas colegas documentaram os relatos incriminadores de cinco mulheres sobre a conduta imprópria dele, que perdeu a distribuição de um filme seu que estava para ser

lançado, o respaldo de sua rede de televisão e de sua agência, seu empresário e seu agente publicitário.¹ O processo todo se concentrou e se acelerou: da dica à queda, levou menos de um mês.

Naquele outono, mulheres de todos os lugares e procedências postaram casos com a hashtag #MeToo nas redes sociais, manifestando-se numa nova onda de solidariedade e por vontade própria — sem aqueles meses de encorajamento e persuasão que tinham sido necessários na investigação sobre Weinstein. Uma noite, já tarde, Megan parou um pouco de trabalhar para se inteirar das declarações nas redes sociais e chorou ao ver as postagens feitas por mulheres que conhecia.

O elemento fundamental para a mudança era um novo senso de responsabilidade: conforme as mulheres ganhavam confiança de que o relato de suas histórias levaria à ação, o número de revelações aumentava. A quantidade de histórias e o sofrimento contido nelas mostravam o tamanho do problema e como tais ocorrências tinham prejudicado inúmeras vidas e tolhido o avanço profissional. Empresas e outras entidades investigavam e demitiam seus próprios diretores. Diante daquelas consequências — a promessa de que contar a verdade levaria à ação —, um número ainda maior de mulheres veio a se manifestar.

Houve revoltas nos órgãos legislativos por causa de acusações abafadas por tempo demais. Multidões protestaram nas ruas de Estocolmo. O ministro britânico da Defesa renunciou. Homens que pareciam ter um poder inabalável — os apresentadores de TV Charlie Rose e Matt Lauer, o chef e celebridade da gastronomia Mario Batali — viram suas carreiras profissionais evaporarem instantaneamente. Houve um consenso cada vez maior de que todas as espécies de práticas antes toleradas eram erradas: avanços sexuais do chefe, políticas empresariais de arbitragem compulsória que mantinham em sigilo casos de assédio e abuso, condutas em menor escala como puxar o sutiã nos corredores das escolas e rir nas cenas de filmes em que os heróis conquistadores se aproveitavam das mocinhas. De repente muitas coisas passaram a ser questionadas. Tal posição pública e a sensação de que ocorria uma rápida mudança nos padrões sociais pareciam indicar que ainda era possível avançar, mesmo numa época de divisões partidárias e conflitos incessantes.

Nos primeiros meses, a posição pública pós-Weinstein ultrapassava, de modo geral, a política partidária: republicanos caíram, e democratas também.

Os delitos eram universais e obrigaram muita gente a fazer um exame pessoal. Era como uma revigorante ruptura da velha fórmula deprimente que havia dominado o debate público sobre as alegações contra Clarence Thomas, Bill Clinton e Donald Trump, caracterizadas por uma divisão da opinião pública segundo linhas partidárias e com resultados que mais pareciam guerras santas do que verdadeiros princípios morais.

No entanto, também voltava a debate, de modo inesperado, o tratamento que o presidente Trump dispensava a mulheres. Leitoras do *New York Times* recorreram a Megan querendo saber se agora seria possível fazê-lo responder pelas acusações de conduta sexual imprópria levantadas contra ele em 2016, e se surgiriam outras mulheres com acusações. Não havia muito sinal daquilo no horizonte. Por sua parte, Megan seguia discretamente outra linha de reportagem, que incluía ir a uma cerimônia de premiação na indústria pornográfica em Los Angeles para procurar uma mulher chamada Stormy Daniels.² Megan estava entre um grupo de jornalistas que tentava reconstituir um acordo sigiloso que Trump pagara a Daniels durante a corrida presidencial, para impedir que ela viesse a público alegando ter um caso com ele. Era espantoso que esses obscuros instrumentos jurídicos agora ocupassem o centro das conversas públicas; no caso de Trump, podiam constituir uma violação criminal das leis de financiamento eleitoral. A Califórnia era um dos estados que se preparavam para aprovar novas leis que levantariam o sigilo dos acordos de assédio sexual.

As histórias de Trump e Weinstein também convergiam em outros aspectos: estava ficando claro que os dois haviam utilizado a American Media Inc., empresa controladora do *National Enquirer*, para ajudar a abafar casos com mulheres que seriam prejudiciais a eles. Em 2016, a American Media Inc. tinha comprado e então abafado outro relato de um caso de Trump.³ Mais ou menos na mesma época, um dos executivos da empresa havia mandado um repórter desencavar podres para manchar as mulheres que acusavam Weinstein.

Era muita coisa aparecendo de repente, e muita gente se perguntava: o que de fato ocorreu no passado? O que foi ocultado? Quem foi o responsável?

Sete meses depois da primeira matéria sobre as supostas infrações de Weinstein, Jodi e Megan se sentaram na sala de um tribunal em Manhattan.

Esperavam Weinstein, que passara a manhã numa delegacia a poucas quadras de distância, sendo autuado, colhendo impressões digitais e sendo registrado numa série de instantâneos policiais.

O produtor já perdera o emprego e a reputação. Mas naquele dia começaria a enfrentar a responsabilidade final. Estava na lista de réus, atrás de outros casos corriqueiros. Fora do tribunal, havia longas filas de câmeras à espera, fazendo lembrar estranhamente os tapetes vermelhos que Weinstein havia frequentado por tanto tempo.

Com as barras de uma cela aparecendo momentaneamente atrás dele, Weinstein entrou na sala do tribunal numa postura humilhada. Estava com os braços presos atrás das costas, com três jogos de algemas para conseguir dar a volta no corpo, e era conduzido por uma dupla de detetives — um homem e uma mulher. O juiz instaurou os procedimentos e a promotora leu as acusações em alto e bom som: “Meritíssimo, o réu está perante o tribunal, acusado por dois crimes violentos de tipologia B em dois ataques à força em dois casos separados”. Em poucos minutos tensos, Weinstein foi acusado de estuprar uma mulher e de obrigar outra a fazer sexo oral num ato sexual criminoso. Antes de pagar a fiança de 1 milhão de dólares, entregou seu passaporte e sua liberdade.

Não havia como prever o resultado do julgamento. Weinstein não podia ser julgado por assédio sexual. O assédio era um delito civil e, embora muitas mulheres tivessem entrado com ação contra ele, o desfecho ainda não era claro. Algumas das denúncias criminais mais graves contra o produtor não foram julgadas naquele dia e nunca chegariam ao tribunal, porque, pelos estatutos de Nova York, já estavam prescritas. Outras supostas vítimas tinham decidido, até então, que não cooperariam com as autoridades, querendo se proteger, ou ainda pessimistas sobre as perspectivas de condenação. Jodi e Megan não haviam examinado a fundo as duas mulheres que tinham feito as denúncias que seriam apresentadas aquele dia; estavam entre as dezenas de outras que tinham se manifestado depois da publicação do artigo, e o nome de uma delas nem sequer viera a público. (Mais tarde, a promotora retirou um conjunto de acusações baseadas numa dessas denunciante, e acrescentou outro conjunto referente a uma terceira suposta vítima.) Era notoriamente difícil julgar crimes sexuais, e o advogado de Weinstein prometia uma defesa vigorosa.

Mas, depois de quase cinquenta anos de supostas transgressões, Weinstein

finalmente estava sob a mira da promotoria. “Ele agora está passando por todas as coisas que fez todos os outros passarem”, disse Cynthia Burr ao *New York Times*.⁴ Ela acusara Weinstein de obrigá-la a fazer sexo oral nos anos 1970. “Humilhação, indignidade, medo, fraqueza, solidão, perda, sofrimento, constrangimento. E é só o começo para ele.”

Nos momentos finais daquele dia no tribunal, Weinstein recebeu uma volumosa tornozeleira eletrônica para monitorar seus movimentos. Ele protestou, resistindo ao inevitável, então desistiu: que escolha tinha? Ao sair da sala, Weinstein parecia aturdido, como se ainda estivesse processando o que acontecera.

Chegando o verão, Jodi e Megan começaram a se concentrar numa nova questão: a que ponto ia realmente a mudança, e se era demais ou nem de longe suficiente.

As velhas regras sobre sexo e poder tinham sido parcialmente eliminadas, mas não estava claro quais seriam ou deveriam ser as novas. Havia pouca concordância e um debate rancoroso sobre quais condutas estavam sob escrutínio, como saber em que acreditar, como devia se caracterizar a responsabilidade final. Anos antes, Tarana Burke dera início ao movimento #MeToo para promover a empatia e o atendimento a vítimas de violência sexual, mas agora a hashtag estava sendo usada como nome para um leque gigantesco de queixas, desde ofensas verbais a encontros desagradáveis, muitas delas sem a nitidez de uma violação profissional ou criminal. Naquele mesmo ano, alguns meses antes, uma revista on-line chamada *babe.net* publicou um artigo acusando o comediante Aziz Ansari de se portar mal numa ocasião romântica privada. Mas era difícil saber se a conduta era apenas sem noção e sôfrega demais ou algo pior.

O caso se baseava num único incidente, contado por uma denunciante anônima, evidenciando outro dilema: embora muitas publicações continuassem a divulgar revelações comprometedoras, baseadas em investigações aprofundadas e provas de fontes autorizadas, outras publicavam matérias que se fundavam numa fonte só ou em denunciante não identificadas, com critérios muito mais frouxos. Depois de publicadas, algumas das matérias faziam aflorar novas acusações e mais provas incriminadoras. Mas outras se mostravam frágeis e unilaterais, levantando a

questão da imparcialidade para com os alvos das acusações. O mesmo se dava com denúncias nas redes sociais, sem qualquer respaldo nem resposta dos acusados.

“Believe Women” se transformou num dos lemas do momento. Jodi e Megan simpatizavam com o espírito por trás daquilo: tinham passado toda a sua carreira publicando matérias envolvendo mulheres. Mas o dever das jornalistas era examinar minuciosamente, verificar, conferir e questionar as informações. (Um ex-editor de Megan tinha uma plaqueta em cima da mesa que dizia: SE SUA MÃE DIZ QUE AMA VOCÊ, CHEQUE.) A matéria sobre Weinstein teve impacto em parte porque conseguiu uma coisa que, em 2018, parecia muito rara e preciosa: um amplo consenso sobre os fatos.

Era fácil insistir na responsabilidade final, mas, em alguns casos, atribuí-la era bem mais complicado. Os democratas se dividiram sobre o caso do senador Al Franken, de Minnesota, que renunciou em janeiro daquele ano devido a uma série de episódios ocorridos, em sua maioria, antes que assumisse o cargo.⁵ Algumas alegações consistiam em beijos indesejados, mas outras pareciam se tratar de meras graçolas provenientes de seu passado como comediante. Muitas empresas, atentas às lições da Weinstein Company ao optar pela inação, começaram a alardear que tinham uma política de tolerância zero, mas em relação a quê? A um toque de mão nas costas? A um comentário isolado de um bêbado numa festa no fim de semana? Aumentava o número de críticos reclamando que eram os homens que agora se tornavam vítimas.

Mesmo Benjamin Brafman, então advogado de Weinstein, aderiu à crítica. Em junho, um mês depois da acusação formal de Weinstein, Brafman deu uma entrevista na rádio expressando o crescente sentimento de injustiça.⁶ Declarou que as acusações contra Weinstein eram apenas mais um exemplo de que o #MeToo estava se convertendo numa caça às bruxas, num pânico moral. Por causa das mulheres que faziam acusações exageradas, o movimento estava “provando que extrapolava tanto” que tinha perdido “parte de sua credibilidade”, e tornava-se tão radical que os colegas de escritório agora tinham medo de dizer a “uma associada atraente que a roupa dela era bonita”. Em vez de se concentrar na força das queixas gerais contra Weinstein, Brafman parecia usar as alegações mais forçadas do #MeToo para semear dúvidas.

Enquanto aumentava a revolta, outros diziam que as mudanças nem de

longe bastavam. As atitudes sociais estavam mudando e quase todos os dias saíam manchetes dramáticas com novas acusações, mas, em larga medida, os princípios básicos permaneciam os mesmos. As leis de assédio sexual em geral estavam ultrapassadas e eram aplicadas apenas esporadicamente; à exceção de algumas revisões em alguns estados, não parecia provável que mudassem tão cedo. Ainda se faziam acordos secretos — na verdade, alguns advogados diziam que os valores em dólar eram mais altos do que nunca —, permitindo que os predadores continuassem ocultos. Era frequente que raça e classe social exercessem uma influência desproporcional no tratamento dado às ações.

Jodi fez uma reportagem sobre trabalhadoras de baixa renda cujas experiências indicavam que fora pequena a mudança estrutural. A maioria das funcionárias com quem falou, do Walmart ao Subway, disse que a política de longa data da empresa era boa. Muitas trabalhadoras com quem conversou estavam inspiradas e revoltadas: tinham visto as atrizes se manifestando e se identificavam com as experiências daquelas celebridades distantes. Mas estavam na dúvida se tinham algum caminho para tratar do problema.

Kim Lawson, de 25 anos, funcionária do McDonald's em Kansas City, Missouri, contou a Jodi que tinha sido molestada em duas ocasiões, a primeira por volta de 2015, na quitinete em que morava com a filha pequena.⁷ O proprietário vivia dando em cima dela e, quando Lawson o rejeitou, ele aumentou quatro vezes o aluguel, até se tornar inviável para ela. Sem lugar para morar, Lawson decidiu a contragosto mandar a filhinha Faith, ainda aprendendo a andar, para morar com a avó, que residia a quatro horas de distância.

Poucos meses antes de ficar na rua, ela conseguira um emprego no McDonald's. Mas, logo depois de começar no serviço, contou que enfrentou o mesmo tratamento predatório: um colega de trabalho ficava perto demais dela, de modo que toda vez que se virava Lawson esbarrava nele. Ela pediu ao gerente-geral para advertir o colega, mas ele continuou com aquilo. Logo um dos supervisores de turno também começou a incomodá-la, fazendo comentários como “você é bem gatinha” e “devia largar o namorado”. Lawson não sabia quais opções ou recursos tinha na ocasião do problema com o proprietário. Quando conversou com Jodi, tampouco sabia o que mais podia fazer sobre as dificuldades no trabalho. Até onde tinha conhecimento, o

McDonald's não dispunha de treinamento sobre assédio sexual. (Até dispunha, mas o alto escalão da empresa depois admitiu que o programa não atingia grande número de funcionários.) Lawson não sabia como entrar em contato com alguém na empresa-mãe e tinha medo de sofrer retaliações se tentasse fazê-lo.

“Não tenho ideia de para onde posso ligar”, disse Lawson a Jodi. “Não sei se há mais alguém com quem eu possa falar.”

Jodi e Megan estavam ouvindo aquelas perguntas — quem eu contato? Que procedimentos adoto? — de inúmeras mulheres de todos os estratos sociais. Os números de celular e os endereços de e-mail das repórteres tinham circulado e todos os dias elas eram contatadas sobre casos de assédio, violência e sofrimento em silêncio. Em ligações embaraçosas, as mulheres pediam que Jodi e Megan investigassem os casos delas, na certeza de que, se escrevessem a respeito, alguma justiça poderia ser feita.

Mas era grande demais a quantidade de supostas vítimas de Weinstein e de muitos outros perpetradores para que fosse possível escrever sobre todos os casos. Hesitantes, as repórteres tentavam explicar que o jornal estava sobrecarregado de matérias de abusos, que nem todas seriam contadas e que nem mesmo as publicações mais poderosas da nação conseguiriam arcar com todo o peso da avaliação pública. As jornalistas intervieram diante da incapacidade do sistema, mas não era uma solução permanente.

De certa forma, os que achavam que o #MeToo não tinha avançado o suficiente e os que protestavam que ele estava indo longe demais diziam a mesma coisa: o que faltava eram procedimentos ou regras suficientemente claros. O público não estava de pleno acordo sobre o significado exato de palavras como “assédio” ou “agressão”, e muito menos sobre o tipo de investigação ou punição que caberia no caso das empresas e escolas. Todo mundo, desde os conselhos das grandes empresas à roda de amigos nos bares, parecia ter dificuldade em formular suas novas diretrizes, o que rendia conversas fascinantes, mas também gerava uma espécie de caos generalizado. Não se sabia bem como o país ia chegar a um consenso sobre novos critérios que fossem eficazes nem como resolveria a infinidade de queixas pendentes.

Em vez disso, os sentimentos de injustiça de ambos os lados apenas continuavam a aumentar.

No começo de agosto, num sábado à tarde, Jodi recebeu uma mensagem de texto urgente. A advogada Debra Katz, especialista em assédio sexual, questões trabalhistas e delação, queria falar imediatamente.⁸ Não, ela não podia esperar.

Durante a relação entre repórter e fonte, Jodi havia recorrido a Katz para análises jurídicas, citara-a em matérias e conversara com ela sobre Irwin Reiter, que agora era um de seus clientes. Dessa vez, quando Jodi ligou, Katz estava com aquela voz de “precisamos ter uma conversa”. Queria falar sobre uma cliente nova que podia render uma matéria. Mas era tudo confidencial, disse ela.

Alguns dias antes, Katz começara a representar uma mulher que dizia ter sido atacada pelo juiz Brett Kavanaugh, indicado por Trump para a Suprema Corte. A mulher e o juiz moravam nos subúrbios de Maryland na época em que cursavam o ensino médio. Segundo a cliente de Katz, durante uma festa, Kavanaugh, bêbado, empurrou-a com a ajuda de um amigo para dentro de um quarto, trancou a porta, derrubou-a, imobilizou-a e tampou sua boca quando ela tentou gritar. A cliente disse que conseguiu escapar, mas que o episódio desde então lhe causara angústia e ansiedade.

Katz comentou que não havia muitos elementos que corroborassem a agressão alegada. A mulher não tinha contado a ninguém na época. Mais recentemente, comentara o assunto com o marido e algumas pessoas amigas — elas ainda estavam apurando quem. Também recorrera a terapeutas. Alguns detalhes tinham se apagado da lembrança: ela não sabia a data exata do episódio ou outros detalhes. Já passara por um teste com detector de mentiras que Katz havia providenciado e parecia estar se preparando mentalmente para contar sua história para um público mais amplo.

Jodi nunca vira a advogada tão preocupada. Falou que a cliente era uma pesquisadora científica, cuidadosa e precisa, sem nenhuma razão para inventar coisa alguma. Mas, prosseguiu Katz, a mulher não tinha a couraça que se adquire quando se está na vida pública. Estava muito decidida a compartilhar a história e parecia não perceber a que ponto poderia destroçar a ela mesma, à sua família e à sua vida. Semanas antes de falar com Katz, a mulher tinha escrito uma carta com seu relato para uma autoridade eleita. Seria fácil vazar aquele documento, disse Katz. Se aquilo acontecesse, ela não sabia como o país reagiria.

Katz estava ligando por duas razões. Queria dar um toque ao *New York*

Times para cavar mais informações sobre o tratamento que Kavanaugh dispensava a mulheres, para ver se havia um padrão de conduta imprópria.

Também sugeriu que a cliente contasse sua história a Jodi e Megan no *New York Times*, antecipando-se a qualquer eventual vazamento. A cliente dera um toque no *Washington Post* e conversara com um repórter de lá, mas não se sabia se o jornal tinha prosseguido com aquilo.

Jodi propôs como primeiro passo conversar com a cliente, em caráter confidencial, para ouvir a história em primeira mão. Katz concordou e alertou: não tente descobrir a identidade da mulher por conta própria nem apareça em sua casa. Ela está assustada e a tática de pegá-la de surpresa vai ter efeito contrário.

Logo que desligou, Jodi enviou uma mensagem de texto para Corbett e Megan: “Preciso falar com vocês com máxima urgência. Kavanaugh, agressão”.

Desde aquele primeiríssimo esboço, sem dar nomes, Katz tinha descrito um enredo que incluía algumas das questões mais complicadas e não resolvidas no debate do #MeToo. Os dilemas sobre a maneira de lidar com ocorrências dolorosas do passado. As dificuldades para garantir procedimentos imparciais para as queixas das denunciantes e para as respostas dos acusados. Os debates sobre a responsabilidade final: se a história da mulher era verdadeira, os candidatos a um cargo deveriam ser julgados com base em algo que fizeram no ensino médio?

Se um romancista fosse criar um enredo que captasse o turbilhão de fortes emoções e sentimentos em torno do #MeToo, seria difícil escrever um mais explosivo. A falta de elementos de corroboração da época da suposta agressão significava que os fatos provavelmente seriam contestados. Se a cliente de Katz fosse a público com sua alegação, alguns iam entendê-la como uma agressão séria, até criminosa, mas outros provavelmente descartariam o episódio como brincadeira um tanto rude de um bêbado. Na época do episódio, Kavanaugh era um adolescente numa festa particular, de modo que aquilo era muito diferente das queixas no local de trabalho que estavam no centro da investigação sobre Weinstein. Por outro lado, era relatada uma conduta que podia ter relação com a esfera do trabalho, visto que Kavanaugh estava sendo considerado para ocupar um dos cargos profissionais mais importantes do país, em que ajudaria a tomar decisões de grande alcance, inclusive sobre a vida de meninas e mulheres.

Se a acusação viesse a público, poderia ser uma volta ao caso do testemunho de Anita Hill em 1991, nas audiências de Clarence Thomas. Tudo aquilo ia se desenrolar na Washington de Trump, com a aposentadoria do juiz de desempate na Suprema Corte, num momento em que os democratas estavam furiosos com os republicanos que tinham impedido o presidente Obama de fazer sua escolha final, e num processo de indicação que ficara totalmente politizado muito antes da eleição de Trump. Como juiz, Kavanaugh poderia decidir sobre o aborto, talvez ainda a questão mais polarizadora num país profundamente dividido. Como se aproximavam as eleições gerais, as revelações públicas daquela mulher poderiam ter profundas consequências políticas.

Corbett comentou discretamente a dica com vários editores do jornal. Desde antes já havia repórteres checando as interações de Kavanaugh com mulheres, mas ela pediu a um pequeno grupo que se concentrasse ainda mais naquilo e se preparasse para a probabilidade de uma acusação aflorar a qualquer momento.

Ela se chamava Christine Blasey Ford.⁹ No começo do verão de 2018, era uma pesquisadora científica de carreira estabelecida, de pensamento independente, mãe de dois filhos, que não estava totalmente sintonizada com os debates e as notícias do #MeToo. Previa que os dois ou três próximos meses de sua vida trariam muitas controvérsias, por causa de um artigo sobre os efeitos antidepressivos da cetamina que estava para publicar com alguns colegas.

Para ela, Washington, DC, era basicamente um lugar que abandonara. Ford crescera nos mesmos círculos suburbanos privilegiados de Kavanaugh, mas deixara aquele mundo aos vinte e poucos anos, indo para a Califórnia e se dedicando à ciência do cérebro. Aos 51 anos, era professora titular de psicologia e bioestatística numa instituição conjunta composta por professores de Palo Alto e Stanford. O Twitter era um território desconhecido para ela. De vez em quando votava nos democratas, tinha feito algumas contribuições de campanha aqui e ali, inclusive para Bernie Sanders, mas tinha pouca afinidade com a dinâmica da política nacional. Como seus pares, escrevia seus artigos numa linguagem altamente científica que a maioria das pessoas não conseguiria entender. Seu nome era citado em estudos sobre

trauma, depressão e capacidade de resistência, mas as lembranças da agressão que descrevera nunca tinham ocupado lugar de destaque em sua vida.

Até 2012, Ford não sabia o que acontecera com Kavanaugh, mas, naquele ano, leu por caso na internet que George W. Bush tinha comparecido ao casamento dele. Pela primeira vez, ela se deu conta da grande ascensão de Kavanaugh na carreira jurídica. Não era incomum que alguém da escola onde ela tinha estudado alcançasse posições de prestígio. “Foi aí que pensei: ‘Será que ele vai ser nomeado para a Suprema Corte?’”, ela comentou mais tarde numa série de entrevistas.

Naquele mesmo ano, Ford e o marido tinham recorrido a um terapeuta para aconselhamento conjugal, devido a problemas de comunicação, inclusive para resolver algumas brigas que persistiam por causa de uma reforma que tinham feito alguns anos antes na casa deles em Palo Alto. Ford havia insistido que fizessem uma segunda porta na frente de casa, explicando que se sentiria encurralada sem ela, o que deixara o marido bastante contrariado. Por insistência do terapeuta, Ford contou pela primeira vez ao marido que, quando estava no ensino médio, tinha ficado presa num quarto e fora fisicamente imobilizada por um garoto que a molestara, enquanto outro ficara observando. Aquele era o motivo pelo qual precisava de várias saídas.

“Ela disse que acabou conseguindo escapar antes de ser estuprada, mas que a experiência foi muito traumática, pois se sentiu sem controle nenhum, estando fisicamente dominada”, Russell Ford escreveu mais tarde num depoimento juramentado.¹⁰ “Lembro que ela disse que o nome do agressor era Brett Kavanaugh, um advogado de sucesso que crescera na cidade natal de Christine, muito conhecido na comunidade de Washington, DC.”

Nas sessões de terapia e aconselhamento, Ford passara a perceber melhor como lutara com os desdobramentos do episódio, como os espaços confinados desencadeavam nela sérias crises de ansiedade e como era frequente seu impulso de fugir de conflitos. Ao longo dos anos, ela contou sua história a outros terapeutas, inclusive a um especialista em transtorno de estresse pós-traumático, e a vários amigos.

Na primavera de 2016, certo dia, quando Ford e um amigo, Keith Koegler, viam os filhos jogarem bola juntos, ela se virou para ele, indignada.¹¹ Brock Turner, um estudante de Stanford que fora condenado por agredir sexualmente uma mulher inconsciente no campus, acabara de receber a sentença de seis meses de prisão e três anos de condicional, o que os críticos

viam como um erro judicial. Ford contou a Koegler que fora agredida na adolescência por um indivíduo que agora era juiz federal. “Em parte porque os garotos estavam correndo por ali, em parte porque ela não mostrou interesse em comentar mais nada, não a forcei”, disse Koegler numa entrevista. “Eu não tinha o contexto, não fazia ideia de quem era.”

Naquele outono, Ford ficou estarelecida com o áudio do *Access Hollywood* e os comentários grosseiros de Trump, mas não acompanhou as histórias das mulheres acusando o candidato presidencial. Alguns meses depois, participou da Marcha das Mulheres em San Jose, em que as mulheres usavam gorros cor-de-rosa em protesto contra a violência sexual, mas se sentiu mais à vontade numa outra passeata naquele ano, contra os cortes federais nas verbas para a pesquisa científica. Ela e colegas usavam gorros cinza de tricô, representando a substância cinzenta do cérebro. Depois da matéria sobre Weinstein, ela escreveu “#metoo” nas redes sociais, mas parou por ali.

Mas, em junho de 2018, quando a lista tríplice de Trump para a Suprema Corte contendo o nome de Kavanaugh foi divulgada, ela enviou um e-mail a Koegler, comentando seu desconforto:

O favorito para a Suprema Corte é o cretino que me agrediu no ensino médio. Ele tem minha idade, então vai ficar no cargo pelo resto da minha vida. ☹

Koegler respondeu:

Lembro que você me falou dele, mas não lembro o nome. Pode me dizer qual é, para eu ler sobre ele?

“Brett Kavanaugh”, respondeu Ford.

Conforme o feriado de Quatro de Julho se aproximava, ela sentiu o pânico aumentar. O presidente Trump estava fazendo uma pesquisa ao estilo de reality show e prometera se pronunciar na segunda-feira seguinte, 9 de julho.

Se Kavanaugh fosse nomeado para um cargo vitalício, ela achava que tinha informações importantes a fornecer. Porém queria resguardar sua privacidade, sem criar constrangimentos para sua família na Costa Leste ao prejudicar a candidatura de um herói da cidade. Os pais dele e dela ainda faziam parte do mesmo clube de golfe fechado e exclusivo, de modo que

aquilo seria bastante embaraçoso. Ela não queria envergonhar publicamente Kavanaugh. Queria apenas passar adiante o relato do que lhe acontecera no ensino médio, e queria fazer aquilo *antes* da nomeação dele. Se viesse logo, os encarregados poderiam levar a informação em conta e talvez optar por um candidato sem aquela vulnerabilidade. Mas a quem ela poderia contar discretamente; quem lidaria com a informação de maneira confiável e eficaz?

Ford entendia que seu ponto de vista era limitado — não sabia se a conduta de Kavanaugh em sua lembrança era um episódio isolado ou se fazia parte de um padrão de comportamento predatório. *Foi um estado psicológico episódico ou constituía um traço de personalidade?*, perguntava-se ela.

Ford tentava imaginar se (e como) devia influenciar uma nomeação do Supremo num cenário improvável. Ela era excelente surfista e tinha conhecido o marido através de um site que cruzara o interesse de ambos em pegar onda. O segundo encontro deles tinha sido nas águas da costa de San Mateo.¹² Uma vez, um tubarão branco enorme subira à superfície ao lado dela. Aquilo fora tão eletrizante que ela passara duas noites sem dormir. Ford volta e meia usava analogias com o surfe em sala de aula e sonhava com as amplas praias e a liberdade de espírito de Santa Cruz, que ficava ao sul, mais ou menos a uma hora de distância de sua casa em Palo Alto, e era seu destino de verão.

Agora ela e os amigos se esticavam na areia, fitavam a vista do Pacífico, nadavam demoradamente, olhavam os filhos treinando no programa de Jovens Salva-Vidas dos Parques Estaduais da Califórnia e avaliavam as opções de Ford para intervir de maneira discreta. Ela não ligou para nenhum advogado. Considerava se devia entrar em contato direto com Kavanaugh e lhe dizer para retirar sua candidatura ao cargo no Supremo, evitando assim submeter a família à humilhação que adviria quando ela se manifestasse. Ou podia ligar para Mark Judge, o outro garoto que estivera no quarto durante a agressão, e lhe pedir para passar o recado.

“Eu estava surtando”, Ford comentou ao relembrar aquela época. “O que fazer?”

Ela não conversava muito com o marido: ele ia e voltava de Palo Alto por causa do trabalho. Russell Ford era um engenheiro que fazia equipamentos médicos e tinha o mesmo tipo de intelecto científico da esposa, com o mesmo tipo de visão de mundo. Também era um otimista por natureza. Àquela altura, ela disse, nenhum dos dois entendia que repercutir discretamente

informações de décadas antes podia acarretar consequências consideráveis para a família.

Em 6 de julho, sexta-feira, ela deixou Rio del Mar Beach e ligou para o gabinete de sua representante no Congresso, a democrata Anna Eshoo, de dentro do carro estacionado. Uma mulher atendeu, e Ford despejou:

Uma pessoa na lista tríplice da Suprema Corte me agrediu fisicamente na época do ensino médio. Preciso falar com alguém no gabinete. É urgente. Trump está prestes a escolher.

A mulher respondeu que ela receberia um retorno o mais breve possível.

Ford pegou de novo o celular. Sem saber quando o gabinete de Eshoo responderia, decidiu tomar outro caminho. Clicou na seção de dicas anônimas do *Washington Post* e começou a digitar:

10:26

Potencial nomeado para o Supremo me agrediu em meados de 1980 em Maryland com auxílio de um amigo. Tenho registros da terapia falando sobre isso. Acho que não devo ficar quieta, mas não quero sujeitar família em DC e CA a muito estresse.

Uma hora depois, ela voltou à seção das dicas para esclarecer:

11:47

Brett Kavanaugh com Mark Judge e um espectador chamado PJ.

“Eu imaginei que o celular tocaria na mesma hora”, disse ela mais tarde. Mas Ford não teve nenhuma resposta imediata do *Post*.

Três dias depois, em 9 de julho, o presidente Trump anunciou o escolhido: Brett Kavanaugh, juiz ilustre, figura íntegra, treinador do time de basquete da própria filha.

Numa mensagem de texto a amigos, ela pôs um emoticon de carinha triste e acrescentou:

Ugh.

Ugh de novo.

Ford era fanática por futebol americano — participava de competições de *fantasy football* e até se prontificou a hospedar em casa um jogador de Stanford durante o treino de verão —, e recorreu a uma analogia com a

posição de quarterback para explicar o que acontecera. Ela tentara passar a bola para sua congressista e para o *Washington Post*. Eles a tinham deixado cair, finalizando a jogada.

Na manhã seguinte, 10 de julho,¹³ Ford voltou à seção de dicas do *Post* com o equivalente a uma ameaça jornalística: levaria sua história aos senadores ou ao *New York Times*. No final da manhã, estava ao telefone com Emma Brown, uma repórter do *Post* ansiosa para ouvir tudo o que tivesse a dizer.

Naquela mesma tarde, o celular tocou outra vez. Era a chefe distrital da equipe de Eshoo. A assessora tinha ligado no dia anterior, perguntando: “É o que foi escolhido?”. Elas combinaram que Ford iria ao gabinete de Eshoo na quarta-feira, 18 de julho.

Era dali a uma semana. Enquanto esperava, Ford leu uma cobertura elogiosa de Kavanaugh, destacando seu apoio a meninas e mulheres. O *Post* publicou um texto de opinião de uma mãe delirante de entusiasmo comentando o magnífico treinador de basquete feminino que ele era.¹⁴ Um velho amigo do ensino médio contou a Ford sobre o enorme orgulho da comunidade por ter mais um juiz do Supremo. (Neil Gorsuch também tinha estudado na mesma escola de Kavanaugh, a Georgetown Prep.) Mais tarde, Ford disse que aquilo a fez pensar: “A matemática não está a meu favor”.

Ela podia conviver com a nomeação dele. “De fato me desinteressei conscientemente do resultado”, declarou. Mas a ideia de ver Kavanaugh no Supremo, sabendo que não tinha compartilhado suas lembranças, parecia-lhe intolerável. “O que perturba é não falar”, comentou ela.

Assim, tomou para si a missão de reunir provas. Foi até o consultório de seu médico no Vale do Silício e solicitou cópias das anotações feitas nas sessões de terapia em que rememorou a agressão, aquelas que citara na dica ao *Post*.

Enquanto isso, contou apenas o mínimo aos filhos. “Uma pessoa que o presidente quer contratar para um trabalho importante fez uma coisa ruim comigo quando eu era da idade de vocês”, disse ela. “Estou bolando uma maneira de fazer a informação chegar até ele. Pode ser útil.”

“Legal”, disse o filho mais velho, que tinha a mesma idade dela na época da suposta agressão.

Em 18 de julho, ela se encontrou com Karen Chapman, chefe distrital da equipe de Eshoo.¹⁵ Ford fez um relato exaustivo de tudo o que recordava, inclusive desenhando um mapa da casa suburbana em cujo quarto relatava ter ficado presa. Chapman fez inúmeras anotações e manifestou seu apoio, mas Eshoo não estava lá, de modo que Ford precisou voltar ao gabinete dois dias depois e relatar tudo de novo.

Eshoo prometeu que entraria em contato e deu instruções estritas: tudo aquilo devia se manter confidencial. Ford só tinha contado a história a algumas pessoas além do marido, entre elas Emma Brown (a repórter do *Post*), Keith Koegler, alguns outros amigos e dois mentores de pesquisa. “Você não pode ficar falando sobre isso”, recomendou Eshoo. “Se correr por aí, foi porque você contou para outras pessoas.” Eshoo falou que os boatos circulavam rápido, e poderiam afetar Ford e a condução que escolhesse dar ao assunto.

Ford, que ainda não sabia bem onde aquilo ia dar, achou que o encontro era um progresso: passara sua mensagem a alguém em posição de autoridade. “Confio no gabinete dela”, escreveu num e-mail a um dos mentores, “e assim somos coerentes no objetivo de servir ao público.” Seguindo o conselho de Eshoo, Ford ignorou as mensagens de texto da repórter do *Post*.

Mas, naquela época, Ford começou a ser muito pressionada em mensagens de pessoas que não conhecia. Um de seus amigos tinha contado para alguém, que contou para outro alguém, e logo a notícia de suas acusações estava correndo pelos círculos feministas de Palo Alto. Aquelas mulheres, algumas delas acadêmicas de grande poder, tinham se reunido durante o caso Brock Turner e a Marcha das Mulheres, e os meses precedentes de atividades do #MeToo haviam reforçado suas convicções. Agora ativistas locais — Ford conhecia uma delas, mas a maioria não — estavam pressionando para que ela se manifestasse. “É um momento crucial na história”, frisou uma de suas amigas numa mensagem de texto.

Ford basicamente ignorava o alcance daquilo. Segundo ela, se não fosse Kanavaugh, não daria a menor atenção ao processo de nomeação, e não estava pensando se ou como suas ações iam afetar o movimento #MeToo.

Mas as mensagens serviam de prenúncio: revelavam que a situação despertaria sentimentos muito fortes de outras pessoas, que ela podia perder o controle de sua própria história, que outras pessoas com pautas diversas

podiam agir sem levar seus desejos em conta. Ao ignorar as mensagens, estava perdendo indícios importantes.

Na última semana de julho, Ford estava de volta à região de Washington. Sua avó sofrera um derrame e estava à beira da morte. Ford detestava andar de avião, mas, junto com os filhos, foi passar dez dias quentes e úmidos com seus pais na casa de verão deles em Rehoboth Beach, em Delaware.

Seus pais não faziam ideia de seu segredo — eles nunca souberam nada a respeito, disse ela —, e Ford não queria incomodá-los, principalmente no momento em que cuidavam da avó. Quando ligaram do gabinete de Eshoo, ela foi para a varanda, para ter privacidade. A assessora lhe pediu para escrever uma carta contando em detalhes o episódio com Kavanaugh para a Comissão Judiciária do Senado, que fazia audiências para os nomeados da Suprema Corte. Foi fácil escrever: àquela altura, Ford estava acostumada a repetir a história. Mas ficou em dúvida quanto ao destinatário. A assessora disse para encaminhar a carta à senadora Dianne Feinstein, a principal democrata da comissão, e ao senador Charles Grassley, o presidente republicano da comissão. A preocupação de Ford era de que aquilo aumentasse as chances de que seu nome e seu relato se tornassem públicos. Assim, ela encaminhou a carta apenas a Feinstein, na suposição de que a senadora respeitaria o princípio de confidencialidade das informações transmitidas por seu eleitorado, segundo o que dissera o gabinete de Eshoo.

30 de julho de 2018

CONFIDENCIAL

SENADORA DIANNE FEINSTEIN

Prezada senadora Feinstein,

Escrevo com informações pertinentes para a avaliação do atual nomeado para a Suprema Corte. Como eleitora, conto que, de sua parte, esta carta será mantida confidencial até termos oportunidade de conversar melhor.

Brett Kavanaugh me agrediu física e sexualmente durante o ensino médio no começo dos anos 1980. Ele empreendeu essas ações com o auxílio de seu amigo próximo, Mark G. Judge. Ambos eram de um a dois anos mais velhos que eu e estudavam numa escola particular local. A agressão ocorreu numa casa no subúrbio residencial de Maryland, numa reunião em que estávamos eu e mais quatro pessoas. Kavanaugh me empurrou para dentro de um quarto enquanto eu me dirigia

a um banheiro que ficava acima da sala de estar, subindo uma pequena escada. Eles trancaram a porta e colocaram música em volume alto, impedindo que qualquer tentativa de gritar por socorro fosse ouvida. Kavanaugh estava por cima de mim, rindo com Judge, que periodicamente pulava em cima dele. Os dois riam enquanto Kavanaugh tentava tirar minha roupa, ambos num estado de grande embriaguez. Com a mão de Kavanaugh tampando minha boca, fiquei com medo de que ele me matasse inadvertidamente. Do outro lado do quarto, Judge, muito bêbado, dizia a Kavanaugh uma profusão de palavras que iam de “vai nessa” a “para”. Em certo momento, quando Judge pulou em cima da cama, o peso sobre mim foi considerável. O amontoado tombou de lado e os dois se engalinharam. Depois de algumas tentativas de me livrar, consegui aproveitar esse momento oportuno para levantar e correr até um banheiro no corredor. Tranquei a porta do banheiro atrás de mim. Os dois tropeçaram e caíram ruidosamente pela escada, então ouvi outras pessoas na casa falando com eles. Saí do banheiro e fui correndo para a minha casa.

Que eu me lembre, não vi mais Kavanaugh desde a agressão. Vi Mark Judge uma vez no supermercado Safeway de Potomac, e ele ficou extremamente incomodado ao me encontrar.

Tenho recebido tratamento médico por causa da agressão. Em 6 de julho, notifiquei minha representante local no governo, perguntando como proceder para compartilhar essa informação. É perturbador comentar a agressão sexual e suas repercussões, mas, como cidadã, sinto-me culpada e constrangida com a ideia de não dizer nada.

Estou à disposição para conversar melhor, caso queira. No momento estou de férias no Meio-Atlântico até 7 de agosto, mas estarei na Califórnia a partir de 10 de agosto.

Confidencialmente,
Christine Blasey
PALO ALTO, CALIFÓRNIA

“Recebi!”, avisou a assessora.¹⁶ “Hoje mesmo entrego a ela.”

Em pouco tempo a assessora estava ao telefone com Ford, descrevendo todos os passos de outro integrante da equipe de Eshoo em Washington, que ia levar uma cópia física da carta ao gabinete da senadora Feinstein. “Ele está entregando o documento agora”, narrava a assessora, como se estivessem discutindo os códigos nucleares da nação.

Em seguida, a própria senadora estava na linha. A parlamentar de 85 anos de idade parecia ter problemas de audição. Perguntava aos gritos sobre a natureza precisa do episódio e Ford respondia aos gritos para garantir que

ouvisse o que ela dizia. A senadora Feinstein disse que respeitaria a confidencialidade da carta e prometeu que voltaria a ligar.

Ao desligar, Ford começou a pressentir a força que a carta teria no Capitólio, coisa que não percebera na praia na Califórnia. Seus confidentes haviam recomendado durante semanas que contratasse um advogado, para proteger sua própria história e manter o controle dela, mas Ford resistira. Ela e o marido estavam economizando para dar entrada num imóvel no Havaí, onde podiam surfar e para onde se mudariam depois de se aposentar, e ela dizia que não queriam ficar sem nenhuma reserva. Agora via que realmente precisava de um advogado.

Os primeiros escritórios de Washington que Ford contatou não quiseram saber do caso, mas ela encontrou um advogado, Lawrence Robbins, que havia defendido várias causas perante o Supremo e que a ouviu com grande atenção. “Ela não tentou minimizar as lacunas na memória”, disse Robbins.¹⁷ “Foi extremamente clara sobre as coisas que conseguia lembrar. Ofereceu formas de corroboração, talvez não irrefutáveis, mas suficientes para que eu considerasse que deviam ser levadas a sério. Minha impressão foi de que ela era confiável e merecia ter alguém que a defendesse.” Mas ele não podia representá-la publicamente: os sócios da firma temiam que aquilo prejudicasse seus recursos no tribunal, caso parecesse que a firma fizera algo contra um juiz da Suprema Corte; assim, qualquer auxílio de Robbins teria de ser prestado nos bastidores.

Em 6 de agosto, segunda-feira, logo após a morte da avó de Ford e logo antes da data marcada para sair da região de Washington, ela estava conversando com duas advogadas, daquela vez ao vivo. O gabinete da senadora Feinstein indicara duas sócias, Debra Katz e Lisa Banks, dizendo que estavam entre os profissionais que lidavam com aquele tipo de acusação. Ford examinara o site delas e vira que haviam trabalhado com delação. Mas o mais importante era que tinham disponibilidade para se encontrar imediatamente. Ford então falou que conseguiria um horário para um encontro rápido num hotel perto do aeroporto de Baltimore.

Katz e Banks concordaram na hora, sem saber bem o que esperar. Tinham sido procuradas pelo gabinete de Feinstein alguns dias antes, que fizera perguntas de caráter geral — Quando se tem uma denúncia muito antiga de agressão sexual, o que se pode fazer para confirmá-la? — e depois apresentara um esboço geral do relato de Ford, sem citar seu nome. Ford, por

sua vez, não sabia muito bem o que fazer com as duas advogadas e todas as perguntas pessoais e detalhadas sobre sua história e seus antecedentes.

Ela não notou que estava tratando com duas das maiores advogadas do país em questões de discriminação por gênero. Debra Katz — Debbie, para quase todos — era, em termos de temperamento, o oposto de Ford, uma ativista vigorosa envolvida a fundo nas lutas feministas e nas brigas de Washington. Katz pensava em termos de direitos civis e via a lei como instrumento de avanço. Iniciara a carreira como auxiliar da equipe jurídica que discutira qual seria a melhor argumentação na primeira ação por assédio sexual ouvida pela Suprema Corte, o caso “Meritor Savings Bank contra Vinson”, sobre uma caixa de banco que declarou que o gerente de uma filial a agredira várias vezes e dissera que a demitiria se ela não cedesse. Em 1986, o tribunal decidiu em favor de Vinson, por nove a zero, instaurando o precedente de que o assédio sexual é uma forma de discriminação.

Três décadas depois, Katz ainda era uma obstinada esquerdista, mas tinha um armário cheio de terninhos risca de giz que usava para negociar em favor de funcionárias que se sentiam injustiçadas. Sua sócia na firma, Lisa Banks,¹⁸ que também era sua melhor amiga fora do escritório, era uma presença mais tranquila, um olhar impassível que podia ser útil ao lidar com os adversários, e uma perseverança que vinha desde a infância, mais precisamente aos sete anos de idade, quando lhe haviam dito que nunca poderia jogar no Red Sox porque era menina, e seus sonhos se despedaçaram.

O escritório delas no bairro de Dupont Circle era decorado com móveis envernizados, vasos de plantas e um quadro de Rose McGowan segurando a cabeça decepada de Harvey Weinstein, que fora pintado por um amigo do filho de Katz. Quando as duas encontraram Ford em Baltimore, fazia meses que estavam a todo o vapor, empenhando-se em aproveitar ao máximo o que consideravam uma rara e preciosa brecha pós-Weinstein. Durante grande parte da carreira delas, haviam tido a impressão de que não ocorrera nenhum grande avanço nas questões de assédio e abuso, vendo aparecerem sempre os mesmos tipos de casos. Frequentemente conquistavam indenizações para as mulheres, às vezes muito polpudas, em geral na forma de acordos sigilosos, que ambas consideravam instrumentos imperfeitos, embora necessários.

O caso Weinstein, porém, imprimira um grande dinamismo ao escritório delas, como disseram depois, porque de repente as queixas de suas clientes passaram a ser levadas mais a sério. Nos dez meses desde a matéria sobre

Weinstein, Katz havia representado mulheres integrantes de equipes do Capitólio, com queixas de assédio que tinham levado à renúncia de um membro da Câmara e de um integrante de alto escalão do Congresso. Depois de entrarem com uma ação contra um chef famoso da região de Washington, os sócios dele acabaram por deixá-lo e seu império gastronômico se desfez. Elas se reuniam com representantes no Congresso e nas câmaras estaduais, pressionando por novas leis que protegessem melhor as vítimas de assédio sexual. Tinham passado o verão inteiro muito entusiasmadas, mas também preocupadas: sentiam que era um momento de grande importância, e era mais do que hora de haver uma mudança. Queriam o maior avanço possível, o mais rápido possível, antes que se avolumassem as reações contrárias.

Depois de algumas horas com Ford, as advogadas saíram da sala com a cabeça rodopiando. De início ficaram apenas murmurando uma para a outra: *Meu Deus, meu Deus*. Ao longo dos anos, tinham investigado minuciosamente uma quantidade enorme de testemunhas, e Ford parecera muito confiável, como disseram depois. Elas também eram movidas pelo que Ford chamava de senso de dever cívico. Mas aquela mulher, com seu tremendo intelecto, também parecia muito ingênua, qualidade que podia lhe causar sérios problemas. Ela parecia não perceber a potencial gravidade da denúncia, mas esse senso da importância da questão também contribuía para atrair as advogadas para o caso. Ao contrário de Ford, as duas entenderam imediatamente a natureza explosiva da carta que ela havia escrito a Feinstein. Se vazasse, Ford ia precisar de proteção; se não vazasse, precisaria de orientação para decidir se e como prosseguir. Katz e Banks sabiam que queriam representar Ford e atuariam sem cobrar honorários.

Para se preparar para o que poderia vir pela frente, as advogadas deram algumas tarefas práticas a Ford. Ela logo foi submetida a um exame de polígrafo ministrado por um ex-agente do FBI, e passou. Também ficou incumbida da embaraçosa tarefa de ligar para dois ex-namorados, um do ensino médio e outro de logo depois da faculdade. Não, não estava ligando para que eles voltassem, disse a cada um deles. Preciso saber: você lembra se, quando namoramos, cheguei a mencionar que fui agredida? Nenhum dos dois lembrava, disse ela. Foi ficando cada vez mais claro que Ford não contara a ninguém, durante anos, sobre o suposto ataque.

As advogadas escrutinaram a vida de Ford, pesquisando registros públicos para localizar qualquer informação que pudesse ser usada para manchar seu

nome. Katz ligou para a equipe da senadora Feinstein, dizendo que a acusação parecia crível, e sugeriu que começassem a buscar indícios e provas de qualquer outra agressão que Kavanaugh pudesse ter cometido.

Foi aí que Katz ligou para Jodi, em 11 de agosto, sábado, pedindo-lhe que desse uma dica sobre isso ao *New York Times*. Rebecca Corbett tinha supervisionado, ao longo dos anos, algumas das apurações do jornal sobre os candidatos à Suprema Corte e agora estava fazendo o mesmo sobre Kavanaugh. Enquanto insistia que a equipe crescente de repórteres procurasse qualquer tratamento problemático dado a mulheres, a cada dois ou três dias Corbett verificava com Jodi se havia algum novo dado sobre aquela cliente de Katz e sua alegação.

Mas Ford não quis falar com Jodi nem retornar as ligações do *Post*. Estava concentrada em outra coisa, que tinha prazo urgente.

O início das audiências de Kavanaugh estava marcado para o dia 4 de setembro. Antes daquilo, três coisas poderiam acontecer. A carta a Feinstein podia vazar. Ford podia ficar quieta e provavelmente ver a confirmação de Kavanaugh no cargo. Ou Ford podia decidir vir a público, o que talvez mudasse o curso das audiências. Era aquilo que, lá no fundo, ela estava propensa a fazer, mesmo com medo.

Katz e Banks entendiam a razão. Acreditavam que Ford tinha o direito de contar sua história. As transgressões cometidas contra estudantes de ensino médio, contra gerações inteiras de mulheres, eram importantes, mesmo que as vítimas tivessem mantido silêncio por muito tempo ou não dispusessem de provas irretocáveis. A dupla pergunta era: qual seria o preço que Ford pagaria pessoalmente e qual seria o impacto que sua revelação causaria, na nomeação e em todo o debate sobre sexo e poder que então se difundia?

Outros advogados reforçaram a ideia de que Ford tinha uma história importante para contar. Além de continuar com Katz e Banks, ela manteve Robbins como consultor — e por indicação dele contratou outro consultor, Barry Coburn, um advogado penal durão.¹⁹ Coburn lhe disse que via uma clara diferença entre brincadeira sexual rude na escola e o que Ford descrevia como “inequívoca tentativa de estupro”. Mais tarde, ele lembrou o que disse a ela: “Não é assédio sexual. Não é transgressão dos limites. Não é insensibilidade. É crime”. Mas Robbins e Coburn compreendiam que a

questão ia além do episódio e deixaram que Katz e Banks assumissem a frente.

A pedido de Katz, outra pessoa se somou ao grupo crescente de consultores profissionais: Ricki Seidman, discreta atuante veterana de três décadas de lutas judiciais dos democratas, que trabalhara como assessora na campanha presidencial de Bill Clinton e em seu governo. Katz não conhecia pessoalmente Seidman, mas sabia que ela tinha profundo conhecimento e ampla experiência nas nomeações do Supremo, o que Katz e Banks não tinham. Seidman estivera envolvida em batalhas que iam desde Robert Bork (que os democratas haviam derrotado em 1987) a Sonia Sotomayor (que os democratas haviam confirmado em 2009). Tivera papel direto no único paralelo histórico do caso de Ford: o testemunho de Anita Hill contra Clarence Thomas. Em 1991, Seidman estava trabalhando para a Comissão de Mão de Obra e Recursos Humanos do Senado como investigadora-chefe, acompanhando a nomeação de Thomas, quando recebera uma ligação com a dica de uma catedrática que dizia ter sido assediada pelo nomeado. Ela foi a primeira da equipe da comissão do Senado a falar com Anita Hill sobre o episódio e incentivou Hill a aprofundar o contato com a comissão.

Mais tarde, os republicanos viram o histórico de Seidman e a acusaram de agir por uma pauta política própria, de instrumentalizar Ford para prejudicar uma nomeação. Na verdade, naquele mês de agosto, o instinto de Seidman lhe dizia que Ford devia manter seu silêncio.

Era uma questão de matemática. Como os republicanos controlavam o Senado, era provável que Kavanaugh fosse confirmado, mesmo que Ford se manifestasse. A primeira reação dela foi que o preço da exposição era muito alto, pois, a seu ver, a revelação não ia alterar o resultado.

Nas décadas desde o testemunho de Anita Hill, a consultora se culpava pelo papel que tivera ao incentivar a catedrática a se manifestar. Em alguns aspectos, Hill vencera, catalisando a consciência sobre o assédio sexual. Mas Seidman pensava que o eventual avanço social viera a um alto custo pessoal para Hill. Ela achava que o aparato ofensivo do Partido Republicano tentaria, com quase toda a certeza, destruir Ford, e ficava apavorada com a perspectiva de ver a história se repetir.

As advogadas de Ford suspeitavam que havia outras mulheres vítimas de Kavanaugh, e que aquele não fora um episódio isolado — era apenas uma questão de encontrá-las. *Se houvesse mais duas mulheres, eu ia me sentir*

melhor, pensou Katz consigo mesma. *Com só uma mulher a mais, é arriscado*. Mas não tinha nenhuma.

Katz e Banks tentavam se manter neutras, esboçando as potenciais consequências para Ford pelos dois lados, sabendo que era ela quem teria de viver com sua decisão.

Mas as preocupações de Katz e Banks iam além do bem-estar da cliente. Naquele momento, Katz também receava que uma minimização nacional da história de Ford seria prejudicial para todo o #MeToo. Os críticos diriam que o movimento fora longe demais, levantando transgressões antigas, impossíveis de comprovar, sem o dano mais comprovável de estupro ou assédio sexual no local de trabalho. Alguns homens se alinhariam instintivamente em favor de Kavanaugh, temendo acusações imprevistas. A roda do progresso giraria mais devagar ou até em sentido contrário, e as advogadas consideravam que seria penoso demais arcar com aquela consequência.

O debate público ainda era tumultuado. Naquele verão, a cada semana havia mais homens acusados, afastados e demitidos: o chefe de pessoal do Departamento Federal de Gestão de Emergências, um catedrático da Universidade da Califórnia em Berkeley, um vendedor do Goldman Sachs, dois bailarinos do Balé da Cidade de Nova York. Em agosto, Ronan Farrow publicou na *New Yorker* as primeiras acusações de assédio sexual contra Les Moonves, presidente da CBS —²⁰ mas Moonves, petulante, se manteve no cargo, com o apoio do conselho de direção da empresa. Louis C.K. fez sua primeira aparição num clube de comédia desde a matéria do *New York Times*, sendo aclamado na sala e mostrando-se zombeteiro fora dela.²¹ Bill O'Reilly, que continuava a escrever livros de história desde sua expulsão da Fox, estava para lançar seu próximo livro:²² o anterior vendera quase meio milhão de exemplares, e seus fãs tinham se mantido leais.

Em 10 de agosto, Ford estava de volta a Palo Alto, pesando sua decisão enquanto terminava de ler e avaliar uma pilha de teses de estudantes. Mal conhecia aquele grupo de consultoria jurídica de Washington ao qual confiara seu destino; as deliberações se davam por telefone ou mensagem de texto. Todos diziam que apoiariam sua decisão, qualquer que fosse, mas, à

distância, ela percebia certa hesitação. E se perguntava: *Estão tentando me fazer avançar? Ou estão tentando me calar?*

Ford refletia sobre suas preocupações pessoais. Seu medo era que, se acusasse publicamente Kavanaugh, outros poderiam acusá-la de volta. Tivera sua boa dose de bebedeiras no ensino médio, e no começo da faculdade sua presença nas festas havia disparado e suas notas, despencado. Pouco depois, estabilizara-se e voltara a se sair bem nos estudos. Num discurso em 2014 em sua antiga escola, ela se apresentara como exemplo de uma vida que voltara aos trilhos. Na faculdade, tinha dificuldade com estatística, disciplina que agora lecionava. Mesmo assim, disse ela, receava que os críticos fossem se concentrar apenas nas falhas e nos erros de sua juventude.

Mas achava que, caso se visse sob ataque, conseguiria resistir. Em 2015, fora diagnosticada com câncer e tivera complicações resultantes do tratamento. Era a primeira vez que se via obrigada a encarar a morte, e sentiu que saíra daquilo fortalecida — com maior capacidade de resistência, disse ela. O marido lhe dera incentivo para se manifestar, para superar aquilo, prevendo que a coisa toda morreria depois de um único ciclo noticioso.

Em 24 de agosto, Katz atualizou Ford sobre um aspecto: não surgira nenhuma outra denúncia de conduta sexual imprópria do juiz. Caso ela se manifestasse, estaria sozinha nas acusações. Se não queria que a senadora Feinstein mostrasse sua carta para os demais membros da comissão, inclusive para os republicanos, precisava avisá-la. Para ajudar Ford a se decidir, combinaram um prazo interno: ela ligaria em 29 de agosto, sete dias antes da data marcada para o começo das audiências de Kavanaugh.

Em 26 de agosto, a indecisão ainda paralisava Ford. Dois dias depois, sem nenhum progresso, Katz e Banks disseram que redigiriam e editariam três cartas diferentes. Como não havia nenhum procedimento definido para relatar aquele tipo de história sobre um nomeado, as advogadas tentavam mostrar a Ford como cada rumo adotado ia se afigurar. Cada versão levava a uma variação diferente no futuro dela, talvez uma composição diferente na Suprema Corte, e até mesmo uma versão diferente da história americana.

Numa versão, dirigida ao senador Grassley e à senadora Feinstein, as advogadas usaram o nome de Ford e explicaram que ela queria um encontro reservado com ambos para expor uma denúncia de agressão por parte do juiz do Supremo. A segunda versão fazia a mesma solicitação, mas se referia a Ford como a dra. X, para garantir um pouco mais de proteção. A terceira,

dirigida apenas à senadora Feinstein, usava o nome de Ford, mas dizia que ela estava desistindo de prosseguir com aquilo. A carta declarava: “Ela decidiu que os custos pessoais e profissionais de se manifestar perante a Comissão Judiciária são grandes demais”. O grupo combinou que Ford escolheria uma das cartas até o final do dia seguinte.

A primeira parecia a todos arriscada demais: o nome de Ford chegaria imediatamente à Casa Branca. Ela parecia pender para a segunda carta, que lhe permitiria negociar os termos de confidencialidade. Juntas, revisaram os termos daquela versão, depois a mudaram outra vez, mas não ficaram plenamente satisfeitas.

Quanto mais pensavam em entregar alguma das cartas, mais a discussão passava para a seguinte pergunta: e depois, o que acontece? As advogadas e Seidman lhe disseram que provavelmente seria impossível prosseguir e apresentar a denúncia sem revelar sua identidade. Previram que Ford sofreria o mesmo tipo de ataque público que Anita Hill sofrera, mais de uma vez comparando a situação a se postar diante de um trem em movimento.

Como o prazo que haviam imposto a si mesmas se aproximava, Seidman foi até a Califórnia para seu primeiro encontro com Ford. Mais uma vez, alertou para que não seguisse os passos de Hill. Para Ford, ainda era doloroso contar a história da suposta agressão. Inexperiente na vida pública, o escrutínio popular lhe era estranho, e ela não tinha a menor familiaridade com o ciclo noticioso. Seidman ainda acreditava que Kavanaugh seria confirmado no cargo mesmo se Ford expusesse as revelações, e a única coisa que a vítima ia conseguir era ter sua vida virada de ponta-cabeça.

Num café com Seidman perto do Aeroporto Internacional de San Francisco, Ford se sentiu absolutamente estressada. Não conhecia a mulher sentada à sua frente. Na hora, “só queria ir embora”, como lembrou mais tarde.

Ford passou o dia 29 de agosto, data marcada para a decisão, em reuniões acadêmicas que duraram horas, conversando com estudantes da pós-graduação sobre suas teses. Quando o sol se pôs, ainda não conseguira se decidir.

“Fiz alterações e estou com alguns sintomas de pânico”, escreveu naquela noite numa mensagem de texto para Katz. “Logo envio as modificações e decidimos de manhã cedo se vamos. Nervosa com vazamentos e *Washington Post*.”

“Mando só as alterações”, escreveu uma hora depois, “ainda em dúvida.”

Na manhã seguinte, a dúvida continuava. Ford começava a acreditar no que a equipe já lhe dissera: a carta anônima era inútil, o provável era que seu nome vazasse, então era tudo ou nada. Katz e Banks também se retorciam, oscilando entre julgar que a cliente estava em seu direito e imaginar quantas outras também se sentiam daquele modo, sem saber o que era pior, o linchamento ou o silêncio.

Era 30 de agosto, quinta-feira. No dia seguinte começava o feriado prolongado do Dia do Trabalho. Na terça seguinte, de manhã, começariam as audiências de Kavanaugh. Katz, em Washington, ligou para Ford.

“É uma decisão vital, e é sua”, disse ela.

Naquela tarde, Ford ainda queria mais algumas horas para pensar, dar um passeio e conversar com um amigo pela última vez.

No final, Ford não escolheu nenhuma das cartas — disse que não lhe pareciam adequadas. Aquela era a sua decisão de fato.

Katz ligou para o gabinete da senadora Feinstein avisando que Ford não queria prosseguir com seu relato. Em 31 de agosto, Feinstein respondeu por e-mail: “Escrevo para confirmar que meu gabinete continuará a respeitar o pedido de confidencialidade e não procederá com nenhuma ação a menos que nos solicite. Saiba que entendo e lamento o profundo impacto que tal episódio teve na vida dela”.

Katz encaminhou a carta para a cliente. “Foi como um ‘até logo e boa sorte’”, disse Ford.

Naquela noite, em sua casa em Palo Alto, ela pediu que um dos filhos fosse dormir com o marido e se refugiou na cama dele. Começou a pensar em surfe. Já enfrentara águas agitadas e tinha preparo para encarar uma onda violenta. Talvez ficasse em pé até chegar à praia. Talvez caísse. Mas se esforçara muito para manter o equilíbrio e merecia a chance de tentar. Por que as advogadas se preocupavam tanto com a aparente ausência de outras vítimas? Não bastava o que havia acontecido com ela?

Enrodilhada sozinha na cama do filho, começou a soluçar.

9. “Não tenho como garantir que vou a Washington”

Cinco dias depois, na terça-feira, 4 de setembro,¹ em Palo Alto, Christine Blasey Ford se sentou no consultório de um especialista em transtorno de estresse pós-traumático com quem se consultava havia alguns anos e pediu orientação para deixar para trás sua questão com o processo de indicação de Kavanaugh.

Do outro lado do país, em Washington, DC, as audiências sobre a indicação daquele dia começavam, já em alto e bom som. Senadores democratas tentavam impedir os trabalhos com base na afirmação de que haviam tido acesso negado a documentos do passado de Kavanaugh, mas não estavam sendo bem-sucedidos. Manifestantes enchiam os salões do Senado. Algumas delas, vestidas de túnica vermelha e gorro branco, numa referência ao romance feminista distópico *O conto da aia*, de Margaret Atwood, interrompiam o depoimento (“Mais mulheres vão ser submetidas a abortos clandestinos!”) e eram detidas às dezenas pela Polícia do Capitólio.² Republicanos, unidos a favor do escolhido de Trump, revidavam, chamando os democratas de turba desordeira.³

A incapacidade de Ford de ir adiante na denúncia a incomodava, mas ela queria guardar o episódio todo na mente. Revisitar repetidas vezes a lembrança perturbadora daquele verão lhe causara danos emocionais, e agora ela tentava colocar a vida de volta nos trilhos, disse. Os filhos estavam de volta à escola. Ela mesma se preparava para a volta às aulas na universidade onde lecionava.

O terapeuta escutou, mas duvidava de que pudesse ajudá-la. Como parte de seu método de tratamento, ele incentivava pacientes a parar de falar da causa

subjacente do transtorno pós-traumático. O que Ford havia descrito o deixava alerta. “Você não está pronta para deixar isso para lá”, ela lembra que ele lhe disse. O terapeuta não estava certo de que o envolvimento dela no caso Kavanaugh havia se encerrado.

Uma semana depois, na segunda-feira, 10 de setembro, Ford foi dar a primeira aula da disciplina de doutorado “Introdução à estatística”. Começou com o mesmo discurso motivacional que fazia todos os anos, prometendo aos alunos que lidariam juntos com os materiais mais intimidantes. Três horas depois, alguém a interrompeu quando estava de saída e fez várias perguntas. Não era um aluno de pós-graduação. Era uma repórter do BuzzFeed. Ford pediu que ela se retirasse, então a jornalista disse que sabia da carta.

Desconhecidos começavam a cavoucar com mais força a história antes particular de Ford. Cada vez mais mulheres importantes e ativistas do #MeToo pareciam saber dela, e agora jornalistas contatavam colegas de Ford e apareciam na porta da casa dela.

Indignada, Debra Katz confrontou uma feminista notória de Palo Alto que ela desconfiava estar tentando expor Ford. Que falta de princípios, Katz se lembra de ter dito à mulher em um telefonema exaltado. Minha cliente não quer depor. No telefonema da semana anterior, a equipe de Eshoo perguntara se Ford queria que fizessem mais, por exemplo colocá-la em contato com um segundo membro da Comissão Judiciária do Senado. Mas Ford reiterara que não tinha mudado de ideia sobre depor. Quando os jornalistas batiam à sua porta, ela se recusava a falar com eles.

Na quarta-feira, 12 de setembro, uma matéria foi publicada mesmo assim.⁴ A publicação on-line The Intercept revelou que democratas da Comissão Judiciária do Senado tentavam obter uma carta sobre Kavanaugh que Feinstein havia recebido. Segundo o artigo, supunha-se que descrevia “um incidente envolvendo Kavanaugh e uma mulher quando estavam no ensino médio”, e a autoria era de alguém associado à Universidade Stanford. “Mantida às escondidas”, dizia a matéria, “a carta está começando a adquirir vida própria.”

Aquilo fazia com que Feinstein parecesse estar sonegando informações vitais sobre o indicado. No dia seguinte, a senadora anunciou via comunicado à imprensa que tinha mandado a carta para exame das autoridades policiais.⁵

Ela delegou a questão para o FBI, que a transferiu para a Casa Branca e para a pasta de antecedentes de Kavanaugh, o que o induziu a desmentir uma acusação que ainda era vaga. Por mais de uma semana, Ford vinha fazendo as pazes com o silêncio. Agora parecia que estava a dias, talvez horas, de ser totalmente exposta.

Àquela altura, ela estava decidida a retomar o controle do próprio relato. Havia resolvido que, se alguém revelaria sua identidade ao público, seria ela mesma. Na quarta-feira, tinha dirigido quase cinquenta quilômetros de Palo Alto a um dos restaurantes Ritz-Carlton na Half Moon Bay, onde Emma Brown, a repórter do *Washington Post* que tinha recebido a dica anônima que Ford mandara ao jornal semanas antes, a esperava. Por meio de telefonemas e mensagens de texto intermitentes, Ford mantivera contato com Brown, contando pedaços de sua história sobre o encontro com Kavanaugh durante o ensino médio e seu plano inicial de depor sobre ele ao Congresso. Brown ouvira com atenção, sem nunca pressioná-la demais. A deferência da jornalista era um consolo para Ford.

O processo de entrevista foi mais extenso e difícil do que Ford imaginara. Começou na noite de quarta-feira, foi retomado na manhã e continuou por telefone nos dias seguintes. Ford ficava horrorizada ao pensar em ver textos descritivos no jornal, principalmente contendo referências explícitas a seu corpo. Brown queria saber se Kavanaugh havia penetrado Ford de alguma maneira, se a havia estuprado. Não, explicou Ford. Ela teve de fornecer trechos dos registros da terapia em que discutia o acontecido. Brown pediu para conversar com o marido de Ford, que confirmou que já em 2012 ela havia dito que Kavanaugh a agredira.

No caminho de volta a Palo Alto, Ford se sentiu quase aliviada por ter sido forçada a fazer aquilo. Enfim sairia do purgatório. Katz e suas outras consultoras disseram achar que a matéria era um passo acertado, porque garantiria que sua queixa fosse divulgada corretamente. O marido sustentara a mesma opinião durante todo o verão: quanto antes ela viesse a público, antes a vida deles voltaria ao normal. Ela também se iludia, dizendo a si mesma que conseguiria resguardar certa privacidade naquele processo todo. Ford mantivera o sobrenome de solteira depois de se casar por motivos profissionais, a fim de continuar assinando com o mesmo nome os artigos científicos que escrevia. Logo antes de a matéria do *Post* ser publicada, ela cogitou usar o sobrenome do marido, na esperança de que ficasse mais difícil

para os leitores identificá-la na internet, uma vez que Ford era um sobrenome comum demais. “No meu mundo de fantasia, pesquisar Ford e Blasey no Google são duas coisas diferentes”, ela disse. Então se decidiu por Christine Blasey Ford. Também retirou fotos dela disponíveis on-line. Mas ainda não tinha conseguido apagar seu perfil no LinkedIn, que incluía uma foto de óculos escuros. Ford deixou os filhos na casa de amigos, reservou um pernoite num quarto de hotel e torceu por uma passagem rápida e tranquila pelos noticiários.

Assim que o *Post* publicou a matéria, no domingo, 16 de setembro, o celular de Ford entrou em um estado ininterrupto de chamadas e notificações. Pelo LinkedIn, recebeu milhares de pedidos de conexão. Sua conta de e-mail da Universidade de Palo Alto foi inundada de mensagens, tanto solidárias como mordazes, e parou de funcionar.

Mundo afora, as pessoas absorviam o artigo parágrafo a parágrafo.⁶

No começo do verão, Christine Blasey Ford escreveu uma carta confidencial a uma legisladora democrata veterana alegando que o indicado à Suprema Corte Brett M. Kavanaugh a assediara sexualmente mais de três décadas antes, quando eram estudantes de ensino médio no subúrbio de Maryland. Desde quarta-feira, ela tem testemunhado uma versão simplista de sua história vindo a público, sem seu nome ou consentimento, que resultou numa negação por parte de Kavanaugh e atrapalhou uma indicação que, até poucos dias atrás, era quase dada como certa.

Agora, Ford resolveu que, se sua história for contada, será contada por ela mesma.

No Brooklyn, Jodi e Megan leram a matéria do *Post* e viram a explosão que sem dúvida causaria.

Com base nos dados da matéria, tanto Ford quanto Kavanaugh juntariam tropas de partidários. Conforme Katz revelara antes, havia lacunas na história de Ford, e lacunas grandes: falhas na memória e nenhuma corroboração que datasse da época do suposto acontecimento. A refutação de Kavanaugh, divulgada na sexta-feira, diante da Casa Branca, foi contundente: “Eu categórica e inequivocamente nego essa alegação. Não fiz isso nem na época do ensino médio nem em nenhuma outra época”.⁷

Mas Ford reconheceu prontamente as lacunas em suas lembranças, o que alguns consideraram um sinal de credibilidade. Ela descreveu detalhes

específicos: o som do rock tocando bem alto e os dois garotos rindo “feito dementes”. “Kavanaugh a segurou de costas na cama e a apalpou por cima das roupas, imprensando seu corpo contra o dela e tentando desajeitadamente arrancar o maiô e a roupa que ela usava sobre ele”, Emma Brown escrevera. “Segundo ela, quando tentou gritar, ele tampou sua boca com a mão.” A reação à matéria do *Post* foi muito mais de apoio a Ford do que suas advogadas haviam previsto, uma prova da força do #MeToo. Pessoas no mundo inteiro, já conectadas e mobilizadas em solidariedade às vítimas de violência sexual, se reuniam em torno da causa dela.

Ford se tornou um símbolo instantâneo para mulheres que tinham sofrido abuso, uma figura que simbolizava a esperança de justiça — mas que também parecia passível de se tornar o alvo central de reação adversa. Megan — que se lembrava de como Trump berrara com ela ao telefone quase dois anos antes e sabia da ferocidade com que ele enfrentava aquele tipo de acusação — se perguntava se Ford também estava prestes a virar alvo dele. Segundo *Medo*, livro de Bob Woodward, Trump teria dito a um amigo que assumira ter comportamentos problemáticos com mulheres: “Você tem que negar, negar, negar, e reagir a essas mulheres”, Trump declarou. “Se admitir alguma coisa e alguma culpa, está morto.”⁸

Trump poderia fazer algo mais que atacar Ford: era provável que mirasse o movimento #MeToo por inteiro. O ajuste de contas já era um risco para o presidente, que ainda enfrentava várias denúncias de conduta sexual imprópria. E agora ameaçava seu indicado à Suprema Corte. Apenas dois meses antes, Trump havia zombado da hashtag #MeToo em um comício político e defendido um membro do Congresso acusado de ignorar acusadoras de abusos sexuais quando trabalhava como assistente de um treinador de luta greco-romana na Ohio State University.⁹ “Não acredito em uma palavra do que *elas* dizem. Eu acredito é *nele*”, dissera o presidente.

Juristas se dividiam. Referências da área, promotores e advogados de defesa mais antigos diziam a Megan que, se os detalhes da queixa de Ford fossem verídicos, se os dois garotos a tivessem prendido no quarto e aumentado a música, se Kavanaugh tivesse tampado a boca dela quando tentara gritar, então ele havia cometido um crime grave. No sistema de Justiça criminal, o testemunho de uma única vítima confiável tinha peso: testemunhas oculares, DNA e outros tipos de indícios corroborantes não eram necessariamente obrigatórios para haver condenação.

No entanto, outros ressaltavam por que as leis de prescrição existiam. “Oponho-me à indicação de Kavanaugh, acho que os senadores deviam votar ‘não’ com base em seu desempenho jurídico, mas fico incomodada em assegurar que seu comportamento quando adolescente nos diz alguma coisa sobre seu ‘caráter’ atual”, tuitou Rosa Brooks, professora de direito em Georgetown que havia atuado em dois governos democratas.¹⁰ Ela destacou que “depois de 35 anos, é quase impossível conduzir uma investigação integral e justa”.

Naquela tarde, Jodi falou com Katz, que estava em um estado de ansiedade novo e mais avançado. “Estou com medo pela minha cliente”, disse a advogada. “Ela vai ser aniquilada pela Casa Branca.” Katz tampouco confiava nos democratas. Como as eleições de meio de mandato eram dali a dois meses, temia que tentassem usar Ford para se promover.

Antes de desligarem o telefone, a advogada tinha mais um detalhe a acrescentar. Estava muito além do extraoficial, alertou.

“Minha cliente não pode depor”, ela disse.

Estava fora de cogitação, Katz continuou. Ford dera tudo de si para fazer a matéria do *Post*, e tinha imaginado que, depois que o artigo fosse publicado, pouco seria exigido dela. Tinha medo de câmeras e de avião e não queria voltar a Washington. Se membros da Comissão Judiciária do Senado quisessem interrogá-la na Califórnia, ela aceitaria. Mas ser bombardeada por senadores na televisão ao vivo? Aquilo não ia acontecer, Katz afirmou.

Mas na manhã seguinte, segunda-feira, 17 de setembro, Katz estava nos programas de notícias matinais, garantindo aos âncoras que sua cliente estava pronta para depor perante o Congresso.¹¹

“A resposta é sim”, Katz disse à CNN quando lhe perguntaram objetivamente.

Era o blefe da vida dela. Nada tinha mudado desde a véspera. Ford mal sabia que a advogada estava dando tal garantia na televisão.

“Precisávamos dizer que ela iria”, Katz explicou depois.

Semanas antes, Katz, Banks e Seidman tinham pedido cautela a Ford, conscientes dos perigos da exposição. Mas agora achavam que o melhor caminho era que testemunhasse em uma audiência aberta, com câmeras, pois estavam convictas de que, quando os americanos a vissem e a ouvissem por conta própria, acreditariam em seu relato. Falar aos senadores ou à equipe

deles a portas fechadas só daria a chance de que deturpassem, ocultassem ou simplesmente desmerecessem as palavras de Ford.

Naquele momento, achavam que a prioridade era preservar as opções dela. “Se tivéssemos sido ambíguas, teríamos parecido fracas”, Katz justificou. Os republicanos diriam que Ford não era séria o bastante para dar as caras e enunciar sua acusação. “Se você cede, já era”, disse Katz. Portanto, elas mergulharam de cabeça, decidindo negociar o formato e o momento do depoimento, protelando-o ao máximo, ganhando mais alguns dias para a cliente se acostumar com a ideia. (E, elas pensavam, para que novas alegações pudessem vir à tona.) Se Ford não estivesse disposta a se apresentar depois, tudo bem — melhor se dobrar mais tarde do que capitular logo no começo.

“Você precisa confiar em nós, precisa ter várias opções na manga”, as consultoras disseram a Ford. “É você quem vai mandar na situação.”

Está bem, respondeu Ford. Mas eu não vou, nunca, ela afirmou à sua equipe. As consultoras tomaram as rédeas em seu nome, abrindo um caminho na esperança de que ela as seguisse, e se tornando mais uma potência crescente.

Como o Senado era republicano, o presidente da Comissão Judiciária, Chuck Grassley, controlava em quase todos os aspectos o desenrolar das audiências sobre Kavanaugh.¹² Logo atrás dele estava o senador Mitch McConnell, o líder da maioria republicana, conhecido pelas táticas agressivas, inclusive impedindo que o ex-presidente Barack Obama escolhesse o juiz que ocuparia a vaga aberta na Suprema Corte em seu último ano de mandato.

Mas Grassley e Trump prometiam que tratariam Ford com respeito, talvez um sinal do que havia mudado no ano anterior. Naquele verão, a Comissão Judiciária do Senado fizera uma audiência em que Grassley e outros membros tinham criticado veementemente as denúncias de assédio sexual dentro do poder judiciário federal.¹³ Os republicanos no poder pareciam ávidos por respeitar Ford. Também pareciam atentos aos ângulos potencialmente nocivos de um confronto entre os membros do partido na Comissão Judiciária, todos homens, contra uma mulher vulnerável, como ocorrera nas audiências de Clarence Thomas. Consta que os assessores de Trump lhe ressaltavam que seria um erro político ele partir para o ataque. “Ela não deve ser ofendida”, a conselheira presidencial Kellyanne Conway

disse a repórteres na entrada da Casa Branca, naquela manhã. “Ela não deve ser ignorada.”¹⁴ Com as eleições de meio de mandato se aproximando e os republicanos já perdendo o eleitorado feminino, pareciam quase reverentes a Ford. Naquela postura, a equipe de Ford viu uma base.

O plano era que Seidman rascunhasse os termos da equipe a portas fechadas, enquanto Katz e Banks negociavam diretamente com a assessoria de Grassley.

Mas, sem que os telespectadores soubessem, Katz tinha outro segredo além da cliente relutante naquela manhã. Depois de aparecer na televisão, ela pegou o carro e foi para o hospital, pôs um avental de paciente, entregou o celular à esposa e foi anestesiada. Justamente naquele dia, passaria por uma cirurgia nos seios havia muito aguardada.

Anos antes, Katz sobrevivera ao câncer de mama e havia se recuperado totalmente. Mas, assim como muitas mulheres, fizera um implante que precisava ser substituído. Tinha marcado a cirurgia semanas antes, e o plano de saúde não permitira que ela mudasse a data.

Ela já tinha jurado a Ford que aquilo não seria um problema. Jodi e Megan se lembraram da cirurgia de Laura Madden logo depois da matéria sobre Weinstein. A situação ali era ainda mais precária, no entanto, pois Katz ficaria inconsciente quando tinha muito trabalho a fazer. Estaria a advogada tão determinada quanto ao depoimento que negociaria com Grassley ainda grogue da anestesia?

Já Seidman estava fora da cidade. Sua mãe havia falecido uma semana antes, e ela fora a Atlanta cuidar de questões familiares.

No escritório de advocacia, na Connecticut Avenue, Lisa Banks monitorava a situação com uma sensação crescente de pânico. O gabinete de Grassley já mandava mensagens pedindo para agendar um telefonema com Katz e a cliente, e seus assessores não sabiam por que a advogada não respondia.

“Sinceramente, não sei como deixei que ela escapulisse do meu campo de visão”, Banks meio que brincou em uma mensagem de texto à esposa de Katz. “É merda pra tudo quanto é lado. E eu tentando lidar sozinha com o futuro do país. Uma pessoa mais fraca, no meu lugar, ia beber ou fazer coisa pior. Por favor, diga a ela que está tudo bem e apague isto.” Ela terminou com um emoji de martíni.

À medida que o dia passava, ativistas do #MeToo continuavam a se

mobilizar, sem fazer ideia de que Ford não pretendia testemunhar e de que sua principal representante estava deitada em uma mesa de cirurgia.

No dia seguinte, uma terça-feira, Katz despertou na fazenda da família, em um recanto de Maryland. Estava com pontos, inchaço e ordens do médico para ficar longe do escritório pelo menos por alguns dias. Ela se absteve de tomar qualquer remédio que pudesse toldar seu raciocínio, recostou-se na cama e abriu o laptop para avaliar os e-mails dos assessores do senador Grassley e começar a negociação.

Como primeiro passo, a equipe de Ford já tinha requisitado que o FBI investigasse a alegação de Ford, numa tentativa de que agentes da lei imparciais tentassem elucidar o que havia acontecido naquele dia três décadas antes. Porém, o FBI se negava a se envolver, declarando considerar encerrada a investigação dos antecedentes de Kavanaugh. Os republicanos da Comissão Judiciária do Senado insistiam que o grupo tinha autoridade e habilidade para investigar o caso.

A equipe de Ford rejeitava propostas do comitê de Grassley de que entrevistassem Ford a sós. Portanto, agora era uma questão de negociar os termos de uma audiência, inventando as regras durante o processo. Naquela manhã, em um artigo de opinião no *New York Times*, Anita Hill expunha em voz alta suas preocupações quanto àquela possibilidade.¹⁵ Vinte e sete anos antes, durante seu depoimento, os membros da comissão “atuaram de tal forma que concederam aos superiores licença para lidar mal com queixas de assédio no ambiente de trabalho ao longo das décadas seguintes”, ela escreveu. O fato de que a comissão, constituída por alguns dos mesmos senadores, ainda não tivesse um protocolo específico para avaliar acusações de assédio ou agressão sexual contra um indicado sugeria que “pouco tinha aprendido com a audiência a respeito de Thomas, e ainda menos com o recente movimento #MeToo”, ela constatava. Tudo o que tivesse a ver com o modo como Ford lidaria com a comissão estava em aberto: o momento, o formato, a questão de quem mais poderia participar.

Nos dias seguintes, os dois lados trocaram e-mails cuidadosamente elaborados e telefonemas sucintos. Katz e Banks pressionaram a comissão a intimar Mark Judge, o velho amigo de Kavanaugh e, segundo Ford, a outra pessoa no quarto durante o ataque. Assim como Ford descrevera na carta a

Feinstein, ela se lembrava de tê-lo visto depois, no mercado do bairro, nitidamente incomodado, como se ele se sentisse mal pelo ocorrido. Alcoólatra em recuperação, Judge tinha escrito dois livros de memórias sobre a vida na escola preparatória de Georgetown, que descreviam uma exacerbada cultura de festas com comas alcoólicos regulares.¹⁶ Um livro, *Wasted: Tales of a GenX Drunk* [Embriagado: Histórias de um bêbado da Geração X], mencionava um Bart O’Kavanaugh, em uma suposta referência velada ao juiz, e uma noite em que tinha “vomitado no carro de alguém” e “apagado ao voltar de uma festa”. No mínimo, a equipe de Ford imaginava que Judge pudesse confirmar as bebedeiras excessivas do velho amigo.

Como a comissão poderia descobrir a verdade sem pedir que Judge testemunhasse pessoalmente?, Katz e Banks se perguntaram. A assessoria de Grassley se recusou, declarando que não acatava pedidos de intimação de testemunhas como condição para que depusessem. A equipe dele preferiu aceitar uma declaração por escrito de Judge, em que ele admitia ter sido amigo de Kavanaugh no ensino médio, mas dizia não se recordar de nenhuma festa semelhante e nunca ter visto Kavanaugh agir como Ford descrevera.¹⁷ A assessoria também aceitou uma declaração por escrito similar de P.J. Smyth, outro amigo de Kavanaugh que Ford se lembrava de estar presente na ocasião, afirmando que ele não se lembrava da festa, sabia que Kavanaugh era uma pessoa de “grande integridade” e nunca o tinha visto se envolver em condutas inadequadas com mulheres.¹⁸

Os republicanos tinham eliminado possíveis testemunhas, reduzindo a situação a: você acredita nela ou nele?

No tocante à correspondência oficial, a equipe de Ford tentava conter sua revolta. Uma vez que estavam lidando com uma instituição como o Senado, o mundo inteiro estava de olho. Ford havia pedido que as advogadas cooperassem ao máximo com a comissão. Ela insistia que sua denúncia não era uma medida partidária e que teria se pronunciado mesmo se Kavanaugh fosse de seu partido. Não era claro se entendia que muitos a viam por outro prisma: ela trabalhava com advogadas democratas, as quais havia descoberto por meio do principal membro democrata da Comissão Judiciária do Senado, e com Seidman, uma funcionária de governos democratas, fazendo uma acusação que poderia derrubar o escolhido dos republicanos à Suprema Corte. Para Mike Davis, o membro da equipe republicana que encabeçava as negociações da comissão, a impressão, segundo ele diria mais tarde, era de

que a equipe de Ford tinha explorado as alegações dela para fins políticos, e de que arrastar a negociação fazia parte de uma estratégia coordenada para sabotar a indicação de Kavanaugh.¹⁹

De volta a Palo Alto, presa em um hotel, Ford recebia relatos das negociações, mas não se mantinha a par de tudo, ela explicaria depois. Encontrara alento em grande parte das reações à matéria do *Post*, inclusive da parte de colegas de trabalho, que se prontificaram a defender seu caráter, e de ex-colegas do ensino médio, que divulgaram uma carta dizendo que o suposto ataque era “extremamente coerente com as histórias que escutamos e vivemos” na época. “Nem acredito que a imprensa, e amigos de todas as épocas da minha vida, departamentos de Stanford, docentes da Universidade de Palo Alto estão prontos para ajudar”, Ford disse a Katz por mensagem no dia em que a matéria foi publicada.

Mas naquela quinta-feira, ela ainda não havia se comprometido a ir a Washington. Quando insistiu um pouco, Ford resistiu:

Ford: Estou me sentindo pressionada demais neste momento

Katz tentava ser paciente, mas não tinha como fazer a Comissão Judiciária do Senado esperar para sempre.

Katz: Acredite — não quero ser mais uma a pressionar. Só estou a par dos limites de tempo. A gente precisa mandar um e-mail para grassley e Feinstein logo

Ford: Não posso ir ☹ A Washington

Katz: Não faz mal. A gente pode recuar baseado no fato de que eles não criaram regras justas. Esse é o próximo passo correto

No entanto, a advogada precisava do sinal verde da cliente para continuar com as negociações.

Katz: Para deixar claro: tudo bem para você que a gente mande o e-mail, o que a gente precisa fazer logo. Mas quer que deixemos claro que se eles não concordarem com condições justas que sejam justas e garantam sua segurança você não vai se apresentar

Ford: Quero que você saiba enquanto escreve isso que não tenho como garantir que vou a Washington ☹ Posso ver a versão final?

Ford: Estou com tanto medo que não consigo respirar

Ford continuava sem entender o que estava acontecendo de fato. (Era um padrão: tinha escrito a carta a Feinstein sem assimilar plenamente seu potencial de vazamento; tinha seguido em frente com a matéria do *Post* convencendo-se de que já estaria fora dos noticiários dali a uma semana.) Semanas antes, tentara fazer uma intervenção pequena, discreta, mas a cada etapa as coisas iam ficando mais difíceis e maiores. Agora tinha que fazer uma escolha que mudaria sua vida e talvez a do país, e tentava evitá-la. Katz, Banks e Seidman a empurraram ao longo do processo, dizendo: deixa com a gente. Não queriam ir contra os desejos da cliente, mas estavam tomando as rédeas, decididas a levar Ford adiante.

Naquela noite de quinta-feira, Ford entrou em um restaurante francês escuro que ficava escondido em uma ruazinha sossegada de San Francisco. Coburn, outro advogado de Washington que lhe prestava assessoria, estava na cidade, ávido para finalmente conhecê-la em pessoa. Quando se sentou diante dele, Ford apontou para o próprio boné. “É meu disfarce”, ela disse, tentando forçar um sorriso.

No decorrer do longo jantar, Ford esclareceu por que tinha tanto medo de ir a Washington. Sua família havia sido obrigada a contratar seguranças particulares 24 horas por dia. Ela ainda não sabia se seria seguro voltar para casa. Já tinha passado por muita perturbação e risco.

Ela apertou o play do celular à mesa de jantar. “Sua vaca mentirosa!”, exclamou uma voz que saía do telefone.²⁰ O advogado disse a Ford que ela tinha razão em se assustar com as mensagens e a incentivou a compartilhá-las com o FBI. “Você tem três meses”, dizia outra voz. Outros repetiam frases similares e soavam como se tivessem vindo da mesma máquina de alteração de vozes, o que a levava a pensar que podiam ser coordenadas. “Não mexa com meu garoto Brett.” “Não mexa com meu garoto Trump.”

No dia seguinte, sexta-feira, 21 de setembro, Katz foi ao consultório médico tirar os pontos. Na sala de espera, olhou para a televisão. Os republicanos estavam perdendo a paciência.

A CNN exibia uma lista confidencial das exigências que Katz enviara à equipe de Grassley,²¹ aparentemente vazada por um dos membros da

assessoria dos republicanos. Agora, Trump não fazia rodeios ao pôr em dúvida as acusações de Ford, tuitando: “Não tenho dúvida de que, se o ataque à dra. Ford tivesse sido tão ruim quanto ela diz, queixa teria sido prestada imediatamente na polícia local ou por ela ou por seus amorosos pais”.²² Em uma reunião com ativistas evangélicos, McConnell prometeu que o Senado “abriria o caminho” e confirmaria a indicação de Kavanaugh.²³

Naquela noite, a equipe do Judiciário republicano anunciou que a comissão inteira votaria a confirmação de Kavanaugh na segunda-feira seguinte, 24 de setembro.²⁴ Ponto-final. Se Ford quisesse aparecer, precisava confirmar imediatamente, naquela sexta-feira, até as 22h. Os âncoras dos noticiários noturnos falavam como se o assunto já estivesse encerrado. “Estávamos prestes a entrar sob um rolo compressor”, disse Katz.

Trabalhando do escritório, Katz e Banks, com café à mão, redigiram uma carta pública incendiária endereçada à equipe de Grassley, acusando-a de intimidar uma mulher vulnerável que estava enfrentando ameaças de morte.

“A imposição de prazos agressivos e artificiais concernentes à data e às condições de qualquer audiência criaram uma angústia tremenda e injustificável na dra. Ford”, escreveram. “Sua indiferença para com uma sobrevivente de violência sexual que está fazendo o possível para cooperar com a comissão é totalmente inadequada.”

“O prazo de 22h é arbitrário. Seu único intuito é amedrontar a dra. Ford e privá-la de sua capacidade de tomar uma decisão ponderada cujas consequências podem mudar a vida dela e de sua família”, prosseguiram. “Nosso humilde pedido é de que tenha mais um dia para se decidir.” As duas mandaram a resposta diretamente a membros da imprensa, e ela foi divulgada na TV no mesmo instante.

Duas horas depois, Grassley tuitou o anúncio de sua concessão em um formato estranho, que fazia com que parecesse estar postando uma mensagem dirigida ao juiz:²⁵

Juiz Kavanaugh acabo de conceder outra prorrogação à dra. Ford para que ela decida se quer levar adiante a declaração que fez na semana passada de que vai depor ao senado Ela deve decidir para que possamos ir em frente Eu gostaria de ouvi-la. Espero que entenda. Não é minha atitude normal ficar indeciso

Sem plano e sem controle democrata de qualquer poder do governo, Katz, Banks e Seidman haviam arranjado para que Ford depusesse segundo o cronograma delas, embora a cliente não tivesse sequer se comprometido a fazê-lo. Mais tarde, o mundoalaria da força do depoimento de Ford sem compreender o papel menos visível que as outras mulheres tinham exercido.

Mas agora precisavam levá-la a Washington.

No sábado, já estava claro que Ford jamais daria um “sim” firme e final à ideia de depor em uma audiência pública. Sua ambivalência era paralisante. Portanto, as consultoras trabalhavam em conjunto, persuadindo-a passo a passo.

Um compassivo executivo do setor tecnológico ofereceu seu jatinho particular para que Ford fosse a Washington. Ela avisou à equipe que qualquer menção a aviões a deixaria ainda mais nervosa, não menos. Katz lhe enviou fotos do jatinho mesmo assim, para transmitir a realidade da situação.

Em seguida, as advogadas pediram a Ford que pensasse em quem convidaria a ir a Washington se resolvesse seguir em frente. O avião acomodaria alguns amigos. O marido ficaria em Palo Alto cuidando dos filhos; ambos estavam determinados a não perturbar a vida deles além do necessário. Ford pensou em quem eram seus amigos mais serenos. Uma era mãe de trigêmeos e tivera uma quarta menina menos de dois anos depois. Ela havia lhe servido de confidente naquele verão, desde as conversas na praia em Santa Cruz. Saberria como ajudar Ford a manter a calma. Assim como Keith Koegler, seu amigo e confidente, que entregaria uma declaração juramentada à Comissão Judiciária do Senado em quealaria que anos antes Ford havia lhe contado que fora agredida por um juiz importante. Dois amigos, docentes da Escola de Medicina de Stanford também seriam de grande valia.

Discutindo as situações hipotéticas, Katz, Banks e outros consultores convenceram Ford a ir a Washington para falar com os senadores. No domingo, a equipe dela e a assessoria de Grassley enfim chegaram a um consenso: a audiência seria na quinta-feira seguinte, 27 de setembro.

Mas, naquele domingo, 23 de setembro, toda a dinâmica da briga acerca de Kavanaugh se alterou. O material sobre o qual a equipe de Ford havia passado semanas se perguntando finalmente chegou: duas outras acusações contra o juiz, que vieram à tona quase ao mesmo tempo. De repente, ele era retratado sob uma luz muito mais sombria, como um criminoso reincidente.

A *New Yorker* publicou o relato de Deborah Ramirez, alegando que Kavanaugh havia se exposto a ela durante uma festa regada a bebida quando eram colegas de classe em Yale.²⁶ Ela dizia que estivera embriagada “no chão, confusa, engolindo as palavras” quando Kavanaugh pressionara o pênis contra o rosto dela, e ela o tocara ao tentar afastá-lo. “Brett estava rindo”, Ramirez havia declarado. “Ainda vejo o rosto dele, o quadril vindo à frente, como quando você puxa a calça para cima.”

Praticamente no mesmo instante, Michael Avenatti, advogado que representava Stormy Daniels, a estrela pornô que aceitara um acordo com Trump, tuitou mais acusações sinistras contra Kavanaugh, feitas por uma nova cliente:²⁷

Estamos cientes dos indícios significativos das muitas festas caseiras na região de Washington, DC, no começo da década de 1980, durante as quais Brett Kavanaugh, Mark Judge e outros participavam de ataque a mulheres com álcool/drogas para que um “trem” de homens depois as estuprasse coletivamente.

Avenatti não deu nome à sua cliente, mas publicou perguntas sugestivas endereçadas ao juiz no Twitter, tais como “Você já visou uma ou mais mulheres para sexo ou estupro em uma festa caseira?”. Ele afirmava ter várias testemunhas prontas para depor.

Enquanto Katz, Banks e Seidman acompanhavam os desdobramentos, acreditavam que Ramirez falava a verdade sobre Kavanaugh e que a acusação ajudaria a aumentar a credibilidade de Ford. Mas achavam que o que Avenatti estava fazendo parecia mais um espetáculo, algo que poderia prejudicá-las.

Na manhã daquele mesmo domingo, Rebecca Corbett, trabalhando de casa, em Baltimore, sabia o que estava por vir por parte da *New Yorker*, da maneira como jornalistas de veículos concorrentes muitas vezes sabem: por meio de apurações entrecruzadas e fontes em comum. Quando soube que a matéria

estava prestes a ser publicada, ela presumiu que a revista tivesse o furo, e pediu a seus repórteres que comesçassem a rascunhar um artigo que resumisse as descobertas da concorrente. Aquele tipo de matéria, humilhante de se escrever, tinha um nome no jornalismo: “seguimento”.

Mas assim que Corbett, Baquet e Purdy leram a matéria da *New Yorker*, naquela noite, Corbett mandou os repórteres pararem. A revista tinha conseguido algo crucial que o *New York Times* não havia obtido: uma entrevista com Ramirez. Alguns dos aspectos da história eram semelhantes à de Ford, mas o artigo da *New Yorker* não incluía testemunhas oculares. (Um colega de classe anônimo disse ter ouvido falar do incidente, mas declarou não o ter visto.) As pessoas que Ramirez dizia que estavam na festa negaram que o incidente acontecera ou disseram não se recordar da festa.

Porém, o relato de Ramirez vinha com outros asteriscos. Reconhecia-se que ela havia relutado em falar, em certa medida porque tinha lacunas de memória devido à embriaguez, e que tinha precisado de seis dias examinando suas lembranças para descrever com segurança o papel de Kavanaugh no suposto incidente. (Ronan Farrow, coautor da matéria, explicou depois que muitas vítimas enfrentam falhas de memória e que os seis dias eram um sinal de seu cuidado.) Se Ramirez havia apontado Kavanaugh como seu agressor a outros antes que ele fosse indicado, a *New Yorker* não tinha dado nenhum exemplo. Talvez tivessem mais provas, extraoficiais, que amparassem o relato de Ramirez, mas elas não estavam na matéria.

A prática habitual no jornalismo era de que concorrentes tentassem seguir as reportagens uns dos outros quanto a assuntos relevantes. Se o *Post* tinha um furo sobre as negociações de Trump com a Rússia, o *New York Times* tentava fazer reportagens sobre o mesmo material, e vice-versa, não só para informar os próprios leitores como para confirmar a história. Era como cientistas fazendo revisão por pares: se equipes diferentes, até mesmo rivais, conseguissem executar os mesmos experimentos com os mesmos resultados, as descobertas eram mais confiáveis. Nas matérias sobre Weinstein, os artigos do *New York Times* e da *New Yorker*, de modo geral — se não totalmente —, eram coincidentes, um sinal da força do material.

A situação agora era outra. Os repórteres do *New York Times* também tinham entrevistado dezenas de ex-colegas de classe e de alojamento nos dias anteriores e não tinham achado ninguém com conhecimento em primeira mão do incidente. Além do mais, o *New York Times* tinha descoberto que Ramirez

dissera a alguns ex-colegas de Yale que não podia ter certeza de que o homem que se expusera era Kavanaugh. Os editores do *NYT* não estavam tirando conclusões sobre o que havia acontecido na festa daquela noite — só que, com base em suas próprias reportagens, a alegação não era suficientemente fundamentada para que uma matéria de seguimento independente fosse publicada.

Os tuítes de Avenatti apresentavam uma série de questões diferentes e muito mais graves. Ele fazia denúncias veladas de estupro coletivo contra o juiz sem nem dizer quem era a acusadora. O advogado parecia ter seus próprios interesses. Ao representar Stormy Daniels, Avenatti distribuía informações à imprensa enquanto cultivava as próprias ambições presidenciais. Quando a história se desenrolara, meses antes, o impetuoso advogado explicara a Corbett que daria algumas dicas ao *New York Times* e a outros órgãos da imprensa, mas sua principal estratégia era chegar à televisão. “Vou dormir com você, mas não vou me casar com você”, ele dissera.²⁸

Naquele domingo, Corbett instruiu os jornalistas do *New York Times* a continuar atrás de detalhes das novas acusações. Mas a matéria daquela noite sobre a política do futuro depoimento de Ford só mencionava as queixas de Ramirez no 14º parágrafo, além de destacar as descobertas divergentes feitas pelo *NYT*.²⁹ Não fazia menção a Avenatti e sua cliente anônima.

Na manhã de segunda-feira, os republicanos já usavam os pontos fracos das novas alegações para defender Kavanaugh com mais ferocidade. A suposição da equipe de Ford, de que as outras acusações reforçariam a história de sua cliente, parecia ter sido um engano. Na verdade, poderia desacreditar o relato dela. Uma semana antes, Kellyanne Conway argumentava que Ford merecia ser ouvida. Agora, em uma participação no *CBS This Morning*, Conway dizia que as denúncias contra Kavanaugh “estavam começando a parecer uma enorme conspiração dos esquerdistas” e insinuava que o juiz era vítima da “demanda reprimida” de vítimas de assédio e violência sexual.³⁰

Do púlpito do Senado, McConnell acusou os democratas de participar de uma “campanha difamatória vergonhosa” contra o juiz. Estimulado, Kavanaugh divulgou uma carta dizendo que não arredaria o pé.³¹

Mike Davis, funcionário republicano da Comissão Judiciária do Senado, disse mais tarde que o aparecimento de Avenatti tivera um significado

especial. “Ele entrou de cabeça na história e a transformou em um circo, minando a credibilidade das outras acusadoras”, disse Davis.³²

Na manhã de quarta-feira, 26 de setembro, véspera do depoimento, Ford estava escondida no hotel Watergate, escolhido menos pelo legado do que pela localização, longe do centro de Washington.

Ford havia chegado no dia anterior, em um jatinho emprestado, com um Lorazepam receitado para ajudá-la a relaxar, ela explicou depois. Assim que desembarcou, Conway, justamente ela, se materializou, aparentemente à espera do embarque em outro avião. Ford abaixou o boné sobre a cabeça enquanto os amigos que a acompanhavam desde a Califórnia a ladeavam, num gesto de proteção, mas Conway não deu sinal de que a havia reconhecido. Não era de surpreender: embora Ford estivesse bem no centro dos noticiários, o público não sabia como era sua voz ou sua aparência. Só haviam publicado uma foto tirada décadas antes, em que ela estava de óculos escuros. No hotel Watergate, estava tão protegida que sempre que abria a porta do quarto, o segurança no quarto ao lado abria a porta dele em uníssono. Até a manhã seguinte, ela ainda seria praticamente um mistério para o país.

Enquanto seus amigos saíam para visitar os monumentos de Washington, Ford ia à sala de conferências no primeiro piso do hotel. Katz e Banks estavam lá, trocando informações entre o escritório e a sala secreta de ensaio. Assim como Larry Robbins, que continuava a orientar Ford nos bastidores, e Michael Bromwich, ex-colega de Robbins, que passara a fazer parte da equipe na sexta-feira anterior e ajudara na última rodada de negociações com a Comissão Judiciária. Seidman trabalhava do outro lado do corredor.

O sinal de wi-fi era fraco na sala apertada e despretensiosa, mas alguém tinha providenciado para cada cadeira à mesa de reunião blocos e canetas com o logotipo do Watergate e garrafas de água. Katz, uma advogada júnior de seu escritório e Bromwich haviam rascunhado um discurso de abertura a partir dos detalhes que Ford tinha lhes dado e relatado ao *Post*, evitando a linguagem sexualmente explícita que sabia que incomodava sua cliente. Ford leu o rascunho e reescreveu o discurso quase todo. “Risquei quase tudo”, ela disse. Não por erros factuais, mas porque não soava como ela. “Não era meu jeito de falar. Não estava na ordem certa. Eu tinha que usar minhas palavras.”

Ford escreveu e reescreveu, como fazia ao elaborar artigos científicos, ignorando os advogados na sala.

Bromwich e Robbins passaram uma hora orientando Ford quanto a certas perguntas que imaginavam que ela enfrentaria durante a audiência e deram explicações gerais de como lidar com a posição de depoente: você está lá para dizer a verdade; não se preocupe com o resultado, eles disseram. Se os senadores usarem palavras ambíguas, não especule sobre o que queiram dizer. Se fizerem uma pergunta em três partes, peça que façam uma de cada vez. Bromwich disse que se sentaria ao lado de Ford durante a audiência. Quando os senadores parassem, ela devia olhar para eles, respirar fundo e não se preocupar com o que estavam dizendo.

Robbins e Bromwich, ambos especialistas em depoimentos ao Congresso, sabiam que a chave do bom desempenho dentro daquele formato era ensaiar antes, prever as perguntas, refinar as respostas. Todo mundo ensaiava para depoimentos no Congresso, mesmo no tocante a questões legislativas corriqueiras. Não praticar respostas era considerado um ato imprudente, até um pouco temerário. Os advogados teriam que ser muito rápidos ao treinar Ford: alguns executivos de empresas passavam semanas, meses até, se preparando para falar ao Congresso, e eles só tinham um dia.

Ford fez algumas anotações, mas achou difícil se concentrar porque os advogados falavam todos ao mesmo tempo. Quando pediram que praticasse as respostas, ela se negou. “Foi muito teimosa”, Robbins disse.

Dali a menos de 24 horas, Ford prestaria o depoimento mais delicado que Washington ouviria em anos. Para evitar a impressão de haver uma fila só de interlocutores homens e republicanos, os senadores cederiam seu tempo para questionamentos a uma experiente promotora chamada Rachel Mitchell. Todo mundo, não somente os senadores, estaria atento a fraquezas, incoerências ou momentos desairosos da parte de Ford.

Ford não estava inquieta. Para ela, era como praticar para um teste cujas respostas já sabia. Estava confiante quanto a quais dados conhecia e quais desconhecia. Ensaio nenhum mudaria aquilo.

Só estava preocupada com um aspecto. “Não tenho certeza se vou conseguir fazer isso diante das câmeras”, ela disse à equipe. Então reiterou uma pergunta que vinha fazendo havia dias: por que não podia lidar com os questionamentos da Comissão Judiciária do Senado em uma audiência fechada?

Foi Seidman quem tomou as rédeas. Em uma conversa em particular com Ford, ela reiterou o que Katz e Banks vinham falando havia dias: a única forma de garantir que seu relato fosse transmitido com precisão e integridade era com uma audiência televisionada. Era o que Kavanaugh também faria. “Está bem”, Ford respondeu.

Seidman enfim se convenceu de que Ford iria adiante. Mas Katz e Banks não tinham tanta certeza assim.

Naquela tarde, Jodi pegou o trem rumo a Washington, procurou o endereço do escritório de advocacia de Katz e Banks, achou um café a poucos passos do escritório e se preparou para passar horas esperando. Katz não a convidara. Não conhecia Banks e ainda não tinha trocado nenhuma palavra com Ford. Àquela altura, ela e Megan só sabiam de uma coisinha aqui e outra ali do que acontecia nos bastidores. Quando Jodi avisou a Katz que estava comprando uma passagem de trem, a advogada declarou que não tinha como prometer nada em relação ao que poderia ver. Mas ela e Megan concordaram que uma das duas precisava ir a Washington para o que estava para acontecer, testemunhando-o da maior proximidade possível, enquanto tentavam entender o que significaria.

No fim daquela tarde, Jodi estava sentada no mesmo café quando Katz e Banks apareceram para buscá-la e levá-la até lá em cima, para presenciar os últimos momentos dos preparativos. Lá em cima, os advogados estavam animadíssimos. O escritório havia se transformado em um centro de comando, cheio de lembranças das reações disparatadas à história da cliente. Por conta das ameaças recebidas pelos advogados, havia seguranças à porta. Mas o espaço também estava repleto de símbolos de incentivo, como buquês de flores enviados por desconhecidos para Ford, agrupados desordenadamente na mesa de Katz. Tantos biscoitos tinham chegado que eles haviam sido empilhados em cima dos arquivos.

Apenas uma equipe pequena de advogados e estrategistas, em sua maioria mulheres, que haviam se voluntariado a ajudar Ford continuavam no escritório. Estavam cheios de energia, otimistas e desafiadores.

A caminho do elevador, Katz pegou de uma mesa um exemplar impresso do *New York Times* e fez um gesto triunfante apontando para a manchete: “Bill Cosby, antes um modelo de pai, agora é um presidiário”.³³ Na véspera,

ele fora sentenciado a passar de três a dez anos na prisão, um momento de chamado à responsabilidade que muitos achavam que jamais aconteceria. Comentaristas diziam que era o primeiro grande veredicto da era #MeToo. Katz sentia que a história estava do seu lado.

Porém, ao mesmo tempo, Trump aparecia na televisão, detonando as acusações contra Kavanaugh como parte de uma enorme “armação” democrata,³⁴ um dos desdobramentos que Megan monitorava de Nova York. O presidente usava o caso Kavanaugh para reafirmar sua própria inocência e se colocar como vítima. “Faz muito tempo que sou uma pessoa famosa, mas tive que lidar com muitas acusações falsas contra mim, acusações falsas mesmo”, Trump disse. “Então, quando vejo isso, vejo diferente de alguém que está em casa assistindo à TV e dizendo: ‘Ah, o juiz Kavanaugh isso ou aquilo’. Aconteceu comigo um monte de vezes.”

Trump mais uma vez mirava a cobertura de Megan e Barbaro acerca do tratamento que dispensava a mulheres, chamando-a de “apuração falsa” e “fake news”. Trump também falou de “quatro ou cinco mulheres que ganharam rios de dinheiro para inventar histórias sobre mim”. Não havia indícios que sustentassem a alegação dele. Mas o empenho de Lisa Bloom para conseguir doações de democratas importantes às possíveis acusadoras de Trump fora documentado pelos jornalistas, armando-o de um tema de debate que, depois de alterado e exagerado, o ajudava a defender sua posição.

Ford foi se deitar às 22h, torcendo para conseguir ter uma noite inteira de sono. Duas horas depois, estava de pé. Tomou um banho e viu TV até o amanhecer. “Estava esperando, pronta para ir logo e encerrar o assunto”, ela disse depois.

A manhã foi uma bruma de preparativos. Uma cabeleireira apareceu para arrumá-la. Quando Ford se olhou no espelho, não parecia ser ela mesma, com as pontas do cabelo enroladas. Como alguns de seus consultores haviam desconfiado, e com razão, que a acadêmica da Califórnia não tinha o tipo de roupa normalmente usado em audiências do Congresso, encomendaram onze terninhos diferentes que tinham sido entregues no hotel no dia anterior. Para Ford, eram muito escuros e caros — muito Costa Leste. Ela escolheu um que não era preto, um azul-escuro com o qual poderia lecionar, e um alfaiate surgiu para ajustá-lo.

Duas colegas de Stanford, uma que tinha viajado no jatinho particular e outra que por acaso estava na cidade, tomaram café da manhã com ela no quarto. Enquanto discutiam os artigos científicos que estavam escrevendo, Ford se viu entrando no estilo profissional que pretendia adotar na audiência.

Um carro esportivo Chevrolet Suburban estava à espera. Ela foi ao Capitol Hill acompanhada de Katz, Banks, Bromwich, Robbins e dois seguranças. O carro parou em um estacionamento subterrâneo, então ela foi conduzida pelas entranhas do Congresso, atravessando um corredor e subindo uma escada até uma passagem ampla cheia de portas de gabinetes. As pessoas espiavam, tentavam vê-la. Em pouco tempo, ela e sua equipe chegaram a uma sala própria, uma sala que parecia um escritório, a algumas portas de distância da sala de audiências, onde poderiam descansar e se recompor nos intervalos. Ford ainda estava editando o discurso de abertura que carregava em um fichário, obcecada por cada palavra. Ela disse que riscou “gritei” e trocou por “berrei”.

Quando Grassley fez uma breve visita à sala, Ford sorriu e trocou gracejos com ele. Continuava decidida a ser o mais simpática possível em todas as etapas.

Os consultores de Ford tinham pressionado a Comissão Judiciária a fazer a audiência em uma das salas menores, pois achavam que aquilo diminuiria o nervosismo dela. Ninguém tinha sido explícito com Ford no tocante à transmissão do depoimento: outra medida que atenuava a imponente e a relevância que a discussão quanto a um evento no ensino médio havia adquirido. Katz e Banks se preocupavam com a possibilidade de que Ford congelasse de medo.

Quando a sessão foi iniciada, ela começou a ler sua declaração sem fazer muita ideia da impressão que estava causando.³⁵ Vinha contando aquela mesma história o verão inteiro. Passara a noite em claro. Em seu primeiro momento ao microfone, solicitara cafeína. O ambiente lhe parecia estranho, com os senadores acima dela. As luzes eram de uma claridade avassaladora, como se estivessem em uma sala de cirurgia.

Sua voz estava rouca de emoção, mas ela não capitulou. As palavras e imagens que havia escolhido com tanto cuidado eram particularmente evocativas. Ford falou de Kavanaugh lutando para se livrar do maiô que ela usava debaixo da roupa, e do barulho dos garotos “batendo nas paredes” ao descer a escada enquanto ela se escondia no banheiro.

“Tenho que reviver esse trauma diante do mundo, e ver minha vida esmiuçada pelas pessoas da televisão, do Twitter, de outras redes sociais, outros órgãos de imprensa, que nunca me viram nem falaram comigo”, ela disse. “Sou uma pessoa independente, não sou fantoche de ninguém. Minha motivação ao me apresentar foi de ser útil e mostrar com fatos como os atos do sr. Kavanaugh prejudicaram minha vida, para que os senhores os levem em consideração ao decidir como agir.”

Ford estava acostumada com perguntas e respostas devido às muitas horas passadas em conferências científicas, e agora usava aquela experiência, tentando se exprimir com clareza e precisão. Ela não se importou com as trocas com Rachel Mitchell, a promotora a quem os republicanos haviam cedido o tempo que tinham para interrogá-la. Ao contrário dos senadores, a promotora estava sentada no mesmo nível que ela, o que ajudava na sensação de que se tratava de uma interação entre seres humanos, Ford explicou. E as primeiras rodadas de perguntas lhe pareceram respeitosas.

Mas, com o avançar da sessão, Ford foi se alarmando. O foco das perguntas de Mitchell estavam mudando. Como Ford viajara a Washington? Sob que circunstâncias fizera o teste do detector de mentiras? Tudo aquilo parecia secundário e confuso, ela disse. No último intervalo, Ford já estava exausta. Não queria mais voltar.

Quando sua vez ao microfone finalmente terminou, Mitchell se aproximou.

“Vou rezar pela sua segurança”, disse a promotora. Ford ficou apavorada. Sabia de algo específico que Ford deveria temer?

De volta à sala particular, os consultores de Ford estavam sorridentes e lhe teciam elogios. Ela gostou dos comentários, mas ainda via a situação sob um prisma acadêmico. “Quando você dá uma palestra de ciência, fala do que sabe”, ela explicou. “Não tem ‘muito bem!’” Mas, em termos de transmitir seu relato, ela achava que tinha se saído bem — tinha dado o sangue, declarou mais tarde, usando uma de suas adoradas analogias esportivas. Quando o senador republicano Jeff Flake, do Arizona, considerado um voto indeciso, parou para dar um oi, ela o cumprimentou com simpatia. Ainda tinha pouca noção do poder e da ressonância de sua voz país afora.

Jodi, que havia pegado emprestado um passe para a sala de audiência abarrotada e entrado de fininho perto do fim da fala de Ford, assimilava suas primeiras impressões daquela mulher. Estava de frente para os senadores, sentada a uma enorme mesa de madeira, ladeada por Katz e Bromwich.

Como Jodi só conseguia ver seu cocuruto, o que mais se destacava era sua voz. Era inesperadamente infantil, mas tinha autoridade, em certa medida por ser muito precisa. No depoimento, parecia se dedicar a dar todas as respostas da forma certa. Ao contrário do caso Weinstein, em que a voz das vítimas foi mediada por jornalistas, o mundo via e escutava a narração sem filtros da própria mulher.

Muitos espectadores acharam que ela era uma testemunha tão irrefutável que a indicação estava praticamente morta. Na emissora C-SPAN, sobreviventes de violência sexual ligavam para contar sua história.³⁶ “Faz anos que não toco nesse assunto, mas ouvi o depoimento e estou de coração partido”, disse uma mulher de 76 anos. Trump disse ter achado Ford “muito convincente” e “uma testemunha com bastante credibilidade”.³⁷ No *New York Times*, editores e repórteres estavam prontos para cobrir o recuo de Kavanaugh caso fosse necessário.

Assim como muitos outros espectadores, Jodi e Megan não tinham certeza do que esperar quando chegasse a vez de Kavanaugh se pronunciar na audiência. Poderia o distinto juiz federal se colocar acima daquilo tudo, lembrando ao mundo do respeito que acumulara ao longo da carreira? Talvez ele fosse dizer que sinceramente não se recordava de nenhum incidente parecido, mas que deveria ser julgado por sua conduta adulta. Tal tática havia ajudado outras figuras a repudiar relatos nocivos sobre seus atos na juventude. Na corrida presidencial de 2000, George W. Bush desmerecera histórias sobre seus excessos com bebida, dizendo: “Quando eu era jovem e irresponsável, eu era jovem e irresponsável”.³⁸ Foi uma das frases mais eficazes de deturpação autobiográfica no mundo, transformando o ex-garoto festeiro em um sujeito consciente das próprias limitações e empático — ninguém queria ser avaliado segundo os piores momentos da juventude.

Mas ficou logo claro que não era aquela a intenção de Kavanaugh. Quando foi sua vez de se sentar à mesa de madeira lustrada, ele reconquistou o terreno, em uma refutação arrebatadora e contundente da acusação de Ford, sob juramento. “Eu categórica e inequivocamente nego a acusação que a dra. Ford faz contra mim. Nunca tive nenhum encontro sexual ou físico de qualquer tipo com a dra. Ford. Nunca estive em uma reunião como a descrita

pela dra. Ford. Nunca agredi sexualmente a dra. Ford ou quem quer que seja”, ele afirmou.

Jodi tampouco via o rosto dele, apenas uma massa de cabelo grisalho sobre ombros quadrados. Mas ela o ouvia, e ouvia seu ataque de raiva, quase como se cuspsse seu discurso de abertura ao ar. Sua atitude era oposta à de Ford. Ela soara comedida, calma, educada, não muito política, louca para agradar, salpicando seu depoimento de terminologia científica, como que para validar o que dizia. Ele era estridente, mordaz, e francamente partidário. “Essas duas semanas de operação foram um golpe político calculado e orquestrado, alimentada pela ira reprimida contra o presidente Trump e as eleições de 2016”, ele disse.³⁹

Ao longo de alguns minutos, Kavanaugh pôs o ouvinte no lugar dele, descrevendo uma vida de trabalho duro derrubada por uma série crescente e desenfreada de queixas. Nas semanas anteriores, a cliente de Avenatti, Julie Swetnick, enfim fora a público; em uma declaração juramentada à comissão e depois em uma entrevista televisiva, ela se contradisse e foi considerada, de modo geral, indigna de confiança.⁴⁰

“A história de Swetnick é uma piada”, ele disse. “Isto aqui é uma farsa.”

“Eu queria uma audiência no dia seguinte à denúncia”, ele disse, referindo-se à de Ford. “Mas dez dias se passaram com esses disparates sendo publicados.” Ele mencionou alguns dos boatos mais dúbios que circulavam: “Eu em barcos em Rhode Island, eu no Colorado... Sou visto em todos os lugares, sabe? Essas histórias são publicadas e divulgadas por gente esbaforida nos noticiários da TV a cabo”, ele reclamou.

“Minha família e meu nome foram total e permanentemente destruídos pelas outras acusações cruéis e falsas”, ele disse. Aquela palavra — *outras* — era reveladora.

Kavanaugh forçava um raciocínio mais abrangente, fazia de si o foco do sofrimento masculino, dizia que ele era a vítima, que sua vida inteira de dedicação e zelo, inclusive as horas passadas treinando as filhas no basquete, estava sendo destruída por mulheres que faziam queixas irresponsáveis.

“Se a gente começar a supor que todo americano que bebe cerveja ou todo americano que bebia cerveja no ensino médio de repente é culpado de violência sexual, este país vai se tornar um lugar horrível”, Kavanaugh disse.

Os senadores republicanos usaram o tempo que tinham para fazer perguntas para ecoar o recado dele. Deixaram de lado Rachel Mitchell, que

vinha pressionando Kavanaugh acerca das especificidades dos supostos incidentes, abandonando seu plano de deixar que uma mulher fosse sua voz. Os republicanos, todos homens, se revezaram para exprimir indignação diante do que chamavam de vitimização de um homem honrado.

“Vai ficando cada vez pior”, declarou o senador John Cornyn, do Texas. “A alegação feita pela sra. Ramirez é uma história que nem o *New York Times* quis publicar. E então o advogado de Stormy Daniels inventa uma história inacreditável, acusando o senhor de uma conduta sórdida, obscena. É ultrajante, e tem razão de estar com raiva.”

“Uma desgraça”, disse o senador Orrin Hatch, de Utah. “Infelizmente, este é um dos capítulos mais vergonhosos da história do Senado dos Estados Unidos”, ecoou o senador Ted Cruz, do Texas.

Durante o depoimento, o juiz fez algumas afirmações improváveis. Ele explicou que “Triângulo do Diabo”, um termo que aparecia em seu anuário e que ganhou a atenção da imprensa, era um jogo que envolvia álcool, mas a maioria conhecia a expressão como uma gíria para uma relação sexual entre dois homens e uma mulher. Ele sustentava que a história de Ford tinha sido “refutada pelas mesmas pessoas que ela diz que estavam lá, inclusive uma amiga de longa data”. Não era verdade:⁴¹ a amiga, Leland Keyser, que Ford dizia estar na festa, dissera à Comissão Judiciária, em uma carta escrita por seu advogado, que não se recordava da festa e não conhecia Kavanaugh, mas também disse ao *Washington Post* que acreditava que Ford estava falando a verdade. Quando a senadora Amy Klobuchar, uma democrata de Minnesota, perguntou a Kavanaugh se ele já tinha apagado parcial ou totalmente por embriaguez, ele rebateu perguntando se *ela* já tinha apagado, assumindo a defensiva.

Na sala de audiência, Jodi ficou impressionada com algo não tão palpável na televisão: o tamanho reduzido do ambiente, cheio não só de apoiadores de Ford e de Kavanaugh, mas também de líderes e críticos do #MeToo. Quando Ford encerrou seu depoimento, gritos de “Obrigada, dra. Ford” se misturaram aos berros de “Confirmem Brett!”. Os assentos para visitantes acomodavam apenas oito em cada fila, não muito maior que fileiras de avião. Mulheres com blusas de Kavanaugh estavam bem na frente das que tinham ido apoiar Ford. Tarana Burke, fundadora do movimento #MeToo, foi de tênis, para poder caminhar até as manifestações que aconteciam por todo o Capitol Hill. Ela não estava longe de Ashley Kavanaugh, esposa do juiz, cuja expressão

era de horror. Estavam todos espremidos em um camarote com jeito de oficial, com revestimento de madeira e placas de bronze, para uma briga com regras improvisadas e sem árbitro imparcial.

Na manhã do dia seguinte, Jodi se encontrou com Katz no saguão do hotel Watergate. Na sala de conferências apertada onde Ford tinha se espremido com sua equipe, os apetrechos da preparação continuavam espalhados, com conjuntos organizados de marcadores de texto e M&M's de amendoim. Um segundo depois, Ford apareceu.

Estava completamente igual e totalmente diferente da véspera. As primeiras palavras que saíram de sua boca foram as mesmas que dissera no começo da audiência: ela solicitava cafeína. Estava louca para agradecer, assim como na audiência, perguntando a Katz se tinha sido amável o bastante quando o senador Flake a cumprimentara. (“Você foi um encanto”, a advogada lhe garantiu.) Porém, o terninho formal havia sumido, substituído por um moletom turquesa e sandálias Birkenstock de borracha azul, lembretes de que aquela pessoa tivera sua identidade e sua vida representadas apenas parcialmente nas poucas horas que havia passado sob o olhar do público. Ela voltava a parecer californiana, com o cabelo ainda desarrumado pela noite de sono. No pulso, tinha uma pulseira fina de prata em que se lia “Corajosa”.

Depois de sua partida do Capitol Hill, na véspera, havia enfim se permitido desabar um pouco. Não tinha assistido ao depoimento de Kavanaugh. Na noite anterior, os amigos e sua família tinham se reunido em uma sala do Watergate para uma festinha de “graças a Deus acabou”, na qual os convidados de Palo Alto haviam conhecido os amigos do ensino médio. Uma amiga daria uma entrevista à televisão sobre Ford, e ela lhe agradecera por aquilo. Seus pais também tinham estado presentes. Enquanto todo mundo batia papo e bebia, Ford se deitara em um banco acolchoado bem ali, no meio da festa, e fechara os olhos.

O avião de Ford partiria em breve. Ela estava ansiosa para voltar ao Oeste, para ganhar distância do suplício de Washington. Ao falar de quando poderia voltar a morar em casa, concentrava-se na retomada de sua antiga vida e rotina. Parecia quase impossível: sua história estava causando um impacto sísmico nacional, cultural e político.

Algumas horas depois, quando a Comissão Judiciária se preparava para enviar a indicação ao pleno do Senado, Katz e Banks, na sala de reuniões do escritório, acompanhavam minuto a minuto a cobertura televisiva. Jodi se sentou com elas, observando as advogadas, que esperavam para descobrir se o depoimento da cliente influenciaria o resultado da indicação.

Katz andava de um lado para outro, trocando mensagens com Ford, que estava voando. A espera era uma agonia, e o resultado que as advogadas desejavam — que o senador Jeff Flake ou outro republicano votasse “não” — era improvável. Portanto, enquanto as manchetes e imagens passavam, sem nenhuma notícia de verdade, Jodi fez às advogadas uma pergunta mais abrangente: quanto havia realmente mudado no último ano e qual seria o legado do depoimento de Ford?

“Se a indicação dele for confirmada, vou ficar na dúvida se a situação melhorou”, declarou Banks, a pessimista da dupla.

Katz, ainda acreditando na possibilidade, não deixou aquela resposta no ar. Ela sentia que Ford havia desafiado normas sociais datadas e que aquilo só fora possível porque o movimento #MeToo lhe dera uma abertura e porque o padrão já tinha mudado. “Um ano atrás, ela jamais teria podido depor”, argumentou.

“As coisas mudaram qualitativamente, *sim*”, ela prosseguiu. “As instituições *não* mudaram. O Senado *não* mudou. O poder deste país está concentrado na Casa Branca e no Senado. Mas isso não significa que o movimento fracassou.” Katz acrescentou que muitos dos adversários de Ford não a tinham chamado claramente de mentirosa, e sim investido em uma teoria excêntrica de que teria se enganado quanto à identidade do criminoso. Era uma forma estranha de progresso, ela disse, mas era um progresso mesmo assim.

“Não estou dizendo que o movimento fracassou”, Banks retrucou. “Estou dizendo que, apesar do poder do movimento, os resultados parecem ser iguais.”

No final das contas, a televisão não deu respostas claras. Depois de ser confrontado dramaticamente por duas sobreviventes de violência sexual no elevador do Capitol Hill, Flake negociou uma pausa no processo, pedindo que o FBI fizesse uma investigação sobre as acusações de Ford, bem como sobre as de Ramirez, antes que o pleno do Senado votasse a indicação de Kavanaugh. Era exatamente o que Katz e Banks tinham tentado, sem sucesso,

semanas antes. Agora, os republicanos da comissão e a Casa Branca aprovaram a solicitação, ávidos para fazer o que fosse necessário para consolidar o apoio de Flake ao juiz.

Jodi voltou a Nova York e Megan chegou para continuar a seguir as advogadas. Na televisão e on-line, observadores anunciavam o adiamento da votação e o lançamento da investigação pelo FBI como uma vitória de Ford, mas Katz e Banks estavam céticas. “A gente continua sem saber como tudo isso vai terminar”, Katz disse a Megan.

Algumas horas depois, na Califórnia, naquela sexta-feira, 28 de setembro, Ford teve um reencontro emotivo com o marido e os dois filhos. Os meninos pulavam, cobrindo-a de abraços, ela disse.

Pela primeira vez em meses, Ford estava quase serena. Sentira certo constrangimento, sentada na frente de todas aquelas câmeras, e certa falta de jeito com Rachel Mitchell. Mas ninguém tinha de fato tentado destruir sua família ou sua carreira acadêmica. Ela presumia que Kavanaugh seria confirmado, como sempre achara. A vitória tinha sido contar sua história ao mundo com dignidade, declarou. Talvez tornasse mais fácil para a próxima geração de vítimas fazer denúncias. E talvez as pessoas que vetassem os candidatos à corte fossem mais cuidadosas da próxima vez.

Enfim, Ford ponderou, poderia retomar sua vida. Ela recusou todos os pedidos de entrevistas, dizendo à sua equipe: “Não quero ser esse tipo de pessoa, só quero voltar a dar aula”.

Mas ela sofreu ataques enquanto os republicanos tentavam aprovar a indicação de Kavanaugh.

Na noite de domingo, Rachel Mitchell enviou um memorando de cinco páginas aos republicanos do Senado que tentavam minar sua credibilidade.⁴² (“É incrivelmente difícil provar um caso em que ‘a palavra dele’ está contra ‘a palavra dela’. Mas este caso é ainda mais fraco.”) Três noites depois, Trump zombou alegremente dela em um comício de campanha em Southaven, Mississippi, mais solto do que nunca.⁴³ (“Como você chegou em casa?” “Não me lembro.” “Como você chegou lá?” “Não me lembro.” “Aonde foi?” “Não me lembro.” “Quantos anos faz?” “Não sei. Não sei. Não sei.” “Em que bairro ficava?” “Não sei.” “Onde era a casa?” “Não sei.” “No primeiro andar, no segundo, onde foi?” “Não sei.”)

Enquanto Trump falava, os republicanos da Comissão Judiciária do Senado soltaram uma declaração juramentada de um homem que Ford namorara no começo dos anos 1990, afirmando tê-la visto usar seu conhecimento de psicologia para treinar uma colega de apartamento que passaria por um detector de mentiras como parte de uma entrevista de emprego na Polícia Federal, uma alegação que parecia concebida para lançar dúvida sobre o teste do detector de mentiras pelo qual Ford havia passado. Ela ficou enfurecida. Uma coisa era críticos dispararem contra ela. Mas aquela mentira também seria nociva à amiga dela, Monica McLean, a ex-agente do FBI que se viu então forçada a negar publicamente ter sido preparada por Ford ou qualquer outra pessoa para passar pelo detector de mentiras.⁴⁴

Aparentemente, o país inteiro tinha opinião formada sobre o que Ford tinha feito. Uma garçonne do restaurante Dale's, em Southaven, Mississippi, mesma cidade onde Trump tinha acabado de discursar, estava entre os indignados.⁴⁵ “As mulheres podem dizer o que bem entenderem”, disse a respeito do movimento #MeToo. “Você sabe tão bem quanto eu que são elas que provocam isso, para subir degraus, para destruir as pessoas de quem não gostam. Para mim, é uma coisa que tem que ficar em segredo. Claro que tem um monte de caras ruins neste mundo fazendo um monte de coisas que não deviam fazer.” Sua própria filha fora vítima de estupro, ela declarou. “Ou seja, eu entendo muito bem disso. Você passa um ou dois anos fazendo terapia, o que for preciso, mas estresse pós-traumático? Não, eu não entendo. É demais. Minha filha seguiu com a vida tranquilamente. Você perdoa, esquece. Não carrega isso pelo resto da sua vidinha de merda.”⁴⁶

Outras proclamavam Ford uma heroína. Vítimas de violência sexual de todos os lugares continuavam a desabafar em reação ao depoimento. Ela recebia dezenas de milhares de cartas de pessoas solidárias que dividiam suas próprias histórias de abuso, agressão e assédio. Celebidades como Ellen DeGeneres e Connie Chung iam a público pela primeira vez, contando as violências que tinham sofrido e citando Ford como motivação.⁴⁷ Manifestantes inundavam o Capitol Hill de uma intensidade que deixava no chinelo os primeiros protestos contra Kavanaugh. A revista *Time* criou em sua capa um tributo visual a Ford, uma imagem de seu rosto feito de frases do depoimento.

Ao falar com o *Washington Post*, ao depor diante das câmeras, Ford

buscara manter o controle da própria história, mas agora seu relato era solapado, anunciado e roubado. Desesperada pela última palavra, Ford recorreu à sua equipe. Havia algo mais que pudesse fazer ou dizer? A equipe a aconselhou a não fazer nada. Ela poderia mostrar um vídeo de um ataque, Katz e Banks lhe disseram, e críticos ainda assim iam desmerecê-la. E ela não tinha como assumir o peso do trauma de todas as sobreviventes.

“Você não tem como aceitar as esperanças, orações e sonhos de todas as pessoas que querem que as mulheres sejam tratadas com respeito”, Katz se lembrou de ter lhe dito ao telefone. “Você não tem como aguentar isso.”

Ford não conseguia entregar os pontos. Na noite de quinta-feira, 4 de outubro, ligou para Katz e Banks. No dia seguinte, o Senado faria enfim a primeira votação para decidir se levaria adiante a indicação de Kavanaugh. No final das contas, a investigação do FBI sobre a denúncia de Ford tinha sido muito superficial: após entrevistar Mark Judge, P. J. Smyth, Leland Keyser e o advogado de uma das testemunhas, o FBI declarou “não haver corroboração”.⁴⁸ Não tinham entrevistado Ford — nem Kavanaugh. As questões sobre o que havia de fato acontecido três décadas antes não foram dirimidas. (A investigação tampouco encontrou algo que corroborasse o relato de Ramirez.)

Mas Ford queria a última palavra. Naquela noite, terminou de escrever uma carta secreta que tinha começado a rascunhar dois dias antes. Era endereçada ao senador Jeff Flake, agradecendo pela gentileza com que ele a tratara.

Naquela madrugada, Banks mandou a carta ao e-mail particular do senador. De manhã, antes da votação, um mensageiro entregou uma cópia impressa no gabinete.

Naquela tarde de sexta-feira, 5 de outubro, o Senado levou a indicação adiante. A última votação provavelmente ocorreria no dia seguinte. Fazia um ano exato que Jodi e Megan tinham publicado a primeira matéria sobre Weinstein, e quase dois exatos desde a divulgação do áudio do *Access Hollywood*.

Megan pegou um trem para Washington e viu Katz do lado de fora do escritório. A advogada segurava o celular entre a orelha e o ombro, com lágrimas nos olhos. A votação acabara conforme o esperado. Ela estava

falando com Ford, e ambas processavam o que havia acontecido. Ford tinha feito muito mais do que o planejado. Ainda assim, o juiz seria membro da Suprema Corte.

“Você fez sua parte, continue firme e forte”, Katz disse ao telefone.

No dia seguinte, Katz, Banks e uma advogada júnior do escritório passaram por centenas de manifestantes e entraram nos salões do Senado, seguidas por Megan, para a última votação da indicação de Kavanaugh. Na galeria do Senado, as advogadas abriram as portas de madeira, desceram os degraus de mármore branco e se sentaram nos bancos azuis. Estavam ali para representar Ford até o último instante, mesmo que fosse simplesmente ficando sentadas na galeria, elas declararam.

As advogadas assistiram, sérias, aos senadores se levantarem para falar que homens inocentes corriam o risco de ser julgados injustamente. A maioria não atacou Ford de forma direta: chamavam-na de marionete dos que tentavam derrotar a indicação de Kavanaugh. Os democratas faziam o oposto, criticando Kavanaugh, louvando suas acusadoras, solidarizando-se com vítimas de violências sexuais. Quando o senador Dick Durbin, um democrata de Illinois, disse que Ford era a definição de dever cívico e se desculpou pelo tratamento dispensado a ela, Katz abaixou a cabeça, comovida.

A preocupação crescente de ambos os lados do debate havia se transformado em fúria. No Capitol Hill, manifestantes contrários a Kavanaugh exibiam enormes cartazes que diziam ACREDITAMOS EM CHRISTINE BLASEY FORD e ACREDITAMOS EM TODAS AS SOBREVIVENTES e confrontavam senadores republicanos em pessoa, e chegaram a aparecer na casa de McConnell com latas de cerveja, em referência aos hábitos de Kavanaugh quando adolescente, berrando “Vira, vira, vira” e “O que é que a gente faz com uma justiça bêbada?”.⁴⁹ Agora, alguns se acotovelavam para entrar na galeria e assistir à última votação. Uma a uma, levantavam-se para berrar suas queixas. Enquanto os seguranças as arrastavam para fora, seus berros ecoavam pelo corredor. “Estou do lado das sobreviventes.” “Este processo é corrupto.” “É uma mancha na história americana.”

Do outro lado da sala, estava sentado Don McGahn, conselheiro da Casa Branca de Trump, vendo os procedimentos com um sorriso no rosto. Quando a votação terminou, o senador McConnell deu uma coletiva de imprensa. Megan notou que ele também irradiava deleite: tinha obtido uma nova maioria na Suprema Corte e talvez também um inesperado bônus político. A

“turba virtual que agrediu todos nós no decurso deste processo empolgou nossa base”, ele disse.

A confirmação de Kavanaugh certamente não seria a medida derradeira do destino do movimento #MeToo. Algumas semanas antes, funcionárias do McDonald’s, inclusive Kim Lawson, a mulher entrevistada por Jodi, tinham feito uma greve de ponta a ponta do país por conta das políticas ineficientes da empresa a respeito de assédio sexual.⁵⁰ Historiadores diziam que era a primeira greve do país relativa ao assédio sexual em um século. Leslie Moonves, o presidente da CBS, se demitiu, tornando-se o primeiro CEO da lista Fortune 500 a perder o emprego naquele ajuste de contas.⁵¹ Na véspera, o comitê do Nobel da Paz anunciou que o prêmio de 2018 seria concedido a Nadia Murad e Denis Mukwege, dois ativistas que se empenhavam para pôr fim à violência sexual. Naquele momento, o *New York Times* terminava uma matéria chocante sobre o Google e os problemas secretos de alguns de seus executivos mais importantes, inclusive do suposto pai dos celulares Android, que havia recebido 90 milhões de dólares para sair da empresa depois que outra funcionária o acusara de tê-la forçado a fazer sexo oral, uma alegação que ele desmentia.⁵²

O debate sobre as acusações de Ford ajudava as pessoas a reavaliar condutas da época de escola, mesmo que apenas em particular. Era ali que acontecia a mudança mais profunda, com conversas públicas dissonantes, muitas vezes insatisfatórias, suscitando conversas íntimas mais contemplativas.

Ford continuava oscilante em seus sentimentos a respeito do acontecido. Nas entrevistas que concedeu a Megan nos meses seguintes, volta e meia ficava triste ou confusa, de vez em quando se mostrava forte e brava, e quase sempre ainda muito angustiada. Devia ter contado sua história? Seria melhor ter guardado segredo? Um dia, Ford listava as razões para não contar da violência sofrida. No dia seguinte, afirmava não se arrepender de nada. Parecia que o dilema que havia sentido no começo, quanto a ir a público, ia durar bastante tempo.

No auge do tumulto sobre Kavanaugh em Washington, o *New York Times* perguntou aos leitores se já tinham agido com mulheres ou meninas de alguma maneira que lhes causasse arrependimento.⁵³ Centenas responderam confessando transgressões, de apalpadinhas a estupros coletivos.

“Acho que ‘conquistá-la’ sexualmente era algo que eu imaginava que

precisava fazer”, escreveu Tom Lynch, declarando ter enfiado a mão por baixo da saia de uma menina em seu baile de formatura, em 1980.

Terry Wheaton, que estava com 82 anos, contou que havia beijado uma colega a força por volta de 1952.

“Sinto muito, Diane”, ele disse.

Epílogo

A reunião

Nos últimos meses de 2018, retomamos a ideia que havíamos cogitado pela primeira vez durante a investigação sobre Weinstein. Na época, lutando para persuadir as mulheres a romper o silêncio, nós nos perguntávamos se não seria de alguma serventia reuni-las para que conversassem pessoalmente. Naquele momento, a ideia parecera impossível, uma ameaça ao sigilo da nossa apuração.

Mas nos pegamos considerando a possibilidade de novo, por outros motivos. Percebemos que talvez ajudasse a responder questões pendentes, que se aplicavam a muito mais que só o caso Weinstein: o que aconteceu com as mulheres que se pronunciaram e o que concluíam a partir de tudo o que tinha ocorrido?

Em 16 de janeiro de 2019, doze mulheres que fizeram parte da nossa apuração foram convocadas a Los Angeles, a nosso pedido, para tentar responder a essas perguntas.¹

Foi difícil organizar a reunião. Elas viviam em três países diferentes, então tivemos de dar inúmeros telefonemas e mandamos muitas mensagens para conciliar agendas e explicar nosso objetivo. Não, não seria uma sessão de terapia em grupo. Queríamos conduzir uma entrevista conjunta, com fins jornalísticos. Procuramos uma sala de reunião de hotel onde todas pudessem se encontrar, mas nenhuma nos parecia reservada o bastante. Assim, Gwyneth Paltrow, que planejava participar, ofereceu sua casa em Brentwood, mas pagaríamos pela comida, assim não aceitaríamos algo de valor financeiro

substancial de uma fonte. Para algumas das participantes, as despesas de viagem eram um obstáculo, portanto cobrimos algumas passagens aéreas e alguns quartos de hotel.

Chovia às 18h, quando chegamos junto com nossas fontes e entrevistadas. Os carros estacionaram depois de passar por uma cerca cinza discreta e nos vimos no mesmo tipo de ambiente protegido da casa de Paltrow nos Hamptons, palco da nossa primeira entrevista cara a cara, tantos meses antes. Lá dentro, ocupamos a sala de lazer, nossa sala de reunião principal naquela noite e em parte do dia seguinte, aceitando bebidas e nos acomodando em sofás amplos de frente para uma lareira crepitante.

Pela sala, a história das nossas reportagens ganhava vida. Rachel Crooks, que contara a Megan que fora beijada a força pelo presidente no elevador da Trump Tower, tinha vindo de Ohio, onde ainda lidava com as consequências de ter dividido sua história, o que representara mais oportunidades e problemas do que jamais imaginara. Ver a mulher alta do Meio-Oeste na casa californiana foi chocante para Megan — mas talvez não mais do que tudo o que havia acontecido desde a primeira conversa das duas.

Ashley Judd estava de moletom. Ela chegara direto do aeroporto, vinda da Alemanha, onde morava. Desde que a matéria sobre Weinstein fora publicada, ela havia sido exaltada como uma heroína, ganhado prêmios e aceitado o cargo de professora na Kennedy School, da Universidade Harvard, onde estudara. Começaria a lecionar no outono de 2019, e sua disciplina teria um nome simples: “Líder”. Ia fazer parte do conselho do Time’s Up, a organização para promover ambientes de trabalho seguros e justos, que tinha sido criada em Hollywood, na esteira do escândalo Weinstein, e ido muito além. Também tinha dado entrada em um processo contra o produtor por assédio, difamação e perda de oportunidades de carreira. Desconhecidas volta e meia a abordavam para expressar gratidão, e uma vez chegaram a fazer fila para aguardá-la no desembarque de um voo.

Jodi queria vê-la apertar a mão de Laura Madden, a ex-assistente de Weinstein que relatara ter sido assediada em Dublin décadas antes, e que viria de Gales para o encontro. Elas tinham sido as primeiras mulheres a falar publicamente sobre o produtor. Apesar de toda a firmeza demonstrada em outubro de 2017, Madden continuava a falar baixo, prendendo o cabelo castanho e macio atrás da orelha, explicando que não estava acostumada a compartilhar aquele tipo de coisa com desconhecidos.

Madden tinha viajado com a também ex-funcionária da Miramax Zelda Perkins, que se tornou ativista. Algumas semanas depois que a história de Weinstein veio a público, ela prendeu a respiração e se tornou uma das primeiras de várias mulheres a romper publicamente seu acordo de indenização sigiloso, falando à imprensa sobre tudo, menos a experiência específica e a identidade de Rowena Chiu, a colega que estava tentando proteger.² Na prática, Perkins havia desafiado Weinstein a ir atrás dela judicialmente, mas ele não foi. Na imprensa e no Parlamento britânico, havia elaborado uma defesa pública contra indenizações sigilosas, questionando a ideia de se pagar suborno para silenciar acusações de abuso sexual e outros crimes.³ Perkins era crítica por natureza — traço de personalidade que a induzira a confrontar Weinstein anos antes e agora a fazia desafiar uma prática jurídica comum — e examinou o ambiente com um ar cético.

Entrar na casa de Paltrow era esquisito para ela: haviam se visto antes, quando estavam trabalhando em *Shakespeare apaixonado* e outros filmes, mas uma nunca tinha dividido com a outra sua história quanto à conduta de Weinstein. Paltrow ganhara o Oscar por *Shakespeare apaixonado* alguns meses depois que Perkins assinou a papelada do acordo que apagaria sua história por vinte anos. Agora, as duas louras estavam sentadas lado a lado, no tapete, conversando. Paltrow, ainda com o vestido e a maquiagem da gravação de um programa de entrevistas, foi uma anfitriã tranquila: ela relaxou e deixou que conduzíssemos a reunião.

Kim Lawson, a funcionária do McDonald's com quem Jodi falara pela primeira vez um ano antes, tinha vindo de Kansas City. Desde aquela conversa, ela havia se tornado a líder de uma campanha para forçar a gigante de fast-food e segunda maior empregadora do país a lidar com os casos de assédio sexual no trabalho. Estava acompanhada de Allynn Umel, organizadora da campanha trabalhista. Mas Lawson não parecia precisar que alguém segurasse sua mão: mostrava-se animada, e a julgar pela gargalhada que vinha do outro canto da sala havia se enturmado com as outras rapidamente.

Christine Blasey Ford estava sentada no sofá, ladeada por Debra Katz e Lisa Banks, as duas advogadas que a tinham incentivado a depor. Era um passeio raro: três meses depois da audiência a respeito de Kavanaugh, Ford continuava praticamente escondida. Estava em uma situação bem diferente daquela das outras mulheres na sala. Ainda recebia ameaças de morte. Não

tinha nem sequer voltado às lojas das redondezas por medo de ser abordada por estranhos, que dirá retomar o cargo de professora que tanto adorava. Mas disse a Megan que a viagem a Los Angeles refletia sua nova resolução de se aventurar a sair.

Além daquelas participantes, mulheres cujos nomes tínhamos divulgado, também estava ali Rowena Chiu, que se destacava sob um aspecto importante. Desde que a história de Weinstein viera à tona, ela permanecera invisível, comunicando-se com Jodi por meio da advogada. Nunca tinha sido identificada publicamente ou rompido o silêncio, e não tinha certeza se um dia faria aquilo. Nós a convidamos para a reunião ainda assim, não apesar do silêncio, mas por causa dele: tantas mulheres tinham guardado histórias terríveis só para si. Talvez Chiu pudesse falar das consequências daquela decisão. Mas ela estava ali sob a condição de que o grupo mantivesse seu nome sob sigilo, caso nunca resolvesse vir a público, e de que sua advogada, Nancy Erika Smith, estivesse presente.

Como Chiu tinha continuado escondida, nós a imaginávamos tímida ou sofrida, mas ela era calorosa e autoconfiante, e estava com uma câmera impressionante pendurada no ombro. Seus pais tinham se mudado de Hong Kong para o Reino Unido antes que nascesse, e ela falava com sotaque britânico. Tinha abandonado a vida cinematográfica muitos anos antes, estudado direito, tornado-se consultora administrativa e mudado para os Estados Unidos. Agora escrevia artigos científicos para o Banco Mundial enquanto criava quatro filhos. Ela morava na mesma rua que Ford, por ironia do destino. Para alívio de Jodi, Chiu e o marido não tinham ficado com raiva por conta daquele momento desconfortável na entrada da garagem: entendiam a situação. Ela e Perkins finalmente entravam em contato, tentando compreender quem eram uma para a outra passado aquele tempo todo. Mas Chiu não tinha certeza se falaria na reunião, ela nos avisara. Ainda não tinha contado sua história em voz alta a outro grupo de pessoas.

As mulheres foram simpáticas, mas titubeantes, enquanto começavam a se entrosar. Quase ninguém se conhecia, e o que as aproximava era algo incomum. Todas tinham sido atormentadas pela decisão de divulgar ou não seus relatos de assédio ou violência, em muitos casos com Jodi ou Megan persuadindo-as e incentivando-as pelo telefone. Tínhamos pedido que fossem à reunião preparadas para responder a uma pergunta crucial: depois daquele salto de fé, o que tinham encontrado do outro lado?

Pretendíamos que a entrevista, que começaria naquela noite e entraria no dia seguinte, fosse o mais igualitária possível. O que cada uma tinha a dizer era igualmente relevante. Mas não havia como ignorar as diferenças entre as participantes. No McDonald's, Lawson ganhava dez dólares por hora. Seis meses antes, não tinha onde morar. Não mencionamos aquilo às outras, mas cada mínimo detalhe da casa de Paltrow — uma casa térrea com uma série de ambientes aconchegantes em tons de cinza e branco, salpicados de pequenos luxos como mantas macias e xícaras douradas, tudo interligado por uma cozinha ampla — era um lembrete tangível das diferenças entre as mulheres.

Fizemos uma breve rodada de apresentações, explicando o papel de cada pessoa na nossa apuração, e pouco depois todo mundo estava se acomodando a uma mesa comprida com travessas de comida japonesa — espetinhos, saladas, arroz. As mulheres se alternavam à mesa, todas dizendo algo sobre como tinham resolvido se pronunciar, basicamente recontado as histórias que tínhamos escrito sobre elas, e a conversa começou a esquentar. Na vez de Paltrow, ela levantou o copo e brindou a Judd por ter sido a primeira atriz a romper o silêncio sobre Weinstein.

“Ashley, sinceramente, o que você fez... É muito, muito difícil ser a primeira a falar”, ela disse, reconhecendo que, ao falar oficialmente na primeira matéria sobre Weinstein, Judd tinha feito o que ela mesma não conseguira. “Você foi quem preparou o terreno para todas nos pronunciarmos depois”, ela declarou.

“Sempre me preocupei com você”, Judd respondeu — isto é, sempre se preocupara se Paltrow estaria a salvo de Weinstein na década de 1990.

À medida que a conversa rodava a mesa, algumas experiências em comum começaram a surgir. Crooks explicou que alguns de seus parentes continuaram a apoiar Trump, e não ela. Perkins disse que, apesar de toda a atenção pública que tinha recebido pela batalha contra acordos sigilosos, alguns parentes nunca tinham reconhecido seu empenho.

Depois de se pronunciar, Madden se voltou para Ford e mencionou que em certa medida só conseguira falar sobre Weinstein porque tinha a certeza de que seus encontros com ele eram parte de um padrão predatório mais abrangente.

“Foi incrível como você se levantou sozinha”, Madden disse.

“É, eu não sabia se havia outras pessoas”, Ford respondeu.

A expectativa na sala aumentou um pouco. O grupo só conhecia Ford — seu rosto agora era famoso e sua voz aguda tinha se tornado familiar — através de seu depoimento público. Ela havia começado a falar com as outras sobre os bastidores, relatando suas ponderações na praia de Santa Cruz ao longo do verão, inclusive a ideia inicial de ligar para Kavanaugh antes que fosse indicado e pedir que ele reconsiderasse.

“Eu pensei: ‘Por que a gente não liga para ele e só diz, tipo: *Ei, vamos poupar nossas famílias dessa coisa toda*’”, ela contou.

Quando chegamos a Chiu, Jodi lhe deu uma brecha, perguntando se ela não queria que a pulassem.

“Não, vou aproveitar minha vez”, ela disse. Eram palavras sucintas, mas para Chiu monumentais. “Sou a única da mesa cuja história ainda não veio a público, então a experiência que tenho quanto a contá-la é quase nenhuma”, ela explicou. Afora o marido, sua família ainda não sabia de nada, disse.

“Tenho a impressão de que são poucas as vozes asiáticas que se pronunciam a respeito desse tipo de coisa”, ela prosseguiu. “Não porque não aconteça conosco, mas tenho certeza de que nos Estados Unidos há uma ideia de que somos a minoria-modelo, que não chama a atenção, que não se manifesta, abaixa a cabeça e trabalha muito sem causar problemas.”

Por aquelas e outras razões, Chiu disse, ela agora cogitava romper o silêncio. “A ideia de aparecer e falar de uma coisa que sem dúvida chocaria meus amigos, que mudaria minha vida inteira, é apavorante”, ela constatou. “É muito proveitoso estar aqui hoje para ouvir a opinião de todas, principalmente a respeito de como se manifestaram e o que as levou a falar.”

Assim, o projeto adquiriu mais urgência e concretude. Para nós, a reunião era uma entrevista a ser dividida com os leitores. Para ela, era uma possível ajuda para tomar uma decisão que mudaria sua vida.

Chiu apontou para sua câmera e perguntou se poderia tirar algumas fotos daquela noite e do dia seguinte. Tinha se atribuído a tarefa perfeita: poderia se esconder atrás da lente, ficando invisível se preferisse, observando todas as outras.

O grupo voltou a se reunir na manhã seguinte, formando um círculo aberto nos sofás e poltronas da sala. No meio, uma enorme otomana cinza e branca

servia de apoio para xícaras de café — e vasos de plantas contendo microfones. Ainda era uma entrevista, e estávamos gravando, como todas sabiam. O plano para as próximas horas era simples: pedimos que as mulheres se revezassem, contando o que havia acontecido depois de se pronunciarem, na expectativa de que a conversa surgisse dos relatos. Lá fora, ainda chovia, o que aumentava a sensação de amparo.

Laura Madden continuava nervosa quanto a falar. Estava reticente, e tinha recebido relativamente pouco crédito por sua coragem, continuando a lavar louça e supervisionar os deveres de casa em Swansea. Mas, com o sotaque animado, contou às outras o que tinha acontecido em sua própria cabeça na esteira do caso Weinstein: ela tinha reescrito a história de sua vida adulta.

“Acho que no ano passado, escutando a história de outras pessoas e vendo um documentário que fizeram, sobre os empregados de Londres, e vendo como eu era nova...”, ela se interrompeu, tentando descrever como foi ver sua própria experiência retratada objetivamente na tela. “Pude redefinir a situação e perceber que realmente não foi nada que eu tenha feito de errado”, ela disse. “Foi o que ele fez de errado.”

Ninguém podia devolver os anos que Madden, agora com 48, tinha passado se sentindo mal quanto à época que trabalhara na Miramax ou lhe conceder uma nova carreira ou sucesso financeiro. Mas “só de enxergar isso como um problema *dele* já me ajudou a me entender um pouco melhor”, ela disse.

Paltrow, sentada de pernas cruzadas no tapete, junto ao calor da lareira, descreveu um tipo bem diferente de mudança no entendimento de sua história pessoal e carreira. Depois da publicação da matéria sobre a conduta imprópria de Weinstein, ela descobriu que o produtor a usara — o nome dela, o Oscar dela, o sucesso dela — como meio de manipular outras mulheres vulneráveis. A partir do outono de 2017, Paltrow havia passado muitas horas ao telefone com outras mulheres, que tinham lhe contado que, enquanto as assediava ou violentava, Weinstein volta e meia citava a atriz e sua carreira em ascensão, insinuando que ela teria cedido a ele, o que era falso. “Ele apontava para minha carreira e dizia: ‘Você não quer ter o que ela tem?’.”

Algumas mulheres tinham ido a público. Outras tinham dito a Paltrow que, como haviam sucumbido sexualmente a Weinstein, tinham a sensação de que jamais poderiam se manifestar. Weinstein negou ter feito tais alegações sobre Paltrow, mas aquele parecia ser o motivo pelo qual se preocupava tanto com

a possibilidade de que ela falasse: quando as outras soubessem de sua história, o truque dele cairia por terra.

“Essa foi, de longe, a parte mais difícil, me sentir um instrumento de estupro sob coação”, Paltrow declarou, em lágrimas. “Me sinto quase culpada de certo modo, apesar de ser completamente ilógico.” Enquanto ela falava, o luxo de sua casa de repente parecia um pouco diferente: Weinstein tinha pegado a vida invejável de Paltrow e a usado contra outras mulheres.

Umel, a organizadora da greve das funcionárias do McDonald’s, passou à estrela uma caixa de lenços.

Quando uma falava, todas as outras ficavam atentas, com poucas olhadas para o celular e sem interrupções. Todas eram mensageiras de um mundo estranho: o campo de batalha do Meio-Oeste, o show business, a redoma trovejante das audiências de confirmação à Suprema Corte. As diferenças, em vez de dividir as mulheres, geravam curiosidade e as uniam.

Kim Lawson, a funcionária de 26 anos da rede de fast-food, com o cabelo arrumado em uma trança elegante, vivia a mais de 6 mil quilômetros de Zelda Perkins. A produtora era duas décadas mais velha, falava com um nítido sotaque britânico e usava um suéter com o nome de David Bowie bordado. Mas ambas tinham se jogado no ativismo e, ao se manifestar em sequência, suas palavras ecoaram.

Perkins falou de como se sentiu ao depor sobre acordos de sigilo aos membros do Parlamento: “Para mim, a coisa mais extraordinária foi entrar no Palácio de Westminster e me dar conta de que, como indivíduo, aquilo ali era meu — o Palácio de Westminster era meu, os políticos eram meus”.

Lawson contou ao grupo como foi prestar queixa contra o McDonald’s na Comissão pela Igualdade de Oportunidades de Emprego, o órgão do governo americano encarregado de defender os direitos dos trabalhadores contra a discriminação. “Nunca me senti tão poderosa na vida”, ela afirmou. Poucas das mulheres na sala tinham participado de piquetes, portanto ela descreveu a greve de setembro: os refrãos altos e berros solidários, a oportunidade de conhecer gente, a sensação de energia e camaradagem, os muitos homens que apareceram para apoiá-las, marchando deliberadamente atrás das mulheres. Lawson fizera um discurso, dera entrevistas e empurrara a filha no carrinho de bebê até o fim da passeata. “Está todo mundo com você”, ela disse. “É

assim: você vai me ouvir hoje, mesmo que nunca tenha me dado ouvidos, entendem?”, explicou.

As histórias delas abarcavam uma espécie de inversão poética. Tinham sofrido assédio mas ganhado um novo poder e respeito ao lutar contra a situação. Mesmo nova, Lawson havia se tornado uma espécie de treinadora das outras funcionárias do McDonald’s país afora envolvidas na pressão unificada, orientando-as por correntes de mensagens. Os clientes a olhavam de outra forma. “Você não apareceu na TV falando de assédio sexual?”, eles perguntavam.

“Desde que me manifestei, consegui me tornar a pessoa que estava me tornando aos 24 anos”, Perkins declarou, citando a idade que tinha ao sair da Miramax.

Mas nem Perkins nem Lawson tinham como relatar triunfos completos. As leis que regiam os acordos não tinham mudado no Reino Unido, e Perkins não sabia se chegariam a mudar. O McDonald’s começava a reforçar suas regras, adotando um novo treinamento para gerentes e uma linha direta, e fazia planos de criar pôsteres que dessem às funcionárias instruções para prestar queixa. Mas Lawson ainda não tinha visto nenhuma daquelas mudanças se concretizar em sua unidade, e ainda não estava claro até onde iriam as mudanças nos milhares de ambientes de trabalho da empresa.

“Tem uma parte enorme de mim que mal pode esperar para que isso tudo acabe e eu possa voltar para meus cavalos e minhas ovelhas, para nunca mais ter que falar com jornalistas, aparecer na TV ou fazer qualquer uma dessas coisas de novo”, Perkins disse.

Algumas das mulheres assentiram. Juntas, tinham sido parte de um realinhamento genuíno, mas muito incompleto. Quanto mais de si estavam dispostas a doar à iniciativa?

Depois que Rachel Crooks se manifestou a respeito de Trump, em 2016, ela passou a sofrer de timidez e ansiedade paralisantes, declarou sentada de frente para as outras, com as pernas compridas dobradas sob o corpo. Era a única presente que vivia em uma área rural e conservadora — “mais para uma comunidade #HimToo”, como ela disse.

Após sobreviver a algumas aparições na televisão e a uma coletiva de imprensa sobre a acusação, ela recebera um convite inesperado. Os

democratas da região queriam que se candidatasse à legislatura estadual — uma ideia tenebrosa, Crooks pensou. Críticos já a tinham acusado de contar sua história com Trump com fins políticos. “Seria confirmar o que todo mundo achava, que eu estava fazendo aquilo com segundas intenções”, explicou.

Porém, ela se importava com educação e assistência médica. Quanto ao candidato à reeleição, ele “tinha a aprovação automática do Partido Republicano”, ela disse ao grupo. Talvez pudesse usar sua visibilidade de um jeito positivo, ponderou. “Certa ou errada, eu estaria em melhores condições de arrecadar fundos, porque agora tenho uma voz com projeção nacional”, ela disse. Portanto, Crooks concorreu a um cargo público, aprendendo a encabeçar comícios e fazer discursos, conforme relatou.⁴ Juntou-se a uma onda inédita de candidatas mulheres no país inteiro, e fez campanha para conquistar mais poder político do que as mulheres jamais haviam tido na história dos Estados Unidos.⁵

Ela disse que, na noite em que perdeu a eleição, não chorou nem teve pena de si: os democratas tinham perdido em Ohio na maioria dos casos. Mas, meses depois, tinha dificuldades com o fato de que a campanha consolidara a tendência que os outros tinham de enxergá-la somente pelo prisma da história com Trump. Na televisão, às vezes era rotulada na parte inferior da tela simplesmente de “acusadora de Trump”, uma expressão que sua mãe detestava. “Essa virou sua identidade”, um amigo havia lhe dito recentemente.

“Abriu portas e me deu esse novo caminho, mas também me vincula a um ser humano terrível”, ela disse.

Em silêncio, o grupo pensava no dilema. Crooks vivia um dos medos mais comuns de quando uma mulher cogita denunciar: ser rotulada para sempre. Ford escutava com uma atenção especial. Seus temores coincidiam com o que Crooks descrevia ter enfrentado dois anos antes, inclusive no detalhe de evitar os estabelecimentos de sua cidade. Sentada no sofá, com os óculos vermelhos levantados sobre a cabeça, começou a interrogar Crooks como se ela tivesse um mapa do que viria pela frente.

“Queria saber quanto tempo levou para você conseguir entrar no carro normalmente e ir a um restaurante sem que as pessoas ficassem te olhando e se perguntando se era mesmo você”, Ford indagou. Também enfrentava

dificuldades on-line, inclusive com perfis falsos em redes sociais como se fossem dela, dizendo “eu desminto toda a minha história”.

“Eu fico: ‘não é verdade!’”, contou Ford. “Mas não tenho coragem de entrar nessa conversa com eles. E são muitos, então... a parte das redes sociais... não me dou bem com isso”, ela disse.

“Às vezes eu escrevo uma resposta, só que nunca publico”, Crooks lhe disse. “É bem catártico.”

A reação não foi totalmente negativa, Ford admitiu. Tinham lhe oferecido prêmios, convites, contratos de livros e filmes. A correspondência dela ainda se acumulava, com inúmeras histórias sigilosas de violência — “Cento e setenta e cinco mil cartas de Palo Alto”, Katz acrescentou. E aquelas eram apenas as cartas em papel. As eletrônicas eram ainda mais numerosas. Nelas, e em tudo o mais, as reações ao que Ford fizera eram extremadas.

Fazia horas que as outras basicamente assentiam e faziam perguntas complementares educadas. Agora falavam com intento. Paltrow ofereceu uma analogia esportiva. “Só tentam te derrubar quando você está com a bola”, ela disse, esclarecendo que tinha escutado o ditado do cantor country Tim McGraw.

Ela e Judd — especialistas de longa data em lidar com a exposição pública e as críticas — começaram a orientar as outras sobre como lidar com as opiniões alheias. Judd foi objetiva: pare de ler sobre você mesma na internet, ela ensinou a Ford.

“Se um alcoólatra consegue ficar longe da bebida um dia de cada vez, eu consigo ficar longe dos comentários um dia de cada vez”, Judd explicou. “Estou participando da minha própria autodestruição quando me exponho a esse material”, prosseguiu.

“Então você não entra muito na internet?”, Ford perguntou a Judd, incrédula.

“Estou completamente abstinência de todo o material de imprensa a meu respeito. Isso deve fazer quase vinte anos”, Judd declarou. Ela postava fotos e links nas redes sociais, mas tentava não ler nada que era escrito sobre ela. Em certa medida, era aquele o motivo pelo qual tinha desaparecido no mato depois da publicação do primeiro artigo sobre Weinstein.

Ao falar, estava aconchegada em uma poltrona de tecido rosa de frente para o grupo. Passara o dia sentada ali, assimilando o que as outras tinham a dizer, falando relativamente pouco. Ela parecia ser a única participante que

não fora transformada. Sempre quisera ser ativista, e quando falara oficialmente de Weinstein o mundo confirmara seus instintos.

“Tenho de saber por qual causa estou disposta a morrer”, ela disse ao grupo. “A igualdade entre os sexos é a minha.”

Ao longo do debate, Chiu permaneceu sentada, escutando, falando pouco, de vez em quando tirando fotos das outras. Ninguém a pressionara quanto à decisão grandiosa de declarar publicamente o que tinha lhe acontecido tantos anos antes.

Mas nas últimas horas da reunião, à medida que Ford falava mais, Chiu parecia se agarrar a cada uma de suas palavras. Ford havia se tornado, na cabeça de Chiu, uma espécie de procuradora do que teria que aguentar caso fosse a público. O fato de morarem perto só intensificava a ligação que sentia. Enquanto guardava segredo de sua história, vira suas amigas e vizinhas organizarem uma vigília à luz de velas e entregas de comida à Ford.

Fazia meses que Chiu imaginava a polêmica e as críticas que tinham engolfado Ford acontecendo consigo mesma. A analogia era inexata — o caso Weinstein estava muito mais assentado e era menos controverso —, mas, para ela, era verdadeira. “Imaginei que tudo desabaria na minha cabeça”, Chiu admitiu ao resto do grupo. “Que teria vans de canais de notícias na minha porta. Me preocupava que meus filhos fossem seguidos até a escola.”

O exercício mental tinha um impacto inesperado. Ver Ford de perto — e agora conhecendo-a de perto — havia fortalecido o desejo de Chiu de se manifestar publicamente. Ela disse ao grupo que se sentia mais perto de se unir a elas, de vincular seu nome à sua história. “Não posso dizer que estar nesta sala com vocês todas... não posso dizer que isso não me inspira”, ela declarou.

“Acho que vai mesmo mudar quem eu sou”, acrescentou. Aquele acabou sendo o fio unificador mais forte após horas de discussão: quase todas as mulheres do grupo que se manifestaram publicamente foram transformadas pelo ato e se espantaram com o impacto que compartilhar sua história particular teve sobre outras.

As mulheres espalhadas pela sala interferiram com expressões de apoio. “Se você resolver se manifestar, será um grande passo, um passo rumo ao

crescimento”, disse Lawson. “Não importa quanto tempo levou para dizer alguma coisa.”

“Vá em frente, você tem nosso apoio”, Paltrow declarou.

Ford a interrompeu com uma advertência. “Posso te dizer uma coisa?”, ela perguntou. “Quando eu estava na sua situação, um monte de gente meio que me disse: ‘Faz isso, sim. Vai ser ótimo’. Meio que a mesma coisa que está acontecendo agora.” Mas fora impossível absorver o conselho e principalmente as previsões animadas de que tudo ficaria bem. “Eu nem queria ouvir, era esmagador para mim”, Ford disse.

Ninguém poderia antever o que aconteceria se ela falasse. Previsões eram inúteis. Depois que a história fosse narrada publicamente pela primeira vez, não havia como saber o que aconteceria, quem a leria ou o que outras pessoas poderiam ecoar ou acrescentar, do que poderiam discordar. Não havia garantia de confirmação ou impacto. As consequências poderiam ser dolorosas, empoderadoras ou ambas as coisas.

Mas era o que todo mundo na sala, e mais pessoas fora dela, agora compreendiam: se a história não fosse contada, nada mudaria. Problemas que não são vistos não podem ser enfrentados. No nosso mundo jornalístico, a matéria era o fim, o resultado, o produto final. Mas, no mundo como um todo, o surgimento de novas informações era apenas o começo — da conversa, das atitudes, da transformação.

“A gente continua aqui”, Perkins disse, suscitando risadas, no fim da conversa do grupo. Não falava diretamente com Chiu, mas o recado era claro. “A gente continua sorrindo. Nenhuma de nós morreu por se manifestar. A gente atravessou o fogo, mas todo mundo sobreviveu.”

“Acho que é bem provável que todas se orgulhem das cicatrizes que ganharam”, ela disse.

Ao resumir como o ajuste de contas talvez fosse lembrado um tempo depois, Laura Madden olhou ainda mais longe. “Não somos as primeiras pessoas que falaram”, disse Madden. “Não somos as primeiras *mulheres* que falaram.”

“Nunca vai ter fim”, ela afirmou. “A questão é que as pessoas têm que continuar sempre a se manifestar e não ter medo.”

Algumas semanas depois, Chiu ligou: estava pronta para falar oficialmente e para ter seu nome divulgado.

Ela entendia que mais de oitenta mulheres já tinham se manifestado a

respeito de Weinstein.⁶ Não sabia se o público ainda ia se importar com seu relato. Mas queria falar mesmo assim. Na investigação inicial sobre Weinstein, ela não estava pronta, mas as outras mulheres, em Los Angeles e mundo afora, tinham preparado o terreno. Chiu temia que os processos judiciais contra ele não fossem bem-sucedidos. Portanto, queria ajudar a escrever a história e continuar pressionando por mudanças.

“Não vou simplesmente deixar passar em branco”, ela disse.

Agradecimentos

Se você leu estas páginas, já tem alguma noção das dívidas que temos. Elas são só o começo.

A todas as nossas fontes: obrigada por participar do nosso jornalismo. Algumas de vocês falaram conosco apesar do enorme risco pessoal ou nos confidenciaram histórias que jamais pensaram em dividir com estranhos — e então compartilharam ainda mais coisas para este livro. Muitas se submeteram a interrogatórios longos, repetitivos, ou a linhas de questionamento incômodas. Um agradecimento especial a todo mundo que nos supriu de e-mails, mensagens e outros documentos esclarecedores salpicados por esta narrativa. Um elenco muito maior, de especialistas a pessoas que deram dicas em segredo e que jamais citaremos pelo nome, nos deu orientações essenciais, fornecendo histórias e ideias que ainda ecoam nas nossas mentes.

Além dos colegas retratados neste livro, somos gratas aos jornalistas do *New York Times* que se juntaram a nós no projeto do caso Weinstein, entre eles: Rachel Abrams, Ellen Gabler, Susan Dominus, Steve Eder, Jim Rutenberg, William Rashbaum, Barry Meier, Al Baker, Jim McKinley e a equipe de áudio do *Daily*. A cada passo, recebemos um apoio crucial de Arthur Sulzberger Jr., A. G. Sulzberger, Sam Dolnick, nossos colegas da área de negócios no jornal e dos assinantes, que tornam esse jornalismo possível. Dean Baquet, Matt Purdy, David McCraw, Sheryl Stolberg, Emily Steel, Carolyn Ryan e Michael Barbaro tiveram a generosidade de dar suas opiniões sobre o manuscrito.

Ann Godoff foi a editora invisível deste livro, porém presente em cada uma de suas páginas, e nossa força eletrizante. Ann dotou este projeto de sua visão, clareza e determinação, e de bilhetes tão inspiradores que os grudávamos na parede do escritório. Por tudo isso, somos eternamente gratas. William Heyward e Casey Denis, Sarah Hutson e Gail Brussel, Carolyn Foley e Juliann Barbato contribuíram com muitas horas e anos de experiência para nos ajudar a contar e dividir esta história. Agradecemos pela dedicação extraordinária.

Rebecca Corbett, nossa editora no *New York Times*, é nosso verdadeiro norte. Não só nos guiou durante nossa investigação sobre Weinstein como comentou algumas versões destes capítulos, ajudando-nos a captar e explicar o que testemunhamos.

Alexis Kirschbaum, nossa editora e aliada em Londres, nos deu coisas que nos foram essenciais: ideias, opiniões e amizade. Agradecemos também a Emma Bal e Jasmine Horsey da Bloomsbury Publishing.

Elyse Cheney é nossa agente, casamenteira e guia, e somos gratas por sua tenacidade, sensatez e energia. Também temos uma dívida com os colegas dela, Claire Gillespie, Alice Whitwham, Alex Jacobs e Allison Devereux. Charlotte Perman e Kristen Sena, da Greater Talent Network, cuidaram da nossa agenda de palestras com brilhantismo — sobretudo as visitas às universidades, com perguntas dos estudantes que nos ajudaram a elaborar o que queríamos dizer nestas páginas.

Kelsey Kudak fez a checagem de dados do manuscrito com sensibilidade e empenho, atravessando centenas de páginas de trabalho investigativo complicado e aceitando orientações de duas autoras diferentes com equanimidade. Astha Rajvanshi foi nossa assistente de pesquisa sobre temas amplos e triviais.

Por outros tipos de ajuda essencial, também gostaríamos de agradecer a Joseph Abboud, Kendra Barkoff, Kassie Evashevski, Natasha Fairweather, Jonathan Furmanski, Molly Levinson, Eleanor Leonard, Priya Parker, Melissa Schwartz, Felicia Stewart, Nancy Erika Smith e Josh Wilkinson. Para nossas fotos de orelha, tivemos a grande sorte de contar com um fotógrafo que sabe um bocadinho sobre retratos na família estendida do *Ela disse*: muito obrigada a Martin Schoeller e sua equipe por essas fotos.

Qualquer um que tenha criado filhos consegue imaginar as cenas de trocas de fraldas, mamadeiras e hora de ir para a cama que aconteceram nos

intervalos da reportagem (e às vezes durante ela). Fomos salvas inúmeras vezes por nossas babás, pelos professores das crianças e, acima de tudo, pelas nossas famílias.

De Jodi: Nem tudo na vida acontece na ordem que a gente espera. Durante o período descrito neste livro, precisei dos meus pais, Wendy e Harry Kantor, mais do que nunca desde minha infância, dada a constância de seu amor e do fato de frequentemente aparecerem para cuidar dos meus filhos, diverti-los e conduzi-los. Mamãe e papai; Charlene Lieber, minha segunda mãe; o sereno e valente Fred Lieber; e todo o extenso clã Kantor Lieber: obrigada por nos ajudar a sobreviver a esses anos frenéticos. Donna Mitchell, obrigada por ser uma agente de calma e bondade na vida de nossas filhas, e por dividir os momentos mais e menos importantes conosco.

Ron, mesmo enquanto desencavava histórias de crimes financeiros e investigava para seu próprio livro sobre quanto pagar pelo ensino superior, você apoiou este trabalho com toda a força, me incentivando, alimentando e amparando. Um dos maiores presentes que você me deu na vida foi o post-it que deixou na minha mesa, alguns dias antes da publicação da primeira matéria sobre Weinstein, que dizia: “Você consegue”. Consigo, sim, mas somente com seu amor, auxílio e dedicação.

Talia, você é uma luz, um cofre, e cada vez mais uma formidável parceira de discussões e debatedora. Você entreouviu coisas que nenhuma pré-adolescente deveria ouvir, guardou segredos lealmente, ajudou sua irmã mais nova e manteve a calma enquanto eu vivia absorta em dramas mais vastos. Vê-la expressar quem é de verdade e começar a construir uma vida é fascinante.

Violet, você tinha só um ano e meio quando começamos, e sua inocência a tornou meu refúgio. Os pais deveriam confortar os filhos, mas eu volta e meia me consolava em seus cachos, músicas, palavras inventadas, descobertas e, acima de tudo, na ferocidade do seu abraço.

De Megan: devo muito aos meus pais, John e Mary Jane Twohey, que são minha bússola moral há décadas, reforçando meus princípios, me incentivando a ir atrás da verdade e me levantando sempre que tropeço. Ben e Maya Rutman, Helen e Felix Rutman-Schoeller e Martin Schoeller, sou grata pela bondade infinita e pelas risadas jubilosas. Jenny Rattan-John, você é nossa rocha, nossa professora, um membro querido da nossa família.

Jim, estávamos casados fazia menos de um ano e havíamos acabado de nos

tornar pais quando a investigação sobre Weinstein começou. Nem por um instante você hesitou em apoiar o projeto e depois este livro, mesmo com as férias canceladas, os longos períodos sozinho como pai e as emoções intensas que vieram com este trabalho. Seus abraços calorosos, sua grande capacidade de escutar e suas mensagens encorajadoras me impulsionaram, e sua destreza e sensatez como agente literário foram empregadas nos momentos mais convenientes.

Mira, você aprendeu a andar e a falar no decorrer desta reportagem, e a vivacidade com que agarrou cada etapa de desenvolvimento foi uma grande fonte de inspiração para mim. Fico cada vez mais impressionada e grata ao ver sua determinação, sua sagacidade e seu entusiasmo.

Às nossas filhas e às suas: que vocês encontrem sempre respeito e dignidade no ambiente de trabalho e fora dele.

Notas

Este livro se baseia em três anos de reportagens, estendendo-se da primavera de 2016 até a de 2019, e abrange o tratamento dado pelo presidente Donald J. Trump às mulheres, as décadas de suposto assédio e abuso sexual de Harvey Weinstein, e o caminho de Christine Blasey Ford até acusar publicamente Brett Kavanaugh de agressão sexual. Estas notas visam prover os leitores de um mapa especificando quais são as fontes de cada informação contida no livro.

Conduzimos centenas de entrevistas, falando com quase todo mundo retratado aqui, inclusive Trump, Weinstein e Ford, que detalhou suas experiências para Megan ao longo de dezenas de horas. A equipe jurídica de Ford, Bob Weinstein, David Boies, Lance Maerov, Irwin Reiter e a maioria das supostas vítimas nos concederam múltiplas entrevistas. Parte do que aqui compartilhamos foi originalmente relatado em off, como as primeiras conversas de Jodi com Reiter e a visita-surpresa de Weinstein ao *New York Times* em 4 de outubro de 2017, mas por meio de reportagens adicionais, inclusive retornando às partes envolvidas, fomos capazes de incluir esse material. Ao longo dos últimos dois anos, buscamos múltiplas vezes comentários de Weinstein sobre nossos achados, mais recentemente na primavera de 2019. Kelsey Kudak passou cinco meses verificando os fatos deste livro, muitas vezes acrescentando informações.

Revisamos milhares de páginas de documentos, inclusive processos legais protocolados contra Trump, registros internos da Weinstein Company e correspondência entre Ford e seus advogados. Algumas mensagens de texto,

e-mails e outros registros primários são reproduzidos no livro para que os leitores possam examiná-los diretamente.

Também nos baseamos em reportagens de outros jornalistas, entre eles: Ronan Farrow, Emily Steel e Michael Schmidt.

1. o primeiro telefonema

1. Rose McGowan, mensagem por e-mail para Jodi Kantor, 11 maio 2017.
2. Rose McGowan (@rosemcgowan), “Porque é um segredo de polichinelo em Hollywood e na mídia, e me fizeram passar vergonha enquanto adulavam meu estuprador. #WhyWomenDontReport”, Twitter, 13 out. 2016. Disponível em: <twitter.com/rosemcgowan/status/786723360550035460>.
3. Rose McGowan, *Brave*. Nova York: HarperCollins, 2018.
4. Rose McGowan (@rosemcgowan), “nota de elenco que veio com o roteiro que recebi hoje. Realmente, o nome do astro masculino rima com madame Panhandler hahahaha, é de morrer”, Twitter, 17 jun. 2015. Disponível em: <twitter.com/rosemcgowan/status/611378426344288256>.
5. Rose McGowan (@rosemcgowan), “Tudo bem sentir raiva. Não tenha medo disso. Solte-se. Como uma nuvem de tempestade, ela passa, mas precisa ser reconhecida. #readthis”, Twitter, 3 abr. 2017. Disponível em: <twitter.com/rosemcgowan/status/849083550448193536>; “desmonte o sistema”, Twitter, 4 maio 2017. Disponível em: <twitter.com/rosemcgowan/status/860322650962264064>.
6. Jennifer Senior (@JenSeniorNY), “Em algum momento, todas as mulheres que têm medo de denunciar Harvey Weinstein vão ter que dar a mão e pular”, Twitter, 30 mar. 2015. Disponível em: <twitter.com/jenseniorny/status/582657086737289216>.
7. Jodi Kantor (@jodikantor), “Harvey Weinstein na Marcha das Mulheres em jan. de 2017 em Park City, Utah”, Twitter, 5 out. 2017. Disponível em: <twitter.com/jodikantor/status/916103297097961472>.
8. Sabrina Rubin Erdely, “A Rape on Campus”, *Rolling Stone*, 4 nov. 2014. A *Rolling Stone* se retratou pela matéria em 5 abr. 2015, e encomendou um estudo da *Columbia Journalism Review*, que depois foi publicado pela revista. Sheila Coronel, Steve Coll e Derek Kravitz, “Rolling Stone and UVA: The Columbia University Graduate School of Journalism Report”, *Rolling Stone*, 5 abr. 2015. Disponível em: <www.rollingstone.com/culture/culture-news/rolling-stone-and-uva-the-columbia-university-graduate-school-of-journalism-report-44930>; Ravi Somaiya, “Rolling Stone Article on Rape at University of Virginia Failed All Basics, Report Says”, *The New York Times*, 5 abr. 2015. Disponível em: <www.nytimes.com/2015/04/06/business/media/rolling-stone-retracts-article-on-rape-at-university-of-virginia.html>.

9. Ben Sisario, Hawes Spencer e Sydney Ember, “Rolling Stone Loses Defamation Case Over Rape Story”, *The New York Times*, 4 nov. 2016. Disponível em: <www.nytimes.com/2016/11/05/business/media/rolling-stone-rape-story-case-guilty.html>; Hawes Spencer e Ben Sisario, “In Rolling Stone Defamation Case, Magazine and Reporter Ordered to Pay \$3 Million”, *The New York Times*, 7 nov. 2016. Disponível em: <www.nytimes.com/2016/11/08/business/media/inrolling-stone-defamation-case-magazine-and-reporter-orderedtopay3million.html>; Matthew Haag, “Rolling Stone Settles Lawsuit Over Debunked Campus Rape Article”, *The New York Times*, 11 abr. 2017. Disponível em: <www.nytimes.com/2017/04/11/business/media/rolling-stone-university-virginia-rape-story-settlement.html>; Sydney Ember, “Rolling Stone to Pay \$1.65 Million to Fraternity Over Discredited Rape Story”, *The New York Times*, 13 jun. 2017. Disponível em: <www.nytimes.com/2017/06/13/business/media/rape-uva-rolling-stone-frat.html>.

10. Erik Wemple, “Charlottesville Police Make Clear That Rolling Stone Story Is a Complete Crock”, *The Washington Post*, 23 mar. 2015. Disponível em: <www.washingtonpost.com/blogs/erik-wemple/wp/2015/03/23/charlottesville-police-make-clear-that-rolling-stone-storyisacomplete-crock>; Bill Grueskin, “More Is Not Always Better”, *Columbia Journalism Review*, 5 abr. 2015. Disponível em: <www.cjr.org/analysis/rolling_stone_journalism.php>; Craig Silverman, “The Year in Media Errors and Corrections 2014”, Poynter Institute, 18 dez. 2014. Disponível em: <www.poynter.org/newsletters/2014/the-yearinmedia-errors-and-corrections-2014>.

11. Megan Twohey, “Dozens of Rape Kits Not Submitted for Testing by Chicago Suburban Police Departments”, *Chicago Tribune*, 14 jun. 2009. Disponível em: <www.chicagotribune.com/news/chi-rape-kits14jun14-story.html>; Megan Twohey, “Illinois to Test Every Rape Kit”, *Chicago Tribune*, 6 jul. 2009. Disponível em: <www.chicagotribune.com/news/ctmet-rape-kit-law-20100706-story.html>; Megan Twohey, “Doctors Continue to Operate Unchecked”, *Chicago Tribune*, 23 ago. 2010. Disponível em: <www.chicagotribune.com/lifestyles/health/chi-doctor-sex-charges-gallery-storygallery.html>; Megan Twohey, “The Child Exchange”, Reuters, 9 set. 2013. Disponível em: www.reuters.com/investigates/adoption/#article/part1>.

12. *Celebrity Apprentice: All-Stars*, temporada 6, episódio 1, transmitido em 3 mar. 2013, na NBC; Mark Graham, “Did Donald Trump Just Utter the Most Blatantly Sexist Statement in the History of Broadcast Television?”, VH1, 5 mar. 2013. Disponível em: <www.vh1.com/news/84410/donald-trump-brande-roderickonher-knees>.

13. Associated Press, “For Many Trump Employees, Keeping Quiet Is Legally Required”, *Fortune*, 21 jun. 2016. Disponível em: <fortune.com/2016/06/21/donald-trump-nda>; John Dawsey e Ashley Parker, “‘Everyone Signed One’: Trump Is Aggressive in His Use of Nondisclosure Agreements, Even in Government”, *The Washington Post*, 13 ago. 2018. Disponível em:

<www.washingtonpost.com/politics/everyone-signed-one-trumpisaggressiveinhis-useofnondisclosure-agreements-eveningovernment/2018/08/13/9d0315ba-9f15-11e8-93e3-24d1703d2a7a_story.html>.

14. Michael Barbaro e Megan Twohey, “Crossing the Line: How Donald Trump Behaved with Women in Private”, *The New York Times*, 14 maio 2016. Disponível em: <www.nytimes.com/2016/05/15/us/politics/donald-trump-women.html>.

15. Ibid.

16. Donald Trump, entrevista a Megan Twohey e Michael Barbaro, 10 maio 2016.

17. *Fox and Friends*, “Donald Trump’s Exgirlfriend Says She Was Misquoted in the *Times*”, Fox News, 16 maio 2016. Disponível em: <video.foxnews.com/v/4895612039001/#sp=show-clips>.

18. Donald J. Trump (@realdonaldtrump), “O @nytimes é tão desonesto. A matéria de capa sobre mim que fez tanto sucesso ontem acabou de ser desmontada por Rowanne Brewer, que disse que é mentira!”, Twitter, 16 maio 2016. Disponível em: <twitter.com/realdonaldtrump/status/732196260636151808>; Donald J. Trump (@realdonaldtrump), “Com o depoimento de hoje da mulher no centro da matéria do @nytimes me ataca, mostramos que o artigo é uma fraude!”, Twitter, 16 maio 2016. Disponível em: <twitter.com/realdonaldtrump/status/732230384071680001>.

19. Erik Wemple, “Bill O’Reilly Follows Donald Trump into the Racist Hellhole”, *The Washington Post*, 7 jun. 2016. Disponível em: <www.washingtonpost.com/blogs/erik-wemple/wp/2016/06/07/bill-oreilly-follows-donald-trump-into-racist-hellhole>.

20. David A. Farenthold, “Trump Recorded Having Extremely Lewd Conversation about Women in 2005”, *The Washington Post* (atualizado), 8 out. 2016. Disponível em: <www.washingtonpost.com/politics/trump-recorded-having-extremely-lewd-conversation-about-womenin2005/2016/10/07/3b9ce776-8cb4-11e6-bf8a-3d26847eed4_story.html>.

21. Vídeo, “Trump Responds in 2016 to Outrage over Comments,” *The New York Times*, 8 out. 2016. Disponível em: <www.nytimes.com/video/us/politics/100000004698416/trump-respondstooutrage-over-lewd-remarks.html>; Maggie Haberman, “Donald Trump’s Apology That Wasn’t”, *The New York Times*, 8 out. 2016. Disponível em: <www.nytimes.com/2016/10/08/us/politics/donald-trump-apology.html>.

22. “Transcript of the Second Debate” [transcrição do segundo debate], *The New York Times*, 10 out. 2016. Disponível em: <www.nytimes.com/2016/10/10/us/politics/transcript-second-debate.html>.

23. Megan Twohey e Michael Barbaro, “Two Women Say Donald Trump Touched Them Inappropriately”, *The New York Times*, 12 out. 2016. Disponível em: <www.nytimes.com/2016/10/13/us/politics/donald-trump-women.html>.

24. Rachel Crooks, entrevistas a Megan Twohey, out. 2016-primavera 2019.

25. Eli Saslow, “Is Anyone Listening?”, *The Washington Post*, 19 fev. 2018. Disponível em:

<www.washingtonpost.com/news/national/wp/2018/02/19/feature/trump-accuser-keeps-telling-her-story-hoping-someone-will-finally-listen>.

26. Donald Trump, entrevista a Megan Twohey, 11 out. 2016.

27. Vídeo, “Presidential Candidate Donald Trump Rally in Panama City, Florida”, CSPAN, 11 out. 2016. Disponível em: <www.cspan.org/video/?4167541/donald-trump-campaigns-panama-city-florida>.

28. Jessica Taylor, “‘You Can Do Anything’: In 2005 Tape, Trump Brags about Groping, Kissing Women”, National Public Radio, 7 out. 2017. Disponível em: <www.npr.org/2016/10/07/497087141/donald-trump-caughtontape-making-vulgar-remarks-about-women>; Alan Rappeport, “John McCain Withdraws Support for Donald Trump after Disclosure of Recording”, *The New York Times*, 10 out. 2018. Disponível em: <www.nytimes.com/2016/10/08/us/politics/presidential-election.html>; Jonathan Martin, Maggie Haberman e Alexander Burns, “Lewd Donald Trump Tape Is a Breaking Point for Many in the G.O.P.”, *The New York Times*, 8 out. 2016. Disponível em: <www.nytimes.com/2016/10/09/us/politics/donald-trump-campaign.html>.

29. Josh Gerstein, “Woman Suing Trump over Alleged Teen Rape Drops Suit, Again”, *Politico*, 4 nov. 2016. Disponível em: <www.politico.com/story/2016/11/donald-trump-rape-lawsuit-dropped-230770>; Jane Coaston e Anna North, “Jeffrey Epstein, the Convicted Sex Offender Who Is Friends with Donald Trump and Bill Clinton, Explained”, *Vox*, 22 fev. 2019. Disponível em: <www.vox.com/2018/12/3/18116351/jeffrey-epstein-trump-clinton-labor-secretary-acosta>.

30. abc.com Staff, “Woman Accuses Trump of Inappropriate Sexual Conduct at 1998 US Open”, ABC, 20 out. 2016. Disponível em: <abc7.com/politics/woman-accuses-trumpofinappropriate-sexual-conductat1998usopen/1565005>.

31. Katie Mettler, “She Accused Trump of Sexual Assault, Lou Dobbs Tweeted Her Phone Number”, *The Washington Post*, 14 out. 2016. Disponível em: <www.washingtonpost.com/news/morning-mix/wp/2016/10/14/she-accused-trumpofsexual-assault-lou-dobbs-tweeted-her-phone-number>.

32. Marc Kasowitz, “re: Demand for Retraction”, carta de Marc Kasowitz para David McCraw, 12 out. 2016. Disponível em: <assets.donaldjtrump.com/DemandForRetraction.PDF>.

33. David McCraw, “re: Demand for Retraction”, carta de David McCraw para Marc Kasowitz, 13 out. 2016. Disponível em: <www.nytimes.com/interactive/2016/10/13/us/politics/david-mccraw-trump-letter.html>.

34. Emily Steel e Michael S. Schmidt, “Bill O’Reilly Thrives at Fox News, Even as Harassment Settlements Add Up”, *The New York Times*, 1º abr. 2017. Disponível em:

<www.nytimes.com/2017/04/01/business/media/bill-oreilly-sexual-harassment-fox-news.html>.

35. Karl Russel, “Bill O’Reilly’s Show Lost More Than Half Its Advertisers in a Week”, *The New York Times*, 11 abr. 2017. Disponível em: <www.nytimes.com/interactive/2017/04/11/business/oreilly-advertisers.html>.

36. Emily Steel e Michael S. Schmidt, “Bill O’Reilly is Forced Out at Fox News”, *The New York Times*, 19 abr. 2017. Disponível em: <www.nytimes.com/2017/04/19/business/media/bill-oreilly-fox-news-allegations.html>.

37. John Koblin e Jim Rutenberg, “Accused of Sexual Harassment, Roger Ailes Is Negotiating Exit from Fox”, *The New York Times*, 19 jul. 2016. Disponível em: <www.nytimes.com/2016/07/20/business/media/roger-ailes-fox-news-murdoch.html>.

38. Shaunna Thomas, entrevista a Jodi Kantor, abr. 2017.

2. segredos de hollywood

1. “2017 Cannes Film Festival Red Carpet Looks”, fotos, *The New York Times*, 20 maio 2017. Disponível em: <www.nytimes.com/2017/05/20/fashion/2017-cannes-film-festival-red-carpet-looks.html>.

2. Ramin Setoodeh, “Ashley Judd Reveals Harassment by Studio Mogul”, *Variety*, 6 out. 2015. Disponível em: <variety.com/2015/film/news/ashley-judd-sexual-harassment-studio-mogul-shower-1201610666>.

3. Judith Godrèche, mensagem por e-mail para Jodi Kantor, 13 jun. 2017.

4. Marissa Tomei, entrevistas a Jodi Kantor, 2017-8.

5. Elizabeth Rubin, “Spy, Mother, Comeback Kid: All Eyes Are on Claire Danes”, *Vogue*, 14 jul. 2013. Disponível em: <www.vogue.com/article/all-eyes-on-claire-homeland-claire-danes-and-damian-lewis>.

6. Lisa Bloom (@LisaBloom), “ANÚNCIO IMPORTANTE: Meu livro SUSPICION NATION vai virar uma minissérie produzida por Harvey Weinstein e Jay Z!”, Twitter, 7 abr. 2017. Disponível em: <twitter.com/lisabloom/status/850402622116855809>.

7. Ashley Judd e Maryanne Vollers, *All That Is Bitter and Sweet*. Nova York: Ballantine, 2015.

8. Ashley Judd, entrevistas a Jodi Kantor e Megan Twohey, jun. 2017-jan. 2019.

9. Muitos dos detalhes da criação de Judd são registrados em crônicas na sua autobiografia de 2015, Judd e Vollers, *All That Is Bitter and Sweet*.

10. Diane Rosenfeld, entrevista a Jodi Kantor, 11 maio 2018.

11. Ashley Judd, “Gender Violence: Law and Social Justice”, [Violência de gênero: Direito e justiça social] (dissertação de mestrado, Escola de Governo Kennedy em Harvard, 2015), 2010.

12. “#NastyWoman,” vídeo no YouTube, 00:06:43, ao vivo em State of the Word, postado por Nina Mariah, 11 dez. 2016. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=dvN0On85sNQ>.
13. Ashley Judd, entrevista a Jodi Kantor, 2017; executivos da Copper Fit, entrevista a Jodi Kantor, 2019.
14. Jill Kargman, entrevista a Jodi Kantor, jun. 2017.
15. Jenni Konner, entrevistas a Jodi Kantor, 2017; Lena Dunham, entrevistas a Jodi Kantor, 2017.
16. Tina Brown, entrevista a Jodi Kantor, 26 set. 2017.
17. Gwyneth Paltrow, entrevistas a Jodi Kantor e Megan Twohey, 2017-9.
18. Anita Gates, “Miriam Weinstein, Mother and Backbone of Original Miramax, Dies at 90”, *The New York Times*, 4 nov. 2016. Disponível em: <www.nytimes.com/2016/11/04/movies/miriam-weinstein-died-miramax.html>.
19. “Jade Egg” [ovo de jade], Goop. Disponível em: <shop.goop.com/shop/products/jade-egg?country=USA>; Bill Bostock, “Gwyneth Paltrow’s Goop Settles \$145,000 Lawsuit over Baseless Vaginal Eggs Health Claims”, *Business Insider*, 5 set. 2018. Disponível em: <www.businessinsider.com/gwyneth-paltrows-goop-lawsuit-vaginal-egg-claims-20189>.
20. Jen Gunter, “Dear Gwyneth Paltrow, I’m a Gynecologist and Your Vaginal Jade Eggs Are a Bad Idea”, *Dr. Jen Gunter*, 17 jan. 2017. Disponível em: <drjengunter.com/2017/01/17/dear-gwyneth-paltrowimagyn-and-your-vaginal-jade-eggs-areabad-idea>.
21. Uma Thurman, entrevistas e e-mails com Jodi Kantor, 2017-9.
22. Linda Fairstein, entrevista a Megan Twohey, conduzida em 2009 enquanto trabalhava para o *Chicago Tribune*.
23. Ryan Tate, “Why Harvey Weinstein Thinks He Owns New York Media”, *Gawker*, 2 abr. 2008. Disponível em: <gawker.com/5004915/why-harvey-weinstein-thinksheowns-new-york-media>.
24. David Simon, entrevista e e-mail com Jodi Kantor, 2018-9.
25. James Risen e Eric Lichtblau, “Bush Lets U.S. Spy on Callers without Courts”, *The New York Times*, 16 dez. 2005. Disponível em: <www.nytimes.com/2005/12/16/politics/bush-letsusspyoncallers-without-courts.html>.

3. como silenciar uma vítima

1. A Divisão de Direitos Humanos de Nova York, <dhr.ny.gov>, e o Departamento para Moradias e Empregos Justos, <www.dfeh.ca.gov>.

2. Gerado em 2017 pelo Departamento para Moradias e Empregos Justos da Califórnia.

3. Conferência de anotações e documentos de Katie Benner e Jodi Kantor.

4. Katie Benner, “Women in Tech Speak Frankly on Culture of Harassment”, *The New York Times*, 30 jun. 2017. Disponível em: <www.nytimes.com/2017/06/30/technology/women-entrepreneurs-speak-out-sexual-harassment.html>.

5. Susan Fowler, “Reflecting on One Very, Very Strange Year at Uber”, *Susan Fowler*, 19 fev. 2017. Disponível em: <www.susanjfowler.com/blog/2017/2/19/reflectingonone-very-strange-yearatuber>.

6. Katie Benner, “A Backlash Builds against Sexual Harassment in Silicon Valley”, *The New York Times*, 3 jul. 2017. Disponível em: <www.nytimes.com/2017/07/03/technology/silicon-valley-sexual-harassment.html>.

7. Emily Steel, “At Vice, Cutting-Edge Media and Allegations of Old-School Sexual Harassment”, *The New York Times*, 23 dez. 2017. Disponível em: <www.nytimes.com/2017/12/23/business/media/vice-sexual-harassment.html>.

8. Catrin Einhorn, “Harassment and Tipping in Restaurants: Your Stories”, *The New York Times*, 18 mar. 2018. Disponível em: <www.nytimes.com/2018/03/18/business/restaurant-harassment-tipping.html>; Catrin Einhorn e Rachel Abrams, “The Tipping Equation”, *The New York Times*, 12 mar. 2018. Disponível em: <www.nytimes.com/interactive/2018/03/11/business/tipping-sexual-harassment.html>.

9. Susan Chira e Catrin Einhorn, “How Tough Is It to Change a Culture of Harassment? Ask Women at Ford”, *The New York Times*, 19 dez. 2017. Disponível em: <www.nytimes.com/interactive/2017/12/19/us/ford-chicago-sexual-harassment.html>; Susan Chira e Catrin Einhorn, “The #MeToo Moment: Blue-collar Women Ask, ‘What About Us?’”, *The New York Times*, 20 dez. 2017. Disponível em: <www.nytimes.com/2017/12/20/us/the-metoo-moment-blue-collar-women-ask-what-aboutus.html>; Susan Chira, “We Asked Women in Blue-collar Workplaces about Sexual Harassment: Here Are Their Stories”, *The New York Times*, 29 dez. 2017. Disponível em: <www.nytimes.com/2017/12/29/us/blue-collar-women-harassment.html>; Susan Chira, “The ‘Manly’ Jobs Problem”, *The New York Times*, 8 fev. 2018. Disponível em: <www.nytimes.com/2018/02/08/sunday-review/sexual-harassment-masculine-jobs.html>.

10. Emily Steel, “How Bill O’Reilly Silenced His Accusers”, *The New York Times*, 4 abr. 2018. Disponível em: <www.nytimes.com/2018/04/04/business/media/how-bill-oreilly-silenced-his-accusers.html>.

11. Chai Feldblum, entrevista a Jodi Kantor, 11 maio 2017.

12. Depois de vender a Miramax para a Disney por 80 milhões de dólares em 1993, os Weinstein se separaram da Disney em 2005. Laura M. Holson, “How the Tumultuous Marriage of Miramax and Disney Failed”, *The New York Times*, 6 mar.

2005. Disponível em: <www.nytimes.com/2005/03/06/movies/how-the-tumultuous-marriageofmiramax-and-disney-failed.html>.

13. John Schmidt, entrevistas a Megan Twohey, set. 2017-primavera 2019.

14. Amy Israel, entrevistas a Jodi Kantor, 2017-9.

15. Zelda Perkins, entrevistas a Jodi Kantor, 2017-9.

16. Rowena Chiu, entrevistas a Jodi Kantor, maio-jun. 2019.

17. Donna Gigliotti, e-mails para Jodi Kantor e Kelsey Kudak, nov. 2017-junho 2019.

18. Megan Twohey, Jodi Kantor, Susan Dominus, Jim Rutenberg e Steve Eder, “Weinstein’s Complicity Machine”, *The New York Times*, 5 dez. 2017. Disponível em: <www.nytimes.com/interactive/2017/12/05/us/harvey-weinstein-complicity.html>.

19. Andrew Cheung, entrevista a Jodi Kantor, jul. 2017.

20. Laura Madden, entrevistas a Jodi Kantor, jul. 2017-jan. 2019.

21. Gloria Allred, *Fight Back and Win*. Nova York: HarperCollins, 2006; Gloria Allred, entrevistas a Megan Twohey, out. 2016-primavera 2019.

22. Emily Steel, “How Bill O’Reilly Silenced His Accusers”, *The New York Times*, 4 abr. 2018. Disponível em: <www.nytimes.com/2018/04/04/business/media/how-bill-oreilly-silenced-his-accusers.html>.

23. Rebecca Davis O’Brien, “USA Gymnastics, McKayla Maroney Had Confidentiality Agreement to Resolve Abuse Claims”, *The Wall Street Journal*, 20 dez. 2017. Disponível em: <www.wsj.com/articles/usa-gymnastics-reached-settlement-over-abuse-claims-with-gold-medalist-mckayla-maroney-1513791179>; Will Hobson, “McKayla Maroney Sues USA Gymnastics, Saying It Tried to Buy Her Silence on Abuse”, *The Washington Post*, 20 dez. 2017. Disponível em: <www.washingtonpost.com/sports/mckayla-maroney-sues-usa-gymnastics-sayingittriedtobuy-her-silenceonabuse/2017/12/20/1e54b482-e5c8-11e7-a65d-1ac0fd7f097e_story.html>.

24. Ashley Matthau, entrevistas a Megan Twohey, out. 2017-primavera 2019.

25. Consumer Attorneys of California, <www.caoc.org>.

26. Vários participantes do telefonema, entrevista a Megan Twohey, 2018.

4. “controle positivo de reputação”

1. Brett Anderson, “A History of the Baquets, New Orleans Restaurant Family: From the T-P Archives”, NOLA, originalmente publicado em 20 jul. 2004, republicado em 15 maio 2014. Disponível em: <www.nola.com/dining/2014/05/from_the_t-p_archives_a_short.html>; Brett Anderson, “The Importance of Eddie’s: The Late-Great Baquet Family Restaurant, Remembered”, NOLA, 16 maio 2014. Disponível em: <www.nola.com/dining/2014/05/the_importance_of_eddies_the_1.html>.

2. Informação tirada das entrevistas a Megan Twohey, de 2017 até a primavera 2019, de Boies e dos que estavam familiarizados com sua representação de Harvey Weinstein, e e-mails e outros registros que incluíam comentários feitos por Boies desde 2015 até 2017, bem como os seguintes artigos sobre ele: Daniel Okrent, “Get Me Boies!”, *Time*, 25 dez. 2000. Disponível em: <content.time.com/time/world/article/0,8599,2047286,00.html>; Andrew Rice, “The Bad, Good Lawyer: Was David Boies Just Doing Right by Harvey Weinstein? Or Did He Cross an Ethical Line?”, *New York Magazine*, 30 set. 2018. Disponível em: <nymag.com/intelligencer/2018/09/david-boies-harvey-weinstein-lawyer.html>.
3. Dean Baquet, entrevistas a Megan Twohey e Jodi Kantor, 2018.
4. Lanny Davis, entrevista a Megan Twohey e Jodi Kantor, 3 ago. 2017.
5. Auletta ouviu falar dos acordos enquanto trabalhava num perfil de Harvey Weinstein. Ken Auletta, “Beauty and the Beast”, *The New Yorker*, 8 dez. 2002. Disponível em: <www.newyorker.com/magazine/2002/12/16/beauty-and-the-beast2>.
6. Ken Auletta, Bob Weinstein, David Boies, entrevistas a Megan Twohey, 2019.
7. Megan Twohey, Jodi Kantor, Susan Dominus, Jim Rutenberg e Steve Eder, “Weinstein’s Complicity Machine”, *The New York Times*, 5 dez. 2017. Disponível em: <www.nytimes.com/interactive/2017/12/05/us/harvey-weinstein-complicity.html>.
8. Alana Goodman, “Harvey Weinstein’s ORIGINAL contract with exMossad agents ordered them to prove he was the victim of a ‘negative campaign’ in what was dubbed ‘Operation Parachute’— spying on actresses, close friend designer Kenneth Cole and amfAR”AR, *Daily Mail*, 8 nov. 2017. Disponível em: <www.dailymail.co.uk/news/article-5062195/Harvey-Weinstein-agreed-pay13mexMossad-agents.html>.
9. Entrevistas a Twohey e Kantor de McGowan, Kendall e outros que foram contatados por Seth Freedman em 2016 e 2017, e e-mails enviados por Freedman.
10. Benjamin Wallace, entrevista a Megan Twohey, 2018, e e-mails de 2016 entre Wallace e Seth Freedman.
11. Ronan Farrow, “Harvey Weinstein’s Army of Spies”, *The New Yorker*, 6 nov. 2017. Disponível em: <www.newyorker.com/news/news-desk/harvey-weinsteins-armyofspies>.
12. “Read: The Contract Between a Private Security Firm and One of Harvey Weinstein’s Lawyers”, *The New Yorker*, 6 nov. 2017. Disponível em: <www.newyorker.com/sections/news/read-the-contract-between-a-private-security-firm-and-one-of-harvey-weinsteins-lawyers>.
13. “Diana Filip”, e-mail para Jodi Kantor, 8 ago. 2017. O site associado, Reuben Capital Partners, foi retirado; imagens de tela do site foram publicadas. Alana Goodman, “EXCLUSIVE: The SPY Who Duped Rose McGowan UNMASKED! This is the blonde Israeli military veteran who worked undercover for disgraced mogul Harvey Weinstein and tricked the actress into sharing her memoirs”AR, *Daily Mail*, 8

nov. 2017. Disponível em: <www.dailymail.co.uk/news/article-5064027/Israeli-military-vet-duped-Rose-McGowan-revealed.html>.

14. Alexandra Pechman, “Gloria Allred and Lisa Bloom Are the Defenders of Women in 2017”, *W*, 21 jul. 2017. Disponível em: <www.wmagazine.com/story/gloria-allred-lisa-bloom-donald-trump-blac-chyna-lawyer>.

15. Megan Twohey, e-mail para Lisa Bloom, 1º nov. 2016.

16. Stephen Feller, “Trump Rape Accuser Cancels Press Conference after Death Threats”, *United Press International*, 3 nov. 2016. Disponível em: <www.upi.com/Top_News/US/2016/11/03/Trump-rape-accuser-cancels-press-conference-after-death-threats/2381478150421>.

17. Kenneth P. Vogel, “Partisans, Wielding Money, Begin Seeking to Exploit Harassment Claim”, *The New York Times*, 31 dez. 2017. Disponível em: <www.nytimes.com/2017/12/31/us/politics/sexual-harassment-politics-partisanship.html>.

18. Lisa Bloom, entrevista a Kantor e Twohey, 2019; Lisa Bloom e-mail para Megan Twohey, jun. 2019.

19. Tamara Holder, entrevistas a Megan Twohey, verão 2018-primavera 2019; e-mails entre Tamara Holder e Lisa Bloom; Lloyd Grove, “Clients Turn on ‘Champion for Women’ Lisa Bloom after Her Scorched-Earth Crusade for Harvey Weinstein”, *The Daily Beast*, 26 out. 2017. Disponível em: <www.thedailybeast.com/lisa-bloom-has-files-on-rose-mcgowan-s-history-inside-her-scorched-earth-crusade-for-harvey-weinstein>; Emily Steel, “Fox Is Said to Settle With Former Contributor Over Sexual Assault Claims”, *The New York Times*, 8 mar. 2017. Disponível em: <www.nytimes.com/2017/03/08/business/fox-news-roger-ayles-sexual-assault-settlement.html>.

20. A reportagem de Twohey sobre a amfAR incluía entrevistas dos membros da diretoria da entidade, inclusive Kenneth Cole, seu presidente na época, Harvey Weinstein, David Boies, Charles Prince e outros que tinham conhecimento dos 600 mil dólares levantados num leilão beneficente que foram passados aos investidores de *Finding Neverland*. Incluía e-mails e outros documentos de 2015 a 2017 que ressaltavam a transação financeira, preocupação com a transação entre certos membros da equipe executiva e da diretoria da amfAR, e como Weinstein respondia a tentativas de investigá-la. Megan Twohey, “Tumult after AIDS Fund-Raiser Supports Harvey Weinstein Production”, *The New York Times*, 23 set. 2017. Disponível em: <www.nytimes.com/2017/09/23/nyregion/harvey-weinstein-charity.html>.

21. Tom Ajamie, entrevistas a Megan Twohey, verão 2017-primavera 2019.

22. Lançamentos de cobranças do escritório de advocacia de Lisa Bloom em dezembro de 2016, The Bloom Firm.

23. Sara Ness, Rascunho de relatório submetido a Harvey Weinstein, jul. 2017.

5. a cumplicidade da empresa

1. E-mails de Irwin Reiter para Jodi Kantor, set. 2017.
2. Irwin Reiter, entrevistas a Jody Kantor e Megan Twohey, set. 2017-maio 2019.
3. Frank Pallotta e Molly Shiels, “NBC Says It’s Not Moving Forward with Bill Cosby Project”, CNN, 19 nov. 2014. Disponível em: <money.cnn.com/2014/11/19/media/cosby-nbc-sitcom/index.html>; Goeff Edgers, “Bill Cosby’s ‘Far from Finished’ Tour Pushes On: But Will It Be His Last?”, *The Washington Post*, 24 mar. 2015. Disponível em: <www.washingtonpost.com/entertainment/bill-cosbys-far-from-finished-tour-pushesonwillitbehis-last/2015/03/24/d665bee4-cf1f-1e4-8a46-b1dc9be5a8ff_story.html>; Todd Leopold, “Cancellations Have Dogged Cosby’s Tour”, CNN, 21 fev. 2015. Disponível em: <www.cnn.com/2015/02/20/entertainment/feat-cosby-tour-cancellations/index.html>.
4. De e-mails e outros registros internos da Weinstein Company de 2014 e 2015.
5. Ibid.
6. Shari Reiter, entrevista a Jodi Kantor, 25 out. 2018.
7. Sandeep Rehal, entrevistas a Jodi Kantor, nov. 2018.
8. Contrato de Harvey Weinstein com a Weinstein Company.
9. Trocas de e-mails entre Tom Prince e Irwin Reiter, fev. 2015.
10. Michelle Franklin, entrevistas a Jodi Kantor, 2017-9.
11. Harvey Weinstein, Jason Lilien, Lanny Davis, Charlie Prince, Roberta Kaplan e Karen Duffy, entrevista a Megan Twohey e Rebecca Corbett, 19 set. 2017.
12. Harvey Weinstein, entrevista a Jodi Kantor, 19 set. 2017.
13. Megan Twohey, James C. McKinley Jr., Al Baker e William K. Rashbaum, “For Weinstein, a Brush with the Police, Then No Charges”, *The New York Times*, 15 out. 2017. Disponível em: <www.nytimes.com/2017/10/15/nyregion/harvey-weinstein-new-york-sex-assault-investigation.html>.
14. Ken Auletta, David Boies, entrevistas a Megan Twohey, 2019.
15. Entrevistas feitas por Twohey de pessoas familiarizadas com o acordo e os registros internos da Weinstein Company a partir de 2015.
16. Ronan Farrow, “Harvey Weinstein’s Secret Settlements”, *The New Yorker*, 21 nov. 2017. Disponível em: <www.newyorker.com/news/news-desk/harvey-weinsteins-secret-settlements>.
17. Baseado em entrevistas feitas por Megan Twohey em 2018 e 2019 com Bob Weinstein, em entrevistas feitas por Megan Twohey e Jodi Kantor com pessoas que trabalhavam com ele, bem como e-mails e outros registros internos da Weinstein Company.
18. Entrevista de Megan Twohey com Bob Weinstein; Ronan Farrow, “Harvey Weinstein’s Secret Settlements”, *The New Yorker*, 21 nov. 2017. Disponível em: <www.newyorker.com/news/news-desk/harvey-weinsteins-secret-settlements>.

19. Bob Weinstein, entrevista a Megan Twohey, 2018; e Irwin Reiter, entrevistas a Jodi Kantor, 2017-9.
20. Bob Weinstein, e-mail para David Boies, 16 ago. 2015.
21. Entrevistas de Lance Maerov feitas por Megan Twohey, set. 2016-primavera 2019; entrevistas com pessoas que trabalharam com Maerov; e-mails e outros registros internos da Weinstein Company.
22. H. Rodgin Cohen, e-mail para Philip Richter, advogado da diretoria da Weinstein Company, 4 set. 2015.
23. Megan Twohey e William K. Rashbaum, “Transactions Tied to Weinstein and AIDS Charity Are Under Investigation”, *The New York Times*, 2 nov. 2017. Disponível em: <www.nytimes.com/2017/11/02/nyregion/harvey-weinstein-amfar.html>.
24. Registros internos da Weinstein Company, 2015-6.

6. “quem mais foi a público?”

1. Dean Baquet, entrevistas a Jodi Kantor e Megan Twohey, 2018.
2. Harvey Weinstein, Charles Harder, Lisa Bloom e Lanny Davis, entrevista a Jodi Kantor, Megan Twohey e Rebecca Corbett, 3 out. 2017.
3. Eriq Gardner, “Ailes Media Litigator Charles Harder on His Improbable Rise with Clients Melania Trump and Hulk Hogan”, *The Hollywood Reporter*, 22 set. 2016. Disponível em: <www.hollywoodreporter.com/thr-esq/ailes-media-litigator-charles-harder-930963>.
4. Sydney Ember, “Gawker and Hulk Hogan Reach \$31 Million Settlement”, *The New York Times*, 2 nov. 2016. Disponível em: <www.nytimes.com/2016/11/03/business/media/gawker-hulk-hogan-settlement.html>.
5. Brian Stelter, “Roger Ailes Enlists Lawyer behind Hulk Hogan and Melania Trump Suits”, *CNN Money*, 5 set. 2016. Disponível em: <money.cnn.com/2016/09/05/media/roger-ailes-charles-harder/index.html>.
6. Tom Hamburger, “Melania Trump Missed Out on ‘OnceinaLifetime Opportunity’ to Make Millions, Lawsuit Says”, *The Washington Post*, 7 fev. 2017. Disponível em: <www.washingtonpost.com/politics/melania-trump-missed-out-onceinalifetime-opportunityto-make-millions-lawsuit-says/2017/02/06/3654f070-ecd0-11e6-9973-c5efb7ccfb0d_story.html?utm_term=.1f8e8f635b8c&tid=a_inl_manual>; Emily Hell, “When They Go Low, Melania Trump Calls Her Lawyers”, *The Washington Post*, 30 jan. 2019. Disponível em: <www.washingtonpost.com/lifestyle/style/when-theygo-low-melania-trump-calls-her-lawyers/2019/01/30/d3892a1e-240a-11e9-ad53-824486280311_story.html?utm_term=.09e90f097c14>; Glenn Feishman, “Trump Hires Harder, Hulk Hogan’s Gawker-Toppling Lawyer in Dispute Against Omarosa”, *Fortune*, 14 ago. 2018.

Disponível em: <fortune.com/2018/08/14/trump-charles-harder-gawker-lawyer-hulk-hogan-omarosa>.

7. Jason Zengerle, “Charles Harder, the Lawyer Who Killed Gawker, Isn’t Done Yet”, *GQ*, 17 nov. 2016. Disponível em: <www.gq.com/story/charles-harder-gawker-lawyer>.

8. Lance Maerov, David Boies e David Glasser, entrevistas a Megan Twohey, 2018-9.

9. Lisa Bloom, e-mail para Harvey Weinstein, Lanny Davis, Charles Harder e David Boies, 4 out. 2017.

7. “vai haver um movimento”

1. David Glasser, entrevistas a Megan Twohey, out. 2017 e primavera 2019.

2. Charles Harder, e-mail para Diane Brayton, Arthur Sulzberger Jr., Dean Baquet, Jodi Kantor e Megan Twohey, 4 out. 2017.

3. David McCraw, e-mail para Charles Harder, 4 out. 2017.

4. Brent Lang, Gene Maddaus e Ramin Setoodeh, “Harvey Weinstein Lawyers Up for Bombshell *The New York Times*, *The New Yorker* Stories”, *Variety*, 4 out. 2017. Disponível em: <variety.com/2017/film/news/harvey-weinstein-sexual-new-york-times-1202580605>; Kim Masters, Chris Gardner, “Harvey Weinstein Lawyers Battling *N.Y. Times*, *The New Yorker* Over Potentially Explosive Stories”, *The Hollywood Reporter*, 4 out. 2017. Disponível em: <www.hollywoodreporter.com/news/harvey-weinstein-lawyers-battlingnytimes-new-yorker-potentially-explosive-stories-1045724>.

5. Gracie Allen, entrevista a Jodi Kantor, 2018.

6. Weinstein e Bloom, entrevista a Jodi Kantor e Megan Twohey, 5 out. 2017.

7. Jodi Kantor e Megan Twohey, “Harvey Weinstein Paid Off Sexual Harassment Accusers for Decades”, *The New York Times*, 5 out. 2017. Disponível em: <www.nytimes.com/2017/10/05/us/harvey-weinstein-harassment-allegations.html>.

8. Bruce Haring, “Fifth Weinstein Company Board Member Resigns, Leaving Three Remaining”, *Deadline*, 14 out. 2017. Disponível em: <deadline.com/2017/10/fifth-weinstein-company-board-member-resigns-leaving-three-left-1202188563>.

9. As histórias de Tomi-Ann Roberts, bem como de Katherine Kendall, Dawn Dunning e Judith Godrèche, foram todas retratadas no *The New York Times* nas semanas seguintes. Jodi Kantor e Rachel Abrams, “Gwyneth Paltrow, Angelina Jolie and Others Say Weinstein Harassed Them”, *The New York Times*, 10 out. 2017. Disponível em: <www.nytimes.com/2017/10/10/us/gwyneth-paltrow-angelina-jolie-harvey-weinstein.html>; as histórias de Hope d’Amore e Cynthia Burr foram retratadas posteriormente. Ellen Gabler, Megan Twohey e Jodi Kantor, “New

Accusers Expand Harvey Weinstein Sexual Assault Claims Back to '70s", *The New York Times*, 30 out. 2017. Disponível em: <www.nytimes.com/2017/10/30/us/harvey-weinstein-sexual-assault-allegations.html>.

10. Ronan Farrow, "From Aggressive Overtures to Sexual Assault: Harvey Weinstein's Accusers Tell Their Stories", *The New Yorker*, 10 out. 2017. Disponível em: <www.newyorker.com/news/news-desk/from-aggressive-overtures-to-sexual-assault-harvey-weinsteins-accusers-tell-their-stories.html>.

11. Yashar Ali, "TV Journalist Says Harvey Weinstein Masturbated in Front of Her", *Huffington Post*, 6 out. 2017. Disponível em: <www.huffingtonpost.com/entry/weinstein-sexual-harassment-allegation_us_59d7ea3de4b046f5ad984211>.

12. Nicole Pelletiere, "Harvey Weinstein's Adviser, Lisa Bloom, Speaks Out: 'There Was Misconduct'", ABC, 6 out. 2017. Disponível em: <abcnews.go.com/Entertainment/harvey-weinsteins-adviser-lisa-bloom-speaks-misconduct/story?id=50321561>; Megan Twohey e Johanna Barr, "Lisa Bloom, Lawyer Advising Harvey Weinstein, Resigns Amid Criticism From Board Members", *The New York Times*, 7 out. 2017. Disponível em: <www.nytimes.com/2017/10/07/business/lisa-bloom-weinstein-attorney.htm>.

8. o dilema na praia

1. Melena Ryzik, Cara Buckley e Jodi Kantor, "Louis C.K. Is Accused by 5 Women of Sexual Misconduct", *The New York Times*, 9 nov. 2017. Disponível em: <www.nytimes.com/2017/11/09/arts/television/louiscksexual-misconduct.html>.

2. Michael Rothfeld e Joe Palazzolo, "Trump Lawyer Arranged \$130,000 Payment for Adult-Film Star's Silence", *The Wall Street Journal*, 12 jan. 2018. Disponível em: <www.wsj.com/articles/trump-lawyer-arranged-130-000-payment-for-adult-film-stars-silence-1515787678>; Megan Twohey e Jim Rutenberg, "Porn Star Was Reportedly Paid to Stay Quiet about Trump", *The New York Times*, 12 jan. 2018. Disponível em: <www.nytimes.com/2018/01/12/us/trump-stephanie-clifford-stormy-daniels.html>.

3. Joe Palazzolo, Michael Rothfeld e Lukas I. Alpert, "National Enquirer Shielded Donald Trump from Playboy Model's Affair Allegation", *The Wall Street Journal*, 4 nov. 2016. Disponível em: <www.wsj.com/articles/national-enquirer-shielded-donald-trump-from-playboy-models-affair-allegation-1478309380>; Ronan Farrow, "Trump, a Playboy Model, and a System for Concealing Infidelity", *The New Yorker*, 16 fev. 2018. Disponível em: <www.newyorker.com/news/news-desk/donald-trumpaplayboy-model-andasystem-for-concealing-infidelity-national-enquirer-karen-mcdougal>; Jim Rutenberg, Megan Twohey, Rebecca R. Ruiz, Mike McIntire e Maggie Haberman, "Tools of Trump's Fixer: Payouts, Intimidation and the Tabloids", *The New York*

Times, 18 fev. 2018. Disponível em: <www.nytimes.com/2018/02/18/us/politics/michael-cohen-trump.html>; Ronan Farrow, “Harvey Weinstein’s Army of Spies”, *The New Yorker*, 6 nov. 2017. Disponível em: <www.newyorker.com/news/news-desk/harvey-weinsteins-armyofspies>; Mike McIntire, Charlie Savage e Jim Rutenberg, “Tabloid Publisher’s Deal in Hush-Money Inquiry Adds to Trump’s Danger”, *The New York Times*, 12 dez. 2018. Disponível em: <www.nytimes.com/2018/12/12/nyregion/trump-american-media-michael-cohen.html>.

4. Melena Ryzik, “Weinstein in Handcuffs Is a ‘Start to Justice’ for His Accusers”, *The New York Times*, 25 out. 2018. Disponível em: <www.nytimes.com/2018/05/25/nyregion/metoo-accusers-harvey-weinstein.html>.

5. Laura McGann, “The Still Raging Controversy Over Al Franken’s Resignation, Explained”, *Vox*, 21 maio 2018. Disponível em: <www.vox.com/2018/5/21/17352230/alfranken-accusations-resignation-democrats-leann-tweeden-kirsten-gillibrand>.

6. “Defending ‘Brilliant’ Harvey Weinstein”, BBC, 15 jun. 2018. Disponível em: <www.bbc.co.uk/sounds/play/p0664pjp>.

7. Kim Lawson, entrevistas a Jodi Kantor, 2018-9.

8. Debra Katz, entrevistas a Jodi Kantor e Megan Twohey, 2018-9.

9. Christine Blasey Ford, entrevistas a Megan Twohey, dez. 2017-maio 2019, e comunicação escrita entre Ford e seus amigos, membros da Comissão Judiciária do Senado, e um de seus advogados. O documento em questão pode ser encontrado em: <https://www.researchgate.net/publication/327287729_Atenuation_of_Antidepressant>

10. “Declaration of Russell Ford”, Investigação da Comissão Judiciária do Senado de Numerosas Alegações Contra o Juiz Brett Kavanaugh Durante os Procedimentos de Confirmação do Senado, 2 nov. 2018, pp. 55-6. Disponível em: <www.judiciary.senate.gov/imo/media/doc/20181102%20Kavanaugh%20Report.pdf>

11. Keith Koegler, entrevista a Megan Twohey, 2019; Christine Blasey Ford, entrevistas a Megan Twohey, 2018-9.

12. Jessica Contrera, Ian Shapira, Emma Brown e Steve Hendrix, “Kavanaugh Accuser Christine Blasey Ford Moved 3,000 Miles to Reinvent Her Life: It Wasn’t Far Enough”, *The Washington Post*, 22 set. 2018. Disponível em: <www.washingtonpost.com/local/christine-blasey-ford-wantedto flee-theustoavoid-brett-kavanaugh-now-she-may-testify-against-him/2018/09/22/db942340-bdb1-11e8-8792-78719177250f_story.html>.

13. Mensagens de WhatsApp de Christine Blasey Ford para a seção de dicas do *Washington Post*, “Senate Judiciary Committee Investigation of Numerous Allegations Against Justice Brett Kavanaugh During the Senate Confirmation Proceedings”, 2 nov. 2018. Disponível em: <www.judiciary.senate.gov/imo/media/doc/20181102%20Kavanaugh%20Report.pdf>

14. Julie O'Brien, "I Don't Know Kavanaugh the Judge, but Kavanaugh the Carpool Dad Is One Great Guy", *The Washington Post*, 20 jul. 2018. Disponível em: <www.washingtonpost.com/opinions/idont-know-kavanaugh-the-judge-but-kavanaugh-the-carpool-dadisone-great-guy/2018/07/10/a1866a2c-8446-11e8-9e80-403a221946a7_story.html>.

15. Christine Blasey Ford, entrevistas a Megan Twohey, 2018-9; Mathew McMurray, e-mail para Kelsey Kodak, 17 jun. 2019.

16. E-mail do escritório de Dianne Feinstein para Christine Blasey Ford, jul. 2018.

17. Lawrence Robbins, entrevista a Megan Twohey, jan. 2019.

18. Descrição de Debra Katz baseada nas entrevistas de Katz feitas por Megan Twohey e Jodi Kantor desde agosto de 2017 até a primavera de 2019; Lisa Banks, entrevistas a Megan Twohey e Jodi Kantor, out. 2017-primavera 2019; comunicações por escrito com os advogados.

19. Barry Coburn, entrevista a Megan Twohey, fev. 2019.

20. Ronan Farrow, "Les Moonves and CBS Face Allegations of Sexual Misconduct", *The New Yorker*, 6 ago. 2018. Disponível em: <www.newyorker.com/magazine/2018/08/06/les-moonves-and-cbs-face-allegationsofsexual-misconduct>.

21. Melena Ryzik, "Louis C.K. Performs First Standup Set at Club Since Admitting to #MeToo Cases", *The New York Times*, 27 ago. 2018. Disponível em: <www.nytimes.com/2018/08/27/arts/television/louisckperforms-comedy.html>.

22. Hillel Italie, "Next O'Reilly Book Coming in September", Associated Press, 23 abr. 2018. Disponível em: <www.apnews.com/f00002d9107742b991fecb982312243b>.

9. "não tenho como garantir que vou a washington"

1. Christine Blasey Ford, entrevista a Megan Twohey, 2018-9.

2. Sheryl Gay Stolberg, Adam Liptak e Charlie Savage, "Takeaways from Day 1 of Brett Kavanaugh's Confirmation Hearings", *The New York Times*, 4 set. 2018. Disponível em: <www.nytimes.com/2018/09/04/us/politics/kavanaugh-confirmation-hearing-updates.html>.

3. Ibid.

4. Ryan Grim, "Dianne Feinstein Withholding Brett Kavanaugh Document from Fellow Judiciary Committee Democrats", *The Intercept*, 12 set. 2018. Disponível em: <theintercept.com/2018/09/12/brett-kavanaugh-confirmation-dianne-feinstein>.

5. Dianne Feinstein, "Feinstein Statement on Kavanaugh", senadora dos Estados Unidos pela Califórnia, Dianne Feinstein, 13 set. 2018. Disponível em: <www.feinstein.senate.gov/public/index.cfm/press-releases?id=fb52fcd4-29c8-4856-a679-b5c6cc553dc4>.

6. Emma Brown, “California Professor, Writer of Confidential Brett Kavanaugh Letter, Speaks Out about Her Allegation of Sexual Assault”, *The Washington Post*, 16 set. 2018. Disponível em: <www.washingtonpost.com/investigations/california-professor-writerofconfidential-brett-kavanaugh-letter-speaks-out-about-her-allegationofsexual-assault/2018/09/16/46982194-b846-11e8-94eb-3bd52dfe917b_story.html>.

7. Seung Min Kim, “Kavanaugh Denies Decades-old Allegation of Potential Sexual Misconduct”, *The Washington Post*, 14 set. 2018. Disponível em: <www.washingtonpost.com/politics/kavanaugh-denies-decades-old-allegationofpotential-sexual-misconduct/2018/09/14/60ee3ae8-b831-11e8-94eb-3bd52dfe917b_story.html?utm_term=.7d6c36ca93cf>.

8. Bob Woodward, *Medo: Trump na Casa Branca*. Trad. de André Czarnobai, Paulo Geiger, Pedro Maia e Rogerio Galindo. São Paulo: Todavia, 2018, p. 188.

9. Aaron Blake, “‘I Don’t Believe Them’: Trump Doubts Sexual Abuse Accusers and Sides with an Ally — Again”, *The Washington Post*, 6 jul. 2018. Disponível em: <www.washingtonpost.com/news/the-fix/wp/2018/07/06/idont-believe-them-trump-doubts-sexual-abuse-accusers-and-sides-withanally-again>.

10. Rosa Brooks (@brooks_rosa), “Tuíte 1 de um punhado: oponho-me à indicação de Kavanaugh, acho que senadores deviam votar ‘não’ com base em seu desempenho jurídico, mas fico incomodada em assegurar que seu comportamento quando adolescente nos diz algo sobre seu ‘caráter’ atual”, Twitter, 16 set. 2018. Disponível em: <twitter.com/brooks_rosa/status/1041482381625122816>.

11. “Lawyer: Kavanaugh Accuser Willing to Testify”, *cnn*, 17 set. 2018. Disponível em: <www.cnn.com/videos/politics/2018/09/17/kavanaugh-accuser-christine-ford-attorney-debra-katz-newday-sot.cnn>.

12. Descrições das negociações entre a equipe de Ford e os republicanos da Comissão Judiciária do Senado dos Estados Unidos, baseadas em entrevistas com Katz e Banks feitas por Twohey e Kantor; entrevista de Twohey com Mike Davis; comunicação escrita incluída na Investigação da Comissão Judiciária do Senado de Numerosas Alegações contra o Juiz Brett Kavanaugh durante os Procedimentos de Confirmação do Senado, 2 nov. 2018. Disponível em: <www.judiciary.senate.gov/imo/media/doc/20181102%20Kavanaugh%20Report.pdf> e-mails adicionais fornecidos por Katz.

13. Lydia Weaver, “Senate Judiciary Urges Response to Sexual Harassment in Federal Courts”, *The Hill*, 13 jun. 2018. Disponível em: <thehill.com/regulation/392075-senate-judiciary-wants-responsetosexual-harassmentinfederal-courts>.

14. “Kellyanne Conway Says Kavanaugh Accuser ‘Should Not Be Ignored’”, *nbc*, 17 set. 2018. Disponível em: <www.nbcnews.com/video/kellyanne-conway-says-kavanaugh-accuser-should-notbeignored-1322246211718>.

15. Anita Hill, “How to Get the Kavanaugh Hearings Right”, *The New York Times*, 18 set. 2018. Disponível em: <www.nytimes.com/2018/09/18/opinion/anita-hill-brett>.

kavanaugh-clarence-thomas.html>.

16. Dwight Garner, “What a Book Critic Finds in Mark Judge’s ‘Wasted’ 21 Years Later”, *The New York Times*, 2 out. 2018. Disponível em: <www.nytimes.com/2018/10/02/books/wasted-mark-judge-memoir.html>.

17. Investigação da Comissão Judiciária do Senado de Numerosas Alegações contra o Juiz Brett Kavanaugh durante os Procedimentos de Confirmação do Senado, 2 nov. 2018, p. 79. Disponível em: <www.judiciary.senate.gov/imo/media/doc/20181102%20Kavanaugh%20Report.pdf>

18. Investigação da Comissão Judiciária do Senado de Numerosas Alegações contra o Juiz Brett Kavanaugh durante os Procedimentos de Confirmação do Senado, 2 nov. 2018, pp. 90-1. Disponível em: <www.judiciary.senate.gov/imo/media/doc/20181102%20Kavanaugh%20Report.pdf>

19. Mike Davis, entrevista a Megan Twohey, jun. 2019.

20. Barry Coburn e Christine Blasey Ford, entrevistas a Megan Twohey, 2019.

21. Transcrição, “Trump’s Star Gets Bars; Kavanaugh Accuser Open to Testifying; Conway’s Interview Reviewed”, *cnn*, 21 set. 2018. Disponível em: <transcripts.cnn.com/transcripts/1809/21/nday.06.html>.

22. Donald J. Trump (@realdonaldtrump), “Não tenho dúvida de que, se o ataque à dra. Ford tivesse sido tão ruim quanto ela diz, queixa teria sido prestada imediatamente na polícia local, ou por ela ou por seus amorosos pais. Peço que ela apresente esses registros de queixa para podermos saber data, hora e local!”, Twitter, 21 set. 2018. Disponível em: <twitter.com/realdonaldtrump/status/1043126336473055235>.

23. “‘Já vamos abrir caminho para isso’, McConnell diz sobre a nomeação de Kavanaugh”, *The Washington Post*, 21 set. 2018. Disponível em: <www.washingtonpost.com/video/politics/were-goingtoplow-right-throughitmcconnell-saysonkavanaugh-nomination/2018/09/21/39beef50-bdac-11e8-8243-f3ae9c99658a_video.html?utm_term=.56cd2476da50>.

24. “Judiciary Committee Continues Effort to Accommodate Testimony from Dr. Ford Next Week”, Comissão Judiciária do Senado, 21 set. 2018. Disponível em: <www.judiciary.senate.gov/press/rep/releases/judiciary-committee-continues-efforttoaccommodate-testimony-fromdrford-next-week>.

25. O marcador de hora no tuíte de Grassley foi ajustado para o horário da Costa Oeste, e é por isso que aparece o horário de 20h42. Grassley na realidade publicou seu tuíte às 23h42, na Costa Leste. Chuck Grassley (@ChuckGrassley), “Juiz Kavanaugh acabo de conceder outra prorrogação à dra. Ford para que ela decida se quer levar adiante a declaração que fez na semana passada de que vai depor ao senado Ela deve decidir para que possamos ir em frente Eu gostaria de ouvi-la. Espero que entenda. Não é minha atitude normal ficar indeciso”, Twitter, 21 set. 2018. Disponível em: <twitter.com/ChuckGrassley/status/1043344767684366336>.

26. Ronan Farrow e Jane Mayer, “Senate Democrats Investigate a New Allegation of Sexual Misconduct, from Brett Kavanaugh’s College Years”, *The New Yorker*, 23 set. 2018. Disponível em: <www.newyorker.com/news/news-desk/senate-democrats-investigate-new-allegation-of-sexual-misconduct-from-the-supreme-court-nominee-brett-kavanaughs-college-years-deborah-ramirez>.

27. Lisa Ryan, “What ‘Credible Information’ Does Michael Avenatti Have on Kavanaugh?”, *The Cut*, 24 set. 2018. Disponível em: <www.thecut.com/2018/09/michael-avenatti-kavanaugh-judge-client-tweets.html>.

28. Rebecca Corbett, entrevistas a Megan Twohey e Jodi Kantor, 2018-9.

29. Sheryl Gay Stolberg e Nicholas Fandos, “Christine Blasey Ford Reaches Deal to Testify at Kavanaugh Hearing”, *The New York Times*, 23 set. 2018. Disponível em: <www.nytimes.com/2018/09/23/us/politics/brett-kavanaugh-christine-blasey-ford-testify.html>.

30. Emily Tillett, “Kellyanne Conway Says Brett Kavanaugh Allegations Feel Like ‘a Vast Left-Wing Conspiracy’”, *CBS This Morning*, 24 set. 2018. Disponível em: <www.cbsnews.com/news/kellyanne-conway-says-brett-kavanaugh-accusers-allegations-feel-like-a-vast-left-wing-conspiracy-20180924>.

31. “McConnell Slams ‘Shameful Smear Campaign’ against Kavanaugh”, *The Washington Post*, 24 set. 2018. Disponível em: <www.washingtonpost.com/video/politics/mcconnell-slams-shameful-smear-campaign-against-kavanaugh/2018/09/24/f739f09a-c02f-11e8-9f4f-a1b7af255aa5_video.html?utm_term=.6d2f69646c81>.

32. Mike Davis, entrevista a Megan Twohey, jun. 2019.

33. Graham Bowley e Joe Coscarelli, “Bill Cosby, Once a Model of Fatherhood, Sentenced to Prison”, *The New York Times*, 25 set. 2018. Disponível em: <www.nytimes.com/2018/09/25/arts/television/bill-cosby-sentencing.html>.

34. “Press Conference by President Trump”, Casa Branca, 27 set. 2018. Disponível em: <www.whitehouse.gov/briefings-statements/press-conference-president-trump2>.

35. Christine Blasey Ford, Declaração de abertura, Audiência sobre Kavanaugh, 27 set. 2018. Disponível em: <www.cspan.org/video/?c4760434/christine-blasey-ford-opening-statement>.

36. “Brenda from Missouri Calls into cspan”, cspan, 27 set. 2018. Disponível em: <www.cspan.org/video/?c4751718/brenda-missouri-calls-span>.

37. “Trump’s Evolving Statements on Christine Blasey Ford”, Associated Press, 3 out. 2018. Disponível em: <apnews.com/04e24ef006f4487282e2f9be3faf0a01>.

38. Jim Yardley, “Bush, Irked at Being Asked, Brushes Off Drug Question”, *The New York Times*, 19 ago. 1999. Disponível em: <www.nytimes.com/1999/08/19/us/bush-irked-at-being-asked-brushes-off-drug-question.html>.

39. “Kavanaugh Hearing: Transcript”, *The Washington Post*, 27 set. 2018. Disponível em:

<www.washingtonpost.com/news/national/wp/2018/09/27/kavanaugh-hearing-transcript>.

40. David Bauder, “nbc Faces Scrutiny for Interview with Kavanaugh Accuser”, Associated Press, 2 out. 2018. Disponível em: <www.apnews.com/42674fffa6dd4c108ccd908bee7c856e>.

41. Investigação da Comissão Judiciária do Senado de Numerosas Alegações contra o Juiz Brett Kavanaugh durante os Procedimentos de Confirmação do Senado, 2 nov. 2018, p. 93. Disponível em: <www.judiciary.senate.gov/imo/media/doc/20181102%20Kavanaugh%20Report.pdf> Seung Min Kim, Sean Sullivan e Emma Brown, “Christine Blasey Ford Moves Closer to Deal with Senate Republicans to Testify against Kavanaugh”, *The Washington Post*, 23 set. 2018. Disponível em: <www.washingtonpost.com/politics/lawyers-for-christine-blasey-ford-say-she-has-accepted-senate-judiciary-committees-request-to-testify-against-kavanaugh/2018/09/22/e8199c6a-be8f-11e8-8792-78719177250f_story.html?utm_term=.296382a233b1>.

42. Rachel Mitchell, “Memorandum, Analysis of Dr. Christine Ford’s Allegations”, 30 set. 2018. Disponível em: <www.jimhopper.com/pdf/mitchell_memo_highlighted.pdf>.

43. Allie Malloy, Kate Sullivan e Jeff Zeleny, “Trump Mocks Christine Blasey Ford’s Testimony, Tells People to ‘Think of Your Son’”, *cnn*, 4 out. 2018. Disponível em: <www.cnn.com/2018/10/02/politics/trump-mocks-christine-blasey-ford-kavanaugh-supreme-court/index.html>.

44. Gregg Re e John Roberts, “Christine Blasey Ford Exboyfriend Says She Helped Friend Prep for Potential Polygraph; Grassley Sounds Alarm”, *Fox News*, 2 out. 2018. Disponível em: <<https://www.foxnews.com/politics/christine-blasey-fordexboyfriend-says-she-helped-friend-prep-for-potential-polygraph-grassley-sounds-alarm>>; Peter Baker, “Christine Blasey Ford’s Credibility Under New Attack by Senate Republicans”, *The New York Times*, 4 out. 2018. Disponível em: <www.nytimes.com/2018/10/03/us/politics/blasey-ford-republicans-kavanaugh.htm>.

45. Susan Chira e Ellen Ann Fentress, “In a Mississippi Restaurant, Two Americas Coexist Side by Side”, *The New York Times*, 8 out. 2018. Disponível em: <www.nytimes.com/2018/10/08/us/politics/trump-kavanaugh-mississippi.html>.

46. “Who Is Believed and Who Is Blamed?”, *The Daily*, 10 out. 2016. Disponível em: <www.nytimes.com/2018/10/10/podcasts/the-daily/kavanaugh-assault-metoo-women-girls-respond.html>.

47. Savannah Guthrie, “Ellen DeGeneres Opens up about Being a Victim of Sexual Abuse”, *Today Show*, 4 out. 2018. Disponível em: <www.today.com/video/ellen-degeneres-opensupabout-beingavictimofsexual-abuse-1336566851633>; Connie Chung, “Dear Christine Blasey Ford: I, Too, Was Sexually Assaulted — and It’s Seared into My Memory Forever”, *The Washington Post*, 3 out. 2018. Disponível em: <www.washingtonpost.com/opinions/dear-christine-blasey-forditoo-was-sexually-

assaulted-and-its-seared-intomymemory-forever/2018/10/ 03/2449ed3c-c68a-11e8-9b1c-a90f1daae309_story.html>.

48. Senate.gov, “Supplemental fbi Investigation Executive Summary,” 5 out. 2018. Disponível em: <www.grassley.senate.gov/news/news-releases/supplemental-fbi-investigation-executive-summary>.

49. Jenna Amatulli, “Brett Kavanaugh Protesters Bring Beer, Chant ‘Chug’ Outside Mitch McConnell’s House”, *Huffington Post*, 5 out. 2018. Disponível em: <www.huffpost.com/entry/brett-kavanaugh-protesters-bring-beer-chant-chug-outside-mitch-mcconnells-house_n_5bb75543e4b028e1fe3cdc5a>.

50. Rachel Abrams, “McDonald’s Workers across the U.S. Stage #Metoo Protests”, *The New York Times*, 18 set. 2018. Disponível em: <www.nytimes.com/2018/09/18/business/mcdonalds-strike-metoo.html>.

51. Edmund Lee, “cbs Chief Executive Les Moonves Steps Down after Sexual Harassment Claims”, *The New York Times*, 9 set. 2018. Disponível em: <www.nytimes.com/2018/09/business/les-moonves-longtime-cbs-chief-maybegonebeyonday.html>.

52. Daisuke Wakabayashi e Katie Benner, “How Google Protected Andy Rubin, ‘Father of Android’”, *The New York Times*, 25 out. 2018. Disponível em: <www.nytimes.com/2018/10/25/technology/google-sexual-harassment-andy-rubin.html>.

53. Alicia P. Q. Wittmeyer, “Eight Stories of Men’s Regret”, *The New York Times*, 18 out. 2018. Disponível em: <www.nytimes.com/interactive/2018/10/18/opinion/men-metoo-high-school.html>.

epílogo: a reunião

1. Este capítulo baseia-se em gravações de áudio da entrevista em grupo que se estendeu por dois dias.

2. Matthew Garrahan, “Harvey Weinstein: How Lawyers Kept a Lid on Sexual Harassment Claims”, *Financial Times*, 23 out. 2017. Disponível em: <www.ft.com/content/1dc8a8ae-b7e0-11e7-8c12-5661783e5589>.

3. Holly Watt, “Harvey Weinstein Aide Tells of ‘Morally Lacking’ Non-disclosure Deal”, *The Guardian*, 28 mar. 2018. Disponível em: <www.theguardian.com/film/2018/mar/28/harvey-weinstein-assistant-zelda-perkinsiwas-trappedinavortexoffear>; Comissão de Mulheres e Igualdades da Câmara dos Comuns, “Sexual Harassment in the Workplace, Fifth Report of Session 2017-2019”, Câmara dos Comuns, 18 jul. 2018. Disponível em: <publications.parliament.uk/pa/cm201719/cmselect/cmwomeq/725/725.pdf>.

4. Matthew Haag, “Rachel Crooks, Who Accused Trump of Sexual Assault, Wins Legislative Primary”, *The New York Times*, 9 maio 2018. Disponível em:

<www.nytimes.com/2018/05/09/us/politics/rachel-crooks-ohio.html>.

5. Karen Zraick, “Night of Firsts: Diverse Candidates Make History in Midterm Elections”, *The New York Times*, 11 nov. 2017. Disponível em: <www.nytimes.com/2018/11/07/us/politics/election-history-firsts-blackburn-pressley.html>.

6. Sara M. Moniuszko e Cara Kelly, “Harvey Weinstein Scandal: A Complete List of the 87 Accusers”, *USA Today*, 27 out. 2017. Disponível em: <www.usatoday.com/story/life/people/2017/10/27/weinstein-scandal-complete-list-accusers/804663001.Index>.



JODI KANTOR e MEGAN TWOHEY são jornalistas investigativas do *New York Times*. Autora de *The Obamas* (2012), Kantor especializou-se em longas reportagens e cobriu temas como política, gênero, tecnologia e cultura. Antes de apurar o caso de Harvey Weinstein, Twohey publicou extensas reportagens sobre as denúncias de assédio envolvendo Donald Trump. Em 2018, a dupla ganhou o prêmio Pulitzer de jornalismo na categoria serviço público.

Copyright © 2019 by Jodi Kantor e Megan Twohey

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

She Said: Breaking the Sexual Harassment Story that Helped Ignite a Movement

Capa

Claudia Espínola de Carvalho

Preparação

Lígia Azevedo

Revisão

Jane Pessoa

ISBN 978-85-5451-622-2

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras



Ela disse - Trecho gratuito

Kantor, Jodi

9788554516239

8 páginas

[Compre agora e leia](#)

Neste trecho gratuito, conheça *Ela disse*, o livro que mostra como duas jornalistas conquistaram a confiança de dezenas de mulheres, expuseram os casos de assédio de Harvey Weinstein e deram um dos maiores furos jornalísticos da década em uma reportagem que alçou o movimento #MeToo à escala global.

Em 5 de outubro de 2017, as jornalistas Jodi Kantor e Megan Twohey, do *New York Times*, publicaram uma reportagem bombástica, que mudaria para sempre o debate sobre assédio e abuso sexual.

A partir de uma longa e delicada pesquisa, elas descobriram que Harvey Weinstein — produtor de Hollywood responsável por construir e alavancar a carreira de atrizes como Gwyneth Paltrow e Jennifer Lawrence — não apenas assediava mulheres, mas tinha a seu favor uma rede antiga e eficiente de advogados que comprava o silêncio das vítimas em troca de vultosos pagamentos. A revelação foi o estopim para que outras mulheres — famosas e anônimas — compartilhassem suas histórias, fazendo do #MeToo um movimento global e que atingiu praticamente todos os setores da vida pública.

Com uma riqueza de detalhes extraordinária, Kantor e Twohey descrevem os bastidores eletrizantes de uma das reportagens mais importantes da década, refletem sobre o futuro do #MeToo e do feminismo e trazem testemunhos das mulheres que se manifestaram — pelo bem de outras, das gerações futuras e delas mesmas.

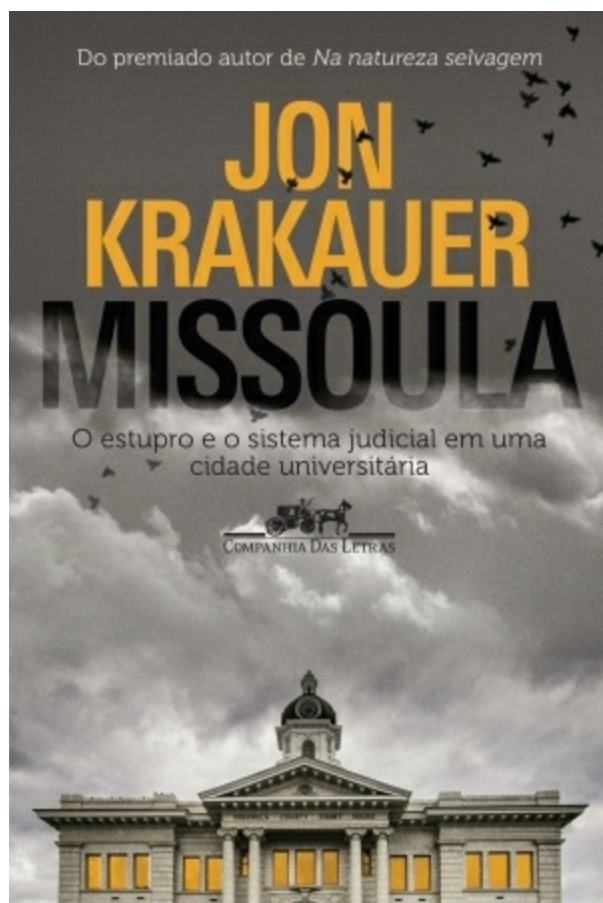
"O #MeToo foi um tsunami que liberou ondas e águas represadas há dois milênios. O movimento fala por mim, por você, por todas as mulheres que eram tão sufocadas que nem percebiam que assédio era assédio." — Heloisa Buarque de Hollanda

"Não acredito que uma história tão recente — e da qual eu pensava que já sabia tanto — era na verdade um thriller de tirar o fôlego. Meu reconhecimento a Jodi e Megan pela coragem, mas também às mulheres que se arriscaram para proteger as outras e mudar essa cultura." — Natalie Portman

"Um clássico instantâneo do jornalismo investigativo." — *Washington Post*

"Uma versão feminista de *Todos os homens do presidente*." — *The New York Times Book Review*

[Compre agora e leia](#)



Missoula

Krakauer, Jon
9788543805467
472 páginas

[Compre agora e leia](#)

Neste livro aterrador, o jornalista Jon Krakauer realiza uma poderosa investigação sobre um tema tão delicado quanto urgente: a violência sexual nas universidades.

Missoula, em Montana, é uma típica cidade universitária americana. Para quem vê de fora, o local é algo idílico. No entanto, entre 2008 e 2012, o departamento de justiça americano investigou 350 acusações de agressão

sexual na cidade, muitas perpetradas pelos jogadores do time local de futebol americano, idolatrados pela população.

Neste livro assombroso, Jon Krakauer rompe o silêncio e mostra todo o drama que vivem essas mulheres. Numa investigação minuciosa, com ares de thriller jurídico, ele revela o tecido social e político que abafa esses casos. De forma corajosa, Krakauer questiona o sistema educacional e os caminhos legais que permitem essa epidemia de violência sexual.

[Compre agora e leia](#)



A barata

McEwan, Ian
9788554516291
104 páginas

[Compre agora e leia](#)

Com sua inteligência e verve peculiares, Ian McEwan dá tratamento literário à experiência contemporânea de um mundo virado do avesso.

A frase de abertura de *A barata*, o novo livro de Ian McEwan, é um evidente tributo à mais famosa obra de Franz Kafka, *A metamorfose*: "Naquela manhã, Jim Sams, inteligente mas de forma alguma profundo, acordou de um sonho

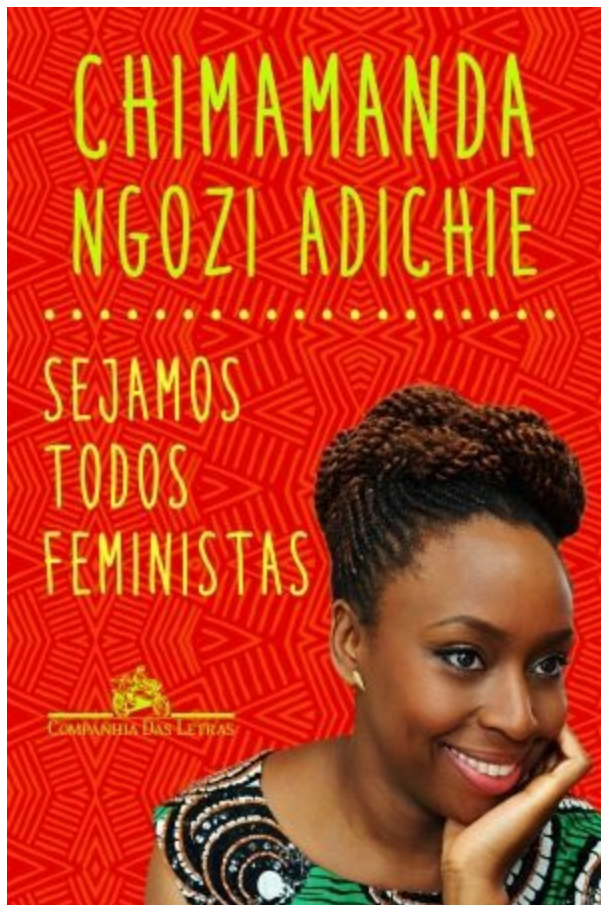
inquieto e se viu transformado numa criatura gigantesca".

Por meio dessa divertida inversão, McEwan cria a trama desta deliciosa sátira política. Nela, Jim Sams é um inseto que, do dia para a noite, assume a forma humana de primeiro-ministro da Grã-Bretanha.

Sua missão é realizar a vontade do povo, expressa na aprovação da Lei do Reversalismo, que pretende remodelar o funcionamento da economia: as pessoas pagarão para trabalhar e ganharão dinheiro por consumir. Além de radical, a medida criaria uma enorme complicação na relação do Reino Unido com os demais países. Trata-se, é claro, de uma engenhosa metáfora para o Brexit.

Mas nada poderá deter o primeiro-ministro: nem a oposição, nem os dissidentes de seu próprio partido, nem mesmo as regras da democracia parlamentar.

[Compre agora e leia](#)



Sejam todos feministas

Adichie, Chimamanda Ngozi

9788543801728

24 páginas

[Compre agora e leia](#)

O que significa ser feminista no século XXI? Por que o feminismo é essencial para libertar homens e mulheres? Eis as questões que estão no cerne de *Sejam todos feministas*, ensaio da premiada autora de *Americanah* e *Meio sol amarelo*. "A questão de gênero é importante em qualquer canto do mundo. É importante que comecemos a planejar e sonhar um mundo diferente. Um mundo mais justo. Um mundo de homens mais felizes e mulheres mais

felizes, mais autênticos consigo mesmos. E é assim que devemos começar: precisamos criar nossas filhas de uma maneira diferente. Também precisamos criar nossos filhos de uma maneira diferente. "Chimamanda Ngozi Adichie ainda se lembra exatamente da primeira vez em que a chamaram de feminista. Foi durante uma discussão com seu amigo de infância Okoloma. "Não era um elogio. Percebi pelo tom da voz dele; era como se dissesse: 'Você apoia o terrorismo!'. Apesar do tom de desaprovação de Okoloma, Adichie abraçou o termo e — em resposta àqueles que lhe diziam que feministas são infelizes porque nunca se casaram, que são "anti-africanas", que odeiam homens e maquiagem — começou a se intitular uma "feminista feliz e africana que não odeia homens, e que gosta de usar batom e salto alto para si mesma, e não para os homens". Neste ensaio agudo, sagaz e revelador, Adichie parte de sua experiência pessoal de mulher e nigeriana para pensar o que ainda precisa ser feito de modo que as meninas não anulem mais sua personalidade para ser como esperam que sejam, e os meninos se sintam livres para crescer sem ter que se enquadrar nos estereótipos de masculinidade.

[Compre agora e leia](#)



Corpo

Bryson, Bill
9788554516277
424 páginas

[Compre agora e leia](#)

O autor do best-seller *Breve história de quase tudo* agora nos convida para um passeio pelo corpo humano, dos pés à cabeça.

Em seu novo livro, Bill Bryson mais uma vez se mostra um companheiro incomparável ao nos guiar em um tour pelo corpo humano — como ele funciona, sua notável capacidade de se regenerar e (infelizmente) as várias maneiras pelas quais ele pode falhar.

Cheio de fatos extraordinários e anedotas irresistíveis, *Corpo* leva os leitores a um entendimento mais profundo do milagre da vida em geral, e de cada um de nós em particular. Como Bryson escreve, "A cada segundo, todos os dias, nosso corpo executa uma quantidade literalmente incalculável de tarefas — um quadrilhão, um nonilhão, um quindecilhão, um vigintilhão (porque essas quantidades existem); enfim, um número que vai muito além da nossa imaginação — sem exigir um instante da sua atenção." Este livro vai curar essa desatenção com doses generosas de assombro e informação.

"Depois de ter descrito a natureza física de nosso mundo e além, do atômico ao intergaláctico, Bryson agora explica — com seu estilo lúcido e divertido — de que somos feitos. Este livro arrebatador se baseia em dezenas de especialistas e centenas de livros para explicar tanto a miraculosa eficiência operacional de nosso corpo como o caos maligno que se instaura quando as coisas dão errado." — *The Washington Post*

"Informativo, envolvente e por vezes nojento (segundo um estudo, um beijo transfere até um bilhão de bactérias de uma boca para a outra, além de 0,2 microgramas de pedaços de comida). Bryson é insuperável em acalmar temores e acabar com mitos." — *The New York Times Book Review*

[Compre agora e leia](#)